

A woman with short blonde hair is seated in profile, looking out a window. She wears a black dress and a long white shawl draped over her lap. Her legs, clad in black stockings and high heels, are extended towards the window. She holds a small white cup. The window has white lace curtains, and bright light filters through. The background shows a glimpse of a city street.

MARÍA DUEÑAS

DA AUTORA DO *BESTSELLER* INTERNACIONAL
O TEMPO ENTRE COSTURAS

RECOMEÇAR

Um tributo às segundas
oportunidades

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



MARÍA DUEÑAS

DA AUTORA DO *BESTSELLER* INTERNACIONAL
O TEMPO ENTRE COSTURAS

RECOMEÇAR

Um tributo às segundas
oportunidades

 Porto
Editora

María Dueñas

(Puertollano, Ciudad Real, 1964)

É doutorada em Filologia Inglesa e professora titular na Universidade de Múrcia, atualmente de licença. Ao longo da sua carreira profissional lecionou em universidades norte-americanas e participou em múltiplos projetos educativos, culturais e editoriais. Em 2009 irrompe no mundo da literatura com a obra *O Tempo entre Costuras*. Traduzido em mais de vinte e cinco línguas, este romance cativou igualmente os leitores e a crítica e converteu-se no grande êxito editorial dos últimos anos. Adaptada para televisão, a série foi um sucesso estrondoso em Espanha e passou também com assinalável êxito, recentemente, na TVI.

www.mariaduenas.com

www.facebook.com/Maria.Duenas.Oficial

Recomeçar

María Dueñas

Publicado em Portugal por:

Porto Editora

Divisão Editorial Literária – Porto

E-mail: delporto@portoeditora.pt

Título original:

Misión Olvido

© Misorum 2012

Tradução: Carlos Romão

Imagem da capa: *In Thoughts of You*, © Jack Vettriano 1996,
courtesy of the artist

www.jackvettriano.com

Design da capa original: © Compañia

Adaptação da capa para a versão portuguesa: XPTO Design

Extrato da letra da canção «Torre de arena»:

© 1956, by Editorial Música Moderna, Marqués de Cubas, 6, Madrid
(Espanha)

© 2009 by Pedro Llabrés Rubio, Alejandro Cintas Sarmiento y Manuel
Gordillo Ladrón de Guevara, Madrid (Espanha)

Co-edición autorizada en exclusiva para todos los países a PILES

Editorial de Música, S. A., Archena, 33,

46014, Valencia (Espanha) y SEEM, S. A., Alcalá, 70, 28009 Madrid

(Espanha)

Verso de Antonio Machado: © Herederos de Antonio y Manuel

Machado, C.B.

Poema «Donde habite el olvido» de Luis Cernuda: © Herederos de Luis
Cernuda.

Poema «Para vivir no quiero...» de Pedro Salinas: © Herederos de Pedro
Salinas

Extrato da letra da canção «María Dolores», letra de Jacobo Morcillo

Uceda e música de Fernando

García Morcillo: © Copyright 1949 by Warner/Chappell Music Spain

Extrato da letra da canção «Pa todo el año», de José Alfredo Jiménez

Sandoval: © Editorial Mexicana de Música Internacional. Autorizado por
peermusic Española, S.A.U.

1.^a edição em papel: novembro de 2014

Este livro respeita as regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.



Rua da Restauração, 365
4099-023 Porto | Portugal

www.portoeditora.pt

ISBN 978-972-0-68504-9

A Pablo em A todos nas aulas com meus
Dueñas compensação aqueles que entusiasmo e professores,
Vunuesa, meu pelo que ele diariamente afinco: meus meus amigos.
irmão, sabe que lhe batalham colegas,
devo.

Capítulo 1

Às vezes, a vida cai-nos aos pés com o peso e o frio de uma bola de chumbo.

Foi o que senti ao abrir a porta do gabinete. Tão próximo, tão quente, tão meu. Antes.

E, no entanto, à primeira vista não havia motivo para a inquietação. Permanecia tudo como o tinha deixado. As estantes cheias de livros, o painel de cortiça repleto de horários e avisos. Pastas, arquivos, cartazes de velhas exposições, envelopes em meu nome. O calendário congelado dois meses atrás: julho de 1999. Mantinha-se tudo intacto naquele espaço que, durante 14 anos, fora o meu refúgio, o reduto que todos os anos acolhia chusmas de estudantes perdidos em dúvidas, reclamações ou anseios. Tudo em ordem, definitivamente, tal como sempre. A única coisa que tinha mudado era as vigas que me sustinham. De cima a baixo, por inteiro.

Passaram dois ou três minutos desde a minha chegada. Talvez fossem dez, talvez nem sequer chegasse a um. Em qualquer caso, passou o tempo necessário para tomar uma decisão. O primeiro movimento consistiu em marcar um número de telefone. Obtive apenas como resposta a gentileza fria de uma caixa de mensagens. Hesitei entre desligar ou

não; ganhou a segunda possibilidade.

– Rosalia, fala Blanca Perea. Tenho de me ir embora daqui, preciso da tua ajuda. Não sei para onde, tanto me faz. Para um sítio onde não conheça ninguém e onde ninguém me conheça. Sei que é um momento péssimo, com o ano prestes a começar, mas liga-me quando puderes, por favor.

Senti-me melhor depois de deixar aquela mensagem, como se me tivesse soltado da mordidela de um cão a meio de um denso pesadelo. Sabia que podia confiar em Rosalia Martín, na sua compreensão, na sua vontade. Conhecíamos-nos desde que ambas começámos a dar os primeiros passos na universidade, era eu ainda uma jovem professora com um periclitante contrato provisório e ela a responsável por alimentar um recém-engendrado serviço de Relações Internacionais. Talvez a palavra «amigas» fosse demasiado abrangente; é possível que a sua consistência se tivesse diluído com o passar dos anos, mas conhecia o temperamento de Rosalia e, por isso, estava certa de que o meu grito não iria cair no fundo de um saco cheio de esquecimentos.

Só depois do telefonema, consegui reunir as forças necessárias para fazer frente às obrigações do setembro que acabava de começar. O correio eletrónico abriu com uma pressa transbordante diante dos meus olhos e mergulhei durante um bom bocado na sua corrente, à medida que respondia a algumas mensagens e apagava outras por atrasadas ou sem interesse. Até que o telefone me interrompeu e atendi com um sucinto *estou*.

– Mas o que se passa contigo, sua doida? Para onde queres tu ir numa altura destas? E a que raio se deve esta pressa toda?

A sua voz arrebatada devolveu-me num ápice a

memória de tantos momentos vividos anos atrás. Horas intermináveis diante do preto e branco do ecrã de um computador pré-histórico. Visitas partilhadas a universidades estrangeiras em busca de intercâmbios e convénios, quartos duplos em hotéis sem memória, madrugadas de espera em aeroportos vazios. O tempo separara os nossos caminhos e talvez o músculo da proximidade tivesse perdido o vigor. Mas restava a marca, os resíduos de uma velha cumplicidade. Por isso, narrei-lhe tudo sem reservas. Com uma sinceridade áspera, omitindo valorizações. Sem lamentos nem adjetivos. Sem rede.

Em poucos minutos soube o que tinha de saber. Que Alberto saíra de casa. Que a suposta solidez do meu casamento fora pelos ares nos primeiros dias do verão, que os meus filhos já tinham saído do ninho, que passara os últimos meses tentando adaptar-me desajeitadamente à minha nova realidade e que, ao enfrentar o novo ano letivo, me faltava energia para me manter à tona no mesmo cenário de todos os anos: para me agarrar uma vez mais às rotinas e responsabilidades como se a minha vida não tivesse sofrido um golpe tão limpo e certo como o da carne atravessada pela aresta de um vidro.

Com os noventa quilogramas de pragmatismo que moldavam o volume do seu corpo, Rosalia absorveu de imediato a situação e compreendeu que a última coisa de que eu precisava era de remédios complacentes ou conselhos açucarados. Não entrou, por isso, em pormenores nem me ofereceu o seu ombro macio como consolo. Só me apresentou uma previsão que, como eu calculava, no princípio roçou a crueldade.

– Pois, receio que não vamos ter as coisas muito

fáceis, querida. – Falou no plural, assumindo de imediato o assunto como coisa própria de ambas. – Os prazos para coisas interessantes estão há meses fechados – acrescentou – e ainda faltam uns meses para as próximas candidaturas a bolsas importantes. De qualquer forma, dá-me algum tempo, pois ainda há pouco começámos e ainda não sei se nas últimas semanas entrou algo novo, por vezes chegam coisas soltas ou imprevistas. Deixa-me ver se até à última hora dou com qualquer coisa e, então, digo-te.

Passei o resto da manhã deambulando pela universidade. Assinei papéis pendentes, devolvi livros à biblioteca, depois tomei um café. No entanto, nada me absorveu o suficiente para me obrigar a permanecer tranquila à espera da chamada. Não tive sossego, faltou-me a coragem. Às duas menos um quarto, bati com os nós dos dedos na porta do gabinete dela. Lá dentro, anafada sem complexos e com o cabelo pintado de violeta, trabalhava Rosalia.

– Ia ligar-te neste instante – anunciou, sem sequer me dar tempo a cumprimentá-la. Apontou então para o monitor com o indicador direito como um míssil e esmiuçou as notícias que me reservara. – Repesquei três coisas que chegaram ao longo das férias e que não estão mal de todo. Mais do que esperava, para quê mentir-te? Três instituições e três atividades diferentes. Lituânia, Portugal e Estados Unidos. Califórnia, mais concretamente. Nenhuma delas é um achado, atenção, todas prometem fazer-te dar o litro e pouco vão ao encontro do teu currículo, mas é melhor que nada, não achas? Por onde queres que comece?

Encolhi os ombros, enquanto apertava os lábios, contendo o que talvez chegasse a ser um pequeno

sorriso: o primeiro vislumbre de esperança em muito tempo. Entretanto, ela ajustou os óculos de armação verde-menta, desviou de novo os olhos para o computador e explorou o seu conteúdo.

– Lituânia, por exemplo. Procuram especialistas em Pedagogia Linguística para um novo programa de formação docente. Dois meses. Têm um subsídio da União Europeia e exigem-lhes um grupo internacional. E isto é a tua área, não é?

Efetivamente, era essa a minha área de trabalho. Linguística Aplicada, Didática de Línguas, Desenho Curricular. Passara duas décadas da minha vida a percorrer aqueles trilhos. Mas, antes de sucumbir ao primeiro canto de sereia, preferi indagar um pouco mais.

– E Portugal?

– Universidade do Espírito Santo, em Sintra, moderna, muita massa. Abriram um mestrado em Ensino do Espanhol como segunda língua e procuram especialistas em Metodologia. O prazo termina na sexta-feira, ou seja, já. Um módulo intensivo de doze semanas com horas de aulas até mais não. Não pagam mal, pelo que imagino que haja candidaturas aos montes. Mas os teus muitos anos de labuta favorecem-te e nós temos ótimas relações com a Espírito Santo, pelo que não será muito difícil consegui-lo.

Aquela oferta parecia infinitamente mais tentadora do que a da Lituânia. Sintra, com as suas matas e palácios, tão perto de Lisboa, tão perto de casa também. A voz de Rosalia arrancou-me do sonho.

– E, por último, a Califórnia – continuou sem tirar os olhos do monitor. – Vejo esta possibilidade mais por alto, mas podemos olhar para ela, por via das dúvidas.

Universidade de Santa Cecília, no norte, perto de São Francisco. De momento, a informação que temos é muito pouca: a proposta acaba de dar entrada e ainda não tive oportunidade de pedir mais dados. À primeira vista, trata-se de uma bolsa financiada por uma fundação privada, ainda que o trabalho se vá realizar na própria universidade. Não oferecem um subsídio de deitar foguetes, mas conseguirias sobreviver.

– Em que consiste, basicamente?

– Em qualquer coisa que tem que ver com uma compilação e classificação de documentos. E procuram alguém de nacionalidade espanhola com o grau de doutor em qualquer área das Humanidades. – Tirou então os óculos e comentou: – Supõe-se que este tipo de bolsas seja destinado a gente com menos nível profissional que tu, por isso, estarias mais que habilitada no momento de escalonarem os candidatos. E a Califórnia, menina, é uma verdadeira tentação, pelo que, se quiseres, posso informar-me um pouco mais.

– Sintra – insisti, recusando a nova oferta. Doze semanas. Talvez o bastante para que as minha feridas deixassem de arder. Suficientemente longe para me desvincular da realidade mais imediata, suficientemente perto para voltar com frequência se a situação desse três saltos mortais e tudo regressasse ao lugar de uma vez por todas. – Sintra, sem hesitar – rematei perentoriamente.

Meia hora mais tarde, saí do gabinete de Rosalia com a candidatura eletrónica enviada. Levava também milhares de pormenores na cabeça, um punhado de papéis na mão e a sensação de que talvez a sorte, muito, muito de soslaio, tivesse decidido pôr-se, finalmente, do meu lado.

O resto do dia decorreu numa espécie de limbo. Comi uma sanduíche vegetariana, sem fome, na cafetaria da faculdade, continuei a trabalhar durante a tarde meio desconcentrada e, às sete, assisti com pouca vontade à apresentação do novo livro de um colega do departamento de Pré-História. Tentei escapar-me quando terminou o ato mas, sem forças para me negar, alguns colegas arrastaram-me com eles à procura de uma cerveja fresca. Eram já cerca das dez quando cheguei a casa. Antes sequer de acender a luz, ainda na penumbra, vi o atendedor de chamadas a piscar insistentemente num canto da sala de estar. Lembrei-me então que desligara o telemóvel ao começar a apresentação e esquecera-me de o ligar no fim.

A primeira mensagem era de Pablo, o meu filho mais novo. Encantadora, incoerente e difusa, com música estrondosa e risos como fundo, deu-me trabalho entender as suas palavras atropeladas.

– Mãe, sou eu, onde te meteste... liguei-te para o telemóvel um monte de vezes para te dizer... para te dizer que... também não vou para aí esta semana, que fico na praia e que se... que se... bom, que então continuo a ligar para ti, certo?

Pablo, murmurei, enquanto procurava a sua cara nas prateleiras da estante. Ali estava, fotografado dezenas de vezes. Às vezes sozinho e quase sempre com o irmão, tão parecidos os dois. Os sorrisos eternos, a franja preta metida nos olhos. Sequências alvoroçadas dos seus vinte e dois e vinte e três anos. Índios, piratas e Flinstones em récitas da escola, sopros de bolos com velas cada vez mais numerosas. Acampamentos de verão, cenas natalícias. Retalhos impressos em papel Kodak, recortes da memória de uma família compacta

que já deixara de existir como tal.

Com o meu filho Pablo ainda a dançar-me na mente, carreguei de novo na tecla do atendedor para ouvir a mensagem seguinte.

– Eeeeh... Blanca, fala o Alberto. Não atendes o telemóvel, não sei se estás em casa. Eeeeh... liguei-te porque tenho de... mmm... para te dizer que... eeeeh... Bom, é melhor contar-te depois, quando te localizar. Ligo-te mais tarde. Adeus, até logo, adeus.

A voz tão desajeitada do meu marido inquietou-me. Perdão, do meu ex-marido. Não fazia ideia do que me queria dizer, mas o seu tom antevia notícias pouco gratas. O meu primeiro impulso foi, como sempre, pensar que se tinha passado qualquer coisa com algum dos meus filhos. Pela mensagem prévia sabia que Pablo estava bem; tirei, então, apressadamente o telemóvel da mala, liguei-o e telefonei a David.

– Estás bem? – inquiri, impaciente, assim que ouvi a sua voz.

– Sim, claro que estou bem. E tu, como estás?

Parecia tenso. Talvez fosse apenas uma falsa percepção por causa da distância. Talvez não.

– Eu, bom, mais ou menos... O que se passa é que o pai ligou-me e...

– Já sei – interrompeu. – Também acaba de me ligar. Como aceitaste aquilo?

– Como aceitei o quê?

– Aquilo da criança.

– Que criança?

– A que vai ter com a Eva.

Sem pensar, sem perceber, sem ver. Com a mesma sensibilidade de um mausoléu de mármore ou o lancil de um passeio, assim permaneci pendurada no vazio

durante um tempo cuja extensão me foi impossível medir. Quando fiquei outra vez consciente da realidade, voltei a ouvir a voz de David gritando do telefone caído no meu regaço.

– Continuo aqui – respondi, por fim. E sem lhe dar tempo para mais perguntas, concluí a conversa. – Está tudo bem, ligo-te depois.

Fiquei imóvel no sofá, contemplando o nada, enquanto tentava digerir a notícia de que o meu marido ia ter um filho com a mulher por quem me deixara apenas dois meses atrás. O terceiro filho de Alberto: esse terceiro filho que nunca quis ter comigo apesar da minha longa insistência. O filho que nasceria de um ventre que não era o meu e numa casa que não era a nossa.

Senti que a angústia incontida me subia do estômago, anunciando golfadas de náusea e desolação. Com passos apressados, cambaleando e chocando com as paredes e os gonzos das portas, consegui, a muito custo, chegar à casa de banho. Precipitei-me sobre a sanita e, de joelhos no chão, vomitei.

Mantive-me assim durante um tempo infinito, com a testa apoiada à frieza dos azulejos da parede, enquanto tentava encontrar alguma coerência no meio da confusão. Quando consegui levantar-me, lavei as mãos. Lenta, minuciosamente, deixando a água e a espuma escorrerem entre os dedos. Lavei logo os dentes, com consciência, dando tempo a que o cérebro trabalhasse paralelamente, sem pressas. Voltei por fim à sala de estar. Com a boca e as mãos limpas, o estômago vazio, a mente em ordem e o coração seco. Procurei o telemóvel, encontrei-o caído sobre a carpete. Procurei um número, mas ninguém respondeu. Uma vez mais,

deixei a mensagem no atendedor.

– Fala a Blanca outra vez. Mudança de planos. Tenho de ir para mais longe, por mais tempo, imediatamente. Averigua o que puderes sobre a bolsa da Califórnia, por favor.

Nove dias depois, aterrava no aeroporto de São Francisco.

Capítulo 2

A paragem abrupta das marteladas devolveu-me à realidade. Vi as horas. Meio-dia. Só então tomei consciência das muitas horas que levava a revolver papéis sem a mínima ideia do que diabo fazer com eles. Levantei-me do chão com esforço e senti as articulações intumescidas, enquanto sacudia o pó das mãos. Pus-me na ponta dos pés e espreitei pelo estreito postigo perto do teto. Como única paisagem contemplei uma obra momentaneamente parada e as botas grossas de um grupo de trabalhadores que transportavam os almoços entre pilhas de tábuas de madeira. Senti uma picada no estômago: uma mistura de fraqueza, desconcerto e fome.

Chegara à Califórnia na noite anterior, depois de três aviões e mil horas de voo. Após recolher a bagagem e de uns instantes de desorientação, localizei o meu nome num pequeno cartaz. Escrito com o traço grosso de um marcador azul, sustido por uma mulher forte de olhar ausente e idade imprecisa. Trinta e sete, quarenta, quarenta e qualquer coisa talvez. Um vestido da cor da baunilha e cabelo escorrido, cortado à altura do queixo, configuravam o seu porte. Aproximei-me, mas nem mesmo quando já estava à frente dela pareceu aperceber-se da minha presença.

– Sou Blanca Perea, creio que está à minha procura.

Enganei-me, não estava. Nem à minha, nem à de ninguém. Apenas se mantinha estática e ausente, abstraída entre a massa em movimento, alheia ao bulício agitado do terminal.

– Blanca Perea – insisti. – A professora Blanca Perea, de Espanha.

Reagiu, por fim, fechando e abrindo os olhos com força, como se acabasse de regressar precipitadamente de uma viagem astral. Estendeu-me então a mão e agitou-a com uma sacudidela abrupta; sem trocar uma palavra, começou a andar sem esperar por mim, enquanto eu me esforçava para a seguir fazendo equilíbrio entre duas malas, um grande saco e o computador pendurado no ombro.

No parque de estacionamento, esperava-nos um todo-o-terreno branco que, atravessado em diagonal, invadia descaradamente dois lugares contíguos. *Jesus Loves You* – rezava um autocolante no vidro de trás. Com uma potente aceleração imprópria do recatado aspeto da condutora, embrenhámo-nos na noite húmida da baía de São Francisco. Destino: Santa Cecília.

Conduzia concentrada, agarrada ao volante. Mal falámos durante o trajeto, apenas respondeu com monossílabos e umas brevíssimas informações. Mesmo assim, averigui algumas coisas. Que se chamava Fanny Stern, por exemplo. Que trabalhava para a universidade e que o seu objetivo imediato era depositar-me no apartamento que, juntamente com um vencimento sem excessos, fazia parte da bolsa que finalmente me havia sido concedida. Continuava a conhecer só por alto as obrigações do meu trabalho: a precipitação da minha partida impedira-me de me dedicar a averiguar

detalhadamente mais dados. Não me preocupava muito, teria tempo para isso. Em qualquer caso, antevia que o trabalho não ia ser estimulante nem enriquecedor mas, de momento, bastava-me ter conseguido, graças a ele, fugir a sete pés da minha realidade.

Apesar da falta de descanso acumulada, o despertador surpreendeu-me às sete da manhã moderadamente acordada e lúcida. Levantei-me e saltei de imediato para o duche, sem dar oportunidade a que a fresca consciência matinal espreguiçasse para trás para visitar o caminho escuro dos dias precedentes. Com a luz do sol, corroborei o que tinha intuído na noite anterior: aquele apartamento destinado a professores visitantes, sem ter nada de especial, seria um refúgio adequado. Uma sala de estar pequena com uma cozinha básica integrada ao fundo. Um quarto, uma casa de banho sucinta. Paredes nuas, móveis escassos e neutros. Um abrigo anónimo, mas decente. Habitável. Aceitável.

Andei pela rua à procura de um sítio onde tomar o pequeno-almoço, enquanto absorvia, ao ritmo dos meus passos, o que Santa Cecília me desdobrava diante dos olhos. Encontrara no apartamento uma pasta com o meu nome com o necessário para começar a instalar-me: um mapa, um folheto informativo, um caderno em branco com o emblema da universidade. Nada mais; e para quê?

Não encontrei nem rasto do cenário californiano a que as séries televisivas e o imaginário coletivo nos habituaram. Nem costa, nem palmeiras arqueáveis, nem mansões com dez casas de banho. A Califórnia hiperpróspera, paraíso da tecnologia, do inconformismo e do espectáculo... teria de a procurar noutro lado.

Sentei-me, por fim, com fome de lobo, numa

esplanada madrugadora e, enquanto devorava um *muffin* de arandos e bebia um café com muita água e pouca substância, contemplei demoradamente o cenário. Uma grande praça repleta de árvores e rodeada de construções remodeladas com aparência de adobe que transmitiam o aroma de um passado a meio caminho entre o americano e o mexicano, com um leve resíduo de algo remotamente espanhol. Uma agência do First National Bank, uma loja de recordações, o imprescindível Post Office e uma farmácia CVS alinhavam-se na ala principal.

O meu objetivo seguinte foi chegar ao Guevara Hall. Nele encontraria o departamento de Línguas Modernas: o ninho que, para bem ou para mal, deveria acolher-me durante um número ainda indeterminado de meses vindouros. Ainda se estava para ver se estes seriam um bálsamo ou um simples penso rápido para as minhas contusões. Mas não quis refugiar-me outra vez debaixo de sombras negras. Mais valia manter a atenção alerta para não me perder naquela espécie de parque cheio de caminhos entrecruzados em que chusmas de estudantes se deslocavam já a pé ou de bicicleta a caminho das aulas.

O barulho da fotocopadora com que estava a trabalhar abafou o som dos meus passos e impediu Fanny, a primeira presença visível, de se aperceber da minha chegada, até estar ao lado dela. Só então levantou os olhos e voltou a contemplar-me durante alguns segundos com o seu rosto inexpressivo; em seguida, estendeu-me o braço direito com precisão de autómata e apontou-me a porta aberta de um gabinete. *Está alguém à sua espera*, anunciou. E, sem mais, afastou-se com o mesmo caminhar desengraçado com

que na noite anterior avançara à minha frente pelos corredores do aeroporto.

Lancei um olhar fugaz à placa que estava na porta: «Rebecca Cullen». O nome, com o qual terminavam quase todas as mensagens de correio eletrónico que recebera nos dias anteriores à minha partida, tinha por fim um lugar e uma presença. Os arquivos e os processos conviviam no gabinete com quadros cheios de cor, fotografias de família e um ramo de lírios brancos. O seu cumprimento foi um afetuoso aperto de mão, transmitindo-me a calidez do contacto com a sua pele e um par de olhos claros que iluminavam um rosto bonito, no qual as rugas não eram um demérito. Uma grande madeixa de fios prateados caía-lhe sobre a testa. Deduzi que rondava os sessenta anos e pressenti que se tratava de uma das muitas secretárias imprescindíveis que, com a terça parte do salário dos seus superiores, costumam ser mais competentes que eles na proporção inversa.

– Bem, Blanca, por fim... Foi uma grande surpresa saber que tínhamos uma investigadora visitante neste curso, estamos encantados...

Para alívio meu, entendemo-nos sem problemas da minha parte. O meu inglês articulava-se através de estadas juvenis na Grã-Bretanha e fortalecera-se ao longo de anos de estudo e de frequentes contactos com universidades britânicas. A minha experiência com o mundo norte-americano fora, porém, apenas esporádica: alguns congressos, uma visita em família a Nova Iorque para celebrar a aprovação do meu filho Pablo no exame da admissão à faculdade, uma breve estada de investigação em Maryland. Por isso, reconfortou-me verificar que me poderia desembaraçar

naquela Costa Oeste sem grandes obstáculos linguísticos.

– Creio que já lhe disse, numa das últimas mensagens, que o doutor Zárate estaria esta semana num congresso em Filadélfia, pelo que, de momento, serei eu quem se encarregará de a orientar no seu trabalho.

Na ausência do doutor Zárate, diretor do departamento, Rebecca Cullen explicou-me em traços gerais o que eu já mais ou menos sabia sobre o meu trabalho: uma tarefa subvencionada por uma entidade privada de criação recente, a Fundação de Ação Científica para Manuscritos Académicos Filológicos (FACMAF), cujo objetivo constituía na classificação do legado de um antigo membro do corpo docente falecido décadas atrás.

– Chamava-se Andrés Fontana e, como sabe, era espanhol. Viveu em Santa Cecília até à sua morte, em 1969, e foi alguém muito querido. Mas já sabe o que se costuma passar: por não ter família neste país, ninguém reclamou as suas coisas e, à espera de que alguém decidisse por fim o que fazer, aqui continuou tudo amontoado numa cave, ao longo dos anos.

– Não se fez nada desde então?

– Nada, até que a FACMAF, esta nova fundação, atribuiu por fim uma bolsa para realizar este trabalho. Para ser sincera – acrescentou num tom cúmplice –, creio que é até um pouco vergonhoso que se tenham deixado passar três décadas, mas já sabe como são as coisas: andam sempre todos muito ocupados, o professorado vai e vem, e, da gente que um dia conheceu e estimou Andrés Fontana não resta quase ninguém na casa, exceto alguns veteranos e eu.

Esforcei-me por não a deixar perceber que, se aquele expatriado caído no esquecimento pouco interessava aos seus próprios colegas, muito menos me interessava a mim.

– E, agora, se achar bem – continuou, voltando aos assuntos práticos –, vou mostrar-lhe primeiro o seu gabinete e depois o armazém onde se encontra o material. Terá de nos desculpar, a notícia da sua chegada foi um tanto precipitada e não tivemos possibilidade de lhe arranjar instalações melhores.

Também nem me passou pela cabeça esclarecê-la sobre ao que se devia a minha pressa por me instalar ali quanto antes, ou qual a razão da minha urgência em me agarrar com unhas e dentes àquela modesta bolsa tão distante dos meus interesses. Como estratégia de dissimulação, fingi procurar um lenço na mala para me assoar à espera de que Rebecca Cullen mudasse de tema: que passasse para outro assunto e não indagasse mais sobre a razão pela qual uma professora espanhola com a carreira profissional mais que consolidada, com bom currículo, bom vencimento, família e contactos decidira encher precipitadamente um par de malas e, em quatro dias, mudar-se para o outro canto do mundo como quem foge da peste.

O meu novo gabinete acabou por ser um espaço afastado que estava a mais, com poucos metros, zero de comodidades e uma única janela – estreita, lateral e não muito limpa – que dava para o campus. O raquítico equipamento consistia numa mesa de trabalho com um velho computador e um telefone de peso considerável colocado sobre duas grossas listas telefónicas atrasadas. Resíduos de outros tempos e de outras mãos, excedentes decrépitos que já ninguém queria.

Entendemo-nos bem, pensei. Ao fim e ao cabo, na nossa situação de bens amortizados, andávamos em linhas paralelas.

– Também é importante que saiba onde está Fanny Stern, ela encarregar-se-á de a ajudar nas necessidades de material que possa ter – anunciou então Rebecca, enquanto me cedia a passagem para o recanto que abrigava o seu espaço de trabalho.

Ao entrar, invadiu-me um sentimento confuso, entre a ternura e o riso. Nem um palmo de espaço nas paredes estava desperdiçado: cartazes, calendários e uma parafernália diversa a transbordar de pores-do-sol entre montanhas de neve e mensagens otimistas com o sabor enjoativo da compota: «Tu podes, não descaias», «O sol brilhará depois da tempestade», «Há sempre uma mão amiga perto de ti» ... No meio da divisão, Fanny, beatífica e ausente, despachava em três tempos uma tablete de chocolate branco com a gulodice de uma criança de cinco anos. Só que ela multiplicava mais ou menos por oito essa idade.

Antes de conseguir engolir para nos poder cumprimentar, Rebecca dirigiu-se até ela e colocou-se nas suas costas. Agarrando-a pelos ombros, deu-lhe um carinhoso empurrão.

– Fanny, já conheces a doutora Perea, a nossa investigadora visitante, e já sabes onde é o seu gabinete, não é verdade? Lembra-te que tens de a ajudar em tudo o que ela te peça, de acordo?

– De acordo, Sr^a Cullen – respondeu, com a boca cheia. Para enfatizar a sua disponibilidade, acompanhou as palavras com alguns movimentos de cabeça repletos de empenho.

– Fanny é muito disponível e trabalhadora, e a mãe

também foi durante décadas uma pessoa muito vinculada a este departamento, sabe, Blanca? – Rebecca falava lentamente, como que a escolher cuidadosamente as palavras. – Darla Stern trabalhou muitos anos aqui e durante algum tempo foi a encarregada do lugar que eu depois ocupei. – Como está a tua mãe, Fanny? – perguntou, dirigindo-se de novo a ela.

– A mãe está muito bem, Sr^a Cullen, obrigada – replicou, assentindo outra vez, enquanto falava e engolia.

– Dá-lhe cumprimentos da minha parte. E agora, vamos, tenho de mostrar o armazém à doutora Perea – concluiu.

Quando a deixámos cravava os dentes no chocolate, rodeada das suas beatíficas imagens e talvez de algum diabo escondido no fundo de uma gaveta.

– Antes de se reformar no gabinete do decano há já alguns anos, a mãe encarregou-se de que Fanny ficasse connosco como herança no departamento – esclareceu-me Rebecca, sem ironia aparente. – Não tem grandes funções atribuídas porque as suas capacidades, como deve ter visto, são um tanto limitadas. Mas tem as responsabilidades bem definidas e desembaraça-se razoavelmente: distribui o correio, encarrega-se das fotocópias, organiza o material e faz pequenos recados. É como uma criança grande, uma parte essencial desta casa. Conte com ela sempre que precisar.

Um labirinto de corredores e escadas levou-nos até a um remoto vão da cave. Rebecca, à frente, movia-se com a familiaridade de quem anda há décadas a pisar os mesmos ladrilhos. Eu, atrás, tentava em vão reter na memória as voltas e as esquinas, antevendo as muitas

vezes que teria de me perder antes de dominar aqueles trilhos. Ao ritmo dos seus passos, fui esmiuçando alguns detalhes sobre a universidade. *Catorze mil e picos estudantes*, disse ela, quase todos provenientes de fora de Santa Cecília. Inicialmente fora um *college* que, com os anos, evoluíra até ao atual estatuto de pequena universidade com prestígio bem consolidado, disse também. A instituição que mais postos de trabalho e maior rendimento económico gerava para a comunidade.

Até que chegámos a um corredor estreito, ladeado por portas metálicas.

– E este, querida Blanca, é o seu armazém – anunciou, enquanto rodava uma chave na fechadura de uma delas. Quando, não sem esforço, a conseguiu abrir, ligou vários interruptores e os tubos fluorescentes do teto encandearam-nos com piscadelas vacilantes.

Configurou-se diante de nós um compartimento estreito e comprido como um vagão de comboio. Ficaram à vista paredes revestidas de cimento sem reboco. Cheias de estantes industriais carregadas com restos de despejo e esquecimento. Através de duas janelas horizontais situadas a uma altura considerável, coava-se um pouco de luz natural e filtrava-se o som das marteladas de uma obra próxima. Da entrada parecia um espaço retangular; no entanto, após avançar uns passos, Rebecca fez-me ver que a forma e o tamanho aparentes eram um tanto enganadores. No fundo, à esquerda, o armazém dobrava formando um L que se abria noutro compartimento acrescentado.

– *Et voilà* – anunciou, ligando outro interruptor. – O legado do professor Fontana.

Fui invadida por uma sensação de desânimo tão

densa que estive a ponto de lhe rogar que não me deixasse ali, que me levasse com ela, que me acolhesse em qualquer recanto do seu gabinete hospitaleiro e humano, onde a sua serena proximidade mitigasse a minha inquietação.

Consciente talvez dos meus mudos pensamentos, ela tentou incutir-me um pouco de otimismo.

– Imponente, não é? Mas certamente que se habituará a isto em meia dúzia de dias, vai ver...

Nunca me passara pela cabeça que pôr em ordem a tralha poeirenta de um professor morto seria a boia a que acabara por me agarrar no meio da tempestade. Na minha ânsia de fugir dos meus demónios domésticos, imaginara que uma mudança radical de trabalho e geografia seria como uma tábu de salvação na desorientação dos meus sentimentos. Mas, ao ver aquela barafunda de caixas e arquivadores amontoados, de pastas espalhadas pelo chão e materiais empilhados uns por cima dos outros sem vislumbre de recuperação, pressenti que me tinha enganado.

Mesmo assim, já não havia como voltar atrás. Demasiado tarde, demasiadas pontes quebradas. E ali estava eu atrás dos passos de Rebecca, encerrada numa cave, numa localidade perdida da costa mais remota de um país estranho, enquanto a milhares de quilómetros os meus filhos se embrenhavam sozinhos nas primeiras etapas das suas vidas de adultos, e o que até então fora meu marido se dispunha a reviver a apaixonante aventura da paternidade com uma advogada loura quinze anos mais jovem que eu.

Apoiei-me contra a parede e tapei a cara com as mãos. Tudo parecia ir para pior e as forças para o suportar estavam a esgotar-se. Nada se endireitava,

nada avançava. Nem sequer a imensidão da distância conseguira trazer-me uma fresta de otimismo, tudo mostrava uma tendência obstinada para se virar contra mim. Ainda que tivesse prometido a mim própria que ia ser forte, que ia aguentar com coragem e não claudicar, comecei a sentir na boca o sabor salgado e turvo da saliva que antecede o choro.

Contudo, consegui conter-me. Consegui acalmar-me e, com isso, travar a ameaça de sucumbir. E, assim, um passo antes de saltar para o vazio, algum mecanismo estranho à minha vontade fez-me dar um triplo salto mortal para trás no tempo e, no momento em que afundar-me parecia inevitável, a memória transportou-me voando para uma etapa distante do passado.

Ali estava eu, com a mesma cabeleira castanha, o mesmo corpo escasso de quilos e duas dúzias de anos menos, confrontada com a adversidade de umas circunstâncias que, apesar de difíceis, não conseguiram mandar-me abaixo. Desgastaram-me e feriram-me, mas não me derrubaram. Uma prometedora carreira universitária interrompida no quarto ano por uma gravidez inesperada, uns pais intolerantes que não souberam encaixar o golpe, um triste casamento de emergência. Um imaturo concorrente a um cargo público por marido. Um apartamento gelado e subterrâneo por lar. Um bebé magricela que chorava sem consolo e toda a incerteza de um mundo diante de mim. Tempos de sanduíches, tabaco negro e água da torneira. Aulas particulares mal pagas e traduções em cima da mesa da cozinha temperadas com mais imaginação do que rigor, dias de pouco sono e muitas pressas, de carências, inquietação e desorientação. Nem

sequer tinha conta no banco: de meu contava apenas com a força inconsciente que me proporcionava o ter vinte e um anos, um filho recém-nascido e a proximidade de quem acreditava ser para sempre o homem da minha vida.

E, de repente, tudo se tinha virado do avesso. Agora estava sozinha e já não tinha de labutar para criar aquela criança fraquinha e chorona, nem o irmão que veio ao mundo apenas ano e meio depois. Já não tinha de lutar para que aquele casamento jovem e precipitado funcionasse, para ajudar o meu marido nas suas aspirações profissionais, para conseguir terminar o curso estudando de madrugada com apontamentos emprestados e um aquecedor aos pés. Para poder pagar amas, papas de cereais e um Renault 5 em terceira mão, para mudarmos para um apartamento alugado com aquecimento central e varandas. Para provar ao mundo que a minha existência não era um fracasso. Tudo isso ficara para trás e naquele novo capítulo já só restava eu.

Impulsionada pela transfusão de lucidez das recordações consecutivas, retirei as mãos da cara e, enquanto os olhos se habituavam de novo à luz fria do néon, arregacei as mangas da blusa por cima dos cotovelos.

– Torres mais altas caíram – murmurei para o ar.

Não fazia ideia de por onde começar a organizar o desastroso legado do professor Andrés Fontana, mas atirei-me ao trabalho, de mangas arregaçadas e decidida, como se toda a minha vida dependesse daquela tarefa.

Capítulo 3

Os primeiros dias foram os piores: mergulhada no armazém, tentando encontrar um fio condutor nas entranhas daquele caos, onde dúzias de cadernos se misturavam com montes de folhas escritas dos dois lados, com centenas de maços de folhas de bloco amareladas e um número infinito de cartas e cartões desordenados. Tudo espalhado pelo chão, atirado em montes contra a parede, em estantes que ameaçavam abater e em pilhas desequilibradas à beira de cair.

A passagem da primeira semana trouxe-me uma certa confiança. Ainda com lentidão de caracol, o medo face àquele tumulto foi-se desvanecendo progressivamente, até que comecei a mover-me com um mínimo de segurança entre aquela massa disforme. Mal tinha tempo, no entanto, para lançar muito mais do que uma olhadela fugaz a cada documento: o tempo preciso para depreender o seu conteúdo e associá-lo à categoria correspondente segundo o meu rudimentar plano de organização. Crítica literária, prosa e poesia, história de Espanha, história da Califórnia. Correspondência pessoal, correspondência particular. Tudo tinha arrumação entre os escritos do defunto professor.

Estabelecer aquela divisão em blocos foi uma tarefa

complexa que me levou dias inteiros em que começava a trabalhar antes das nove da manhã e não parava antes das cinco da tarde, apenas com uma pausa, mais breve que longa, para comer sozinha num canto da cafetaria do campus, enquanto folheava distraída o jornal da universidade. Fazia-o mais tarde que o normal, por volta das duas, quando os empregados de limpeza começavam a passar de forma pachorrenta as gigantescas esfregonas pelo chão e restavam apenas alguns estudantes espalhados pelas mesas. Alguns liam, outros dormitavam, havia quem sublinhasse tranquilamente umas linhas, outros engoliam à pressa as últimas dentadas dos seus almoços tardios.

O curso dos dias levou-me a, por fim, conhecer Luis Zárate, o diretor do departamento. Precisava de uma tesoura para cortar as cintas de uns legados e a minha não aparecia em lado nenhum, sem dúvida perdida debaixo de qualquer pilha. Também não consegui encontrar Fanny para lhe pedir uma emprestada, pelo que optei por me dirigir ao gabinete de Rebecca onde encontrei os dois, revendo em conjunto uma lista de cursos. Ela, sentada, falava pausadamente. Ele, de pé a seu lado, com as mãos apoiadas na mesa e inclinado, parecia ouvi-la com atenção. Fixei a sua imagem num ápice: alto e magro, calças cinzentas escuras, camisa preta, gravata grafite. Óculos com lentes sem aros, cabelo castanho com bom corte e uma idade imprecisa próxima da minha, deduzi.

Trocámos as imprescindíveis frases de cortesia e convidou-me a acompanhá-lo ao gabinete, enquanto eu me lamentava interiormente pelo deplorável estado da minha toilette. A roupa confortável resistente à sujidade e às teias de aranha constituíam a minha indumentária

quotidiana e com ela me conheceu aquele que haveria de ser o meu novo chefe: poeirenta e desbotada, com um rabo de cavalo que a muito custo conseguia manter o cabelo em ordem e umas mãos cinzentas que tive de esfregar nos fundilhos das calças antes de estender uma delas para o cumprimentar.

– Pois bem, estou encantado por a receber no nosso departamento, doutora Perea – disse, indicando-me um cadeirão em frente da sua secretária. – Ou Blanca, se me permite – acrescentou, enquanto se sentava. A sua cordialidade pareceu-me credível e o espanhol era excelente: educado, modulado, com um leve sotaque que, a princípio, não consegui situar com precisão.

– Blanca, por favor – aceitei. – Igualmente encantada e agradecida por receber-me.

– Não tem de quê. É sempre um prazer receber professores visitantes, apesar de não estarmos habituados a que venham muitos de Espanha. Assim, a sua visita ou, se preferires, a tua visita compraz-nos duplamente.

Aproveitei aquela troca de palavras inicial sem ponta de substância para dar uma rápida olhadela ao gabinete. Candeeiro de secretária de aço leve, gravuras modernas, livros e papéis invejavelmente ordenados. Sem chegar a ser de todo minimalista, aproximava-se bastante disso.

– Para nós – continuou – foi muito mais grato iniciar este convénio com a FACMAF para patrocinar o teu trabalho. Qualquer iniciativa que implique trazer investigadores de outras instituições é sempre bem-vinda. Ainda que não esperássemos uma pessoa com o teu currículo...

As suas palavras puseram-me na defensiva. Preferia

falar o mínimo possível sobre as razões que me tinham levado a concorrer àquele cargo tão alheio aos meus interesses, não tinha qualquer intenção de ser sincera e também não me apetecia inventar uma mentira aparatosa. Por isso, decidi mudar o rumo da conversa. Ou, pelo menos, tentar.

– A FACMAF e o departamento efetuaram todas as diligências de forma muito eficiente; facilitaram-me tudo e já aqui estou, trabalhando a sério. Além disso, Santa Cecília está a ser efetivamente um sítio muito agradável. Um lugar diferente para colocar um ponto final neste ano tão marcante. Talvez a vida na terra acabe e eu ainda continue aqui – disse, tentando ter graça.

Para meu alívio, deu continuação à minha desastrada brincadeira.

– Que paranoia o fim do milénio! E em Espanha, toda esta loucura do fim do século XX está a afetar-vos ainda mais, agora que se aproxima a entrada do euro. Como vai o assunto? Na verdade, quando deixarão de circular as velhas pesetas?

As razões que me tinham levado a solicitar aquela bolsa acabaram por ter muito menos interesse para o diretor do que uma conversa superficial sobre as últimas mudanças do meu país no limiar do novo século. Sobre Espanha em geral, sobre a situação da universidade espanhola em particular; sobre tudo e nada ao mesmo tempo, falámos sobre isso. Entretanto, pus-me a salvo e, de passagem, aproveitei para o observar atentamente.

Calculei que seria três ou quatro anos mais novo que eu. Quarenta já feitos, sem dúvida, mas não muitos mais. E, com eles, as suas marcas. Os primeiros cabelos

brancos nas têmporas e umas pequenas rugas nas comissuras dos olhos não o tornavam menos atraente. *Filho de uma psicóloga chilena*, disse-me, e de um traumatologista de Santander há muito residente na América com quem parecia não ter muita convivência. Agradável, bom conversador.

Luis Zárate gostava, sem dúvida, de conversar e eu, interessadamente, aproveitei a conjuntura e deixei que o fizesse. Quanto menos tivesse de contar sobre os meus próprios assuntos, melhor. Em compensação, soube a sua trajetória acadêmica, averigui que só estava em Santa Cecília há alguns anos e deduzi que tinha intenção de se ir embora dali quanto antes a caminho de alguma prestigiada universidade da Costa Leste. E, para satisfação minha, após passar meia hora de conversa com ele, fiquei convencida de que aquele especialista em Estudos Culturais Pós-Modernos se estava nas tintas para a papelada amarelenta do antigo docente que há três décadas criava bolor. Continuar com o meu trabalho sem ter de dar explicações a ninguém era, para mim, fundamental.

Já estava no corredor, em vias de empreender o caminho de volta à cave, depois de nos despedirmos, quando, como se resistisse a deixar-me ir de vez, me chamou de novo da porta do gabinete.

– Creio que seria boa ideia agendarmos uma pequena reunião para te apresentar aos outros membros do departamento. – Não esperou pela minha resposta. – Quinta-feira ao meio-dia, por exemplo – acrescentou. – Aqui mesmo, na sala de reuniões.

Porque não? Saber-me-ia bem sair do meu buraco e socializar um pouco, pensei. Seria também boa altura para dar nome às presenças que começavam a tornar-se

familiares: caras, corpos com quem frequentemente me cruzava na escada ou no elevador, enquanto esperava pela minha vez para pedir um café na fila da Starbucks, quando fazia compras nalguma loja da terra ou caminhava por qualquer vereda do campus.

Chegou, por fim, o encontro proposto. A sala de reuniões, que ainda não conhecia, era um compartimento amplo com grandes janelas em duas das quatro paredes. A terceira era totalmente ocupada por uma estante cheia de vetustos volumes encadernados a pele. A quarta, por seu lado, mostrava uma avultada coleção de fotografias. O serviço de catering da universidade fornecera um buffet: carnes frias, queijos, fruta, saladas. Quase ninguém se sentou. Servimo-nos quase todos, enquanto nos mantínhamos de pé, falando em pequenos grupos que se formavam e desintegravam ritmicamente, juntando-se ao fluxo das conversas.

Falei com uns e com outros, e o diretor foi-me movimentando pelos grupinhos de professores de diferentes línguas, dos quais o grupo mais numeroso era o de Espanhol. Hispanos norte-americanizados, norte-americanos hispanizados e alguns seres que circulavam na terra de ninguém. Professores de literatura *Chicana*¹ e especialistas em Vargas Llosa, Galdós ou Elena Poniatowska; especialistas em Linguística Comparada e em Bryce Echenique; dissecadores de *jarchas*² e apaixonados pelas coisas mestiças ou alternativas. Encontrei de tudo. Conhecia de vista a maior parte, mas houve um ou outro que não. Rebecca também esteve no almoço, participando alternadamente em todas as conversas, enquanto controlava a administração com perspicácia. Fanny, entretanto, sozinha num canto, empanturrava-se com

rosbife e Diet Pepsi, absorta no seu próprio universo, à medida que mastigava ao ritmo de uma trituradora industrial.

A reunião começou ao meio-dia e durou precisamente sessenta minutos. À uma em ponto produziu-se a diáspora, enquanto alguns estudantes fardados de azul e amarelo – as cores da universidade – começavam a recolher os restos do almoço. E, então, quando quase toda a gente se foi embora, pude por fim concentrar-me na quarta parede, a ocupada integralmente por fotografias. A que, como pressentia, mostrava o testemunho gráfico da evolução daquele departamento que, para bem ou para mal, se convertera temporariamente no meu próprio departamento.

Havia instantâneos de todo o género: mais antigos, mais modernos, individuais e de grupo, a cores, a preto e branco. A maior parte reproduzia atos institucionais – entrega de diplomas, fins de curso, conferências – e os figurantes vestiam trajes formais, muitas vezes toga e barrete. Procurava um rasto de familiaridade entre as caras quando reparei que Rebecca se aproximava.

– A história da sua nova casa, Blanca – disse, com uma leve ponta de nostalgia.

Ficou então uns segundos em silêncio e depois deslocou o indicador sucessivamente sobre quatro fotografias diferentes.

– Aqui o tem: Andrés Fontana.

Porte forte e enérgico, olhos escuros, inteligentes, por baixo das sobranceiras espessas. Cabelo abundante, crespo, penteado para trás. Barba cerrada, semblante severo quando parecia escutar. Um homem de carne e osso, apesar da quietude inerte das imagens. Um palpite congelado atrás do silêncio e da imobilidade.

Soube de imediato. De imediato tomei consciência do meu erro. Antes de o contemplar atrás do vidro opaco das velhas fotografias, pensara de uma maneira vaga que o único objetivo da minha tarefa era a organização mecânica de um conjunto de documentos redigidos pela mão severa de um ser cuja alma não me detive a procurar. Mas, assim que vi aquelas imagens, apercebi-me de que o brio com que me lançara à minha nova tarefa me levava a tratar todo aquele legado com uma frieza que tocava o desafeto, como se estivesse a trabalhar com um mero produto comercial pronto para ser assepticamente empacotado, tal como faria um anónimo operário de bata branca em qualquer linha de embalagem. Absorta nas minhas próprias misérias e forçada por mim mesma a trabalhar de forma compulsiva para me evadir dos meus problemas, nem sequer me dera ao trabalho de reparar nos traços de humanidade que forçosamente se escondiam em cada página do legado: ocultos entre as linhas, disfarçados atrás das frases, suspensos como aranhas nos traços de cada palavra.

Com uma pontada no estômago, afastei-me da parede. Precisava de espaço, de distância, de ar. Pela primeira vez desde a minha chegada, decidi fazer uma pausa.

Sem sequer voltar ao armazém para apagar as luzes, dediquei-me a vaguear por Santa Cecília, atravessando espaços por onde nunca costumava andar. Ruas onde, só de quando em quando, aparecia um carro isolado ou um estudante solitário de bicicleta; zonas residenciais e áreas remotas quase despovoadas onde nunca pusera o pé. Até que os meus passos erráticos acabaram por me levar a uma paragem desconhecida: um extenso espaço

arborizado, uma massa de pinheiros que subia uma encosta e se perdia no horizonte sem se distinguir o fim. Àquela hora, perto do entardecer, o sossego parecia surpreendente. Privado do dramatismo estético dos ambientes de extrema beleza, sem o impacto paisagístico que cabe nos limites quadriculados de um postal, mas com a serenidade de um lugar especial que gera paz e consolo. Que reconforta, que acalma.

O que engalanava aquele território, não obstante, deu-me a saber que aquele pedaço de paraíso de trazer por casa iria muito em breve deixar de o ser. Um imenso cartaz promocional, cheio de imagens virtuais e de fotografias de rostos supostamente felizes, com letra de mais de meio metro de altura anunciava o destino iminente da zona: «Premier Retail Center. Exciting Shopping. Dinning and Entertainment. Specialty Stores. Restaurants and Attractions. Family Fun.»

Cravadas no chão, junto à base, e nas redondezas, como um David multiplicado frente ao grande Golias do gigantesco anúncio, uma série de placas e cartazes caseiros em cartão, madeira e pano replicava dezenas de vezes a palavra «Não». Não ao *exciting shopping*, não às *specialty stores*, não a esse tipo de *family fun*. Recordei, então, ter visto várias menções a respeito dessa recusa no jornal da universidade. Colunas e cartas contra aquele projeto de centro comercial: entrevistas, anúncios de assembleias e artigos de opinião. A eterna história.

Afastei-me do cartaz que prometia um éden de lojas e diversão sem fim, e deixei que a tarde caísse, enquanto observava como os últimos transeuntes iniciavam também o regresso à civilização. Alguns estudantes suados queimando calorias, uma mãe com

um filho e um triciclo, um casal de idosos enamorados. Gente que usufruía do espaço, gente que talvez em breve deixasse de usufruir dele. Pensando em como aquela história de devastação com bar aberto me era tristemente familiar, decidi que eram horas de voltar para casa.

A caminho de casa, parei para comprar qualquer coisa para o jantar. Costumava suprir as minhas necessidades domésticas no Meli's Market, num beco junto à praça central. Apesar da aparente modéstia do local, com o chão de madeira por envernizar, paredes de tijolo à vista e aquele ar de velho armazém de filme do Oeste, as múltiplas *delicatessen* e os produtos orgânicos etiquetados com elegante simplicidade evidenciavam que se tratava de um estabelecimento destinado a paladares sofisticados e bolsos com dinheiro, e não a estudantes e famílias médias com orçamentos apertados para chegar ao fim do mês.

Não obstante, com a minha chegada a Santa Cecília, deixara para trás quase todas as minhas rotinas e, entre elas, a grande compra quinzenal em hipermercados funcionais cheios de estereofonia estridente, descontos nos congelados e ofertas de «leve três, pague dois». Como tantas outras coisas na minha vida, os carrinhos metálicos a transbordarem de pacotes de leite meio-gordo e dezenas de rolos de papel higiénico eram já recortes do passado. A visita quotidiana ao Meli's Market substituiu-os com vantagem.

Aproximava-se a hora do fecho: os últimos clientes compravam já com uma certa precipitação e os empregados, ataviados com grandes aventais pretos, pareciam ansiosos por dar por finda a jornada. Na zona dos queijos, decidi-me, sem pensar muito, por uma fatia

de parmesão e juntei, seguidamente, à cesta um frasco de tomates secos em óleo e um saco de rúcula; dirigi-me depois à padaria, deduzindo que pouco sobraria nela. E, aí, inesperadamente, senti um toque no ombro esquerdo. Pouco mais do que um roçar de dois dedos e uma levíssima pressão. A meio do meu dilema entre um pequeno pão redondo com pedaços de azeitonas e uma carcaça coroadada de sementes de sésamo, Rebecca Cullen, de cuja presença na loja não me tinha apercebido, chamou-me a atenção. *Como está? vi-a ao longe, bem e a Rebecca?, a ver e a decidir-me, eu também, não sei o que levar, nem eu, estão quase a fechar...*

E, então, sem saber como nem de onde, apareceu alguém atrás dela. Alguém muito alto e distinto, de camisa branca, barba clara sobre pele morena e cabelo entre o louro e o cinzento, mais comprido do que o convencional. Tinha uma garrafa de vinho na mão e os óculos de ver ao perto na ponta do nariz sugeriam que, apenas segundos antes, estivera concentrado a esquadrihar o rótulo. *O meu amigo Daniel Carter, antigo professor do departamento* foram as credenciais que Rebecca me forneceu. Sem mais nem menos.

Estendeu-me uma mão muito grande e reparei que usava um relógio digital preto e volumoso no pulso direito, um daqueles aparelhos que costumam usar muitas vezes os desportistas e quase nunca a casta da universidade. Estendi-lhe a minha e antecipei um cumprimento em inglês, que nem chegou a sair. Um cumprimento genérico, automatizado à força de o repetir tantas vezes desde a minha chegada. *Como está? Prazer em conhecê-lo*, quis dizer. Mas ele adiantou-se. Inesperadamente, desconcertante, aquele americano de aspeto atlético e quase juvenil, apesar da sua

maturidade consolidada, que pouco parecia partilhar em aparência com os meus colegas de aulas e profissão, que mantinha a minha mão na sua, enquanto me olhava com os olhos claros, irrompeu na minha própria língua e surpreendeu-me com o seu castelhano conciso.

– A Rebecca pôs-me a par da sua presença em Santa Cecília, querida Blanca, da sua missão de resgate do legado do nosso velho professor. Tinha vontade de a conhecer, as damas formosas de régia estirpe espanhola não abundam por estas remotas paragens.

Não consegui evitar uma gargalhada. Pela graça contida naquela paródia de uma cena galante, fora de moda. Pelo calor escondido por trás da sua espontaneidade. Pelo reconfortante que foi para mim, depois de semanas escuras de reclusão, ouvir um sotaque tão próximo e tão impecável em alguém tão estranho ao meu universo.

– Foram muitos anos na sua pátria – acrescentou, sem me largar a mão. – Grandes afetos, grandes amigos espanhóis, Andrés Fontana entre eles. Mais de metade da vida a ir e vir, de cá para lá, grandes momentos. Que país! Volto lá sempre, sempre. Como não o fazer?

Quase não tivemos possibilidade de continuar a falar: já estavam a baixar as persianas da loja e as luzes começavam a apagar-se, eles eram esperados em qualquer lado para jantar e, a mim, aguardava-me um apartamento vazio. Enquanto nos dirigíamos para as caixas e, depois, para a saída, tive apenas tempo de saber que era professor na Universidade da Califórnia, em Santa Bárbara, e que o gozo de um ano sabático e a amizade de Rebecca o tinham feito regressar temporariamente a Santa Cecília.

– Ainda não sei quanto tempo vou ficar por cá –

concluiu, enquanto sustinha a porta para nos deixar passar. – Estou a terminar um livro e convém manter-me longe das distrações quotidianas. Narrativa espanhola de fim do século, certamente conhece todas as personagens, vamos ver como avança.

Despedimo-nos na rua com a vaga promessa de nos voltarmos a encontrar noutra ocasião e começámos a andar em sentidos opostos, quando as primeiras estrelas começavam a povoar a noite.

Apesar de ter passado a tarde em cenários estranhos aos habituais e de ter interrompido momentaneamente o meu desassossego graças ao encontro com Rebecca Cullen e o seu inesperado amigo de raiz meio espanhola, e apesar de ele ter conseguido arrancar-me uma gargalhada autêntica depois de tanto tempo de ausência no meu ânimo, ao chegar ao apartamento voltou a invadir-me aquela sensação incómoda e difícil de definir, que eu arrastava como um fardo desde o almoço do departamento.

Dormi mal nessa noite, inquieta, provavelmente dando voltas no subconsciente a uma ideia cujo perfil exato me era difícil catalogar. A visão do verdadeiro Andrés Fontana, do seu rosto, do seu corpo e da sua presença contundente, tocara de alguma maneira os meus esquemas provocando-me uma inquietação cujo fundamento não conseguia compreender. De madrugada, sonhei com fotografias antigas: um delírio onírico angustiante em que tentava identificar um rosto entre centenas de imagens e estas, rebeldes, diluíam-se em manchas aquosas desvanecendo os contornos até desaparecerem.

Acordei com sede e calor, doía-me a cabeça. O início do dia assomava timidamente do outro lado da janela.

Abri-a de par em par à procura de ar fresco. Apenas se ouviam automóveis e só as silhuetas de dois corredores romperam a quietude da cena com o seu trote rítmico. Peguei mecanicamente num copo, abri a torneira e enchi-o. À medida que a água descia pela garganta, as imagens do dia anterior voltaram-me à memória. Foi então, precisamente, que percebi tudo.

Tive, por fim, consciência de que abordara a minha tarefa sob uma perspectiva errada e soube, por fim, qual fora o meu erro. Por trás da disciplina que impus a mim própria, por trás das longas horas encerrada na cave, batalhando contra uma tonelada de velhos documentos, faltara qualquer coisa. Qualquer coisa que me teria evitado encarar os papéis de Andrés Fontana como se de caixas de parafusos se tratassem. Qualquer coisa que me teria prevenido para não converter a minha tarefa numa invasão desrespeitosa da intimidade de um ser humano.

Entre os materiais do meu trabalho e as velhas fotografias da sala de reuniões, existia algo mais do que um fio condutor, quase impercetível. A ligação entre o conteúdo do legado e as quatro imagens, nas quais se percebia intercalada uma figura da qual até então só conhecia o nome, era determinante e poderosa. E não devia, não podia ser menosprezada.

Assim soube que o trabalho que o professor Fontana deixou quando morreu teria de mudar de perspectiva. Já não poderia limitar-me à simples classificação de documentos a peso, sabia agora que não se tratava de um mero arsenal de escritos sem alma, suscetíveis de serem manuseados com frieza como dados estatísticos ou os pedidos de pares de sapatos numa loja. A maneira de proceder não era abrir caminho na sua vida como

quem cava um sulco; a minha tarefa deveria ser abordada a partir de outra posição. A partir de uma postura humana, próxima, esforçando-me por perceber a pessoa oculta entre as palavras.

O meu trabalho era a recuperação da memória de um homem. A memória de um homem esquecido.

1 Norte-americano/a de origem mexicana. (N. do T.)

2 Estrofe breve que, escrita em moçárabe, aparece como final ou estribilho de alguns poemas árabes e hebraicos. (N. do T.)

Capítulo 4

O pai era mineiro e quase analfabeto. A mãe, que servia numa casa abastada, sabia juntar algumas letras e, à força de fazer contas aos famélicos rendimentos familiares, aprendera a somar e diminuir filas de números com razoável rapidez. Chamava-se Simona e dera Andrés à luz aos trinta e sete anos, depois de mais de quinze anos de infertilidade, depois do nascimento sucessivo das duas primeiras filhas e de um nado-morto que enterraram sem glória, sem nome e sem pena e que nunca voltaram a recordar. Viviam no que naquela aldeia do sul de La Mancha chamavam um quartel: apenas duas divisões contíguas com chão de terra batida, sem água nem luz. A intempestiva chegada daquela última criança foi recebida com pouco regozijo: uma boca mais, um pouco de espaço a menos. Simona continuara a trabalhar até à tarde anterior ao nascimento, o brilho do chão da patroa não se compadecia de uma gravidez tardia. No dia seguinte, já estavam de volta, mãe e filho, à casa de doña Manolita. Ela, lavando os pátios e enchendo as caldeiras de carvão. O menino, metido num cesto e envolto em trapos num canto da cozinha.

Doña Manolita, a senhora, andava então pelos cinquenta e tal, e fora uma solteirona rica, meio coxa e

feia até uma década antes, quando se tomou de amores por um trabalhador do lagar de azeite que herdara do pai. Ramón, o rapaz moreno de costas largas e sorriso luminoso que trabalhava para ela durante os meses da azeitona, passou a ser don Ramón Otero aos vinte e um anos por vias do caprichoso desejo da sua patroa. Ninguém previa semelhante destino para aquele rapaz bem-apegoado e espevitado que, outono atrás de outono, fugia com os irmãos do frio inclemente da sua aldeia para procurar trabalho como jornaleiro noutras paragens. Mas doña Manolita gostava de homens jovens, e mais ainda se tinham vigor no corpo, descaramento nos olhos e a pele cor de canela. E as noites de inverno eram geladas e ela não tinha a menor intenção de ser a mais rica do cemitério, pelo que, com o descaramento e o atrevimento de quem sabe ter poder, a senhora insinuou-se a Ramón sem dissimulações. Primeiro, foram os olhares; mais tarde, os toques, as roçadelas e a troca de uma ou outra brejeirice entre palavras aparentemente banais. Em menos de vinte dias estavam a rebolar-se sobre os três fofos colchões da sua cama de mogno, num primeiro encontro carnal que acabou por ser imensamente gratificante para ambos, ainda que por razões diferentes. Para ela, porque acalmara, por fim, o seu desejo com o corpo musculoso do mancebo que há semanas a trazia louca. Para o rapaz, porque nunca antes na sua miserável vida havia conhecido o intenso prazer proporcionado por atos tão simples como roçar a pele por lençóis de linho, andar descalço sobre um tapete ou mergulhar o corpo cansado num banho de água quente.

Os encontros estenderam-se ao longo dos meses para

satisfação das duas partes, apesar de Ramón estar convencido de que aquela relação tão discordante seria cortada pela raiz quando chegasse ao fim a temporada de trabalho e ele tivesse de regressar à sua terra. O prognóstico falhou, no entanto, numa noite de tempestade. Imerso na banheira de porcelana de doña Manolita, esta, sem deixar de despejar jarros de água quase a ferver sobre as suas costas, propôs-lhe casamento. Como era esperto e sabia muito bem que *a cavalo dado não se olha o dente*, calculou rapidamente os lucros da operação e as contas foram proveitosas: converter-se no cônjuge manteúdo de uma mulher abastada, por muito madura e deformada que fosse, seria sempre mais rentável do que a vida errante entre o corte de pinheiros na serra e a apanha e prensagem de azeitonas em quintas alheias. E aceitou o casamento sem pestanejar.

A invulgar notícia causou simultaneamente regozijo e inveja entre os irmãos e companheiros do lagar e deu azo ao falatório implacável da aldeia. Mas para o casal foi indiferente. Doña Manolita não tinha de dar satisfações a ninguém quanto aos seus arranjos, porque nas suas querências e no seu dinheiro quem mandava era ela. Uma breve cerimónia na igreja da Assunção converteu-os em marido e mulher, sem qualquer impedimento ou censura pelos vinte e três anos que os separavam.

Além de ela não voltar a dormir sozinha nem ele voltar a dobrar a espinha a trabalhar de sol a sol, aconteceram mais duas coisas naquele casamento, tal como as vozes dos vizinhos haviam prognosticado. A primeira foi que não tiveram descendência. A segunda, que o jovem marido – já don Ramón – começou a ser

infiel à mulher com quantas moças apetecíveis se cruzavam no seu caminho, desde o próprio dia do casamento. Perante tais realidades, ela manteve duas firmes linhas de ação: aceitar, na sua casa, a presença dos filhos pequenos das mulheres que ali trabalhavam e fechar as portas desta a qualquer rapariga jovem que quisesse juntar-se ao seu serviço doméstico. As crianças alheias nunca substituíram as que ela não pôde ter, tal como a ausência de mulheres em idade casadoira não dissuadiu o fogoso marido de ter dezenas de aventuras extraconjugais fora das paredes do já lar comum, mas os dois raciocínios subjacentes àquelas decisões de doña Manolita só ela os conheceu.

O filho da criada Simona foi batizado com o nome de Andrés, que era como se chamava o defunto pai da senhora, aquele que lhe legou a fortuna, com cara achatada e de figura muito pouco atraente. Foi ela a madrinha e ofereceu à criancinha uma medalha de ouro da Nossa Senhora da Graça, que o pai da criança se apressou a vender, nessa mesma tarde, para investir de imediato o produto em aguardente. Talvez doña Manolita visse qualquer coisa de especial naquela criança morena que, um ano depois, começou a deambular à sua vontade pela casa, ou talvez fosse apenas por estar a ficar velha; o certo é que lhe dedicou uma atenção que, longe de ser maternal, se deve ter aproximado de certa forma ao carinho de uma tia-avó, aborrecida e rezingona mas, no fundo, afetuosa. Com grande insensibilidade perante as autênticas precariedades de uma família mineira, a senhora adquiriu o costume de oferecer à criança prendas caras que nem o filho nem a mãe eram capazes de apreciar na devida dimensão: fatos de veludo para a

acompanhar na missa do meio-dia, uma pequena pianola, álbuns de cromos brilhantes e até uma boina de marinheiro que daria azo às gargalhadas das crianças da sua rua se o vissem com ela na cabeça num qualquer domingo.

De pouco servia a Simona que o filho vestisse, por vezes, aquelas roupas ostentosas, quando diariamente andava de alpercatas e cheio de remendos. Também parecia inoportuno e inútil que doña Manolita se empenhasse em ensiná-lo a usar os talheres de prata à mesa quando, na sua paupérrima casa, partilhavam todos as mesmas papas, levando diretamente as colheres da sertã comum à boca. Aquela singular madrinha, na realidade, nunca se preocupou em suprir as reais necessidades do menino, como também parecia não ter consciência de que cada um dos caprichos que encomendava para ele, na capital, custava mais do que o salário semanal conjunto dos pais. Mas Simona nunca se manifestou nem desenvolveu qualquer animosidade perante o caprichoso comportamento da patroa, nem sequer troçou da cruel ridicularia desses atos. Deixava apenas que os fizesse e, no final do dia, quase sempre já noite feita, pegava no filho pela mão e, transidos de frio e caminhando em silêncio no nevoeiro, voltavam os dois para o mísero quotidiano da sua reles casa, partilhando sem palavras a mesma sensação.

No entanto, quando Andrés fez seis anos, a situação mudou. Aprendeu a ler nas escolas Ave Maria e então, por fim, tanto ele como a mãe começaram a apreciar a parte mais positiva daquela tutela: o acesso à leitura. Simona não era uma mulher inteligente, mas havia décadas que observava de perto como viviam os ricos e tinha as luzes necessárias para perceber que,

além do dinheiro e das propriedades, a educação e a cultura tinham também alguma importância naquela posição. Por isso, quando doña Manolita começou a oferecer ao filho livros infantis a que ele, de outra maneira, nunca teria acesso, ela considerou que, por fim, a sua patroa lhe estava a proporcionar algo valioso.

Aos catorze anos, Andrés deixara a escola e trabalhava, fazendo recados numa mercearia local. O pai insistia em que já estava na altura de descer à mina: não concebia outro ofício para o filho senão perpetuar o seu. Simona, por seu lado, tentava adiar o mais possível aquele triste destino que pressentia inevitável. Quando fez quinze anos, doña Manolita ofereceu-lhe *O Tesouro da Juventude*, uma enciclopédia para jovens que, de imediato, se converteu na sua única varanda do universo. No décimo sexto aniversário, não recebeu qualquer presente porque a madrinha já estava à beira da morte. Faleceu na véspera do Natal de 1929 e o marido foi, naturalmente, o beneficiário do seu testamento.

Não obstante, para surpresa de todos, deixou uma carta manuscrita dirigida a Simona e ao filho, e outra para um tal Eladio de la Mata. Sem nenhuma exposição gratuita de afetos, na primeira estipulava deixar uma renda fixa em nome do afilhado, destinada exclusivamente à sua educação. As condições quanto à formação do rapaz estavam pormenorizadas de maneira razoavelmente clara. No caso de as aceitar, o jovem mudar-se-ia para Madrid, onde viveria como hóspede em casa dos porteiros de um imóvel de sua propriedade na Calle de la Princesa. Deveria, então, preparar-se e apresentar-se ao exame de *bachillerato*³ e, depois de

ficar aprovado, matricular-se-ia na universidade, onde frequentaria o curso de sua preferência. Don Ramón Otero encarregar-se-ia de todas as despesas à conta da sua herança. Caso contrário, se nunca frequentasse a universidade, não poderia ser de modo algum compensado. A proposta, fortemente protegida, não admitia dupla leitura nem qualquer possibilidade de tirar outro quinhão a não ser afastar o rapaz do miserável futuro que o esperava, arrancando carvão nas profundezas de uma mina. O objetivo da oferta era, nas palavras de doña Manolita, fazer do rapaz o que então se denominava um homem válido.

Aquele despotismo esclarecido deixou Andrés e a mãe cheios de esperança e, ao mesmo tempo, o pai e marido irritado até ao infinito. Incapaz de decifrar o sentido de tão inusitada vontade, o mineiro maldizia a sua negra sorte, enquanto soltava ruidosos impropérios à da defunta, sem se aperceber que, com tal comportamento, não fazia senão ratificar as suas previsões. E assim, sem deixar de mencionar os nomes tanto da senhora como da sua santa mãe, apanhou uma piela de tais dimensões que acabou por perder os sentidos em plena rua e não os conseguiu recuperar até que os homens dos explosivos do Pozo Norte o levaram de rastos até casa.

Simona, em contrapartida, não entendeu da mesma forma e, por isso, enfrentou o marido com o mesmo brio com que esfregava casas alheias desde que era rapariguinha. Mas o mineiro Fontana era teimoso como uma mula e, de cada vez que a mulher tentava fazê-lo entender como o assunto era proveitoso, esta acabava por receber mais pancada do que justificação. Pelo que ela decidiu cortar o mal pela raiz e, sem dizer nada a

ninguém, na última noite do ano preparou uma miserável trouxa com uma muda de roupa, uma camisa lavada e metade de um pão com queijo, e pôs-se à espera. Às três da manhã do dia de Ano Novo, o mineiro Fontana regressou a casa com outra bebedeira monumental. Quando conseguiu metê-lo na cama, sentou-se numa cadeira de tábuas, chegou-se à braseira e ficou a olhar as brasas, absorta nos seus pensamentos.

Uma hora depois, acordou Andrés e, em voz baixa, mandou-o vestir-se. Atormentados pela geada da madrugada, os dois apressaram o passo a caminho da estação. Uma vez ali, ela entregou-lhe um envelope com papéis e notas que recebera nessa mesma manhã das mãos de don Ramón Otero. Depois, abraçou-o com fúria, apertando-lhe todos os ossos do corpo. Às cinco e dez da manhã do dia 1 de janeiro de 1930, Andrés Fontana apanhou o comboio-correio que o conduziria a um mundo estranho àquele a que já não regressaria. Nunca mais voltou a ver a mãe. Simona fez o caminho de volta a casa envolta num esfarrapado xaile preto e arrastando desconsoladamente as alpercatas. Tinha toda a dor do mundo dentro de si, mas não soltou uma única lágrima. Já não restava nenhuma nos seus olhos secos e exaustos.

3 Exame final do que era, à época, o ensino secundário em Espanha e que permitia o acesso à universidade. (N. do T.)

Capítulo 5

A estação do Mediodía⁴, com a sua estrutura majestosa de ferro forjado, deslumbrou o jovem Fontana. Desconhecia que aquela estação, que se lhe afigurou tão imponente, fora o cenário da saída das tropas espanhola para a guerra de África ou da multitudinária receção ao cadáver do toureiro Joselito, morto dez anos antes na praça de Talavera. Na realidade, o rapaz desconhecia quase tudo. Para começar, nem sequer sabia como abandonar aquele local cheio de vapor, estrondos e agitação humana carregada de volumes que se movimentava com uma pressa brusca entre as plataformas.

Vestia um coçado fato de veludo e um boné velho e, com os seus dezasseis anos recém-feitos, já teria superado a envergadura de muitos homens curtidos que diariamente desciam às minas na aldeia que deixara para trás. Na mão esquerda, levava a trouxa que a mãe lhe arranjava, já mais leve, sem o avio de pão com queijo que comera no comboio. Com a direita no bolso das calças, apertava o envelope que don Ramón Otero entregara a Simona no dia anterior. Guardava nele a direção onde tinha de se dirigir, algum dinheiro para os primeiros gastos e a carta que lhe abriria o caminho do saber. O resto dos pagamentos mensais ser-lhe-iam

oportunamente entregues pela senhora Antonia, a porteira em cuja casa viveria. Como chegaria o dinheiro do testamento de doña Manolita às mãos daquela mulher não era assunto do seu conhecimento nem da sua incumbência.

Seguindo o passo acelerado dos viajantes, conseguiu finalmente sair da estação para se infiltrar na cidade imensa e desconhecida. Havia sol para dar e vender, mas o frio era cortante. Quando sentiu os raios a acariciarem-lhe a cara, pôs o boné, subiu a gola do casaco e pôs-se em movimento sem ter a mínima ideia de para onde se dirigir. Impulsionado pelas suas jovens pernas e por uma mistura equilibrada de ansiedade, euforia e desamparo, pouco demorou a encontrar o rumo.

Levou três horas a chegar ao seu destino, não porque o trajeto as requeresse, mas porque foi parando a cada passo, admirando os prodígios que a urbe abria diante dos seus olhos: a grandiosidade dos edifícios, a velocidade dos automóveis, a opulência das montras, a elegância das mulheres, trotando sobre os saltos pelos passeios reluzentes da Gran Vía. Por fim, seguindo as indicações que vários transeuntes lhe facultaram, conseguiu chegar ao número 47, da Calle de la Princesa, muito perto da estátua de don Agustín de Argüelles.

A senhora Antonia era afinal uma mulher pequenina e jovial, muito mais nova do que imaginara, casada com um pedreiro de nome Marcelino, militante da então ilegal CGT. Como único património, contavam, entre os dois, com dois catraios, Joaquín e Angelito, que, por essa altura, ainda não tinham feito os dez anos. O quarto que Andrés haveria de ocupar em casa

deles era escuro e pequeno, e tinha amontoados contra as paredes meio descascadas os seus mais que escassos pertences: uma cama de ferro, um armário desconjuntado, a mesa de madeira que teria de suprir a falta de uma secretária. Pendia do teto uma lâmpada nua de vinte e cinco watts. Um postigo abria para um pátio interior em que a senhora Antonia lavava e estendia a roupa e em que conviviam alguns vasos com gerânios, um par de canários nas suas gaiolas e a primitiva retrete que a família usava a meias com um vizinho marceneiro. A higiene diária resolvia-se na pia da cozinha e para os atos higiénicos de maior envergadura havia um alguidar de zinco.

Nos dias seguintes, Marcelino, então sem trabalho, dedicou-se a mostrar-lhe o bairro a fim de familiarizar o rapaz com o novo ambiente. Em menos de uma semana já lhe apresentara a maior parte dos vizinhos; além disso, anarquista acérrimo e falador infatigável, pouco tardou a pô-lo ao corrente dos últimos acontecimentos históricos, transmitindo-lhe de passagem uns discursos políticos que pouco ou nada interessavam a Andrés, fascinado pela sua realidade mais imediata. Com efeito, quase nem se deu conta de que, em finais desse mês de janeiro, o rei Alfonso XIII aceitaria a demissão de Primo de Rivera, de que o general Berenguer se encarregaria de formar novo governo e de que o povo de Madrid – pobre, inculto e cada vez mais agitado – reclamava aos seus dirigentes uma mudança radical.

Foi também Marcelino que acompanhou Andrés na sua primeira visita ao Instituto Cardenal Cisneros, onde, segundo as instruções de doña Manolita, deveria obter o diploma de *bachillerato* que lhe abriria as portas da

universidade. As suas carências em matéria de educação eram, por essa altura, ainda aterradoras. O muito ou pouco que guardava na cabeça provinha de uns escassos anos de escolarização rudimentar, da leitura dos livros que a madrinha caprichosamente lhe fornecera e dos volumes da enciclopédia juvenil que devorara apaixonadamente ao longo dos últimos meses. Graças a eles, acumulava certos conhecimentos em campos variados e um tanto pitorescos: geografia do mundo, tecnologia aplicada, um pouco de folclore internacional. Não obstante, necessitava de uma formação sistemática e matérias básicas como matemática, gramática, latim ou francês; desconhecia os mais elementares conceitos éticos e sociais, e não fazia a mínima ideia de tudo o que o hábito do estudo implicava. Uma simples evidência do desolador panorama educativo da Espanha das primeiras décadas do século XX, quando o analfabetismo afetava mais de sessenta por cento da população e os professores – escassos e muitos deles com formação deficiente – recebiam salários paupérrimos, pagos com cortes e atrasos constantes.

As deficiências do sistema nada importavam a Andrés naquela fria manhã em que percorreu a Calle de los Reyes, na companhia de Marcelino, para passar pela primeira vez os muros do Instituto Cardenal Cisneros. Com a carta que, à sua morte, doña Manolita deixou escrita para o diretor como salvo-conduto, seguiram em silêncio reverencial o bedel que os conduziu ao longo de um amplo corredor cheio de luz de inverno. Caminhavam com os bonés proletários na mão, tentando não fazer barulho, plenamente conscientes da incongruência das suas modestas figuras naquele

erudito lugar.

Poucos minutos tiveram de esperar: os que demorou um senhor ossudo e careca a vir ter com eles ao banco onde o bedel indicara com um gesto depreciativo que se sentassem. Então, ambos se levantaram como que acionados por uma mola. O cavalheiro apenas sorriu – era don Eladio de la Mata, o diretor.

Fê-los passar ao seu gabinete repleto de livros, diplomas emoldurados e retratos de outros homens igualmente notáveis que o haviam precedido no cargo. Leu, em seguida, a carta dirigida a ele que doña Manolita deixara no testamento, escutou depois atentamente a exposição do rapaz e, com gestos breves mas inflexíveis, impediu várias vezes que o loquaz Marcelino interrompesse para formular observações alheias à narração. Depois, fez umas perguntas a Andrés às quais, a seu ver, o jovem respondeu com sensatez e seriedade de todo impróprias das suas origens e idade.

Don Eladio tomou então a palavra e, com dicção modulada e clareza milimétrica, expôs ao rapaz os pilares em que a partir daí teria de sustentar a sua existência, se estivesse verdadeiramente disposto a completar os estudos para entrar na universidade. Falou-lhe de trigonometria, declinações e empenho; de poetas, fórmulas químicas e tenacidade. De equações, de sintaxe, de integridade. O jovem ouviu embevecido, absorvendo uma a uma as palavras e anotando mentalmente todos os conceitos, todos os nomes, todas as ideias. Quando, meia hora depois, abandonaram o gabinete, tanto o diretor como ele próprio pressentiam que o seu objetivo era alcançável. O pobre Marcelino, entretanto, desconfiava que algo fundamental se lhe

estava a escapar na vida.

Saíram do instituto em silêncio e caminharam pelas redondezas. Marcelino, à frente, avançava a grandes passadas com as mãos nos bolsos e anormalmente silencioso. Andrés seguia-o, apressando o passo, tentando não o perder, enquanto ainda saboreava as palavras de don Eladio. Após uma breve caminhada entraram numa taberna próxima do mercado de los Mostenses. Abriram caminho à cotovelada até ao balcão e Marcelino pediu dois copos de vinho. Beberam em silêncio, envoltos no bulício dos fregueses. O rapaz não conseguia compreender o que se passava com Marcelino, qual era a causa do seu pouco habitual silêncio. Soube-o tão depressa quanto o pedreiro anarquista com mais coração do que sentimentos bebeu o último gole do copo e o pousou com uma pancada seca em cima do balcão. Então, limpou a boca à manga do casaco e, olhando fixamente para o rapaz, pediu-lhe que o ensinasse a ler e escrever.

A partir desse mesmo dia, começou para Andrés uma etapa em que as semanas e os meses se fundiram numa confusão compacta de jornadas de estudo sem tréguas, fechado no seu quarto da portaria. Dormia o indispensável e só comia quando a senhora Antonia o obrigava. Compartilhava, então, com a família a sopa ou os ovos estrelados com legumes salteados e esforçava-se por participar nas conversas: ouvia as notícias que Marcelino trazia da rua ou ria com os garotos e as suas brincadeiras. Tentava, mas a mente estava longe, ruminando o teorema de Pitágoras, esmiuçando a tabela periódica, recitando em silêncio fragmentos da *Eneida*: *At regina gravi iamdudum saucia cura...*

A renda mensal da madrinha permitia-lhe sobreviver sem muitos apertos. Além de lhe proporcionar os materiais imprescindíveis – lápis, aparos, tinta, canetas –, possibilitava-lhe comprar de vez em quando um ou outro luxo para consolidar com maior firmeza os novos conhecimentos: um atlas de Espanha e suas províncias, um álbum de gravuras do corpo humano, uma pequena ardósia da marca La Moderna. E, até, para fazer de vez em quando uma pequena oferta à sua patroa, convidar Marcelino para um copo numa tasca qualquer e dar uns trocos aos miúdos para comprarem um cartucho de grão torrado ou um chupa-chupa de La Habana.

Ao longo do tempo que precisou para concluir o *bachillerato*, também se passaram coisas à sua volta que haveriam de mudar definitivamente a história do país; coisas de que ele, com a sua fome atrasada de saber, mal se teria apercebido se não fosse a transbordante verborreia de Marcelino, que, firme no seu afã, aprendia pouco a pouco a ler e a escrever, entre as saias da mesa de camilha, mergulhado no *Catón*⁵.

Festejaram juntos o seu primeiro Natal, na portaria, brindando com gasosa e vinho ordinário por um 1931 feliz e em paz. E apesar de o ano não ser tranquilo, receberam-se naquela casa como algo venturoso as mudanças que se produziram, apenas uns meses mais tarde, com o exílio do rei e a chegada do ar fresco da Segunda República.

A 22 de maio de 1932, o filho da humilde criada e do mineiro analfabeto, penteado, engravatado e sem nervos aparentes, conseguiu, perante um austero júri, ser aprovado com facilidade no exame de *bachillerato*. Doña Manolita ter-se-ia sentido orgulhosa ao ver que o

pupilo cumprira satisfatoriamente os seus intentos. Fizeram um telefonema da casa da senhora Consuelo, a robusta asturiana do segundo direito, para transmitir a notícia a Simona, que recebeu a chamada em casa de don Ramón Otero, enquanto passava, transpirada, as camisas do patrão. Emocionada e incapaz de dizer o que quer que fosse, a pobre mulher só conseguiu repetir uma vez e outra *meu filho, meu filho, meu filho*, enquanto torcia com força o enxovalhado avental de algodão.

4 Primitiva estação de Atocha. (N. do T.)

5 Livro com textos simples para aprender a ler. Cartilha. (N. do T.)

Capítulo 6

Tal como o testamento indicava, o passo seguinte na vida de Andrés Fontana foi a universidade. Ao começar a década de trinta, a Universidade de Madrid ainda não tinha um núcleo comum, mas sim numerosas instalações repartidas pela capital, na maioria vetustas, se não terrivelmente obsoletas. A Cidade Universitária ainda estava em fase de construção, mergulhada num longo processo que começara em 1927 impulsionado pelo ideal de Alfonso XIII de dotar a capital de um recinto universitário semelhante aos norte-americanos, no qual primaria a planificação integral, a arquitetura funcional e as amplas zonas destinadas ao desporto e ao lazer.

A chegada da Segunda República e a partida de Alfonso XIII para o exílio não travaram o projeto; antes pelo contrário, deram-lhe novo impulso cujo interesse incidiu, não obstante, na eliminação de qualquer concessão à grandiosidade e ao excesso. Quando Andrés entrou para o primeiro ano, os Estudos Humanísticos ainda se encontravam no velho edifício da Calle San Bernardo. Aquela localização duraria muito pouco, dado que em 1933 a Faculdade de Filosofia e Letras seria transferida para o edifício ainda inacabado da Cidade Universitária, um pavilhão quadrado e

compacto de tijolo vermelho e cheio de janelas, para onde os estudantes se deslocavam em modernos autocarros de dois pisos. A faculdade iniciava por essa altura uma reorganização dos cursos e contava com eminentes professores: Américo Castro, Ramón Menéndez Pidal, Xabiefr Zubiri, Tomás Navarro Tomás, Pedro Salinas, Rafael Lapesa... Foi essa a universidade que Andrés Fontana conheceu: uma instituição que se esforçava por se modernizar e que tinha, pouco a pouco, avançado da mais pertinaz atrofia até a uma pujança moderada, mas, certamente, cheia de esperança.

O mesmo afinco com que conseguiu superar o *bachillerato* guiou o rapaz no curso, destacando-se de tal forma que, no terceiro ano, o professor Enrique Fernández de la Hoz, catedrático de Gramática Histórica, lhe propôs participar como bolseiro colaborador nos cursos de Espanhol para Estrangeiros que se efetuariam no semestre seguinte. Aceitou a oferta sem sequer medir o alcance do que lhe era proposto. A difusão do espanhol era uma das ações da Junta para a Ampliação de Estudos: através dela enviavam-se, todos os anos, leitores para universidades de diferentes países e, reciprocamente, organizavam-se cursos para estudantes e professores estrangeiros. A partir de janeiro de 1935, Andrés foi incumbido dessa tarefa que se prolongou até finais de março. A sua missão seria participar em sessões práticas de conversação, servir de acompanhante em visitas e excursões e estar disponível para resolver qualquer incidente que pudesse ser gerado no seio de um grupo de professores norte-americanos, desde solucionar mal-entendidos originados pela língua até localizar um

participante fora de horas ou levá-los a conhecer as tabernas mais pitorescas do centro de Madrid.

Tudo neles o surpreendeu, tudo o impressionou. A infatigável energia com que aqueles forasteiros captavam com as suas modernas máquinas fotográficas as cenas mais simples – um gato numa varanda, um escudo de pedra, uma velha de preto vendendo ovos com a cesta de vime no braço –, a facilidade com que gastavam dinheiro, o colorido quase espalhafatoso das roupas, aqueles sorrisos de dentes brancos. Por eles soube que o país de onde provinham era composto por quarenta e oito estados, com eles fumou o seu primeiro cigarro louro com filtro e dançou ao ritmo do *swing* com uma valquíria de Detroit no salão circular do Hotel Palace. Na companhia deles, emocionou-se diante do aqueduto de Segóvia e de *Las Meninas* de Velázquez e saboreou pela primeira vez o chocolate espesso de La Mallorquina, ensinando-lhes expressões castiças e a beber vinho por um *porrón*.

Assistiram em grupo a *Un adulterio decente*, de Jardiel Poncela, no Teatro María Isabel e compraram livros na Cuesta de Moyano. Longe de ser apenas um guia fiel nos seus quase noventa dias de andanças, acabou também por ser uma grande ajuda para aqueles incansáveis estrangeiros continuarem a praticar espanhol uma vez terminadas as aulas, para lhes corrigir a pronúncia do jota e do zê, ajudá-los com os substantivos, rever-lhes a ortografia das redações, lançar luz sobre aspetos pouco claros da idiossincrasia hispana e – em definitivo – para conseguir que a estada de todos eles fosse muito mais grata e proveitosa do que teria sido sem ele.

Duas semanas antes do regresso do grupo, uma das

professoras – Sarah Burton, a esbelta loura que andava sempre de calças e fumava sem parar, deixando uma mancha perpétua de carmim no filtro dos cigarros – informou-o de que a sua universidade estabelecera um programa de bolsas anuais para auxiliares de conversação estrangeiros. Se estivesse interessado, poderia recomendá-lo. No caso de aceitar, além de ir ensinar a sua própria língua, teria a oportunidade de aprender inglês e continuar a formação, frequentando aulas relativamente próximas das do seu curso: Linguística, História da América, Literatura Comparada. No fim do ano lectivo, poderia voltar para Madrid e retomar a carreira depois de ter visto um pouco do mundo, vivido outras experiências e adquirido novos conhecimentos.

Os americanos regressaram ao seu país em finais de março, carregados de leques, bilhas e alpercatas de sola de corda. Sem saber, deixavam atrás um Andrés Fontana com a perspectiva do mundo para sempre alterada. A partir daí, deitava-se noite após noite às voltas com a proposta da bolsa e levantava-se de manhã com a mesma ideia na cabeça. Abandonar a aldeia mineira para se instalar na capital fora um grande passo, ainda que acessível; saltar o oceano para desfrutar de uma estadia numa universidade americana afigurava-se-lhe um abismo. Um abismo imenso, mas fascinante.

A primavera de 1935 foi avançando com sossego em Madrid, enquanto ele preparava a reta final do curso e esperava, impaciente, notícias de Michigan. Quatro semanas depois, recebeu um envelope retangular. Entregou-lho a senhora Antonia ao voltar da faculdade e, apesar da infinita angústia que sentiu ao vê-lo, abriu-

o com extremo cuidado, tirou parcimoniosamente a carta que continha e sentou-se a lê-la sem pressa aos pés da cama. Fora remetida pelo diretor do departamento de Línguas Clássicas e Românicas, que nela lhe anunciava que, na sequência da informação altamente favorável fornecida pela doutora Burton, tinha o prazer de lhe enviar um convite formal para usufruir de uma bolsa dentro do programa de Estudos Hispânicos lecionado pela instituição. As suas responsabilidades incluíam quinze horas semanais de aulas e a participação numa coisa chamada *The Spanish Club*, às sextas-feiras à tarde. Em contrapartida, viveria nas instalações do campus, receberia uma pequena remuneração em dólares para os seus gastos e teria matrículas gratuitas em quantas cadeiras quisesse fazer. Caso fosse necessário, a instituição poder-lhe-ia abonar cinquenta por cento das despesas da viagem. O compromisso teria a duração de nove meses, de 1 de setembro de 1935 a 31 de maio de 1936. A carta estava redigida num espanhol perfeito, datilografada com esmero em papel grosso, cor de marfim, e assinada a tinta preta com traço firme por Richard J. Taylor, Ph. D., Chairman. Solicitavam uma resposta antes do fim do mês.

Após dobrar a carta, respeitando as duas únicas dobras, meteu-a no envelope, guardou-a no bolso interior do casaco e sentou-se a comer com a família, tentando esconder o nervosismo entre a conversa e os feijões. Assim que terminou, saiu de casa e começou a andar sem rumo. Quando regressou ao anoitecer já resolvera o dilema, mas não o comentou com ninguém e deitou-se sem jantar. Na manhã seguinte, comunicou solenemente a sua decisão à senhora Antonia, enquanto

esta estendia os lençóis recém-lavados no arame do pátio interior. Escreveu uma carta a Simona que lhe seria lida por don Ramón.

A 14 de julho de 1935, embarcou no porto de Cádiz num beliche do porão do *Cristobal Colón* rumo a um país imenso e desconhecido. Inicialmente, previra regressar em princípios de junho do ano seguinte, assim que terminassem as aulas, mas um convite para colaborar num curso de verão para professores de escolas secundárias fê-lo mudar de planos e adiou a volta para princípios de agosto de 1936. Pensou que, com a remuneração daquele curso, poderia comprar alguns presentes: modernidades tecnológicas, aparelhos que, no seu país, ainda nem sequer se podiam imaginar.

Aquela pequena mudança de planos no calendário desviou irremediavelmente o seu destino: consequência dos maus lances da história, nunca voltou. Ficou na América com a alma apertada e uma mala repleta de roupa nova, meia dúzia de maços de tabaco louro e quatro portentosos ferros elétricos da casa General Electric. A senhora Antonia, a sua mãe e irmãs ainda teriam de passar longos anos a engomar à moda antiga.

A guerra mudou para sempre o seu país. Madrid preparou-se para uma dura resistência e a sua fisionomia transformou-se radicalmente. A estátua de don Agustín de Arfelles, que todas as manhãs o saudava ao abandonar a portaria da Calle de la Princesa, foi eliminada para não dificultar os movimentos de tropas e veículos. O salão circular do Hotel Palace, onde dançara levado por uma loura, converteu-se num hospital de campanha. No princípio da contenda, todas as faculdades e centros da nova Cidade Universitária estavam já numa fase bastante avançada de construção,

quando não concluídos e em pleno funcionamento. Pouco haveria de durar, no entanto, o cheiro a tinta fresca, o brilho dos vidros e as carteiras de madeira recém-envernizadas. A guerra sangrenta reduziria a escombros uma universidade que avançava airoso a caminho da excelência. Esmagaria grande parte do seu patrimônio científico, artístico e bibliográfico, e empurraria para o abismo do exílio numerosos membros do corpo docente. Ao cair Madrid, aquele ambicioso sonho monárquico de um campus de esplendor americano ficara brutalmente arrasado e os edifícios reduzidos a horrendos esqueletos. Das quarenta mil árvores que se plantaram, apenas ficaram as raízes. O local das salas de aula foi ocupado pelas trincheiras; o dos dois laboratórios, pelos parapeitos. Com as enciclopédias e os dicionários fizeram-se barricadas, e os sacos de terra, as espingardas e os cadáveres espalharam-se, sinistros, pelos anfiteatros e bibliotecas.

Os mortos na Cidade Universitária foram milhares. Entre eles esteve Marcelino, de barriga para baixo sobre aquele solo destinado a fazer florescer a ciência, o saber e a esperança, e não o horror e a morte. Tinha no bolso esquerdo da camisa uma carta incompleta que, com a sua letra de criança, começava formulando um cumprimento transoceânico que nunca chegaria ao destino: «Querido Andrés, espero que à chegada da presente te encontres bem de saúde...».

Capítulo 7

Com a ajuda de alguns alunos de pós-graduação, levei a primeira parte do espólio para o meu gabinete e empilhei as caixas no chão, encostadas à parede. Foi uma mudança significativa não só porque deixei a obscuridade e o isolamento da cave para começar a trabalhar num ambiente mais agradável, mas também porque, em certa medida, tive a sensação de estar, por fim, a tirar Andrés Fontana das trevas.

A partir de então, o seu contorno difuso foi-se definindo à minha frente com um traço cada vez mais firme, uma perspectiva mais humana e uma implicação mais próxima pela minha parte, abrindo caminho para a luz na vida do professor, sem perder a noção da sua existência real. Tudo fazia agora um pouco mais de sentido: as suas letras, os seus movimentos, a sua correspondência.

E assim passavam os dias, enquanto eu pensava embrenhar-me com segurança no caminho certo para a reconstrução. Até que um telefonema inesperado me fez tropeçar e lançou ao chão, com estrépito, as bolas de cor que – ingénua que sou – pensava manter em harmonia no ar. Foi no princípio de outubro. E foi Alberto quem, uma vez mais, as fez perder o equilíbrio.

Não nos voltáramos a ver desde o início do verão,

nem sequer quando tive a notícia da sua futura paternidade através de David. Com efeito, uma vez que tomei conhecimento da notícia, fui eu quem não cedeu, quem se negou a qualquer forma de contacto. Preferi evitá-lo, sabia que seria doloroso enfrentar cara a cara a crueza das circunstâncias: como deitar sal numa ferida recente, como o óleo a ferver que salta de repente e queima a mão que empunha a escumadeira. Possivelmente, Alberto também se apercebera e decidi não insistir nos telefonemas para me poupar sofrimento. Ou talvez não se apercebesse de nada e apenas se tivesse esquecido de mim, mergulhado como estava no seu novo projeto de vida, num *loft* remodelado com aquela companheira de trabalho muito mais nova que ele, que agora também já era a companheira da sua vida.

Durante três anos vivêramos o concurso de Alberto para entrar no corpo superior de administradores do Estado, esforçando-nos em paralelo para conseguirmos o mesmo objetivo. Quando casámos, nenhum de nós acabara ainda o curso. A mim, faltava-me um ano e meio e a ele apenas alguns meses. Pensámos, então, que concentrar os esforços mútuos no seu projeto profissional seria talvez o mais seguro. Além de estar um ano à minha frente na universidade, Alberto sabia perfeitamente o que fazer na vida: preparar-se para o concurso para uma carreira como a do pai e dos irmãos. Os meus planos para o futuro eram muito mais vagos. De facto, quase não existiam. Gostava de línguas, gostava de livros, gostava de viajar. Em resumo, banalidades indefinidas com poucas possibilidades de se materializarem de forma imediata num trabalho produtivo e razoavelmente bem pago. Assim, Alberto,

cujo desempenho era muito menos brilhante que o meu, dedicou-se a estudar. Eu, entretanto, estacionei junto ao passeio as minhas humildes aspirações para me concentrar em sustentar a nossa pequena família.

Logicamente, o êxito final foi dele: preparara como um louco o enorme programa e conseguiu o seu objetivo à segunda tentativa. Entretanto, não concorri a nada, nem recebi felicitações quando saiu a lista de aprovados, nem troquei por fatos e gravatas as calças de ganga de sempre e aquelas camisolas compridas, de lã grossa, que eu mesma fazia nos meus poucos momentos livres. Mas fiz outras coisas que talvez pudessem contribuir, pelo menos de forma indireta, para o triunfo do meu então jovem e promissor marido. Enquanto ele decorava as suas leis e decretos, fechado e com tampões nos ouvidos para se isolar das rotinas vulgares, eu estivera grávida, dera à luz e criara os seus dois filhos e esforçara-me noite e dia para que não interrompessem com os seus choros e gritos infantis o sossego de que ele precisava. Ao longo de quilómetros de calçadas e de horas intermináveis sentada na pedra fria dos bancos dos parques, a minha vida decorreu agarrada a um carrinho com uma criança, enquanto outro bebé se formava dentro de mim; depois, empurrei um carrinho com duas crianças; e depois, foram duas as crianças que levei pela mão, andando no seu passo minúsculo, levantando-os do chão quando caíam, limpando-lhes as lágrimas, as feridas e os narizes, para que começassem de novo a andar. E o mesmo durante dias, meses, anos, com frio, com tédio, com chuva, com vento, cansaço e calor, para que Alberto pudesse estudar com a tranquilidade necessária. Sem ser distraído, sem ser perturbado. Como eu nunca consegui

fazer.

E enquanto o meu marido permanecia isolado na sua bolha jurídica, alheio a trivialidades domésticas como pagar a renda e o gás ou comprar ovos, frango e detergente, eu trabalhei como mercenária, aproveitando tudo o que me foi aparecendo. Explicações durante a sesta das crianças ou enquanto elas gatinhavam pelo chão entre as pernas dos alunos; traduções de textos médicos escritas com uma mão, enquanto, com a outra, dava o biberão a David; datilografar manuscritos indecifráveis com Pablo agarrado ao meu peito... Para que Alberto estudasse como eu gostaria de estudar. Mas não foi assim, porque nem sequer se colocou a questão. Talvez porque os nossos filhos já vinham a caminho, talvez porque eu só aspirava a ser professora de qualquer coisa relacionada com as Letras, o que era muito menos transcendente do que a ambição do meu marido que desejava obter a categoria de funcionário de divisão de honra.

Mas lá arranjei as coisas para, a muito custo, acabar o curso. No entanto, não tive outro remédio senão pôr de lado a minha ambição de fazer, em seguida, o doutoramento e procurar um emprego digno para o ajudar a ele no seu muito nobre propósito de vir a ser um alto servidor do Estado como o pai: esse pai que – tal como os meus – considerara uma desonra para a família casarmos tão novos e com uma gravidez mais que notória arredondando o meu perfil. Esse pai que nunca se preocupara com o filho, nem com a mulher do filho, nem com os filhos do filho, até que o Boletim Oficial do Estado publicasse a nomeação do seu rebento. Quando pareceu esquecer a nossa desonra e nos abriu de novo as portas do seu mundo... que,

então, já não nos fazia falta nenhuma. Mas Alberto aceitou voltar ao redil com a mesma espantosa naturalidade com que agora se acomodara a não me ter a seu lado e a empreender uma nova vida com Eva. Como se nada se tivesse passado, como se nunca tivesse havido um antes. Como se, ao longo do caminho, não tivesse existido a dor. Alberto era assim: extraordinariamente tenaz para o que lhe interessava, o mais insensível perante as complicações. Como nos conhecíamos!

Quando foi aprovado no concurso, pude por fim dedicar-me a procurar um trabalho regular a tempo inteiro. A minha experiência com infinitas explicações a dezenas de adolescentes fez-me pôr de lado a ideia de me dedicar ao ensino secundário unificado de então. Não tinha estofo para enfrentar a voz passiva e as orações relativas e lidar, ao mesmo tempo, com a explosão hormonal e a *idade do armário* dos meus discípulos. Por isso, agarrei-me com unhas e dentes a uma vaga posta a concurso por uma das novas universidades que começavam então a florescer, um lugar no escalão mais baixo da carreira docente que, desde o princípio, me entusiasmou. E assim comecei.

O tempo foi passando, terminei a tese, o meu trabalho estabilizou. Mudámos de casa: de apenas sessenta metros quadrados interiores e mal distribuídos, num bairro antigo, passámos para quase duzentos, recém-construídos, com um pequeno jardim. As crianças cresceram e começaram a sair e a entrar e assim prosseguia a vida. Até que um dia, um dia entre muitos, alguém se atravessou à frente do meu marido e, de repente, a sua mulher e o seu mundo doméstico devem ter-lhe parecido aborrecidos e, nos princípios de

julho, quando o calor começava a impor-se violento, Alberto disse-me que ia sair de casa.

Pela primeira vez na vida, tive consciência de como é frágil aquilo que julgamos permanente, a facilidade com que o estável abre fendas e as realidades se podem volatizar com um sopro de ar que entra pela janela. Quando, naquela noite, Alberto se foi embora, levou consigo mais do que uma mala com roupa de verão. Com ele levou também a minha confiança, a minha ingênua convicção de que a existência é algo unidirecional, que segue uma linha preestabelecida forjada pelos anos, assente firmemente em pilares sólidos e duradouros. Quando fechou a porta atrás de si, não deixou lá dentro só uma mulher com o coração partido. Deixou também para trás uma pessoa mudada para sempre: um ser que se julgava forte convertido noutro vulnerável, descrente e desconfiado do resto do mundo.

O seu telefonema apanhou-me desprevenida, um dos meus filhos deve ter-lhe dado o número. A voz pareceu-me estranha à distância. Era a de sempre, mas já não transmitia aquela cumplicidade que tecêramos durante quase cinco lustros de convivência. Desvanecera-se, ou talvez a tivesse levado com ele quando esvaziou o armário e levou uma mão-cheia de coisas de diferentes cantos da nossa casa. Já não existia entre nós aquele código impercetível através do qual comunicáramos durante anos com a precisão de um francoatirador. A sua voz era agora a de um senhor atencioso e distante que me falava de advogados, contas correntes, hipotecas, poderes notariais. Aceitei incondicionalmente as suas propostas como uma autómatas, não propus recusas nem alternativas. No

fundo, tanto me fazia.

Nunca estabelecêramos demarcações no nosso patrimônio e na nossa vida em comum para lá das impostas pela força do hábito: o lado da cama em que cada um dormia, o lugar que ocupávamos à mesa, a ordem das coisas nos armários e nas prateleiras da casa de banho. Começáramos a conviver com tão poucos haveres que tudo o que chegou depois foi sempre parar a um saco familiar conjunto. Os dois carros em que íamos para o trabalho, a casa que habitávamos e uma pequena vivenda na praia eram todo o nosso patrimônio. Propôs-me então pôr à venda as duas casas, pagar o que faltava das hipotecas e repartir o dinheiro entre os dois. Não me pareceu mal. Nem bem. Para mim, era como se lhes ateasse fogo.

Depois de desligar, permaneci imóvel, tentando rebobinar e digerir a conversa com o auscultador já no lugar e a mão direita a agarrá-lo com força. Poucos segundos depois, tocou de novo o telefone, interrompendo abruptamente a minha quietude. Pensei que seria ele outra vez, talvez se tivesse esquecido de me dizer alguma coisa. No entanto, a voz que ouvi não foi a dele.

– Blanca, fala Luis Zárate. Estás livre para almoçar? Quero propor-te uma coisa. Melhor dito, duas.

Encontrei-me com o diretor à entrada do Guevara Hall e dirigimo-nos juntos para a cafetaria do campus. Apesar de tentar aparentar a mais absoluta normalidade, ainda mantinha a voz de Alberto a ecoar nos meus ouvidos. Regressara com tanta força, com tão inesperada intensidade que, enquanto o diretor falava e eu simulava ouvi-lo, assentindo de vez em quando com a cabeça, a mente andava perdida por outros caminhos.

Até que nos sentámos com as bandejas do self-service em frente um do outro e ele, por fim, abordou a razão por que queria falar comigo. Não tive outro remédio senão descer à realidade e prestar-lhe atenção.

– Convidaram o departamento a participar num novo programa de extensão universitária – disse, atacando conscienciosamente a salada. – Propõem-nos que organizemos um curso que possa ser de interesse geral. Pensei que a tua estadia poderia ser uma boa oportunidade para projetar alguma coisa relacionada com a Espanha contemporânea. Por aqui conhece-se pouco o teu país, praticamente a totalidade da influência hispânica provém do México. Por isso, talvez fosse apelativo criar um curso destinado a mostrar a outra vertente do espanhol, um curso destinado a interessados em melhorar o seu domínio linguístico, ao mesmo tempo que aprendem outros aspetos da Espanha atual. O que achas?

Na verdade, não achava nada. Aquela proposta, e naquele momento, não me aquecia nem arrefecia. Nem aquela, nem nenhuma outra que ele me pudesse fazer. Tentei não lhe demonstrar isso com excesso de descaramento.

– Parece-me interessante – atrevi-me a mentir, enquanto fingia concentrar os esforços em espetar um triste cogumelo.

– Não se trataria de um seminário académico – continuou. – Poderias utilizar artigos de jornais, notícias, fragmentos de romances. Qualquer tipo de material que te ocorra. Filmes, até, tenho uma boa porção de vídeos. Ocupar-te-ia apenas duas tardes por semana e não pagam mal.

– Quem seriam os alunos?

– Adultos profissionais, estudantes graduados de outros departamentos talvez. Gente vinculada à universidade ou simples residentes em Santa Cecília com interesse em aprender mais qualquer coisa.

Apesar do meu desânimo, a oferta era tentadora. Gostava do trabalho na sala de aula e de criar os meus próprios materiais. Além disso, não tinha nada de especial para fazer à tarde e o dinheiro viria sempre a calhar. Contudo, não fui capaz de me comprometer.

– Posso pensar?

Observou-me com olhos curiosos. Como se tentasse averiguar se na realidade precisava de tempo para tomar uma decisão ou se na verdade não aceitava definitivamente a proposta por qualquer outro motivo.

– Com certeza, tens tempo. De qualquer maneira, a Rebecca tem os dados concretos do convite, caso queiras conhecer outros pormenores. Bem, agora vem a segunda proposta, mais breve e mais simples ainda.

Estava convencida de que, dissesse o que dissesse, nada iria despertar em mim grande entusiasmo. Mas disfarcei.

– Diz.

– Não sei se sabes que, entre 15 de setembro e 15 de outubro, se comemora neste país o mês da Hispanidade. Remonta, creio eu, aos anos sessenta, um tributo à riqueza da herança hispânica.

– E em que consiste, basicamente?

– Numa série de projetos diferentes, depende do âmbito. Desde festejos folclóricos até atuações políticas. O serviço de Relações Internacionais da universidade propõe todos os anos um debate em que o departamento costuma participar com um representante como parte do painel. E ocorreu-me que

este ano poderias ser tu, como nossa convidada que és.

– Para falar sobre quê?

– Sobre mil e uma coisas em geral. Costuma ser um painel grande, com sete ou oito participantes de diferentes áreas e disciplinas vinculadas ao mundo hispânico. Professores de História da América Latina, de Relações Internacionais ou de Ciência Política. Um ou outro professor visitante, um ou outro aluno de doutoramento...

Nem sequer o deixei acabar.

– Faço-te uma desfeita se te disser que não?

Não me sentia com vontade nem com forças para dar opiniões razoavelmente interessantes sobre sabe Deus o quê num debate com tanta gente e nem sequer tinha vontade de pensar.

– De modo nenhum, era só uma ideia. Posso propô-la a outros colegas. Ou mesmo ser eu a participar.

– Não estou no meu melhor momento para atuações de grande importância, sabes?

– Não te preocupes, passa-se o mesmo com todos nós de vez em quando...

Começámos a levantar as bandejas, deixámo-las nos carros, eram horas de voltar. Luis continuou a falar pelo caminho, monopolizando a conversa sem me perguntar nada nem esperar que eu falasse, consciente da minha falta de ânimo para conversas.

– Ficas então nas mãos da Rebecca, ela dar-te-á os pormenores do curso para o caso de, finalmente, te animares. Depois dizes-me, sim? – Foi a sua despedida ao sair do elevador.

Esbocei um sorriso, sussurrei outro *sim* em resposta ao seu e virei-me, disposta a ir-me embora. No entanto, uma mão deteve-me antes de começar a andar. Uma

mão no meu pulso, a mão dele num breve aperto.

– Se, em qualquer momento, te apetecer falar, já sabes onde estou.

Sem dizer mais, deu a volta para a sala de reuniões e eu fui ter com Rebecca, um tanto desconcertada ainda por aquele inesperado gesto. Talvez não estivesse tão sozinha como pensava. Talvez a solução passasse por preencher a minha vida com outros afetos em vez de continuar a lamentar os perdidos.

Encontrei a porta fechada e um post-it amarelo. «Saí para almoçar», dizia. Por isso, voltei para o meu gabinete para continuar a trabalhar e, enquanto tentava calcular a que horas Rebecca regressaria, não conseguia tirar da cabeça a proposta daquelas aulas, sentindo ainda na pele os dedos inesperados de Luis Zárate. Porém, ao entrar, um súbito baque afastou todos aqueles assuntos da minha mente e, como por magia, tudo – curso, painel, Rebecca, o diretor, os meus bons propósitos e o grande guarda-chuva da hispanidade –, tudo, absolutamente tudo se esfumou perante o violento assalto da recordação do telefonema de Alberto.

Mas resisti mais uma vez. Neguei a mim própria o direito de remexer no que ouvira, de analisar a proposta tão crua e tão triste de quem fora tanto tempo a pessoa mais próxima de mim. Neguei-me a perguntar a mim mesma, mais uma vez, como era possível que aquilo estivesse a acontecer connosco.

Os papéis de Fontana foram de novo o meu refúgio. Neles esbracejei um grande bocado, usando-os como analgésico, até que o bater de uns nós dos dedos na porta me afastou da minha abstração. Ao levantar os olhos, encontrei o rosto sempre agradável de Rebecca.

– Sei que tem andado à minha procura e sei para que é. Tenho aqui os pormenores.

Pedi-lhe que se sentasse, enquanto tirava um monte de documentos de cima de uma cadeira. A única do exíguo gabinete, sem contar com a minha cadeira de secretária.

– Como creio que o diretor já lhe contou – começou a dizer, enquanto se instalava em frente à minha mesa –, a proposta é de um seminário de quatro horas semanais ao longo de oito semanas. Sei que, de antemão, há várias pessoas interessadas nele. Até eu gostaria de participar, ainda que receie que o meu conhecimento da sua língua seja muito elementar.

– Já estava alguma vez em Espanha, Rebecca? – perguntei, então. Nem sabia bem a razão daquela pergunta. Talvez porque, apesar da corrente de simpatia que se criara entre nós, nunca pensara no que ela conhecia da minha pátria. Talvez porque, naquele momento, necessitava de recorrer a qualquer coisa que me proporcionasse um pouco de calor.

Reagiu com lentidão perante a minha pergunta. Tirou primeiro os óculos e respondeu-me depois, enquanto limpava as lentes com uma ponta da fralda da blusa.

– Uma vez estive quase a lá ir, há muitíssimos anos. Tinha uma amiga espanhola, sabe? Uma grande amiga. Vivia cá em Santa Cecília e tínhamos programado uma viagem para passar o verão inteiro em Espanha. Mas aconteceu o inesperado nessa primavera e os planos nunca se concretizaram. – Levantou de novo os olhos. – Qualquer dia, entusiasmo-me outra vez.

Voltámos a embrenhar-nos no projeto do curso, e eu já estava quase convencida de que não iria aceitar.

Falámos de datas e prazos, de possíveis assistentes. Até que reparámos que eram quase cinco horas e era tempo de acabar o dia de trabalho. Rebecca recolheu os papéis e começou a despedir-se. De pé, à porta, quase a ir-se embora, olhou-me com um sorriso e uma ponta de nostalgia nos olhos e na voz.

– Era uma mulher extraordinária. A sua memória ainda continua por aqui.

Capítulo 8

O departamento apareceu na semana seguinte forrado de cartazes que anunciavam o debate sobre a hispanidade, para que ninguém deixasse passar a data.

– Irá, não é verdade? – perguntou-me Rebecca a meio da manhã, assomando brevemente a cabeça no meu gabinete.

– Suponho que sim. E a Rebecca?

– Com certeza, nunca o perco. Passarei por aqui para a vir buscar.

O salão estava praticamente cheio, ainda estava toda a gente a instalar-se. O cenário, em contrapartida, permanecia vazio, à exceção de dois técnicos que ajustavam os microfones em frente de nove cadeiras por ocupar. Senti-me aliviada por saber que nenhuma delas seria a minha.

Encontrámos Luis Zárate conversando no corredor com colegas e estudantes. Assim que nos viu, separou-se do grupo e aproximou-se de nós.

– Espero que achem interessante, pode até ser divertido. Gostava muito que participasses, mas ficará para uma próxima vez.

– Numa outra oportunidade, com certeza – disse eu, sabendo perfeitamente que essa vez nunca chegaria. – Afinal, sempre vais participar?

– Receio que sim, já que, na verdade, não me resta outra opção. Espero não vos aborrecer...

Estava convencida de que não o faria. De palavra fácil, era rápido e sagaz nas suas intervenções e possuía uma considerável base de conhecimentos. Eu tinha a certeza de tudo isso pois continuávamos a ver-nos frequentemente. Encontros nos gabinetes e nos corredores, um ou outro almoço na cafetaria em que nunca nos faltava conversa.

Rebecca e eu sentámo-nos na ponta de uma das primeiras filas. Apagaram-se algumas luzes até ficar um ambiente cálido e os participantes no painel subiram, finalmente, ao estrado, enquanto a sala se enchia pouco a pouco de silêncio.

Luis Zárate, de escuro como quase sempre, ocupou o terceiro lugar a partir da direita, o sítio que, sem dúvida, me teria sido destinado caso tivesse aceiteado a proposta. O último a aceder ao estrado em duas ou três passadas foi Daniel Carter, o antigo professor daquela instituição que conheci no Meli's Market. De casaco e sem gravata, barba clara e cabelo quase comprido, cheio de pressa, parecia acabado de chegar sabe-se lá de onde. Antes de se sentar, distribuiu apertos de mão, gestos afetuosos e um ou outro abraço rápido pelos presentes. Não teve, no entanto, possibilidade de dirigira a palavra ao nosso diretor: quando passou a seu lado, este parecia absorvido em anotar qualquer coisa na agenda.

– O que está o seu amigo a fazer ali? – perguntei, num sussurro, a Rebecca, enquanto ele finalmente se instalava à esquerda do moderador.

– Convidam sempre um professor visitante que tenha a ver com o mundo hispânico, tal como o Zárate

lhe propôs a si.

– Não estava cá só de passagem?

Ainda que fosse impossível ter-nos ouvido, precisamente nesse momento reparou em nós e enviou-nos uma saudação fugaz.

– Está a pensar ficar mais tempo do que a princípio planeava – esclareceu Rebecca, num murmúrio rápido.

Não houve mais explicações, o moderador iniciara a apresentação dos distintos participantes. Uma pintora guatemalteca, docente do departamento de Arte, envergando um poncho cheio de flores e pássaros. Um jovem professor argentino, magro e de pera loura, especialista em Relações Económicas Internacionais. Uma jornalista madura recém-chegada do Equador, onde a filha trabalhava com os Peace Corps. Uma aluna de pós-graduação com uma tese por concluir sobre as relações entre os Estados Unidos e o Chile nos tempos de Allende. Mais os meus dois conhecidos e um ou outro participante cuja filiação não fui capaz de perceber.

O debate avançou com naturalidade. Em atenção à maioria do público, o inglês foi normalmente a língua veicular, apesar de quase todos o salpicarem de espanhol quando as referências ou as citações o requeriam. Só a pintora se enrolava, por vezes mais do que a conta, em algum aspeto de todo irrelevante, mas o moderador orientava o tempo de cada um com habilidade de forma a que as intervenções não ultrapassassem o tempo previsto. Houve ideias claras e dados interessantes, frases inteligentes, piadas que arrancaram risos à assistência e um ou dois pequenos pontos polémicos que rapidamente se sanaram.

Falaram sobre mil coisas distintas do panorama

nacional e internacional vinculadas com o mundo dos hispanofalantes e formularam opiniões, prognósticos e perspectivas para o milénio que deveria começar dentro de menos de três meses. Os temas abordaram desde a chegada de Hugo Chávez ao poder na Venezuela até aos diálogos de Pastrana com a guerrilha das FARC na Colômbia. Das políticas cada vez mais flexíveis de Clinton para com Cuba à invasão latina na música pop, ou do Óscar a Pedro Almodóvar pelo filme *Tudo sobre a Minha Mãe*. E foi então, precisamente aí, que o fogo se ateou.

– A menção a esse prémio causa-me enorme satisfação – adiantou Zárate quando o assunto veio à baila. – E não só pelo reconhecimento que merece a magnífica qualidade criativa do próprio cineasta, como também, fundamentalmente, porque vem, por fim, confirmar o que alguns dos meus colegas não quiseram ou não souberam valorizar na mais recente produção cinematográfica em língua espanhola.

Ninguém replicou e todos os participantes ficaram à espera de que continuasse a sua intervenção, sem compreenderem o sentido daquelas palavras.

– Refiro-me – prosseguiu – à posição reacionária de um setor muito concreto da nossa comunidade académica hispanista.

Voltou a ficar sem réplica, enquanto o silêncio se mantinha entre os companheiros de painel. Até que, de maneira absolutamente inesperada, Daniel Carter se ergueu lentamente do encosto da cadeira, inclinou-se para a frente e, em vez de falar para o público, virou-se para ele.

– Por simples curiosidade, professor Zárate, esse sensato dardo que acaba de lançar tem por acaso

alguma coisa a ver com a minha pessoa?

– Não creio que a intenção do doutor Zárate tenha sido... – tentou interceder o moderador.

– Porque, caso assim seja, e desculpa-me Raymond, por favor – continuou, interrompendo o moderador ao mesmo tempo que lhe tocava ao de leve no braço para que o deixasse prosseguir –, digo que, caso assim seja, talvez pudesse fazê-lo mais direta e explicitamente na argumentação em vez de se escudar em floreios retóricos confusos para o público.

– O senhor é inteiramente livre de interpretar como deseje as minhas palavras, professor Carter – replicou Luis Zárate, com alguma arrogância.

– Pois explique-se com mais clareza e livrar-se-á assim de interpretações subjetivas.

– Apenas quis dizer que talvez este prémio sirva para que certos investigadores académicos reconsiderem o valor da produção almodovariana...

– Não creio que, na nossa profissão, alguém tenha posto em dúvida a qualidade e originalidade do cinema de Pedro Almodóvar – interrompeu de novo Carter.

– ... o valor da produção almodovariana e de outras produções de interesse semelhante, insisto, como produto cultural digno de ser submetido a rigoroso estudo científico – continuou Zárate, ignorando o seu interlocutor.

O debate plural transformara-se repentinamente numa azeda partida de pingue-pongue em que a bola saltava rápida entre dois únicos participantes. O público, entretanto, seguia atento a ágil troca de impressões, sem ter ideia onde pretendiam chegar.

No entanto, entre a sofisticação das noções teóricas, pareceu-me perceber mais qualquer coisa. Qualquer

coisa pessoal, carnal, humana. Qualquer coisa que se arrastava subterraneamente às intervenções de ambos, apesar de nenhum o mencionar claramente. Qualquer coisa, fosse o que fosse, que em algum momento passado deveria ter gerado a evidente antipatia que, no presente, se notava entre o veterano professor visitante e o diretor do departamento de Línguas Modernas.

A disputa continuava. Luis Zárate atacava com uma explosão incessante de palavras e muito pouca linguagem corporal: estático, apoiando-se apenas no movimento de uma esferográfica com que batia ocasionalmente na mesa para, por vezes, enfatizar as suas intervenções. Daniel Carter, por seu lado, acompanhava as palavras com uma gesticulação mais calorosa, de novo recostado na cadeira, com a aparente comodidade de quem carrega sobre os ombros múltiplas contendas.

– O que tento dizer é que há académicos que ainda vivem paralisados nas velhas práticas materialistas vinculadas à mera crítica social – insistiu o diretor. – Como se não tivesse havido avanços na metodologia de investigação nem na cultura espanhola a partir do cinema de Carlos Saura ou da publicação de *Tiempo de silencio* de Martín Santos. Como se ainda perdurasse o compromisso marxista e Espanha continuasse a ser um país de charangas, pandeiretas e touros.

– Por amor de Deus, Zárate, não me diga que também vamos falar hoje de touros...

Talvez fosse o tom do comentário em si que provocou uma gargalhada geral. Olhei, então, em redor e percebi que, longe de estarem confusos, quase todos os assistentes estavam a apreciar a violenta discussão.

– Nesse âmbito, o senhor defender-se-ia, sem

dúvida, muito melhor do que eu. A sua especial predileção por tão sangrento espetáculo é do domínio público, segundo me parece. Talvez seja mais uma prova da classificação imobilista a que me refiro.

– E não vê também isso como um apoio manifesto da minha parte à mais bafienta e retrógrada subsistência do franquismo? Porque é o último disparate que lhe falta dizer.

– Não banalize o tema, professor Carter, por favor. Estamos a manter um debate intelectual.

– Não banalizo de maneira nenhuma, meu caro colega. Quem trouxe à baila os velhos tópicos recorrentes da cultura espanhola foi o senhor. Apesar de terem faltado alguns para completar o catálogo de demónios do perfeito hispanista pós-moderno. Que tal uma menção à morena da música e aos tricórnios da Guarda Civil?

Esta última intervenção saiu-lhe da boca em espanhol e, apesar de noventa e nove por cento da audiência não a ter entendido, tive de fazer um esforço para que a minha gargalhada não se ouvisse entre o público. Daniel Carter deve ter notado, à distância, qualquer coisa no meu rosto porque, levantando brevemente um sobrolho, lançou-me uma piscadela de olho cúmplice, quase impercetível, mas certa.

– Agradecia-lhe que recorresse a argumentos de verdadeiro peso, professor Carter.

– Não preciso de instruções sobre o tipo de argumentos a que tenho de recorrer, obrigado – replicou, retomando uma calma desprovida já de qualquer tom de gracejo. – O senhor é que desde o princípio está a perverter esta discussão, manipulando-a para converter uma simples conjuntura pessoal, que

não vem ao caso, numa suposta divergência de nível intelectual.

O diretor dispôs-se de imediato a contra-atacar, mas Daniel Carter, em cuja paciência se percebia já um certo enfado, decidiu unilateralmente dar o assunto por encerrado.

– Bem, meu amigo, acho que devemos ficar por aqui. – E acentuando mais as suas palavras com uma sonora palmada no tampo da mesa, concluiu: – Creio que já aborrecemos suficientemente o público com a nossa disputa dialética. Deixemos o moderador encerrar o ato porque, se não o fizermos, vamos permanecer atolados nele até chegarem as nomeações para os óscares do ano que vem, quando o candidato for um filme sobre os dissabores de um órfão no Uzbequistão e nós tenhamos esquecido o motivo pelo qual, num longínquo dia, começámos a discutir.

Notei no rosto de Luis Zárate um assomo de contrariedade. Deduzi que gostaria que a confusão prosseguisse: para esgrimir os seus argumentos e apertar o pulso do adversário até lhe dobrar o braço. Mas não conseguiu. Não houve oportunidade para alguém ganhar, não houve vencedor. O debate, perante a perspectiva de não se conseguir um entendimento coerente, acabou pura e simplesmente. No entanto, para mim, ficou a pairar sobre o cenário a incógnita sobre a verdadeira causa da velada animosidade entre os dois.

O moderador encerrou o ato, agradecendo a presença e a atenção dos participantes, e a sala voltou a encher-se de ruído, movimento e luz. Enquanto nos levantávamos, os participantes no debate desciam do estrado. De longe, Daniel pediu-nos, a Rebecca e a

mim, que esperássemos por ele, enquanto começava a abrir caminho por entre o público para vir ter connosco.

No entanto, para chegar ao exterior, teria de passar necessariamente junto a Luis Zárate que, nesse momento, trocava algumas palavras com dois professores do vizinho departamento de Linguística. Pensei que se evitassem ou, quando muito, se despedissem com frieza. Mas, para minha surpresa, vi que Daniel parava ao lado dele, lhe punha uma mão no braço e o apertava suavemente.

Se tivessem usado o inglês para as duas frases que trocaram em seguida, elas ter-me-iam passado despercebidas no meio de dezenas de vozes que, nesta língua, se cruzavam à minha volta. Mas, talvez por ter escolhido a minha língua, as suas palavras chegaram com toda a nitidez aos meus ouvidos.

– Não leve as coisas tão a sério, homem. Levante a cabeça dos papéis e goze a vida de uma vez por todas.

Capítulo 9

Enquanto Daniel Carter se despedia de alguns colegas que resistiam a deixá-lo vir embora, trocámos umas palavras com o nosso diretor à saída da sessão. Se o debate lhe causara algum incómodo, não o mostrou. Nem a frase final que o opositor lhe lançara em privado pareceu tê-lo irritado. Pelo menos, dava essa impressão.

– A universidade é para isto, não é? Para estimular o debate e a reflexão crítica, para confrontar ideias e opiniões. Enfim, a vida académica e as suas sinuosidades... – gracejou, antes de partir. – Então, Blanca, decidiste aceitar o curso?

– Pensava dizer-te amanhã que sim. Parece interessante, creio que me vai agradar.

– Conto contigo, então. A Rebecca encarregar-se-á das formalidades.

Vimo-lo ir, aparentemente sozinho. No entanto, apercebi-me, de soslaio, de que um pouco mais longe, na semiobscuridade, uma das jovens professoras do departamento cujo nome, naquele momento, não consegui recordar, estava à espera dele. Dirigiram-se juntos para o seu Toyota com matrícula do longínquo estado de Massachusetts e juntos perderam-se na noite.

– Pensei que nunca mais me conseguia escapar... – anunciou Daniel Carter aproximando-se, por fim. –

Muito gosto em voltar a ver-te, Blanca, és a única verdadeiramente autêntica neste atribulado final do debate sobre a essência espanhola em que nós, os outros, tocamos de ouvido. O que tens no frigorífico, Rebecca? – perguntou, então, esfregando energicamente as mãos. – Qualquer coisa saborosa para nos convidares, à doutora Perea e a mim, para jantar?

Tanto o comentário como o espontâneo autoconvite me surpreenderam. O comentário, pela consideração em que parecia ter-me, apesar de mal nos conhecermos, e o autoconvite, não tanto pela naturalidade com que o propôs, mas por me incluir nele sem sequer me ter consultado. Contudo, não levantei objeções. Aquela proposta era infinitamente mais estimulante do que o que me esperava nessa noite: uma omeleta ou qualquer sensaboria grelhada, enquanto via na televisão dois ou três episódios soltos de alguma série ultrapassada.

– Uma fantástica posta de salmão do Alasca – respondeu Rebecca. – E parece-me que ainda restam duas ou três garrafas da caixa de *merlot* que trouxeste de Napa.

– Então, não se fala mais nisso. Vamos a pé até casa?

À medida que caminhávamos para casa de Rebecca, que ficava perto, fomos conversando sobre o debate que acabara de terminar. Sem tomar partido, nem pela sua posição nem pela de Luis Zárate, confessei a Daniel que as suas inesperadas menções à Espanha castiça quase me haviam feito soltar uma gargalhada.

– Provavelmente serviste-me de inspiração.

Não reagi, não sabia o que lhe dizer.

– Vendo-te lá de cima, entre o público – comentou então –, vieram-me logo à cabeça mil imagens da tua

pátria, e não só as tradicionais que o teu diretor e eu mencionámos.

– Desde que não me tenhas imaginado a tocar castanholas com vestido de cauda à sombra de um touro do Osborne... – repliquei, cúmplice, na minha língua, sem conseguir resistir.

Riu com vontade e explicou a Rebecca a imagem impossível que eu acabara de esboçar.

– Essa Espanha em que o vosso diretor pretende situar-me, e que eu próprio, um dia, conheci a fundo com as suas luzes e as suas sombras, está há décadas enterrada – continuou a explicar à amiga.

– Felizmente – sublinhei.

– Sim, felizmente. O que não podemos é negar que existiu e que, queiramos ou não, contribuiu para moldar o país que hoje existe.

– Talvez o professor Zárata desconheça essa essência – intercedeu Rebecca. Sempre leal, pretendia, sem dúvida, ir em defesa do chefe. – Embora filho de pai espanhol, talvez não tenha vivido lá o suficiente para conhecer a fundo o país. Além disso, partilha as raízes hispânicas com o Chile, a terra da mãe, e talvez se incline mais para essa cultura...

– Isso não desculpa a atitude dele – interrompeu Daniel. – Não nos reconhecem o mérito profissional em relação ao grau de vinculação afetiva ou de paixão que sentimos por este ou aquele país, mas em função dos trabalhos que publicamos, dos congressos a que assistimos, das teses que orientamos ou dos cursos que lecionamos. O afeto não é bónus quantificável, mas uma questão inteiramente pessoal.

– Mas esse afeto ajudará em alguma coisa, suponho eu – disse.

– Valha-me Deus! Se ajuda! – confirmou, irônico. – Mas alguns ainda não se aperceberam disso.

Nunca andara pelo campus de noite. Era a primeira vez que via os edifícios com as salas e os gabinetes quase às escuras e as residências completamente iluminadas. A primeira vez que não via os estudantes passando à pressa de uma sala para outra, mas sentados indolentemente à porta, fumando, conversando, rindo, para terminar o dia. A primeira vez que contemplava as luzes intensas dos campos de basquete enquanto as bolas batiam, sonoras, contra as tabelas e um leve cheiro a rancho coletivo saía dos exaustores das cozinhas.

Deixámos também para trás o meu apartamento, enquanto nos encaminhávamos para a praça de Santa Cecília, a zona mais urbana da pequena cidade. Ainda não passara um mês desde a minha chegada, mas, ao vê-la, tive subitamente a impressão que passara um século desde aquela manhã em que me sentei para tomar ali o meu primeiro café, deslocada e desorientada, esforçando-me por aceitar que aquele seria, por um tempo ainda indeterminado, o meu novo sítio neste mundo.

O meu pensamento durou o tempo de um relâmpago porque, ao ouvir Daniel mencionar Andrés Fontana, regressei, veloz, ao presente.

– Ele adorava sentar-se nesta praça, sabes, Blanca? Dizia sempre que se parecia com uma aldeola de Espanha.

– De certo modo, creio que sim, que se parece – reconheci.

– É lógico, não acham? – acrescentou Rebecca. – Os fundadores desta cidade foram os antigos californianos,

mexicanos de ascendência genuinamente espanhola, se não autênticos espanhóis.

– Talvez, por isso, esta praça e Los Pinitos fossem os locais preferidos para desanuviar. Caminhava por aí, pensando nas suas coisas, costumava dizer que assim oxigenava o cérebro.

Nessa altura já eu sabia que Los Pinitos era a zona por onde passara naquela tarde, em que a visão das fotografias do professor morto alterara a perspetiva do meu trabalho.

– E agora parece que há problemas com essa zona, que vão construir um centro comercial, não é?

Responderam-me quase em unísono.

– Efetivamente – corroborou Rebecca. – Um centro comercial que talvez traga benefícios económicos a Santa Cecília, mas que arrasará um sítio particular que todos os que aqui vivemos sempre considerámos muito nosso. Um sítio muito ligado a nós e às nossas famílias, um sítio de distração, de piqueniques com as crianças...

– De magotes de estudantes... – acrescentou Daniel.

– De simples passeios...

Continuaram a explicar-me a situação, os dois nitidamente contrários ao projeto.

– Em qualquer caso, a batalha não está totalmente perdida: há sérias dúvidas quanto à viabilidade do projeto – prosseguiu Daniel – porque a propriedade legítima do terreno parece estar por deslindar há mais de um século.

– Pensei que era terreno público, que pertencia à câmara municipal – disse eu.

– A câmara dispõe dele e pode negociar a sua concessão porque não há registo fidedigno da sua propriedade histórica, trata-se de um assunto muito

confuso.

– Por isso, há uma plataforma de cidadãos a tentar encontrar uma base legal que o trave, mas andam há meses à procura e ainda não encontraram maneira – acrescentou Rebecca. – E o prazo para recorrer do projeto acaba em Dezembro, por isso, todos receamos o pior.

Caminhávamos embrenhados naquela conversa quando, apenas uns metros à nossa frente, uma porta se abriu e alguém saiu, detendo-nos momentaneamente o passo e a palavra.

Tratava-se de uma pequena clínica. As luzes lá dentro estavam quase apagadas e deviam ser os últimos empregados que saíam antes de fechar. A porta, que uma jovem enfermeira de farda e socas de hospital segurava, permaneceu uns instantes aberta sem que ninguém saísse por ela, não nos permitindo seguir o nosso caminho em linha reta. Entre esperar ou desviar os passos, optámos pelo segundo e, saindo do passeio, passámos para a rua. Precisamente nesse momento, surgiu lentamente do interior uma cadeira de rodas.

A cabeleira clara abaixo dos ombros, o rosto muito pálido e cheio de rugas, os lábios pintados de vermelho-paixão e envergando um velho fato de treino. Era essa a imagem da sua ocupante. Chocante, por certo. Ou, pelo menos, muito distante da de uma idosa convencional. Apesar de a noite ter caído havia bastante tempo, protegia-se com grandes óculos de sol. Sobressaindo da armação, notava-se sobre o olho direito um penso de gaze e adesivo, como se acabassem de lhe fazer um qualquer curativo.

– Ora, ora, ora... – ouvi Daniel murmurar com voz rouca e quase inaudível.

– Senhora Cullen, doutora Perea, que surpresa vê-las por aqui! Professor Carter, apesar de já o ter cumprimentado na biblioteca, fico muito contente por encontrá-lo outra vez. Olha, mãe, olha, olha quem são estes três!

Quem nos recebia com tão arrebatado entusiasmo, enquanto empurrava a cadeira de rodas, era Fanny. Até que deixou de empurrar, ficando imóvel no meio do passeio, enquanto a enfermeira se escapava, veloz, de novo para dentro da clínica.

– Boa noite, Fanny. Muito gosto em vê-la de novo, Darla – cumprimentou Rebecca, cordial. – Algum problema? Espero que não seja nada de grave desta vez.

A idosa nem ligou àquelas palavras. Não respondeu, nem sequer olhou para ela, como se não a tivesse ouvido. Pensei que talvez tivesse as faculdades um tanto diminuídas; a julgar pela sua estética, poderia ser assim. Para confirmar como o meu julgamento era errado e saber que ela estava no seu perfeito juízo, bastou-me ouvi-la falar.

– Ora, muito bem... Olhem quem temos aqui...

Soube de imediato que se referia a Daniel. *Talvez sejam também velhos amigos*, pensei. Por ali todos pareciam receber com grande afeto o filho pródigo da universidade.

– Há quanto tempo, Darla – disse com certo distanciamento. – Como está?

Cumprimentaram-se à distância dos três ou quatro metros que os separavam. Ele, de mãos nos bolsos das calças, não fez qualquer movimento para se aproximar. Nem deu um passo em frente, nem se inclinou para ficar à altura da cadeira, nem deu indícios de lhe

estender a mão ou de lhe tocar num milímetro de pele que fosse.

– Espetacular, bem vê como estou, meu querido – respondeu a idosa, com cinismo. – E o professor como vai?

– Também não estou mal. Trabalhando, como sempre...

As frases entre os dois ajustavam-se aos moldes da delicadeza, mas não era preciso ter olhos de lince para perceber de imediato que lhes faltava calor. Antes que eu percebesse a origem daquela aparente antipatia, Rebecca decidiu intervir.

– O que aconteceu ao seu olho, Darla?

– A mãe no outro dia bateu com o olho na porta do armário da casa de banho, fez uma grande ferida e deitou bastante sangue. Hoje viemos ver como estava.

– Cala-te, Fanny, cala-te, não sejas exagerada... – grunhiu Darla. – Foi apenas um pequeno acidente doméstico, uma parvoíce e mais nada.

– Esta é a doutora Perea, mãe – prosseguiu a filha. – Falei-te muitas vezes dela e, por fim, podes conhecê-la.

– Muito prazer – disse eu. Por qualquer razão de que não tive consciência, imitei o comportamento de Daniel e não me aproximei.

– Ora vejam! Outra espanholita em Santa Cecília. A minha filha já me contou o que anda a fazer por cá.

– Trabalhando também, Darla. Como todos na universidade – interrompeu Daniel, sem me dar tempo a responder.

– Disseram-me que anda enrolada com os papéis que o nosso velho amigo Andrés Fontana deixou por lá – disse, dirigindo-se de novo a mim como se não tivesse ouvido. – E o que encontrou de interessante? Cheques

bancários? Mensagens anónimas? Cartas de amor?

– Entre os papéis do doutor Fontana só há documentos profissionais, Darla – esclareceu Rebecca. – A doutora Perea simplesmente...

Por sorte minha, a porta da clínica abriu-se outra vez atrás de nós e interrompeu aquela incómoda conversa sobre o meu trabalho. De lá saiu um homem de semblante austero e com uma maleta, na casa dos cinquenta. Deduzi que seria o médico que a atendera. Atrás dele, desta vez de calças de ganga, a enfermeira fechou a porta por fora com um volumoso molho de chaves.

– Já sabe, senhora Stern, nada de tirar o penso até à próxima consulta na semana que vem. E marquem antecipadamente, por favor.

O tom não mostrava a mínima simpatia; certamente mãe e filha tinham aparecido sem avisar previamente ao final da tarde e obrigara-os a demorarem-se bastante para além do horário habitual.

Fanny desculpou-se com explicações atabalhoadas, alegando as suas numerosas obrigações entre o trabalho, as reuniões espirituais e a atenção à mãe. Mas ninguém a ouviu: aproveitando a intervenção do médico e os seus últimos conselhos, Daniel começara já a andar e Rebecca e eu seguimo-lo, deixando para trás umas despedidas difusas.

– Veja se me vai visitar um dia destes, Carter! – gritou a idosa, ao longe.

– Ciau, Darla, passe bem – foi a resposta. Nem sequer se voltou.

– Que rico par, heim? – disse eu, enquanto atravessámos por uma passadeira de peões.

– Que rico par, que rico par... – repetiu Rebecca

com uma breve gargalhada, um pouco forçada, como se tentasse minimizar a situação.

Daniel continuava a caminhar em silêncio. Notei que Rebecca lhe agarrava o braço esquerdo e o apertava carinhosamente. Ele, agradecido mas um tanto ausente, tirou por fim a mão direita do bolso e pô-la sobre as dela, dando-lhe palmadinhas.

– Nunca ninguém disse que o passado não tem sombras.

Capítulo 10

Faltavam apenas dez minutos para começar a primeira aula do meu novo curso quando o velho telefone do gabinete começou a tocar ruidosamente. Não atendi, não tinha tempo. Apenas meia hora antes, após dar mil e uma voltas ao programa, decidira alterar a ordem de alguns conteúdos mas, ao tentar imprimir as novas cópias, a impressora encravou e negou-se a continuar. Optei então por recorrer à fotocopiadora e encontrei-a com um cartaz: temporariamente fora de serviço. Nem Fanny, nem Rebecca, nem o diretor, nem nenhum dos professores conhecidos se encontravam por ali; a porta fechada da sala de reuniões sugeria uma longa reunião de departamento. Desesperada, atirei-me de novo à impressora, abrindo-a e fechando-a várias vezes, tirando o cartucho da tinta, voltando a colocá-lo. E então, no meio daquela guerra titânica contra a tecnologia, o telefone tocou insistentemente mais uma vez. Atendi, por fim, contra vontade, e lancei um cortante *hello*.

– Tu perdeste a cabeça ou o que raio se passa contigo, grande idiota? Ontem à noite, encontrei o Alberto com a sua Barbie grávida no Vips e disse-me que decidiram vender tudo o que é vosso e começar a assinar os papéis. Tu sabes o que estás a fazer, mulher?

Tu nunca foste assim, Blanca! Sempre carregaste às costas tudo o que te apareceu pela frente... Que se passa contigo? Será que ficaste tantã de repente, ou quê?

A minha tempestuosa irmã irrompia na minha vida como tantas outras vezes, sem se fazer anunciar e na pior das ocasiões. África, treze meses mais velha que eu e tão radicalmente diferente que nem parecíamos sequer ter o mesmo sangue. Aberta, espontânea, desbocada. Médica dos serviços de urgências, mãe de quatro filhos. Hiperativa, mordaz, alheia às convenções e sempre propensa ao intervencionismo. Pura energia capaz de enfrentar meio mundo, ligava-me em pleno serviço de banco noturno, talvez num intervalo entre uma cólica renal acabada de atender e um qualquer acidente de moto que ainda estava por chegar.

– Sei o que estou a fazer, África, claro que sei o que estou a fazer – respondi com muita pressa e pouca convicção.

– Estás muito perturbada, mana, mas muito perturbada – prosseguiu, impetuosa. – Toda esta história do abandono do teu marido afetou-te a mona muito mais do que pensas. Mas onde está aquela pachorra com que sempre encaraste a vida? Ou seja, o patife põe-te os palitos durante meses; depois, de um dia para o outro, anuncia-te que vai viver com a outra e, pouco depois, sabes que ela está grávida, provavelmente desde antes de ele te abandonar. E, como prémio por se ter portado tão bem contigo, deixas que fique numa boa e faça o que lhe apetecer com as tuas coisas. Que venda a casa, que te deixe na rua, enquanto tu te escapas tão oportunamente para a Califórnia, de férias, para festejar... Acorda, Blanca,

minha filha! Volta a ser a mesma de sempre, acorda de uma vez por todas, por favor!

– Falaremos com mais calma, prometo. Agora não é boa altura, estou a trabalhar.

– O que tens a fazer é tornar as coisas o mais difíceis possível ao sacana do Alberto.

– Acaba com isso!

A exclamação era, na realidade, dirigida à impressora. Como não acatava intervenções razoáveis, decidi tentar uma medida drástica. Mas a minha irmã, lá longe, não percebeu.

– O que estás tu a dizer? – insistiu, com um grito alterado. – Não quererás defendê-lo, ainda por cima!

– Não tenho nada de que o acusar ou defender, África. O que passou, passou: encontrou outra mulher de quem gosta mais do que de mim, e foi-se embora. Ponto final – disse, desferindo um soco no lado esquerdo da máquina. – Não vejo necessidade de tornar as coisas mais complicadas do que já são, só por si. Basta-me não ter contacto com ele. De qualquer maneira, não te preocupes, vou pensar no que me disseste.

Na verdade, não tinha qualquer intenção de o fazer; a única coisa que queria era descansá-la, para que desligasse e se esquecesse de mim. Para acentuar as minhas palavras, dei nova pancada na impressora, atacando desta vez pelo lado direito. De pouco serviu.

– Vais pensar, dizes tu! – berrou. – Pois se te puseres a pensar como tens pensado até agora, não tem remédio, mana. O que tens de fazer é voltar para casa e voltar a ser a mesma de sempre. Seguir a tua vida. Sem o teu marido, mas a tua vida. O teu trabalho, com os teus filhos por perto, com os teus amigos de sempre.

Com o resto da tua família...

– Falamos mais tarde, África. Agora tenho de desligar...

Nesse preciso momento, a cara redonda de Fanny apareceu à porta.

– Os novos alunos já estão à sua espera na sala 215 – anunciou.

– Telefone-te outro dia, beijos a todos, adeus, adeus...

Enquanto com uma mão pousava o auscultador de onde ainda saía a voz sonante da minha irmã, com a outra dei uma última palmada frontal sobre a impressora. Milagrosamente, como uma tempestade no meio de um campo ressequido, a máquina começou a fazer um ruído desconjuntado e a cuspir papel.

– Ajude-me, Fanny, por amor de Deus – implorei em voz acelerada. – Agrafe-me estas folhas duas a duas, por favor, assim, está a ver?

Precipitou-se em meu auxílio rápida e eufórica. Tanto que, com o ímpeto, derrubou um monte de materiais do espólio de Fontana que esperavam vez num canto da mesa.

– Sinto muito, doutora Perea, sinceramente – murmurou, atarantada, enquanto se baixava para os apanhar.

– Não se preocupe, acabe isto, eu já apanho.

Vesti o casaco num ápice, enquanto apanhava às mãos-cheias o que acabara de cair para o chão: folhas manuscritas, um grande maço de cartas antigas e uma enfiada de postais. Tentei pôr tudo de novo em cima da mesa, mas Fanny, com a sua peculiar maneira de fazer as coisas, tinha enchido por completo o tampo com as cópias do programa. Deixei, então, tudo

precipitadamente em cima da minha cadeira ao mesmo tempo que punha a mala ao ombro tão desajeitadamente que alguns postais escorregaram para o chão. Voltei a apanhá-los, enquanto Fanny, triunfal, me entregava as cópias prontas.

– É um anjo, Fanny, um anjo... – disse-lhe, ao mesmo tempo que abria a pasta para as guardar. Sem tempo para lhes encontrar outro lugar, também lá foram parar os postais de Fontana.

Entrei na sala de aula quase sem fôlego, aliviada por me ter livrado de África e por ter, por fim, os programas prontos, desculpando-me pelos cinco minutos de atraso.

O curso fora anunciado com o nome *Español avanzado a través de la España contemporânea*, um misto de aula de cultura e de conversação. Apresentei-me, apresentaram-se, havia de tudo entre os interesses dos participantes: paixão pelas viagens, necessidades profissionais, curiosidade pela história... Variadas eram também as idades e situações, desde um professor emérito do departamento de História até uma escultora trintona apaixonada pela obra de Gaudí.

O nível geral acabou por ser bastante aceitável e, desde o primeiro momento, por pura e simples intuição conseguida a pulso após quase vinte anos de batalha dentro das salas de aula, soube que aquilo ia resultar.

Decidira começar a aula com um simples jogo; sabia de antemão como nós, os adultos, aceitamos bem as palermices imprevistas quando nos afastam do nosso habitat natural. O pior seria se, depois do telefonema da minha irmã, me faltasse o ânimo para brincadeiras e graças e me invadissem uma enorme vontade de me fechar na casa de banho a chorar. Não obstante,

apliquei uma regra de ouro para qualquer bom professor: deixar os assuntos pessoais no corredor. Depois, como um ator que entra em cena, deixei correr as coisas.

– Nos anos setenta, houve um programa muito popular na Televisão Espanhola que se chamava *Um, dois, três, responda outra vez*. Querem jogar?

A minha intenção ia, obviamente, para além do mero entretenimento. O que pretendia era vincular o mundo deles ao meu de uma maneira completamente informal. A resposta foi um sim sem exceções.

– Bom, então, por vinte e cinco pesetas imaginárias, quero nomes de cidades do estado da Califórnia com nome de santo em espanhol. Por exemplo, Santa Cecília. Um, dois, três, responda outra vez...

Não tive tempo de lhes anunciar que uma norma daquele antigo programa era começar o rol de respostas com o exemplo porque, antes de conseguir abrir a boca, já estavam a cortar a palavra uns aos outros com a página do Grande Livro dos Santos. San Francisco, Santa Rosa, San Rafael, San Mateo, San Gabriel, Santa Cruz, Santa Clara, Santa Inés, Santa Bárbara, San Luis Obispo, San José...

– Basta, basta... – disse quando chegaram às duas dúzias de santos e verifiquei que não pareciam querer desistir. – Bom, e agora nomes de simples coisas em espanhol.

Alameda, Palo Alto, Los Gatos, El Cerrito del Norte, Diablo Range, Contra Costa, Paso Robles, Atascadero, Fresno, Salinas, Manteca, Madera, Goleta, Monterey, Corona, Encinitas, Arroyo Burro, La Jolla... com uma pronúncia bastante distante da original, muitas vezes distorcida até ao limite do compreensível, a lista

interminável saltava de uns para os outros cobrindo portos e cidades, montanhas, condados e baías.

Com um gesto enfático, dei-lhes a entender que podiam parar.

– E Chula Vista, junto a San Diego – insistiu um dos alunos sem resistir a incluir mais um nome.

– E o condado de Mariposa – colaborou outra, incapaz de se reprimir.

– Basta, basta, basta... – insisti.

– E não se esqueçam de Los Padres e do Camino Real: estão na origem de tudo.

Quem falou foi o professor emérito de História, que eu já sabia chamar-se Joe Super. Voltámo-nos todos para ele, para a sua camisa havaiana e sábios olhos azuis. Pediu-me então licença para dizer mais qualquer coisa.

– Com certeza. Desde que seja em espanhol.

– Vou tentar com todas as minhas forças – disse com uma expressão simpática que provocou uma gargalhada geral. – Los Padres National Forest refere-se aos frades franciscanos espanhóis que começaram a exploração e a colonização da Califórnia na segunda metade do século XVIII. Legendary men... como se diz legendary?

– Lendários. Homens lendários é o que quer dizer, Joe?

– Exatamente. Homens lendários, pushed...

– Empurrados – esclareci.

– Obrigado. Homens lendários empurrados por uma força que, errada ou não, os levou a perseguir os seus objetivos com determinação. E o Camino Real é o resultado: a cadeia de missões que estes padres fundaram ao longo de toda a Califórnia.

– Vinte missões, não é verdade? – perguntou Lucas,

um aluno de pós-graduação em Política Internacional.

– Vinte e uma – corrigiu Joe. – Começaram no sul, com San Diego de Alcalá, e acabaram no norte, muito perto daqui, em Sonoma, com San Francisco Solano. Em Espanha, em geral, não se sabe muito desta grande aventura californiana, pois não, Blanca?

– Pouco se sabe – reconheci com uma leve vergonha coletiva. – De facto, conhece-se muito pouco sobre estas missões.

– E é triste, porque tudo isso faz parte da vossa herança. Uma herança histórica e sentimental que é essencial para vós, para nós e para todos.

Acabámos o *um*, *dois*, *três*, retomei o comando da aula e avançámos para uma sessão divertida e proveitosa durante mais uma hora e um quarto. Mas, num recôndito do meu subconsciente, devem ter ficado a fervilhar todas aquelas alusões a padres, missões e caminhos abertos, porque num momento impreciso recordei que, entre os muitos papéis de Fontana que ainda estavam por examinar detalhadamente, vira por alto algumas referências àquele assunto dos franciscanos e das suas construções. Todos esses documentos estavam ainda numas caixas encostadas a um canto do meu gabinete, e ainda não começara a analisá-los com atenção. Talvez quando o fizesse pudessem ajudar-me a preencher uma lacuna da minha ignorância.

Saí do campus no fim da aula, satisfeita com o resultado e exausta após um dia inteiro sem parar de trabalhar. Por fim, respirei fundo, absorvendo o cheiro dos eucaliptos no final da tarde.

– Que tal correu o novo curso?

Caminhava distraída pelo passeio e a voz proveio de

um carro que acabava de parar a meu lado. A voz de Luis Zárate, prestes a ir para casa, como eu. Em vez da habitual roupa de trabalho, vestia calções e sweatshirt cor de vinho, com o emblema de uma universidade que não a de Santa Cecília. A seu lado, um saco de desporto ocupava o lugar do passageiro.

– Bem, muito bem. É um grupo excelente, muito motivado. Tive sorte.

– Fico satisfeito. Queres que te deixe perto de casa?

– Pois... agradeço, mas acho que me fará bem caminhar um pouco para apanhar ar. Estive fechada desde as nove da manhã, nem sequer saí para almoçar.

– Como queiras. Aproveita o passeio, então, até amanhã.

Ia corresponder à despedida, mas já fechara o vidro da janela, pelo que não me esforcei. Apenas levantei a mão num gesto de adeus. E, de súbito, inesperadamente, o vidro voltou a descer.

– Talvez pudéssemos jantar um dia destes.

– Quando quiseres.

O convite não me pareceu surpreendente. Nem sequer apetecível. Na verdade, mesmo que a proposta fosse para essa mesma noite, teria dito que sim. Porque não?

– Conheces o Los Olivos?

Mais um elemento na longa lista de inscrições na minha língua naquela terra estranha, pensei, recordando a aula que terminara havia pouco.

– Não, não conheço. Ouvi falar nele várias vezes, mas nunca lá fui.

– Têm uma massa fantástica e vinhos excelentes. Combinamos depois, ok?

O automóvel perdeu-se na distância e eu continuei a

andar em direção a casa, enquanto continuava com a cabeça às voltas com as diferentes partes daquele intenso dia. Esforcei-me por afastar a lembrança do telefonema de África, neguei-me terminantemente a pensar se, por trás das palavras da minha irmã, não haveria um raciocínio quase indiscutível. Estava mais interessada em desviar o olhar para questões mais agradáveis, como a proposta que acabara de receber de Luis Zárate. Ou mesmo para os documentos de Fontana, aqueles papéis que me absorviam cada vez mais e me prendiam na minha tentativa de lhes dar coerência, a ponto de deixar para o último minuto as restantes obrigações e, inclusivamente, preencher o intervalo da hora do almoço com uma mísera sanduíche cuspidada por uma máquina. Concentrar-me neles era um trabalho que se tornava cada vez mais gratificante e constituía, ao mesmo tempo, uma boa terapia. Quanto mais o legado do professor morto me absorvia, mais consciente estava do seu carisma e valor. E, desta forma, menos pensava em mim.

Nesta altura já sabia que, após uma estada como leitor, a sua intenção fora regressar a Espanha para aí continuar os seus projetos: candidatar-se aos então prestigiosos lugares de docentes de ensino médio, porventura voltar inclusivamente à universidade, talvez encontrar um emprego numa instituição particular ou numa escola privada. A guerra civil, no entanto, arrefeceu-lhe à distância a vontade e a alma. Sobressaltado, impressionado, desolado, decidiu não regressar.

Nunca encontrei nos seus dados um interesse patente em voltar àquela pátria já irremediavelmente diferente da que deixara, apesar de nos seus escritos se

perceber, de vez em quando, uma sombra de nostalgia. Mas nunca duvidou: embalou os sentimentos com as emoções e as imagens dos anos de juventude, atou-os com nós bem apertados, para que nenhum se lhe escapasse, e arrumou-os nas traseiras do pensamento. A partir de então, estabeleceu-se no seu país de acolhimento com um definitivo sentido de permanência, dedicando-se a ensinar a língua e a literatura da sua pátria, a partilhar os seus palpites, os seus saberes e a memória do seu mundo perdido, com centenas, talvez milhares de estudantes que nem sempre entendiam o muito que aquilo significava para si.

Entre os papéis havia numerosos testemunhos de alunos que haviam passado pelas suas aulas ao longo de décadas inteiras. Com efeito, lembrei-me de imediato dos postais que eu própria guardara atabalhoadamente na minha pasta nessa mesma tarde, antes de sair a toda a pressa do gabinete, e que eram, se não me enganava, mostras desse afeto que ainda não tivera tempo de analisar.

Tirei-os, enquanto continuava a andar. Já anoitecera, mas os candeeiros proporcionavam-me luz suficiente para os ler por alto. Seriam pouco mais de uma dúzia, não os contei. Não seriam documentos especialmente notáveis, apenas missivas curtas que cumprimentavam o antigo mestre e lhe transmitiam saudações desde cidades remotas, ou que narravam, em quatro linhas, como lhes corria a vida. Nenhum deles continha mais do que umas breves frases e, à primeira vista, não estavam organizados segundo nenhum critério, de forma que os lugares mais díspares ligavam-se a datas que dançavam caprichosamente no tempo:

Cidade do México, julho de 1947; Saint Louis, MO, março de 1953; Sevilha, abril de 1961; Buenos Aires, outubro de 1955; Madrid, dezembro de 1958. Imagens das pirâmides de Teotihuacán, do rio Mississípi, do parque de Maria Luisa, do centenário de La Ricoleta, da Puerta del Sol.

Sorri ao vê-la. A Puerta del Sol. Achei graça deparar-me de repente com uma imagem tão familiar, uma gravura dos tempos em que a fotografia a cores dava os primeiros passos. Ali estava o anúncio luminoso de Tio Pepe, o relógio que nos assinalava a passagem do ano, a constante multidão do coração da capital. Parei debaixo de um candeeiro para o olhar com mais atenção, enquanto a meu lado, com as suas pressas e as suas mochilas, os estudantes continuavam a ir e vir.

Procurei a data do carimbo dos correios: 2 de janeiro de 1959. O conteúdo do postal, sucinto, aparecia escrito a tinta de caneta e com letra apressada.

Querido Professor,

Espanha continua a ser fascinante.

O meu trabalho corre bem.

Depois das uvas, irei à procura de Mister Witt.

O texto em si não era mais do que outra pequena prova da boa relação de Fontana com os seus discípulos e nada de relevante fornecia ao meu trabalho.

O que me chocou foram as últimas linhas do postal. As de despedida.

Não pelo que diziam, mas por quem as assinava.

Deseja-lhe um feliz Ano Novo o seu amigo,

Daniel Carter

Capítulo 11

A Espanha que acolheu Daniel Carter da primeira vez que cruzou o Atlântico já despertara do brutal torpor do pós-guerra, mas continuava a ser uma nação lenta, atrasada e assombrosamente pitoresca perante o olhar de um estudante norte-americano.

Tinha ele vinte e dois anos e uma mão-cheia de razões difusas para embarcar naquela aventura: uma certa desenvoltura na língua espanhola, uma crescente paixão pela sua literatura e uma vontade imensa de pôr os pés naquela terra a que estava vinculado à distância desde que decidira dinamitar temerariamente as linhas não escritas do seu destino.

Filho de um dentista e de uma culta dona de casa, Daniel Carter crescera na confortável convencionalidade da pequena cidade de Morgantown, West Virginia, agasalhado pelo ar dos Apalaches e pelo sonho comum dos pais, segundo o qual o primogénito – bom aluno, bom desportista, bom rapaz – deveria converter-se, com o passar dos anos, num brilhante advogado ou num prestigioso médico-cirurgião. Pelo menos. Mas, como costuma acontecer nestes casos de cândida convicção unilateral, os planos dos progenitores circularam por um lado e os passos e interesses do filho por outro.

– Tenho andado às voltas com o meu futuro.

Lançou a frase como quem não quer a coisa, entre uma garfada de vitela e umas ervilhas cozidas. Num jantar como tantos outros. Num entardecer de um domingo qualquer.

– Direito, é isso? – perguntou a mãe, risonha, com o garfo cheio de puré de batata a meio caminho entre o prato e a boca.

– Não.

– Medicina, então? – perguntou o pai, mal dissimulando a sua satisfação.

– Também não.

Olharam-no atónitos, enquanto ele lhes narrava com voz firme o que nem em cem dias de conjecturas eles conseguiriam imaginar. Que, no fim dos estudos universitários iniciais, não tinha interesse nenhum em especializar-se em leis, apesar de ter sido admitido na Universidade de Cornell. Que a medicina não lhe interessava minimamente, que não sentia a menor fascinação pelo funcionamento da jurisprudência ou do corpo humano, que não imaginava nem lhe era remotamente apetecível um futuro rodeado de juízes, salas de operações, culpados ou bisturis. O que queria fazer na vida era conhecer outras culturas. E dedicar-se a estudar literatura. Estrangeira, por sinal.

O pai tirou o guardanapo com extrema lentidão e os olhos postos na toalha.

– Desculpem-me – sussurrou.

O bater da porta ecoou por toda a rua. A mãe, com o garfo ainda suspenso no ar, ficou sem fala, enquanto as lágrimas começavam a brotar dos bonitos olhos verdes e perguntava a si própria onde e quando tinham errado na formação daquele filho a quem julgavam ter

proporcionado uma educação exemplar.

Contudo, conheciam Daniel: conviviam diariamente com a sua veemência e a sua feroz capacidade de arrebatamento. Por isso, sabiam que aquela resolução, por mais extravagante que parecesse, por mais ridícula e disparatada que se lhes afigurasse, dificilmente teria retorno. Os irmãos mais novos trocaram pontapés por baixo da mesa, mas não se atreveram a abrir a boca, não fossem, no meio da confusão, acabar por sair, também eles, chamuscados.

Face à ação, reação. A partir daquele dia, o silêncio estendeu-se pela casa como uma manta e os pais foram deixando passar as semanas quase sem lhe dirigirem a palavra, confiando ingenuamente que talvez o desgaste acabasse por incutir um pouco de juízo na cabeça do jovem rebelde. A única coisa que conseguiram, no entanto, foi aquecer o ambiente a uma temperatura tão desagradável que, longe de o incitar a mudar de atitude, conseguiram o efeito contrário: despertar nele uma ânsia desmedida de partir para longe dali.

O passo seguinte consistia em candidatar-se a um lugar de pós-graduação na Universidade de Pittsburgh. Já fora do prazo, e por um triz, conseguiu ser aceite no programa de Línguas Clássicas e Românicas: as cadeiras de Francês e Espanhol, que tivera nos anos anteriores, facilitaram-lhe a entrada. Os elevados rendimentos familiares e a precipitação com que se candidatou ao lugar, no entanto, não lhe permitiram receber uma bolsa. Visto que o pai manteve firme a negação de financiar aquele disparate, o jovem Carter abandonou a casa familiar no fim do verão, com um saco de lona ao ombro, sessenta e sete dólares no bolso e um corte ainda por fechar com a família.

Uma vez em Pittsburgh, o seu primeiro objetivo foi procurar um emprego a tempo parcial: previa que pouco iriam durar os fracos proventos que obtivera a trabalhar como socorrista naquele verão, o seu único capital. Encontrou trabalho rapidamente na Heinz, a grande fábrica de ketchup, feijão cozido e sopas enlatadas. Tinha enorme vontade e poucas exigências; a partir daí, iniciou-se um tempo fundamental.

O primeiro trimestre passou a voar. Alugou um quarto numa desordenada casa com sete estudantes, cinco gatos e uma série de vidros partidos. Aquela decadência pouco o preocupava; usava a casa só para dormir. O resto do tempo decorria entre a universidade e os turnos da Heinz. Comia em qualquer esquina, fosse uma lata de feijões frios, ao mesmo tempo que revia os exercícios de gramática, fosse uma sanduíche de queijo em três dentadas, enquanto avançava à pressa pelos corredores entre duas aulas. No escasso tempo livre, pois tinha apenas uma hora disponível, calçava as sapatilhas de desporto e desatava a correr como um possesso pelas pistas de atletismo da universidade. A presença daquele rapaz alto, extrovertido, cheio de energia e sempre com pressa em breve se tornava popular entre os colegas e professores com quem convivia no meio académico. Na sua outra faceta, na fábrica, metiam-se com ele cada vez que o viam com um livro na mão, nos momentos de descanso, sentado entre pilhas de caixas com o fato-macaco de trabalho vestido. Contudo, não se isolava de tudo. Num exercício de caótica multifunção, não perdia pitada de nenhum assunto que andasse no ar: da última honrosa derrota dos Pittsburgh Steelers na liga de futebol às piadas sobre os chefes, as mulheres e a vida que circulavam

entre os operários de mil origens com quem partilhava as tarefas.

No segundo trimestre, frequentou quatro cadeiras. Literatura Espanhola do Século XX foi uma delas: das duas às três e meia da tarde, na Cathedral of Learning, o edifício emblemático de Pitt, como todos chamavam à universidade. Grande parte do dinheiro para a construção daquela obra monumental fora garantido por contribuições económicas de filantropos, corporações e governos, bem como por pequenos donativos privados. Alguns foram especialmente afetuosos, como os angariados pelas crianças da zona durante as etapas mais duras da Grande Depressão, quando havia o risco de o projeto daquela torre do saber não se poder terminar. Graças à engenhosa campanha de *buy a brick for Pitt*, os alunos das escolas dos arredores recolheram quase cem mil donativos de dez cêntimos que contribuíram para o término da obra em 1937. Em troca, cada garoto acabou por receber um certificado oficial no qual constava o seu nome como proprietário de um tijolo do edifício.

Daniel chegara à primeira aula da cadeira apenas uns minutos antes do seu início, assim que acabara de comer, arrebatado como sempre. De pernas esticadas e braços cruzados, dispôs-se a esperar pela chegada do professor. Mau momento para a cabeça sustida por uns jovens ombros cansados depois do esforço noturno a carregar camiões: em menos de dois minutos, tinha o queixo contra o peito, o cabelo caído para os olhos e a mente pejada daquelas presenças estranhas que costumam pulular entre os neurónios durante os primeiros instantes do sono.

Readquiriu a lucidez ao sentir um pontapé breve e

certeiro no pé esquerdo. Acordou de imediato e sussurrou um aturdido I'm sorry enquanto recuperava rapidamente a compostura. Deparou-se com um homem moreno à sua frente. Barba cerrada de corsário, cabelo escuro penteado para trás e olhos penetrantes como dois minerais.

– As sextas são em casa e no verão. E, se possível, à sombra de uma parreira e com uma bilha de água fresca ao lado.

– I beg your pardon, sir...

– Viemos cá para trabalhar, jovem. Para fazer uma soneca há sítios melhores. O seu nome, por favor?

Num espanhol um tanto titubeante, Daniel ainda se debatia entre a especialização nesta língua ou em Francês, sem saber concretamente em qual das duas culturas acabaria por demarcar o seu território. Mas captou de forma automática o sentido daquela mensagem. Captou o sentido e captou o emissor, aquele homem robusto que não parecia disposto a transigir na mínima tolice dentro da sua sala de aula.

Estas aulas demoraram pouco a desequilibrar a balança: os poetas do 27⁶ e a fascinação pelo sangrento conflito entre irmãos impuseram-se decisivamente e o estudo da língua e da literatura hispânicas, para o qual por fim se inclinou, perpetuou no estudante a convicção de que, apesar do repúdio familiar, o seu empenho merecera a pena. As relações com os pais, no entanto, acabaram por não se compor. Continuavam sem compreender a extravagante obsessão do filho pelas letras estrangeiras, incapazes de assumir o seu desejo de desperdiçar uma notável capacidade intelectual naquela absurda especialização académica que, a seus olhos, augurava um futuro incerto e uma posição social

muito remotamente prometedora.

Talvez nem o próprio Daniel fosse capaz de sustentar a sua decisão com argumentos convincentes. Com efeito, antes de gorar para sempre as expectativas familiares, o seu contacto com o mundo de língua espanhola limitara-se aos conhecimentos elementares daqueles cursos intensivos, onde lhe ensinaram meia dúzia de listas de palavras, e a distinguir dificilmente as sinuosidades do passado, do presente e do futuro. Os livros de textos haviam-no equipado, também, com um arsenal de dados um tanto desconexos sobre pintores, monumentos, museus e uma ou outra excentricidade gastronómica, como o polvo, o rabo de touro ou aqueles doces com o sinistro nome de ossos de santo. E a isso, quando muito, poder-se-ia acrescentar a leitura, numa longa noite de verão, de *Por quem os Sinos Dobram*, de Hemingway, e uma mão-cheia de expressões soltas que, nas tardes de sábado, os mexicanos bigodudos dos westerns resmungavam no grande ecrã do Warner Theatre da sua Morgantown natal. Talvez fosse nesse sedimento tão pequeno que se enraizara a semente da sua resolução. Ou talvez não: que se devesse tudo a um simples impulso de rebeldia, a uma mera e inconsciente ânsia de arremeter contra a ordem estabelecida das coisas.

Qualquer que fosse a faísca e por insignificante e precária a sua origem, o desenlace culminara numa chama que carbonizou os planos dos seus antecessores e deixou o terreno limpo para assentar nele as fundações do resto da sua vida. E, pairando sobre tudo isso, inatingível mas poderoso, estivera definitivamente o estímulo de Andrés Fontana.

Quase sem que nenhum dos dois tivesse consciência

disso, tudo aconteceu, por fim, com um verso. Um verso simples, escrito à mão, encontrado no fundo do bolso de um poeta morto, nove palavras de aparente simplicidade que Daniel nunca compreenderia em toda a sua dimensão se o professor não lhe tivesse aberto os olhos. Nove palavras que Andrés Fontana escreveu a giz no quadro: «Estos días azules e este sol de la infancia.»

– Como era o sol da infância de Antonio Machado, professor?

A pergunta veio de uma estudante espetivada que se sentava na primeira fila.

– Amarelo e luminoso, como todos – comentou um engraçado sem graça.

Alguns riram timidamente.

Fontana não. Nem Daniel.

– Uma pessoa só dá valor ao sol da infância quando o perde – disse o professor, sentando-se no canto da secretária com o giz entre os dedos.

– Quando perde o sol ou quando perde a infância? – perguntou Daniel, levantando o lápis no ar.

– Quando perde o chão que sempre pisou, as mãos que pegaram nele, a casa em que cresceu. Quando parte para sempre, quando forças alheias o empurram e tem a certeza de que nunca voltará.

E então, o professor, sóbrio e escrupulosamente respeitador do programa docente até àquele dia, pôs de lado constrangimentos académicos e falou. De perda e exílio, de letras transterradas⁷ e do cordão umbilical da memória: esse que, apesar dos montes e oceanos que separam as almas dos sóis da infância, nunca se chega a cortar.

Quando a campainha tocou no fim da aula, Daniel tinha já a certeza absoluta de para onde se

encaminhariam os passos do seu futuro.

Umás semanas depois, no fim da leitura das *Nanas de la cebolla*, de Miguel Hernández, Fontana surpreendeu-os com um pedido.

– Preciso de um voluntário para...

Antes de acabar a frase, Daniel já levantara o braço até ao teto em toda a sua notória extensão.

– Não acha, Carter, que antes de se oferecer, deveria saber o que quero?

– Não importa, professor. Conta comigo.

– Conte comigo.

– Conte comigo, perdão.

À medida que passavam os dias, a atitude do rapaz não parava de surpreender Fontana. Ao longo dos muitos anos que passara a batalhar nas salas de aula norte-americanas, enfrentara estudantes de todo o tipo e condição. No entanto, em poucos tinha visto o entusiasmo daquele rapaz alto, de franja comprida e corpo, nesse tempo, desajeitado.

– Vou precisar de si durante três dias. Vamos fazer um encontro de professores hispanistas, uma espécie de congresso. Reunir-nos-emos aqui, a partir de quinta-feira. Deverá ter inteira disponibilidade de horário para qualquer coisa que precisemos até sábado à tarde, desde acompanhar os visitantes aos hotéis até a servir-nos o café. Continuo a contar consigo ou já se arrependeu?

Apesar de Fontana lhes ter explicado o que significava o exílio à luz do verso de Machado, Daniel, nessa altura, não sabia quase nada dos numerosos catedráticos e assistentes da universidade espanhola que décadas antes tiveram de empreender aquele amargo caminho. Alguns tinham partido durante a

contenda, outros fizeram-no depois de terminada, ao serem destituídos dos seus cargos. A maior parte iniciou um périplo pela América Central e do Sul, vagueando de país em país até encontrar assento permanente; alguns estabeleceram-se nos Estados Unidos. Houve também quem regressasse a Espanha e se acomodasse o melhor que podia aos preceitos intransigentes do regime. Houve quem regressasse e se mantivesse firme nos seus princípios, apesar da crueldade das represálias. E houve, por outro lado, quem nunca partisse e vivesse um exílio interior, amargo, mudo. A lista da diáspora intelectual era extensa e Andrés Fontana deveria reunir-se com alguns dos seus membros apenas uns dias depois.

– Com certeza, professor, conta comigo.

Fontana não teve tempo para o corrigir: antes de mais uma vez meter água com a pessoa gramatical, o rapaz, decidido a não se arriscar, adiantou-se.

– Às suas ordens, professor.

Tentava parecer correto e convincente, mas mentia. Tinha trabalho na fábrica da Heinz, cinco horas com os seus sessenta minutos integrais durante cada uma daquelas noites. Mediante algumas complicadas artimanhas e várias e generosas promessas de duplicar o turno nas jornadas seguintes, conseguiu por fim que vários colegas o substituíssem. Sabia que devolver os favores lhe custaria um esforço suplementar e sabia que deveria ser um rigoroso cumpridor. Mas, por uma suspeita puramente intuitiva, previa que aqueles dias entre hispanistas deveriam valer a pena.

Conduzindo o Oldsmobile de Fontana, foi buscar os recém-chegados ao aeroporto e às estações de autocarros e de comboio: alguns apresentavam um

inglês fluido, ainda que carregado de sotaque, e outros tinham recursos linguísticos limitados. Trouxe-os e levou-os de cá para lá, com o máximo esmero e as melhores maneiras, esteve atento a todos e aprendeu de cor uma boa quantidade de nomes, cargos e especialidades. Um tal Montesinos, chegado de Berkeley, Califórnia; o melhor *lopeveguesco*⁸ do mundo, disse Fontana ao apresentar-lho, e os dois soltaram uma gargalhada perante a sua cara de desconcerto, enquanto davam fortes palmadas nas costas um do outro. Um tal Américo Castro, bastante mais velho que a média e a quem todos pareciam reverenciar. Um tal Vicente Llorens, enormemente desolado pela morte da mulher, segundo Daniel pensou entender. Um tio e um sobrinho que partilhavam o apelido Casaldueiro. E, assim, até cerca de mais de uma vintena de professores.

Enquanto debatiam a sua literatura num território alheio à pátria comum que a tinha gerado, Daniel, sem saber que se estava a converter no reverso dos velhos dias madrilenos, voltou aos hotéis para ir buscar óculos e pastas esquecida, levou um alérgico ao consultório de um médico, abasteceu alguns professores de tabaco quando precisaram e acompanhou os notívagos à procura do último bar. E, sobretudo, pôs os cinco sentidos a decifram o que havia atrás daqueles homens que tiravam a palavra uns aos outros, sempre com vontade de falar. E esforçou-se por conhecê-los, entendê-los e averiguar o que se escondia por detrás dos extravagantes rótulos de *galdosiano*, *lorquiano*, *cervantista* ou *valleinclanesco*, que aplicavam uns aos outros.

Procurou também, por trás deles, a nostalgia do sol da infância que Fontana referira, mas só encontrou uma

ou outra pincelada solta, como se houvesse um acordo tácito entre todos para não arranharem a alma ou entrarem em intimidades. Por isso, mantiveram-se na superfície do banal, lançando apenas umas migalhas de memória aos pássaros. Um amaldiçoou o frio demoníaco daquelas terras e recordou a calidez do clima da sua terra de Almeria. Outro sentiu a falta do vinho de Rioja durante uma das refeições na abstémica cafeteria da universidade. Um terceiro trauteou uma copla à passagem de uma empregada especialmente graciosa. Que venha um bom cozido de grão em vez de tanto milho! Quase não falaram de política. Começaram, até, mas negaram-se a prosseguir. Ninguém queria uma sombra negra a pairar sobre aquele encontro que todos previam cordial.

Daniel zelou por eles e aprendeu mil coisas novas. Palavras sonoras e títulos de livros, frases soltas, nomes de autores e terras, e até um ou outro palavrão como *aquele coño!* contundente com que muitos deles enfatizavam a conversa. Chegou o sábado à tarde e começou a devolver uns e outros aos comboios, aviões e autocarros. Até que o inesperado se lhe apresentou pela frente, sem previsão.

O átrio do hotel estava praticamente vazio. Ele e a secretária do departamento julgavam ter terminado todas as transferências, em várias viagens consecutivas, ao longo da tarde. Ela acabara de se ir embora. Daniel, prestes a fazer o mesmo, esperava Fontana para lhe devolver as chaves do carro. E, então, viu-os sair do bar.

– Quais são os planos para esta noite, rapaz? – perguntou um deles, ao longe. – Três de nós ficam ainda por cá e o seu chefe disse que você se ocuparia de

tudo até ao fim.

Um suor frio começou a escorrer-lhe pelas costas. Nessa noite, tinha de fazer o turno duplo e já combinara com um dos colegas da fábrica. Um polaco calado e pai de cinco filhos que não costumava admitir brincadeiras.

– Não sei de nada, professor – disse, procurando Fontana com um olhar pleno de urgência.

– Não me diga isso, homem! No fim, decidimos trocar os bilhetes para não viajarmos toda a noite. Acabámos de comer qualquer coisa, não vai querer que fiquemos fechados no hotel até amanhã de manhã.

– Tenho de falar com o doutor Fontana, desculpem, por favor.

Tentava não se mostrar alarmado, enquanto continuava a procurar ansiosamente o professor. Encontrou-o à porta do hotel, no passeio, despedindo-se de um casal pronto para sair em direção a Buffalo. Trocavam abraços, agradeciam atenções.

– Bom, isto já acabou – anunciou satisfeito, dando um par de palmadas nas costas do pupilo quando, por fim, o viu. – Bom trabalho, Carter, devo-lhe umas cervejas.

– Creio que não, professor...

– Não quer beber umas cervejas comigo um dia qualquer da semana que vem? Bom, tomaremos um café. Ou, melhor, deixe-me convidá-lo para jantar num bom restaurante, você merece.

– Não digo que não queira beber umas cervejas, senhor. Digo que isto ainda não acabou.

Com um gesto dissimulado, indicou os professores do outro lado do vidro. No átrio, o trio mantinha-se à espera. Com os chapéus na mão. Dispostos a que

alguém os levasse dali.

– Eu tenho os meus planos – murmurou Fontana, entre dentes, calando-se bruscamente. – Ninguém me disse que estes três colegas tinham pensado ficar mais uma noite.

Daniel sabia que, nesse tempo, havia uma mulher rondando a vida do professor. Desconhecia-lhe o nome e a cara, mas ouvira-lhe a voz. Estrangeira. Estrangeira com um bom inglês. Soube-o porque ele próprio se encarregara de atender um telefonema dela no gabinete de Fontana umas semanas atrás. Fora só receber instruções para aquele encontro. *Atenda, Carter*, pediu-lhe ao terceiro toque, enquanto vestia o casaco à pressa. *E diga que vou a caminho*. Só a ouviu pronunciar o nome dele: *Andrés*? E, depois, um *está bem, obrigada*, quando ele lhe transmitiu o recado do professor. O necessário para saber que se tratava de uma mulher relativamente jovem. Até então, nada mais.

– Mas combinámos que as minhas obrigações para consigo acabariam no sábado à tarde – insistiu. – Hoje tenho de compensar os meus companheiros pelos dias que me substituíram.

– Não me aborreça, Carter, por amor de Deus.

– Professor, o senhor sabe que o faria com muito gosto. Mas não posso, de verdade... – repetiu, estendendo-lhe as chaves do automóvel.

Uma sonora apitadela de buzina do outro lado da rua fê-los interromper a conversa. Ambos viraram automaticamente a cabeça em direção a um Chevrolet branco. No banco do condutor, com um lenço de seda às flores a cobrir-lhe o cabelo e de óculos de sol, uma mulher. Fontana levantou a mão, pediu-lhe que esperasse.

– Pense em qualquer coisa, Carter, pense em qualquer coisa... – voltou a sussurrar, quase sem mexer os lábios e sem pegar nas chaves que o aluno lhe estendia. – Como vê, eu não posso encarregar-me disso.

– Se eu não aparecer na fábrica esta noite, na segunda-feira põem-me na rua.

Fontana acendeu um cigarro puxando uma fumaça ansiosa. Do outro lado do vidro, os três professores abandonados pareciam começar a mexer-se.

– Sabe que, se pudesse, não hesitaria em fazê-lo, professor, mas...

– O departamento tem de começar, em breve, a avaliar as candidaturas a bolsas para o próximo ano – atalhou, então, Fontana expirando uma fumaça.

– E acha que esta atividade poderia ser considerada um mérito académico? – perguntou Daniel, captando a indireta no ar.

– Mesmo fora do horário, não tenho a menor dúvida.

A buzina voltou a tocar, os três professores estavam em vias de sair pela porta giratória.

– Fico com o seu carro.

A mão grande de Fontana deu-lhe um apertão na nuca, enquanto ele guardava as chaves no bolso.

– Trate-mos bem, rapaz.

Sem uma palavra mais, aspirou profundamente uma última fumaça, atirou o cigarro para o chão e atravessou a rua em direção ao Chevrolet.

⁶ Poetas del 27 ou generación del 27 é a denominação dada a um conjunto de poetas espanhóis do século XX que se deu a conhecer por volta de 1927 e da qual faziam parte, entre outros, Rafael Alberti,

Frederico García Lorca, Jorge Guillén e Pedro Salinas. (N. do T.)

7 Transterrado ou trasterrado é um termo introduzido por José Gaos, professor da Universidade de Madrid nos anos 30, referindo-se ao indivíduo que é forçado a abandonar a pátria, tal como o desterrado, mas que, diferente deste, chega a sentir que a terra alheia é como que uma sua nova pátria. (N. do T.)

8 Estudioso da obra de Lope de Vega. (N. do T.)

Capítulo 12

Percorreram sem rumo Pittsburgh, a cidade do aço, com Daniel ao volante do automóvel de Fontana, enquanto lançava constantes olhares fugazes ao relógio. Tinha de encontrar uma solução para deixar os três hispanistas entretidos com o que quer que fosse. Só faltavam quarenta e cinco minutos para o seu turno. Começava a nevar.

Como copiloto levava um professor mexicano especializado em San Juan de la Cruz e, de vez em quando, conversava com ele em inglês. Atrás, de sobretudos vestidos e fumando como possesores, um espanhol idoso, discreto, e outro mais jovem, que se defendia numa confusa miscelânea linguística que ele mal conseguia entender.

Já era demasiado tarde para visitar o Carnegie Museum; passaram pelo Pitt Stadium no campus. Daniel cruzou os dedos, mas não teve sorte: os Pittsburgh Panthers, a equipa de futebol da universidade, não treinavam nessa noite. Continuou a conduzir. Os arredores do Forbes Field, o estádio dos Pittsburgh Steelers, também estavam desertos. Faltavam trinta minutos para a sua hora quando chegaram ao Penn Theater e lhes propôs entrarem para ver Elvis Presley em *Love Me Tender*. Nenhum dos

professores mostrou interesse. Que tal uma visita ao Atlantic Grill da Liberty Avenue, um templo local da cozinha alemã? O velho silencioso deu uma gargalhada sem pudor e, depois, teve um ataque de tosse. E um copo no bar do Roosevelt Hotel? Nem ligaram. Vinte minutos para marcar o ponto, calculou, voltando a ver as horas. Continuava a nevar. *Maldita bolsa.*

– Ouça, jovem – disse, por fim, o mexicano, quando passavam por uma das pontes sobre o rio Monongahela pela terceira vez. – Estes humildes professores que aqui vê, e a quem tem a amabilidade de acompanhar esta noite, vieram de Nova Iorque. Eu dou aulas no Hispanic Institute da Columbia University, o doutor Montero é professor emérito do Brooklyn College de CUNY e o jovem doutor Godoy acaba de se integrar no college da mesma universidade em Staten Island. Aos restaurantes, cinemas e eventos desportivos, estamos mais que habituados já. O que nos agradaria esta noite era algo singular. Algo especial, algo que só se pudesse fazer em Pittsburgh, entende?

– Perfeitamente – corroborou, com uma guinada de volante. Ocorrera-lhe por fim uma ideia. Talvez fosse uma loucura mas não lhe restava nenhuma outra carta para jogar. A fábrica não parava a atividade durante a noite. Reduzia-a, mas não parava completamente. O primeiro obstáculo foi o guarda.

– Esperem-me aqui, por favor.

Deixou-os a fumar no carro, com o aquecimento no máximo, confusos e intrigados com a sua reação, observando-o através das janelas, enquanto ele se dirigia à casa do guarda. O que contou em seguida não chegou aos ouvidos dos três professores. Felizmente.

– Boa noite, amigo Bill – cumprimentou, lendo a

placa que o empregado tinha presa ao peito.

Costumavam mudar de dia e de horário, não conhecia todos pelo nome. Mas lembrava-se de já ter visto este. Decidiu atacar por aí.

– Boa noite, rapaz – respondeu Bill, sem desviar os olhos da página de desporto do Pittsburgh Post-Gazette.

– Entro agora no turno – disse-lhe, mostrando-lhe a credencial de trabalhador. – Mas não consegue imaginar o que se passou quando vinha para cá de carro.

– Um furo?

– Nem nada que se pareça. Salvei três vidas.

– Salvaste três vidas? – perguntou, atónito, ao mesmo tempo que punha de lado o jornal.

– Sim, senhor, três vidas. E talvez o futuro desta empresa também.

Apontou, então, para o carro onde os três hispanistas continuavam a ruminar o seu desconcerto entre fumaças de Lucky Strike. Num tom cúmplice, continuou a elaborar o seu disparate.

– Trago aqui três representantes europeus do setor agroalimentar. Vinham em visita comercial à mítica empresa Heinz, mas o automóvel alugado ficou avariado numa valeta pouco depois de sair do aeroporto. Incendiou-se o motor, poderiam ter morrido.

– Ora...

– Mas repare na sorte que tiveram por eu os ter encontrado por mero acaso. E menos mal que, se bem com enorme atraso, pude trazê-los no meu carro até aqui.

O vigilante, grandalhão, gordalhão, paspalhão, coçou a cabeça apreensivamente. Mesmo por trás da orelha esquerda.

– Receio que hoje já não possam entrar. A estas horas só é autorizado o acesso aos trabalhadores.

– Sim, só que eles precisam de ver a fábrica agora.

– E porque não vêm amanhã?

– Porque é domingo.

– Voltem na segunda-feira.

– Impossível, esperam-nos em Atlanta para visitarem a fábrica da Coca-Cola.

O próprio Daniel estava desconcertado com a facilidade com que as mentiras lhe saíam da boca. Era tudo pelo diabo da bolsa.

– Pois, não sei o que dizer, amigo...

– Vamos ver como explica ao encarregado, na semana que vem, que estes representantes voltaram para a Europa dispostos a vender milhões de Coca-Colas e nem um único produto nosso.

O homenzarrão voltou a coçar a cabeça. Desta vez, no alto da cabeça.

– Tenho na mesma um problema, não é?

– Penso que sim.

Depois, minutos mais tarde, estavam todos lá dentro.

– Bem-vindos, senhores, à alma da América – proclamou, então, Daniel num espanhol chiante que tentava parecer triunfal.

– Perdão? – perguntou o professor emérito.

– Qual é a essência da vida americana? – continuou.

Voltara à língua materna, precisava dela para a opereta que estava em vias de montar. Sem sequer lhes dar tempo a esboçar uma resposta, respondeu automaticamente a si mesmo:

– O hambúrguer, claro!

Caminhavam pelos corredores, enquanto Daniel

continuava a dizer só disparates ao mesmo tempo que se interrogava sobre o que iria fazer a seguir.

– E qual é o segredo de um bom hambúrguer? A carne, dirão os senhores. Nem pensar nisso. O pão? Também não. Nem a alface ou a cebola, evidentemente. O segredo, meus senhores, está no ketchup! E onde está o segredo do ketchup, o coração do ketchup? Na Heinz!

Tinham chegado à zona de enchimento de frascos, escura e fantasmagórica àquelas horas, com toda a maquinaria parada e mergulhada num silêncio sepulcral. Procurou os interruptores da luz, ligou-os impetuosamente até que todas as lâmpadas fluorescentes deslumbraram a imensidão da nave. Sabia que teria um enorme problema se algum encarregado passasse por ali, mas não lhe restava outra opção. Movendo-se de um lado para o outro, foi inventando à pressa para que servia cada uma das gigantescas máquinas. Não fazia ideia das suas funções: estivera apenas duas ou três vezes naquela parte da fábrica. Mas num dispêndio desesperado de imaginação, ao encontrar o que lhe fazia lembrar uma máquina rotuladora, dramatizou a sua tarefa. Empenhou-se, depois, em que cada um guardasse uma mão-cheia de cápsulas de enroscar no bolso quando chegaram à zona de selagem e fecho. E ao chegarem ao fim do que se supunha ser o início do processo, o enchimento, Daniel deu um salto e subiu à plataforma que continha o depósito a partir do qual se realizava tal função. Meteu um dedo lá dentro, que tirou vermelho.

– O ketchup, senhores, orgulho da casa Heinz! Aqui está! Não é preciso ir mais longe! Subam e provem-no!

Estendeu uma mão ao professor mais novo que, ainda um tanto desconcertado, não se atreveu a

recusar-se.

– Prove, prove a grande glória da América, professor! – insistiu, obrigando-o a meter a mão no depósito.

Depois, ajudou o mexicano a subir, um pouco mais renitente. Levou também a mão direita ao depósito. O maduro doutor Montero, apesar da insistência, disse que nem pensar nisso.

Enquanto desciam da plataforma, depois de se fartarem de provar o molho de sabor adocicado, Daniel voltou a ver as horas. O tempo esgotava-se e não fazia a mínima ideia do que fazer em seguida. Encaminhou-os então para o vestuário e pediu-lhes que esperassem à porta, enquanto punha o fato-macaco cor de areia que todos os empregados eram obrigados a usar. Ao fundo, ouvia-se o ruído das esteiras rolantes e dos montacargas que usavam para carregar os camiões. Às vezes, os homens davam ordens entre eles, uma gargalhada de vez em quando, um ou outro palavrão de quando em vez. Entretanto, os professores, incongruentes com os longos sobretudos escuros, gravatas e chapéus, continuavam a perguntar-se que raio estavam ali a fazer.

No preciso momento em que Daniel saía do vestuário dos homens, três jovens saíam do das mulheres.

– Olá, estudante – disseram duas delas, em uníssono, em tom brincalhão. A terceira corou ligeiramente ao vê-lo.

Vestiam roupa da rua, lábios pintados, o uniforme acabado de despir na mala e casacos, cada um da sua cor. O da morena mais alta, violeta, o da loura rechonchuda, amarelo, e o da de cabelo castanho, que

corou, azul esverdeado. Refletiu-se, então, na cara do mexicano e do jovem professor espanhol um minúsculo sinal de interesse. O velho tossiu de novo.

– Olá, meninas, vão já para casa? – cumprimentou Daniel, com pressa.

– Que remédio... – disse a loura com uma acentuada expressão de aborrecimento. – Não temos ninguém que nos leve a passear.

A ocasião apresentava-se antes do que se esperava. E não a deixou passar.

– Meus senhores, apresento-vos as minhas amigas Ruth-Ann, Gina e Mary-Lou. As mulheres mais bonitas de todo o South Side. As empacotadoras de latas de sopa mais rápidas de toda a indústria transformadora mundial. Meninas, estão na frente de três homens sábios.

Falava a toda a velocidade, calculando que lhe restavam apenas uns minutos para que o operário que o antecedia, no monta-cargas, carregasse no botão de stop. Enquanto davam apertos de mão e trocavam nomes, largou a sua proposta ao ouvido da loura.

– Cinco dólares para cada uma se os entretiverem durante três horas – disse em voz baixa, entregando dissimuladamente as chaves do carro de Fontana. – E, na sexta à tarde, convido-as para o cinema.

– Seis por cabeça – corrigiu, decidida, a tal Mary-Lou. – E depois do cinema, jantar.

Nem sequer teve tempo para calcular que isso lhe iria custar o salário de uma semana inteira.

– Meus queridos professores, estas encantadoras meninas anseiam por continuar a mostrar-lhes as instalações da nossa magnífica empresa. E, depois, oferecem-se para vos levar a dançar. Não encontrarão

melhor companhia em toda a cidade, garanto-vos. Receio estar a mais entre vós, pelo que, se me permitem, deixo-vos.

Os hispanistas ficaram atónitos ao vê-lo sair a correr como um louco pelo corredor, a caminho do armazém. Mas as raparigas, com a sua graça proletária e o desembaraço da juventude, entre latas de feijão, cocktails e passos de chachachá, fizeram com que rapidamente se esquecessem dele. O trio de professores recordaria para sempre aquela viagem a Pittsburgh como um encontro académico sem comparação.

Outro corredor muito diferente foi o que Daniel voltou a atravessar a passos largos, intensos, anos mais tarde e uma eternidade de aulas e leituras depois. Muito mais endurecido mental, moral e fisicamente, enfiou a cabeça pela porta aberta do professor Fontana num dos últimos andares da imponente Cathedral of Learning.

– Entre, Carter, entre – saudou, com a sua voz forte, em espanhol. – Estava à sua espera. Vejo que vem, como sempre, sem fôlego. Sente-se um bocadinho a descansar, por favor.

Daniel estava mais que habituado à miscelânea das estantes repletas, às pilhas de trabalhos e exames que preenchiam todos os cantos e àquela secretária sempre coberta de papéis. Com o decorrer das cadeiras e dos trimestres, Andrés Fontana chegara a ser não só o supervisor académico, como também o mentor respeitado, e até o amigo que, pouco a pouco, foi deslindando, diante do jovem americano, alguns mistérios da idiossincrasia de um país que ainda não conseguira cicatrizar as feridas de um dos maiores horrores da história.

O professor mantinha a sua austera formalidade espanhola tanto com colegas como com alunos. Era rápido, resoluto, sólido de corpo e alma, com uma espessa barba escura que começava a ficar grisalha, ombros largos e mãos grandes que pareciam preparadas para qualquer outro fim menos sofisticado que aquele com que ele as ocupava nas salas de aula, nos gabinetes e nas salas de reuniões. Já a caminho dos cinquenta, à exceção de alguns fios prateados nas têmporas, mantinha intacto um cabelo denso e escuro, penteado sempre para trás, e tinha uma voz áspera que nunca formulava elogios gratuitos. Apesar dos longos anos de residência em terra americana e de dominar um inglês formalmente inatacável, não limara a firmeza do seu sotaque nativo, nem se esforçava por dissimular certas atitudes negligentes tão próprias do ambiente estudantil em que trabalhara metade da vida: os risos intempestivos, as correrias ocasionais pelos corredores ou aquela tendência involuntária de alguns alunos para cabecearem de vez em quando nas aulas, ao princípio da tarde. Mostrava pouca paciência para a frivolidade e uma teimosa intolerância face ao desleixo e à preguiça. E, apesar disso, era ativo, generoso e dialogante, sempre disposto para a conversa quando solicitado, sempre capaz de ouvir e debater sem preconceitos inabaláveis. Sempre disposto a estender uma mão.

Usando a caneta como uma espada, ainda fez uns rabiscos antes de levantar os olhos da página manuscrita que estava a destroçar, da autoria de um qualquer estudante medíocre.

– Suponho que ainda continuamos interessados em passar uma boa temporada em Espanha – disse, mantendo o cigarro entre os lábios e o olhar na sua

impiedosa correção.

– Sim, professor, sabe que sim.

Apesar da confiança adquirida com o tempo entre ambos, no ambiente académico conservavam o mais requintado convencionalismo.

– Pois tenho algo para lhe dizer. Vá dando uma vista de olhos a isto.

As folhas presas com uma mola planaram por cima da mesa e Daniel agarrou-as em pleno voo. *Programa Fulbright*, leu em voz alta.

– Por fim, chega a Espanha, louvado seja Deus.

Para rematar o irónico comentário, Fontana traçou energicamente um último risco horizontal sobre o texto massacrado. Enroscou, então, a tampa da caneta de tinta permanente e concentrou-se no assunto para o qual convocara o estudante ao seu gabinete.

– Trata-se de um programa de intercâmbio académico internacional. Funciona há uma década, patrocinado pelo Congresso dos Estados Unidos da América. No entanto, Espanha tinha sido até agora mantida à margem, como em tantas outras coisas. Mas como parece que os nossos países vão a caminho de um doce entendimento. Decidiram, por fim, abrir-lhe a porta e vai constituir-se em breve uma comissão conjunta.

– Em que consiste exatamente o programa? – inquiriu Daniel, enquanto olhava avidamente para os papéis.

– Bolsas para frequentar cursos de especialização ou realizar um trabalho de investigação numa universidade do país escolhido.

– Espero que, para a conseguir, não me peça que, em troca, entretenha alguns professores, como da outra

vez.

Fontana riu-se com vontade. Com a familiaridade ganha através do tempo, Daniel acabara por lhe confessar os pormenores daquela pretérita noite na Heinz.

– Não se preocupe, garanto-lhe que, desta vez, será tudo feito pelo método mais ortodoxo – disse, apagando o cigarro no cinzeiro já repleto de beatas.

Ainda lhe dava trabalho reconhecer naquele homem jovem, consistente e desenvolvido um rapaz impetuoso que, havia pouco, chegara àquelas salas de aula com um espanhol vacilante e uma ânsia desenfreada de aprender. Acalmara, refinara-se, multiplicara por dez o domínio da língua e, apesar disso, não perdera nem um pouco do entusiasmo e da curiosidade intelectual com que se apresentou no primeiro dia. E, segundo o combinado entre os dois, conseguira a bolsa que, por fim, o livrara do trabalho noturno na fábrica, permitindo-lhe concentrar-se com determinação nos estudos. Mas ainda tinha uma longa etapa pela frente para conseguir ser o que, desde as primeiras aulas, pretendia, pensou Fontana. Teria de continuar a encaminhá-lo.

– Acha que tenho possibilidades?

– Deverá saber... – replicou o professor com uma ponta de ironia.

– Também há sorte.

Dobrou então as folhas, guardou-as no bolso de trás das calças e começou a apanhar do chão os livros, as pastas, o casaco, impulsionado pelas pressas de quem andava sempre apertado de tempo e com coisas de mais para fazer.

– Um momento, Carter, espere, espere, homem de

Deus. Vamos ver quando consigo que me venha ver sem ter de sair a correr cinco minutos depois.

– Já sabe que este trimestre tenho seis cadeiras, professor, e...

– Não me fale de dificuldades, rapaz. Concentre-se no que acabei de lhe dizer. Terá de apresentar um projeto sério e bem elaborado a esta gente. Sente-se outra vez, se faz favor.

Obedeceu-lhe, com expressão interessada.

– Pensei em alguém. Ramón J. Sender.

– Ramón quê?

– Jo-ta-sen-der.

– Quem é?

– Um bom escritor para começar a considerar como possível tema de tese. E, além disso, um amigo.

Mandou-lhe, então, um livro por cima da grande mesa de trabalho.

– Vivo? – perguntou Daniel, agarrando-o habilmente com a mão esquerda.

– E abanando o rabo. Leciona Literatura Moderna em Albuquerque, Novo México. E continua a escrever. Acabei de me encontrar com ele no congresso de Narrativa de Amherst.

– Não veio ao encontro de hispanistas?

– Não pôde. E não sabe quanto senti a sua falta.

– Professor visitante?

– Efetivo. Exilado.

– *Mosén Millán* – leu Daniel na capa. Passou depois o polegar através das breves páginas. – Muito pequeno – acrescentou, como única apreciação.

– E muito bom. Definitivamente. Publicou-o no México há quatro ou cinco anos. Está agora a pensar em mudar-lhe o título, que passará a ser *Réquiem por un*

campesino español. Além disso, tem uma grande produção anterior.

– Já há alguma coisa feita sobre ele?

– Quase nada. Escritor *non grato* em Espanha e muitas vezes fora, também. Por isso, se finalmente se decidir, teremos de ter cuidado.

Abandonou o gabinete com o *Mosén Millán* acrescentado ao seu volumoso carregamento e com o propósito de lutar com unhas e dentes por aquela bolsa que iria ser um passo mais na reconciliação entre o seu próprio país e a Espanha que ansiava conhecer. A ideia de Sender, no entanto, teria de ser amadurecida com calma. Já falara antes com Fontana sobre a sua intenção de focar uma futura tese de doutoramento num qualquer autor contemporâneo. Porém, não conhecia o escritor proposto e preferia ter uma ideia clara de quem era antes de se atirar às cegas a um laborioso trabalho de anos sobre os seus livros. Ainda que a história de ser repudiado dentro e fora de Espanha não deixava de lhe provocar uma saborosa curiosidade mórbida.

Já no corredor, quase a lançar-se em correria para não chegar tarde à aula seguinte, ouviu a voz de Fontana como um trovão ao longe, soltando uma última frase que não entendeu completamente.

– Vamos ver como nos arranjamos para a ocultar e não deixar que todos a descubram!

Capítulo 13

Um Lockheed Super Constellation da TWA despejou Daniel Carter na pista de Barajas, numa manhã do fim do tórrido verão de 1958. Levava com ele duas malas, uma máquina de escrever portátil e um carregamento de otimismo que não teria cabido no porão do avião. E para a sua subsistência, a bolsa Fulbright que, por fim, lhe fora atribuída. A um câmbio de cerca de quarenta e duas pesetas por dólar, esperava ser capaz de viver sem apertos durante um ano letivo completo.

O bagageiro magro aproximou-se veloz. Sem tirar da boca um Bisonte⁹ muito chupado, ofereceu-se para carregar a bagagem num carro de mão meio enferrujado. Uma vez fora do terminal, e após uma disputa com dois colegas de ofício, o proprietário de um táxi preto abriu-lhe obsequiosamente a porta de trás. Não havia de lutar por um turista com pinta de americano, pensou o homem. Nos tempos que corriam...

– Para onde, cavalheiro? – perguntou o taxista, com um palito entre os dentes.

– *Calle Luisa Fernanda*, número 26 – pediu. O seu primeiro ensaio comunicativo em solo espanhol.

Foi bebendo Madrid pelas janelas, tudo lhe parecia fascinante, tudo lhe chamava a atenção. Desde o

terreno seco e desolado, por onde a estrada se internava no subúrbio, até aos edifícios e às pessoas que, com densidade crescente, iam enchendo os cruzamentos, as ruas e as esquinas. O taxista, entretanto, disposto a arrancar-lhe uma generosa gorjeta, ofereceu-se para lhe servir de ciclerone. Aos gritos, para que percebesse bem.

– Se pretender perguntar qualquer coisa, mister, aqui me tem para o que quiser.

– Muito obrigado, senhor – replicou Daniel, afável. Mais do que ouvir o taxista, no entanto, o que queria nesse momento era continuar a absorver tudo o que lhe passava diante dos olhos.

Sem ter a certeza absoluta, à medida que percorriam ruas de amplitude desigual, começou a suspeitar de que estavam a dar mais voltas do que a conta. Às vezes, pareceu-lhe até que passavam mais do que uma vez pelo mesmo sítio. Operários de fatos-macacos e boina em frente de uma valeta, criaditas a correr e pares de guardas vestidos de cinzento, viu de tudo. Cegos que vendiam lotaria aos gritos de vinte iguais para hoje, mães com a cesta no braço a caminho do mercado, carteiros de bicicleta, três padres de sotaina atravessando a rua ao mesmo tempo. Todos figurantes, em essência, desse grande cenário que, havia meses, antecipava na sua imaginação.

– E isto, a Puerta de Alcalá, uma maravilha – esclareceu o taxista, depois de ziguezaguear um bom bocado. – Tem ali a Cibeles, repare, como uma rainha. E em seguida vamos enfiar-nos na Gran Vía. Olhe, olhe, olhe: a Sarita Montiel em *El último cuplé*. Está há cerca de um ano em cartaz... Até fico mal disposto cada vez que passo pela porta do Rialto¹⁰. Não pense em voltar para a sua terra sem a ver cantar o *Fumando espero*...

Os olhos saltavam dos anúncios de licores e detergentes para os nomes das entradas do metro e para os polícias sinaleiros que organizavam a circulação às apitadelas. Dos cartazes gigantescos, que anunciavam filmes nacionais e estrangeiros, para as raparigas que caminhavam garbosas pelos passeios, com vestidos muito apertados na cintura, e para os homens fracos e penteados que fumavam compulsivamente, enquanto lhes lançavam piropos e obscenidades, sem sombra de vergonha. Tudo lhe parecia cativante sob o sol ainda combativo de setembro.

– E agora chegamos à Plaza de España. Olhe, a Torre de Madrid, recém-terminada, dizem que tem quase cinquenta metros de altura. Que lhe parece?

– Magnífica – mentiu Daniel. Não esclareceu que acabara de passar uns dias em Nova Iorque, em trânsito para Espanha.

– Trinta e sete andares e uma série de elevadores – acrescentou, tão orgulhoso como se fosse herdá-la. – O arranha-céus mais alto da Europa. É para que depois não digam que não sabemos fazer bem as coisas.

– Magnífica – reiterou Daniel, enquanto detinha o olhar numa mulher de luto que, sentada no chão, com uma criança esfarrapada ao colo, estendia a mão pedindo esmola a poucos metros da entrada principal.

– E estamos a chegar ao seu destino, entrámos no bairro de Argüelles. Esta é a Calle Princesa, e aquilo ali, à direita, que quase não se vê, é o palácio de Liria, a cabana do duque de Alba... não vamos nós ver como vive o fulano. Agora, viramos para baixo e metemo-nos na Luisa Fernanda, como a zarzuela. E no fim da rua chegamos ao número 26, como me disse. Pois, cá

estamos, amigo. Trinta e três e cinquenta, a corrida, mais dez pesetas pelos volumes e pela vontade com que lhe dei as informações. E não me irá dizer que o circuito não lhe agradou, mister?

Daniel sabia perfeitamente que poderia ter feito o mesmo percurso por metade do preço com um taxista um pouco menos espertalhão, mas mais honesto. Porém, pagou a importância pedida sem refilar. *Um extra a assumir*, pensou, pela aula de literatura aplicada que acabava de receber: picaresca espanhola do século XX. Ao vivo. Outra coisa foi a gorjeta.

– O que é isto que me deu, amigo? – perguntou o taxista ao observar as estranhas moedas que o americano lhe acabara de entregar. O palito, mais que chupado, que ainda tinha entre os dentes, talvez impulsionado pela surpresa, foi parar ao chão.

– Quinze cêntimos, meu caro senhor. Para que comece também a conhecer o meu país.

Deixou para trás o cicerone ruminando algo ininteligível sobre os seus mortos e entrou no edifício, levando a bagagem. A porta era larga, de boa casa burguesa. Do teto, pendiam dois candeeiros brilhantes. Ao fundo, começava uma grande escada; no meio, um elevador. À direita, um cubículo envidraçado, naquele momento vazio. Uma placa anunciava o seu destino: portaria.

Bateu com os nós dos dedos e ninguém respondeu. Depois, encontrou uma campainha, tocou e também não obteve resposta. Enfiou então a cabeça e descobriu um quarto simples. No epicentro, uma mesa redonda coberta com uma toalha de croché e com quatro cadeiras à volta. Olá, disse em voz alta. Olá, olá, repetiu ainda mais alto. Ninguém apareceu. Convencido

finalmente de que ali não existia qualquer presença humana, optou por empurrar a bagagem para o compartimento e ir-se embora. Não estava disposto a perder um único minuto daquela primeira manhã.

Começou a andar sem rumo, absorvendo mais uma vez tudo com os cinco sentidos. A cada passo, tentava decifrar anúncios e vozes, enquanto desfrutava o aroma de estabelecimentos que nem sequer adivinhava o que ofereciam à clientela. Salgados e conservas em vinagre, capelistas, casas de churros. Até que tropeçou num quiosque que lhe desviou a atenção para os cabeçalhos que esmiuçavam os acontecimentos do país. Leu as primeiras páginas e escolheu alguns exemplares quase ao acaso, esperando encontrar neles radiografias da terra acabada de pisar. *Ya, Pueblo* e *Abc*, porque o vendedor lhe garantiu que eram os que mais se vendiam. Acrescentou depois *El Caso*, que prometia pormenores suculentos sobre os quatro assassinatos perpetrados naquele verão por um criminoso apelidado Jarabo. E uma revista a cores que, paradoxalmente, se chamava *Blanco y Negro* e que mostrava um rapazinho enfezado e moreno, apresentado como Joselito, o pequeno rouxinol. No último momento, sentiu encostados às pernas dois miúdos que mal lhe chegavam à cintura. Observavam arrebatados as publicações infantis, enquanto um deles coçava afincadamente a cabeça e o outro escarafunchava, com um dedo, as profundezas do nariz. Pediu três exemplares. *Tio vivo serve-lhe, meu caro senhor?* Ofereceu dois aos garotos e acrescentou o seu ao maço de publicações.

Depois de pagar com uma nota de cem pesetas e receber por troco meia dúzia de moedas, deduziu que a

vida em Madrid lhe seria surpreendentemente barata. *Tanto melhor*, pensou, enquanto empurrava a porta do estabelecimento vizinho. Mais coisas poderia fazer, mais recantos visitar, mais livros comprar. Mas pensaria nisso mais tarde. De momento, a sua prioridade era averiguar com o que ia encher o estômago faminto às onze e meia da manhã, numa taberna que anunciava a letras vermelhas a sua especialidade: *bocadillos* e *raciones* variadas. Desdobrou em cima da mesa os jornais que comprara, enquanto saboreava às cegas o que o empregado lhe serviu, perante a sua incapacidade para decifrar a ardósia com as especialidades da casa: metade de um pão recheado de calamares fritos e um copo de vinho branco, um pouco turvo, servido diretamente do barril. Devorou os jornais em simultâneo com a comida e assim se inteirou, entre dentadas, de que o barco de Franco se chamava Azor e, graças a ele, aprendeu o significado do verbo *fondear* e a localização, no mapa, do porto de Vigo. Soube também que um toureiro conhecido por el Litri voltaria às praças na temporada seguinte. Que, à hora do fecho da edição, um ferroviário, de nome Emiliano Bermejo Salcedilla, fora colhido por uma locomotiva na estação do Norte.

Eram já quase duas horas quando regressou ao destino inicial. Pela porta ainda entreaberta da casa da portaria, ouvia-se, por fim, ruído e agitação. Um cantarolar, uma torneira aberta. O grito de *já vou, já vou, já vou* ao ouvir a campainha. Passos pequenos que cada vez se aproximavam mais.

– Virgem santíssima, mas que belo rapaz me saiu, menino Daniel! – foi o cumprimento da mulher gorducha que chegou apressada à porta, limpando as

mãos a um trapo.

Não pôde evitar uma gargalhada face ao cumprimento. Logo a seguir, a pedido dela, dobrou-se quase em ângulo reto para que a porteira pudesse espetar-lhe nas faces um par de beijos sonoros, como ventosas. Havia mês e meio que ela andava a reservá-los, desde que recebera a carta de Andrés Fontana que lhe anunciava a chegada do jovem americano.

– Entre já, meu filho, entre já, que tenho o cozido pronto no lume. Vejam bem, fui à drogaria logo no preciso momento em que chegou!

Daniel quis dizer-lhe que já tinha comido qualquer coisa antes, que não se preocupasse com ele, que talvez fosse melhor deitar-se um bocado. Mas perdeu a batalha antes de a iniciar e não teve outro remédio senão sentar-se à mesa, já posta, e pôr o guardanapo aos quadrados no peitilho, tal como ela lhe indicou. Quem diria que aquele cozido, o primeiro dos muitos que comeria ao longo da vida, com as suas sopas, o seu grão e o seu conduto – como tantas coisas a partir daquele dia, como tantos outros dias nos meses que haveriam de chegar –, lhe saberia a algo impossível de definir. Nem sequer com o dicionário bilingue que trazia na mala.

Outra coisa muito diferente foi o dormir. O país que o acolhia já não tinha senhas de racionamento nem Auxílio Social para os necessitados. Começara a quebrar a sua orgulhosa autossuficiência, reconciliando-se com o Vaticano e com o governo dos Estados Unidos, e elevara ao poder da política económica uma equipa de tecnocratas que, ainda que com mais capacidades e conhecimentos que os antecessores, tinha o mesmo interesse que estes em democratizar o país. Ou seja,

nenhum. Aquela atrofia parecia infiltrar-se também em algumas outras esferas da vida. Na estatura média dos espanhóis, por exemplo, que pouco superava o metro e setenta nos homens e alguns centímetros menos nas mulheres. E nos móveis e utensílios domésticos, adaptados ainda a esse tamanho, como a cama insuficiente que esperava Daniel no quarto que fora dos filhos da porteira, quando jovens.

– Ai, bendito seja Deus! Em que cama o vou meter, com esse tamanho?

Começava a levantar a mesa: para sua grande satisfação, o americano repetira o cozido, devorara meia travessa de arroz e rematara a refeição com quase uma cafeteira de barro cheia de café. Quando a viu começar a empilhar os pratos, levantou-se disposto a ajudá-la.

– Nem pensar, meu filho, nem pensar! – protestou, enérgica, a porteira. – Vá metendo as malas no quarto, que daqui a um instante já lá vou.

A cama, com efeito, era nitidamente pequena. Mas faltava verificar até que ponto.

– Estenda-se, criatura, estenda-se...

A muito custo conseguiram conter o riso. As pernas de Daniel sobressaíam dos pés da cama a partir da meia canela.

– O Mauricio, o carpinteiro, arranja-nos isto, vai ver que sim – disse, dando-lhe palmadinhas no braço para o tranquilizar. – Quanto mede, menino Daniel? Para eu lhe dizer a ele, a ver o que pode fazer.

– Seis pés e duas polegadas – respondeu, de maneira automática.

– E quanto é isso em cristão, pode saber-se?

– Perdão?

– Em metros, filho, quanto mede em metros?

– Pois... pois, não sei.

– Isso resolve-se enquanto o diabo esfrega um olho – murmurou entre dentes, enquanto saía do quarto para ir buscar a caixa de costura. Passados alguns segundos estava de volta. – Vamos ver, encoste-se a esta parede – pediu, desenrolando a fita métrica. Daniel obedeceu divertido. – Espere, que não chego – disse, puxando a única cadeira do quarto. A senhora Antonia subiu para a cadeira sem pensar duas vezes. – Vamos ver, levante a cabeça, não se mexa, já está. Um metro e oitenta e oito, já sabe a sua altura para o caso de o mandarem cumprir o serviço militar, que Deus não o permita.

Daniel não conseguia perceber o sentido de uma grande porção de palavras e frases da viúva, mas, como para os sentimentos não existem línguas, compreendeu o afeto que emanava e a sua mais que generosa disposição. Entre ambos, porteira e americano, viúva e recém-chegado, assimétricos em tudo e, não obstante, harmonizados como o ponto no i, resolveram o problema noturno com um pouco de engenho e a ajuda combinada do carpinteiro do bairro e de um vizinho colchoeiro. O primeiro montou uma extensão da cama com algumas tábuas; o segundo fez um colchão à medida do apêndice. E a senhora Antonia coseu um pedaço de tecido de algodão aos lençóis. Perfeito, afirmou Daniel quando ficou tudo pronto. *Niquelao*¹¹, foi o adjetivo que ela escolheu para gabar o resultado do remendo. Depressa começou a fazer parte do caderno de vocabulário em que ele registava o seu contínuo caudal de aquisições.

O assunto da cama poderia ter-lhe servido de desculpa para procurar, após os primeiros dias de

estada, novo alojamento. Após alguns dias de adaptação a Madrid na humilde casa da portaria, talvez devesse ter-se aventurado a encontrar um abrigo um pouco maior. Uma boa pensão para rapazes da província, uma residencial central e luminosa, talvez um lugar na mítica Residência de Estudantes. Mas preferiu não se mudar: continuar a dormir num quarto escuro, aberto para um pátio em que havia sempre roupa estendida e cheiro a lixívia, alumiar-se com a luz fraca de uma lâmpada nua, sentar-se a ler numa cadeira de tábua, face à ausência de um bom cadeirão. Nada disso parecia importar-lhe, nada o incomodava. Antes pelo contrário, estava bem. Sentia-o como essencialmente autêntico. A realidade na sua essência mais pura, o sal da vida.

Na sua vontade de não se mudar talvez existisse também um traço involuntário de intenção conservadora, o desejo inconsciente e um tanto romântico de perpetuar aquilo que fora bruscamente interrompido mais de duas décadas atrás. Em casa da senhora Antonia – noutra portaria da Calle Princesa, antes de se mudarem para a Luisa Fernanda, antes de ela enviuvar e de os filhos crescerem e partirem do seu lado – também vivera o professor Andrés Fontana nos anos de estudante. Fora ele próprio quem oferecera a Daniel aquele alojamento como opção inicial para os primeiros dias em Espanha, quem escrevera de Pittsburgh à porteira e lhe recomendara a acolhida do seu aluno americano à razão de duzentas pesetas semanais. Se Fontana, com a sua firmeza, residira em condições ainda mais adversas e na mesma companhia, porque não haveria Daniel Carter de o fazer? *Va por usted, maestro*¹², teria dito o americano se então

soubesse que tal expressão existia. Pena que só a viesse a aprender quando chegou a feira de Santo Isidro, uns meses depois.

Houve, definitivamente, uma série de razões práticas e convincentes que, somadas a outras, o fizeram ter poucas dúvidas. Os cozinhados cheios de substância, servidos com pão para molhar, o café de cafeteira com que abria os olhos de manhã, as camisas lavadas à mão e passadas a ferro com primor e goma. As historietas da senhora Antonia e a sua memória intacta do passado que, em sessões contínuas de mesa de camilha, o ajudariam a ir descobrindo a substância da terra que pisava. O manancial de fala popular que ouvia diariamente, o borbotar constante de gírias e anedotas que começara a anotar em grande número no caderno que, a partir de então, decidira trazer sempre no bolso.

E, talvez sem se aperceber, por outra razão que, superior a todas as outras, se impunha impercetível, impalpável, inatingível. Algo que percebera desde o momento em que atravessara a porta da casa e se confrontara com a toalha de croché e o retrato esbatido de um casamento de aldeia a que já faltava metade. O cheiro da comida ao lume, a estampa emoldurada do Sagrado Coração, o almanaque de mulheres morenas com chapéus cordoveses e olhos tristes, e o rádio permanentemente ligado, às vezes quase inaudível, divertido de vez em quando, com concursos, novelas e canções populares. A calidez. A ternura. O ver-se de repente aconchegado. O facto de alguém, depois de tanto tempo órfão de afetos, se preocupar com ele após o desamparo em que esbracejava desde que anunciara em voz alta que o seu futuro nunca passaria por

escritórios, tribunais ou hospitais.

9 Marca espanhola de cigarros. (N. do T.)

10 Teatro Rialto, um espaço cénico clássico de Madrid, na Gran Vía. (N. do T.)

11 Gíria para catita, perfeito, melhor é impossível. (N. do T.)

12 Expressão usada pelos toureiros quando brindam uma faena a alguém. (N. do T.)

Capítulo 14

Mas a vida doméstica não foi tudo, qual quê! Voltou-se também, desde o princípio, para a rua. A rua, no seu sentido mais genérico: o ar, vagueando por aí, por essa Madrid que se abria diante dos seus olhos, oferecendo-lhe surpresas em cada recanto. Investiu os dias iniciais naquele vagabundear errático, passeando pelos bairros castiços, palmilhando passeios, praças, parques, entrando e saindo de igrejas e tabernas, espreitando adegas, lojas, escolas e armazéns, e mostrando repetidamente a documentação de cada vez que um obstinado zelador da ordem e da segurança nacionais se punha à sua frente com cara de maus fígados, na mais insuspeita esquina.

Uma vez saciada essa primeira sede, essa necessidade quase orgânica de ver, ouvir, apalpar e cheirar, decidiu, por fim, dar um destino aos seus passos e uma finalidade ao seu percurso. O objetivo foi uma zona no oeste de Madrid, vizinha do seu bairro de Argüelles. Uma zona onde, apesar de constituir a justificação formal da sua estada, ainda não tinha posto os pés.

Aí, na Cidade Universitária, esperava-o a Faculdade de Filosofia e Letras: recém-estreada, acolhera Andrés Fontana e, duas décadas e alguns anos depois, haveria

de acolher também o seu estudante americano numa manhã com nuvens de princípios de outubro. Entre os dois momentos, passara por ela uma guerra, uma minuciosa limpeza de professores e estudantes indesejáveis, e uma reconstrução a todos os níveis que alteraria radicalmente a essência da instituição.

Minutos antes de partir para lá, a viúva aproximou-se com uma caçarola na mão. Trazia a asa envolvida num trapo, para não se queimar, acabara de esfregar de joelhos, lance por lance, a escada e dispunha-se a servir-lhe o pequeno-almoço. A via-sacra das portarias, após a morte do marido, arrastando os filhos quase sem nada para lhes meter na boca, e a luta constante para os criar acabariam por fortalecê-la. De tanto esconder as lágrimas para que eles não notassem a sua dor, de tanto carregar o carvão para as caldeiras, descer o lixo e engolir desgostos, transformara-se numa mulher resoluta, sem lugar para a palavra «desalento» no seu corpo compacto e atarracado.

– E onde vamos hoje tão elegantes, meu filho? – perguntou, enquanto lhe deitava leite quente no café.

Reparara na gravata de Daniel, cheia de riscas e cores, tão diferentes das sóbrias e escuras do vulgar espanhol. Era a primeira vez que o via de gravata desde que chegara.

– Parece-me que é tempo de me pôr a trabalhar – respondeu ele, enquanto molhava na chávena as *porras*¹³ recém-trazidas do quiosque de churros.

– Então, já se acabou a boa vida?

Com mais duas dentadas, deu conta da *porra* inteira. Depois, respondeu:

– Ou talvez comece agora, vamos ver...

Aproveitou o caminho para refletir uma vez mais

sobre a maneira como ia apresentar o projeto que a comissão Fulbright, por fim, financiara generosamente. Fontana e ele haviam falado longamente. Por vezes, enquanto, entre duas aulas, percorriam os corredores neogóticos da Cathedral of Learning, carregados de livros, avançando com passo apressado entre estudantes à procura das salas. Por vezes, enquanto caminhavam pelas ruas do campus de Pitt. Numa ou outra ocasião, até enquanto bebiam cerveja no fim das aulas, em dias já longos e amenos da última primavera, quando a relação entre ambos se consolidara o suficiente para prolongarem a conversa para lá das horas letivas. Prudência, rapaz, prudência, costumava repetir Fontana. Prudência e boa cabeça.

– Porque insiste tanto na prudência, professor?

– Porque poucos gostam de Sender, e não nos convém levantar qualquer suspeita.

Fontana sabia bem o que dizia. O aragonês Ramón S. Sender constituía, efetivamente, naqueles anos de finais da década de cinquenta, uma figura com um cariz muito particular entre os escritores espanhóis exilados após a guerra civil. Escritor e jornalista prolífico já antes da contenda, a sua biografia de homem de armas e letras no lado republicano estava, no entanto, repleta de turbulências. Dissidente do Partido Comunista, acusado pelos líderes de obscuros episódios de cobardia e traição, submetido depois a uma longa operação de desprestígio, excluído sem contemplações dos círculos de solidariedade expatriada.

Ele próprio rebatera sempre as acusações, apesar de reconhecer, sem rodeios, episódios de indisciplina e até de irresponsabilidade no exercício das suas funções militares durante a guerra. Mas aí, onde o Partido

Comunista vira deslealdade e vileza, Sender e os seus escassos defensores apontavam uma simples desconformidade face à política e conduta militar das hierarquias do partido: uma forma pessoal de rebelião perante a autoridade arbitrária e uma heroica defesa da sua integridade como indivíduo. Em qualquer caso, a realidade era que o escritor, fiel ao seu compromisso político, se exilara como tantos outros. Não obstante, longe de figurar como mais um entre a maioria, fora tratado em numerosas ocasiões como um inimigo, como incómodo companheiro de viagem na longa travessia da diáspora.

Manteve-se, contudo, fiel à sua posição. Com a família destroçada para sempre – a mulher fora fuzilada no cemitério de Zamora e os filhos acolhidos por uma milionária norte-americana –, após estadas em França e no México, acabou por fixar-se nos Estados Unidos, onde continuou a escrever e a dar aulas, onde voltou a casar. E onde fez novos amigos. Muitos americanos e um ou outro espanhol. Entre eles, Andrés Fontana.

O eco daquelas conversas foi voltando à mente de Daniel à medida que avançava pela Cidade Universitária em busca do seu destino. Uma vez na faculdade, um contínuo, uniformizado com galões de coronel, deu-lhe as indicações necessárias.

– Doutor don Domingo Cabeza de Vaca y Ramírez de Arellano, gabinete 19, no fundo do corredor à direita.

Percorreu os corredores com atitude reverencial, escutando apenas o ruído dos seus próprios passos sobre o chão brilhante. Eram nove e meia da manhã, as aulas tinham começado e, fora das salas, não se via valmalha. Bateu por fim à porta do gabinete indicado.

Uma voz timbrada disse *entre*. Entrou.

Nem procurando de propósito encontraria um gabinete e um homem tão diferentes do que esperava. Cabeza de Vaca fora colega de Fontana nos anos de estudantes anteriores à guerra e Daniel, ingenuamente, previra encontrar naquela primeira visita uma certa coincidência com o habitat e a pessoa do seu professor. Alguma leve parecença, qualquer pequena semelhança. Mas nem sombra.

Asseio, firmeza, esmero. Três conceitos novos para apontar no caderno de vocabulário. Três características aplicáveis tanto ao indivíduo que encontrou como ao seu ambiente. Uma enorme mesa de nogueira com pés torneados, um conjunto de canetas e tinteiro de prata, calendário de secretária e um crucifixo de marfim. Uma estante com um livro antigo, aberto, cortinados de veludo verde-escuro, um escudo heráldico de esmalte, a estante envidraçada cheia de volumes encadernados a pele. Atrás da secretária, um homem magro e de aparência requintada. Pele branca, fato impecável e cabelo grisalho penteado para trás. Botões de punho, alfinete de gravata de ouro. Não se levantou para o cumprimentar, apenas lhe estendeu a mão por cima da mesa. Uma mão leve, delgada e, contudo, não isenta de uma certa energia.

– Muito gosto em conhecê-lo, senhor Carter. Sente-se, por favor.

Obedeceu, consciente da sua dissonância em relação àquele gabinete e àquela presença. Com dissimulação precipitada, ajustou o nó da gravata, recompôs as lapelas do casaco e ajeitou o cabelo que tendia, desobediente, a cair-lhe para a cara. O seu físico pareceu-lhe de repente excessivamente intenso, a

indumentária exageradamente viva.

– É uma honra que o meu estimado colega Andrés Fontana tenha depositado confiança em mim para me recomendar a sua tutoria. Uma grande honra.

A voz de Cabeza de Vaca era modulada, o seu afeto pelo professor de Pittsburgh parecia autêntico.

– Fontanita, Fontanita... – murmurou como que para si. – Que bem que as coisas te correram, afinal, meu safado... estou tão satisfeito, como... Bem, senhor Carter – continuou, mudando de tom –, então o senhor está interessado em especializar-se na nossa narrativa contemporânea.

– Assim é, professor.

– Excelente, jovem, excelente. Um magnífico objetivo académico. Uma ideia formidável.

Daniel não precisou ser um perfeito bilingue para subentender que ambos os adjetivos, magnífico e formidável, foram pronunciados com uma ponta de algo parecido com ironia.

– E teria a amabilidade de me expor, de maneira resumida, a razão subjacente a tal escolha?

Demorou sete minutos e meio a expor os seus argumentos, tinha já preparada a intervenção. A grande literatura espanhola e os seus nobres autores, a força da sua prosa, a tradição e a herança. A leal representação do espírito de um povo. Um intenso blá-blá-blá formulado em bom espanhol, com marcado sotaque estrangeiro, em que não tiveram lugar adjetivos como silenciado, proscrito ou discrepante. Nem muito menos o nome de Ramón J. Sender.

Cabeza de Vaca escutou-o com a calma de uma estátua de mármore e uma caneta de prata entre os dedos.

– E, a respeito da sua metodologia de trabalho, poderia, por favor, adiantar alguma coisa?

Acompanhamento próximo, rigor documental, interpretações corretas. Cinco minutos longos cheios de acrobacias verbais para evitar dizer, abertamente, que o seu trabalho em Espanha pretendia centrar-se, de maneira prioritária, no percurso dos cenários por onde decorriam a vida e os romances de um escritor exilado.

– Pelo que entendo, não está disposto a encerrar-se durante muito tempo entre as paredes das salas de aula e das bibliotecas.

Esforçou-se para que não se notasse que aquela atitude um pouco incisiva do professor começava a deixá-lo nervoso.

– Bem, a verdade é que a minha intenção primordial é procurar influências, pontos de partida, fontes e evocações.

– Influências.

– Perdão?

– Diz-se influências, não influencias. Continue, por favor.

– Influências, desculpe. Quero dizer... Queria dizer... que o que pretendo é percorrer os trilhos vitais dos autores para assim compreender melhor a sua produção posterior.

A frase saiu-lhe categórica, pois tinha-a bem estudada. Não obstante, a sua satisfação foi passageira.

– Palmilhar os mesmos caminhos, sentir o palpitar das paragens, esventrar as entranhas geofísicas e transportá-las para a sua tarefa intelectual. É isso que pretende?

Havia muitos anos que Daniel não notava aquela sensação: um calor excessivo no rosto e a certeza de

que começava a corar.

- Creio que não o estou a entender, professor.
- O que é que não entende?
- Quase tudo.
- Palmilhar? Caminho? Palpitar? Paragem?

Esventrar? Entranhas?

– Todas essas palavras, professor. Não conheço o seu significado.

– Aprendê-lo-á na devida altura, meu rapaz. Prossigamos, então. Diga-me agora, tem em mente algum autor em particular?

Fontana, antes de pedir a Cabeza de Vaca que aceitasse ser seu tutor, ponderara várias opções e considerara uma série de colegas de estudos que agora faziam parte do corpo docente da sua antiga faculdade. Através de contactos com colegas de outras universidades americanas, obteve informações sobre as suas carreiras e estatutos, sobre o grau de adesão ao regime e nível de implicação com as autoridades. Não queria que o seu aluno arranjasse problemas numa Espanha pejada de controlos e pareceres: procurava alguém que o acolhesse oficialmente dentro da instituição, que assinasse os documentos necessários e o deixasse funcionar à vontade. Alguém que se preocupasse o mínimo imprescindível com aquele estrangeiro deslocado. Um mero vínculo administrativo, um simples trâmite oficial. Nada mais. Das diretrizes académicas que dariam corpo à futura tese, no regresso à pátria, encarregar-se-ia ele.

Decidiu-se, por fim, por Domingo Cabeza de Vaca, apesar de o campo de especialização do seu antigo colega estar a léguas de distância da narrativa contemporânea e, ainda mais, dos escritores

desterrados por causa da guerra. Sabendo de antemão que ele pertencia aos vencedores e que, no seu mundo, não existia nem sombra de uma remota vinculação com aqueles que durante três cruéis anos estiveram do outro lado, intuiu que poderia confiar nele. Esperava que o colega, abstraído num universo de manuscritos de sete séculos atrás, aceitasse uma cooperação burocraticamente correta, mas totalmente distante. Porém, afinal, aquilo não servia a Cabeza de Vaca, que queria mais.

Perante a pergunta recém-formulada sobre o seu interesse particular nalgum autor em especial, Daniel sabia que não podia mentir. Estava consciente de que não lhe convinha falar sem reservas sobre Sender, de que mais valia continuar a agarrar-se a uma noção genérica e abstrata de narradores. Mas Fontana e ele haviam tido remotamente este cenário em conta, seria perigoso insistir no engano.

– Tenho de reconhecer que há um autor que me interessa particularmente, se bem que, em geral, todos sejam dignos de...

Cabeza de Vaca ergueu uma sobrancelha, não precisou de perguntar. Daniel soube que não tinha escapatória.

– Ramón J. Sender, professor.

– Francamente interessante... ou seja, o que pretende é seguir os passos de Sender em Espanha para depois investigar a sua produção.

– É mais ou menos isso – confirmou, num tom de voz um pouco mais baixo do que o normal.

– Então, e corrija-me se estou enganado, não prevê, durante a sua estada, aproximar-se da prosa do autor?

Agitou-se na cadeira, cruzou as pernas e,

automaticamente, voltou a descruzá-las. Aquilo estava a ir mais longe do que Fontana e ele haviam previsto em Pitt.

– Não me é possível, senhor.

– Poder-me-ia explicar a razão?

De novo mudou de posição, voltou a ajeitar o nó da gravata que já o sufocava.

– É difícil encontrar os seus livros em Espanha – reconheceu, por fim.

– Difícil?

– Diria até que... impossível.

– Por algum problema em concreto?

Pigarreou.

– Censorship – disse, em voz baixa.

Engoliu em seco.

– A censura. Os livros de Ramón J. Sender estão proibidos.

– E pensa que é correto?

Sentiu a boca seca. No entanto, a cabeça fervia.

– Considera-o correto ou não, senhor Carter? – repetiu o professor perante o seu silêncio.

Sabia o que estava em jogo. Poderia ser o fim de tudo: da sua estada em Espanha, da sua bolsa, da sua incipiente carreira profissional. Porém, arriscou. Não lhe restava outra saída.

– Não, professor. Creio que não é correto.

– Porquê?

– Porque creio que as vozes não se devem calar¹⁴.

– *Acallar*.

– Perdão?

– *Callar*, verbo intransitivo, é parar de falar. *Acallar*, verbo transitivo, é fazer calar. Uma leve variante diferenciadora. Não estamos aqui a falar de decisões

próprias, mas sim de imposições externas. É ou não é verdade?

– Sim, professor – sussurrou.

Não quis deixar transparecer que, para ele, as variantes linguísticas, naquele momento, eram exatamente o mesmo, que o que na verdade lhe interessava era não ser corrido dali a pontapés.

A reação do professor tardou uns segundos e, entretanto, enquanto os dois sustinham o olhar, pela mente de Daniel passaram, numa sequência precipitada, os piores prognósticos que o seu buliçoso otimismo poderia imaginar. Fontana enganara-se: confiar naquele seu colega fora uma escolha espinhosa, não tinham contado com a sua aleivosia. A decisão de trabalhar na obra de Sender seria condenada à morte antes de começar e assim acabaria o seu primeiro grande projeto acadêmico. A comissão Fulbright seria informada da inadequação do seu trabalho, retirar-lhe-iam a bolsa, em breve teria de regressar a Pittsburgh. Adeus Madrid, adeus ao sonho de percorrer Espanha. Talvez devesse ter ligado aos pais e recuado no seu absurdo empenho em se especializar numa literatura estrangeira. Talvez o seu destino profissional estivesse nas escolas de leis. Ou nas urgências de um hospital. Ou na fábrica da Heinz, carregando camiões de ketchup e feijão até os ossos não poderem mais.

– Muito bem, Senhor Carter, muito bem... – disse, por fim, o professor, esboçando ao canto da boca um leve sorriso brincalhão. – Apesar do mau bocado por que o fiz passar, não há dúvida de que acabará por ser um bom hispanista quando consolidar o domínio da língua e avançar com as suas investigações. De momento, parece bem encaminhado, com opiniões

firmes e evidente determinação.

Daniel esteve a ponto de soltar uma exclamação de alívio, quase a descontrair-se e a desatar a rir. Porque se sentia a salvo.

– Mas tem ainda um duro caminho pela frente – acrescentou Cabeza de Vaca. – E, para isso, como primeiro passo e antes de embarcar na sua missão, teremos de cumprir algumas formalidades.

Sentiu de novo uma certa perturbação, mas estava certo de que o pior havia passado. O professor, entretanto, continuava a elaborar o seu ponderado discurso.

– Para preencher todos os requisitos académicos, vamos matriculá-lo em duas cadeiras. Uma será Paleografia Visigótica, com especial atenção ao *Comentário ao Apocalipse* de Beato de Liébana. Leciona-a às segundas, terças e quartas, às oito da manhã. A outra, Análise Comparativa das Glosas Silences e Emilianenses. Quintas e sextas, das sete e meia às nove da noite.

No espanhol ainda meio cru do jovem americano, começaram a acumular-se as palavras necessárias para elaborar um pretexto que o eximisse de frequentar cadeiras tão disparatadamente estranhas aos seus interesses.

– Desculpe, professor... eu, bom, a minha intenção...

– Ficaré dispensado de assistir às aulas de ambas as cadeiras, embora deva obter nelas a classificação de excelente, se o tiver aqui de volta no mês que vem e me contar como lhe têm corrido as coisas lá pelo Alto Aragão.

O rosto de Daniel deve ter refletido algo parecido

com a estupefação. Cabeza de Vaca, quebrando a sua frieza até então requintada, soltou uma sonora gargalhada.

– As suas palavras foram convincentes, como o são também as cartas de recomendação que me chegaram da Universidade de Pittsburgh e o relatório da Fundação Fulbright. Apesar de eu, naturalmente, não estar disposto a receber um aluno do meu caro Andrés Fontana sem antes reatar com ele o contacto perdido. Não porque desconfiasse, entenda: aceitaria qualquer pedido seu, sem a mínima dúvida. Mas não queria perder a oportunidade de voltar a ter notícias do meu velho companheiro e saber o que foi feito dele ao longo de todos estes anos.

Então, já tinha falado com Fontana. Então, Cabeza de Vaca estava a par das suas intenções e da vida do colega nas últimas décadas. Então, estava só a pô-lo à prova. O alívio foi tão grande que quase teve vontade de chorar.

No entanto, à mistura com o alívio, Daniel depressa teve consciência de que nem ele sabia grande coisa do passado do seu professor. As conversas entre ambos centravam-se, quase sempre, no presente e, sobretudo, no futuro: planos e projetos, programas a cumprir, objetivos a atingir. O que conhecia do passado de Fontana circunscrevia-se apenas às aulas e às leituras, ao passado histórico e literário que envolvia a sua pátria. Praticamente, nada mais.

– Foi emocionante, acredite. Nunca mais soube do seu paradeiro desde que ambos concluímos o curso em 35. Sabia que tinha intenção de passar um ano como leitor numa universidade norte-americana, mas desconhecia se tinha ou não voltado, se combatera na

guerra, se o mataram ou se sobreviveu.

– Nunca regressou – adiantou Daniel.

– Eu sei, eu sei. Agora, já sei tudo. Já averigui o que acabaram por forjar o afinco e a resolução daquele filho de um mineiro, que nunca se sentiu incomodado pelos meninos finos que, nesses tempos, pululavam por aqui. Sempre admirei isso nele: a confiança em si próprio, a sua capacidade de não desanimar, de se adaptar a tudo, sem nunca perder a perspetiva de quem era e de onde vinha. Foi uma enorme alegria retomar o contacto com ele. E enviou-me uma mensagem para si. Tome-a, transcrita letra por letra.

Estendeu-lhe uma folha dobrada. Lá dentro, havia breves monossílabos na sua própria língua.

– Let him do his way – leu para si. Deixe-o fazer à sua maneira, aconselhava-lhe o mestre.

– Contrariamente ao que a princípio tramaram os dois, comprometi-me com Andrés Fontana não só a atuar como supervisor nominal para cumprir os requisitos formais da sua bolsa, senhor Carter, como também a ajudá-lo verdadeiramente em tudo o que estiver ao meu alcance.

– Agradeço, professor.

Pretendia parecer sincero, mas sentia-se confuso, incapaz de vislumbrar se aquela reação do professor iria ser positiva para as suas intenções ou se se tornaria num peso difícil de arrastar.

Cabeza de Vaca continuou a falar como se não tivesse ouvido.

– O seu projeto, ao invés do que inicialmente pensavam, no fundo, agrada-me. Ou, para ser mais preciso, vou esforçar-me para que me agrade. Compreenderá em seguida porquê.

Inclinou-se, então, para o lado e agarrou qualquer coisa escondida da vista, atrás da pesada mesa que nos separava. Uma muleta, que o professor ajustou com destreza debaixo do braço direito, ao mesmo tempo que fazia um esforço enérgico para se pôr de pé. Só então Daniel pôde aperceber-se da diminuição daquele corpo.

– A guerra levou-me a noiva, dois irmãos e uma perna. É preciso ser muito forte para superar uma coisa assim e olhar o futuro sem angústias. E eu não o fui. Faltou-me a coragem e, por isso, refugiei-me no passado. Retrocedi à época medieval – disse, afundando-se de novo na cadeira e atirando a muleta para o chão. O ruído sonoro da madeira a cair sobre os mosaicos não pareceu alterá-lo. – Entre os códices, as crónicas e as cantigas, encontrei o sossego que a memória e os pesadelos me roubavam. Fiz deles mais do que a minha profissão de medievalista: converti-os numa guarida onde me refugiei ao longo dos anos.

– Entendo... – murmurou Daniel, sem ser totalmente sincero. Julgava compreender, mas não estava seguro de assimilar a exata densidade do que estava a ouvir.

– Mas não creio que a minha posição seja a mais sensata, nada que se pareça. E, por isso, creio que devo fazer um esforço para compreender e ajudar quem se empenha em seguir em frente. Tenho pensado muito sobre isto desde que reatei o contacto com Fontana, sabe? E apesar de nunca ter imaginado que me veria a defender esta posição, cheguei à conclusão de que este país iria por mau caminho, se todos os intelectuais se escondessem, como eu, numa caverna pretérita, ausentes e alheios, surdos, cegos e mudos ao presente que nos rodeia.

– Entendo... – voltou a murmurar. No fundo,

continuava sem compreender.

– A minha vida decorre, voltando um olhar reflexivo para o passado, mas creio ser também necessário que as nossas letras continuem a alimentar-se, que deixemos avançar a nossa cultura por todas as vias em direção ao futuro. E nessas vias, agrade-nos ou não, estão as vozes de todos os que sobreviveram à atrocidade da guerra: os que ficaram e os que se foram. Os que continuam aqui e os desterrados.

– Refere-se aos exilados como Sender, professor? – perguntou Daniel, duvidoso.

– Exatamente. Os únicos silenciados para sempre são os mortos. Os restantes, mesmo à distância, continuam a ser filhos desta pátria, mantêm viva a sua memória e enobrecem a nossa língua com a sua palavra. Ignorá-los e perpetuar a cisão dolorosa que separa os de fora dos de dentro só contribuirá para deformar ainda mais o desenvolvimento intelectual do nosso país.

– É assim que o doutor Fontana pensa, professor – aventurou-se a dizer.

– E creio que assim é que deveríamos todos pensar. Considerar os que não podem ou não querem voltar como parte essencial da nossa cultura é, quer queiramos quer não, uma responsabilidade moral. Assim sendo, conte comigo para recuperar o seu escritor, meu amigo, e também para o ajudar a compreender este país e para tudo o que necessitar. Deduzo que não será muito o que possa fazer por si, mas, vá em frente. Apenas lhe exijo, em troca, que me informe periodicamente sobre os seus avanços.

– Assim farei, muito obrigado, professor – apenas conseguiu replicar. Demasiada informação, demasiada emoção contida para a conseguir digerir de rompante.

– Estarei à sua espera – concluiu Cabeza de Vaca, estendendo-lhe a mão sem se levantar. – Despede-se de si um Heroico Requeté y Caballero Mutilado por la Santa Causa de Dios, La Patria y Los Fueros¹⁵. Um crédulo que não teve a sorte do seu mentor, que foi na história da grande cruzada e não soube sair dela no devido momento.

Daniel apertou-lhe a mão com força, transmitindo assim uma mistura de admiração e perturbação.

– Voltarei dentro de um mês, professor, prometo.

– Assim espero. E, mais uma coisa, antes de se ir embora... Provavelmente não conhece o filme *Bienvenido, Mr. Marshall*, certo?

– Não o conheço, não...

– Estreou há uns anos, em 53, se não me engano. É divertido e amargo, ao mesmo tempo, e até desolador. Veja-o, se tiver oportunidade, e reflita depois. Tente não fazer o mesmo que os seus compatriotas no filme. Respeite este povo, rapaz. Não passe por nós sem parar para entender quem somos. Não se fique pela anedota, não nos julgue com simplicidade. Confiamos em si, Daniel Carter. Não nos dececione.

¹³ Fritos semelhantes às nossas farturas. (N. do T.)

¹⁴ Callar no original.

¹⁵ Frase constante na condecoração de um elemento do Requeté (corpo de voluntários que lutou nas guerras civis espanholas dos séculos XIX e XX em defesa da tradição religiosa e monárquica). (N. do T.)

Capítulo 15

O calendário atravessava o outono. Passou o Halloween com as suas bruxas, os seus espantalhos e as suas abóboras. Vieram depois dias chuvosos e, simultaneamente, também o meu ânimo começou a nublar-se.

A causa não estava agora a um continente e a um oceano de distância, mas muito mais perto, gravitando sobre o meu ambiente próximo e o trabalho quotidiano, na embrulhada em que a produção escrita do professor Fontana se ia convertendo com o passar dos dias. Os textos em que trabalhava datavam já dos anos sessenta, alguns datilografados, mas a maioria era ainda manuscrita. Não obstante, o meu problema não radicava na grafia, mas sim no conteúdo: na falta de coerência entre eles, em algumas lacunas e na ausência de nexos. Como se faltassem grandes trechos de informação, como se alguém tivesse arrancado pela raiz pedaços inteiros.

Além disso, como se não bastasse a desconexão, a temática dos mesmos tinha um cariz muito diferente do das décadas anteriores. Os autores espanhóis, a literatura do exílio e tantos outros temas recorrentes pareciam ter sido progressivamente abandonados desde que Fontana se estabelecera na Califórnia em princípios

dos anos sessenta. No local antes ocupado por romancistas, poetas e dramaturgos, encontravam-se agora nomes de exploradores e monges franciscanos, sobre cuja vida e ações eu não fazia a mais remota ideia. O lugar das obras literárias estava agora cheio de antigas crônicas sobre os espanhóis naquele extremo norte da Nova Espanha; onde antes houvera crítica literária encontravam-se agora nomes de presídios e missões. Tornar toda aquela informação mais ou menos coerente transtornava-me toda a semana. Passava os dias fechada no meu gabinete, a esticar as horas, como um elástico, enquanto tentava emparelhar papéis, estabelecer vínculos e conciliar parágrafos daqui e dali. Tinha frequentemente a sensação de montar um puzzle gigante a que faltava um enorme monte de peças.

Acumulei dúvidas até quinta-feira à tarde, quando, por fim, decidi recorrer a quem talvez me tivesse podido ajudar desde o princípio. Antes, fiz uma paragem no gabinete de Rebecca, para que esta me dissesse onde deveria ir.

– Experimente o Selma's Café, junto da praça. Costuma lá ir quase todas as tardes, quando cá está.

Decidi ir, dando o trabalho daquele dia por terminado muito mais cedo do que a hora habitual.

Ao abandonar o Guevara Hall apercebi-me do dia nublado e de alguma agitação nas imediações. Segundo me contaram, uns estudantes, à porta, tomavam fôlego para começar a manifestação contra o projeto de construção do centro comercial que ameaçava a área de Los Pinitos, aquela zona de calma e verdura que conheci no mesmo dia em que descobri o rosto de Andrés Fontana nas fotografias da sala de reuniões. O mesmo por onde ele, segundo soube mais tarde,

costumava passear muitas vezes.

O *Santa Cecilia Chronicle* e o jornal da universidade dedicavam cada vez mais páginas ao assunto: reportagens informativas, artigos de opinião a favor e contra, cartas de leitores que se pronunciavam a respeito... O núcleo duro do contra, pelo que fui sabendo à medida que os dias passavam, gerara-se dentro da universidade e, entre as cabeças visíveis, figurava o meu aluno Joe Super, o professor emérito do departamento de História que trouxera à tona, no primeiro dia de aulas, a epopeia dos franciscanos e as suas missões. Esgrimiam razões de peso: o descalabro ambiental e até um possível uso ilegal daquele solo, não estando totalmente esclarecida a legitimidade da sua posse, conforme me contaram Rebecca e Daniel na ocasião. Não era terreno privado, mas também não era público. As autoridades locais controlavam-no, mas não era propriedade sua. No fim de contas, um imbróglio de interesses à conta do qual se constituíra uma plataforma antiprojeto que, à falta de soluções definitivas, combatia com decisão e vontade de fazer barulho.

Vi que alguns estudantes levavam cartazes, outros megafones. Mais adiante, havia um rapaz com um penteado de rastas que transportava um enorme tambor. A manifestação ainda não começara, mas o movimento já era intenso. Abri caminho por entre um grupo de idosas de cabelo branco de cabeleireiro; uma delas tentou vender-me uma t-shirt cor de laranja, decorada com frases de protesto, e outra entregou-me um autocolante com a palavra NÃO! Pelo caminho, cruzei-me também com automóveis que agitavam bandeirinhas e tocavam as buzinas, demonstrando o seu

apoio.

Consegui atravessar o burburinho e chegar ao meu destino, ziguezagueando por entre os manifestantes; na realidade, não ia muito longe. O meu objetivo era chegar a um café com aspeto de ter aberto algumas décadas atrás, um local por onde passara dezenas de vezes sem nunca ter entrado. Em contrapartida, fi-lo desta vez. E ali o encontrei, junto ao vidro que dava para a rua.

– Vim à tua procura.

– Que honra imensa – disse, levantando-se para me cumprimentar. – Estava a ver-te tentando avançar por entre todos aqueles loucos, mas não imaginava que vinhas ter comigo. Senta-te, conta-me...

Sobre a mesa, em frente ao cadeirão de couro antigo, tinha um computador portátil, alguns livros e um bloco cheio de notas e rabiscos. Não sabia se seria a melhor altura, talvez a minha invasão fosse um pouco abrupta. Não obstante, fora ele quem se oferecera para me dar uma ajuda com Fontana e as suas histórias, na noite em que partilhámos um jantar imprevisto em casa de Rebecca.

– De certeza que não te interrompo, Daniel? – perguntei, enquanto despia a gabardina. – Podemos falar noutra altura, se agora não te convém.

– Claro que me interrompes. E nem sabes como to agradeço a estas horas. Depois de um dia inteiro de trabalho, sabe bem uma interrupção.

O local era confortável, acolhedor; chão e paredes de madeira, cadeirões dispersos e duas mesas de bilhar. Atrás do longo balcão vazio, um empregado limpava parcimoniosamente os copos, enquanto contemplava um jogo de futebol americano num grande ecrã sem

som. Quase inaudíveis, através dos altifalantes, Crosby, Stills, Nash & Young tangiam as suas guitarras e entoavam a lendária *Teach Your Children*.

– A Rebecca disse-me que vens aqui quase todas as tardes – disse, enquanto tentava compor o cabelo após a ventania da caminhada.

– De manhã, costumo trabalhar no meu apartamento e, à tarde, prefiro mudar de cenário, arejar um pouco. Este é um bom lugar, a esta hora não há muita gente. E o café não é mau. Não tem nada a ver com o café com leite de um bar espanhol, claro, mas já é qualquer coisa.

Ergueu a chávena para chamar a atenção do empregado e lhe indicar, sem palavras, que trouxesse outra para mim.

Entre os seus livros, descobri alguns títulos que lera aos soluços durante a infância dos meus filhos. Costumava, então, andar com grandes sacos onde se acumulavam as coisas mais inesperadas: membros da saga Playmobil misturados com maços de Ducados, uma ou duas bananas, esferográficas sem tampa e sanduíches de fiambre meio comidas. E um ou outro livro. Sempre um livro que ia debicando como podia, enquanto David descia num escorrega ou Pablo dava os primeiros pontapés numa bola, enquanto esperava pela nossa vez na sala de espera da pediatra, enquanto os meus filhos começavam a crescer. O tempo foi passando, deixara de fumar, o meu poder de compra melhorou, as crianças esqueceram-se dos bombeiros e dos cowboys, e começaram a exigir consolas de vídeo e liberdade para sair e entrar. E aqueles enormes sacos foram-se convertendo em malas autênticas, de pele, de moda, de verdade. No entanto, não consegui que

deixassem de ser grandes e de levar, quase sempre, um romance lá dentro.

O empregado aproximou-se com a minha chávena e uma cafeteira de vidro na mão. Serviu-o também.

– Ando entre os narradores espanhóis do fim do século; os últimos vinte e cinco anos das vossas letras. Os que já vinham de trás e os que surgiram, então. No entanto, suponho que não vieste ter comigo para conversarmos sobre toda esta tribo que certamente conheces tão bem como eu.

– Na verdade, não – disse, enquanto abria um pacote de açúcar. – Queria falar contigo de outra coisa.

Olhou-me com olhos de quem leu e viveu muito antes daquela tarde cinzenta.

– Do Andrés Fontana, suponho eu.

– Supões bem.

– O espólio está a ficar complicado?

– Nem imaginas como.

Respondi-lhe com o olhar concentrado na negrura do café. Sem me aperceber, baixara a voz. Como se estivesse a falar dos problemas íntimos de alguém próximo, em vez de comentar um assunto de trabalho. Como se toda a minha tarefa se tivesse transformado, de repente, em algo profundamente pessoal.

– Estou aqui para te ajudar em tudo o que precisas, Blanca, já to disse em determinada altura.

– Foi por isso que vim. Sabes, com certeza, que no outro dia encontrei um postal teu entre os papéis?

– Não pode ser! – disse, incrédulo, soltando uma gargalhada.

– Noite do fim do ano de 1958. Anunciavas a tua partida de Madrid não sei para onde à procura de Mister Witt.

– Meu Deus... – murmurou ao mesmo tempo que sorria com certa nostalgia. – Foi o meu primeiro Natal em Espanha, quando ainda investigava para a minha tese. Foi precisamente ele quem me propôs trabalhar sobre Sender, o que, quem haveria de dizer, alterou profundamente e para sempre a minha vida. Em qualquer caso, não quero distrair-te com batalhas melancólicas do tempo das cavernas. Diz-me em que trabalhos o meu velho professor te está a meter agora.

Demorei-me a escolher as palavras adequadas, enquanto dissolvia o açúcar com a colher. Não sabia muito bem como definir o que queria dele.

– Já concluí a classificação por décadas até aos anos cinquenta e estou a começar com os textos da etapa da Califórnia, já nos anos sessenta – disse eu, por fim. – São interessantes, mas muito diferentes dos anteriores.

– Menos literários, deduzo.

– É isso. Já não se centram prioritariamente em autores nem em crítica literária, como até agora, apesar de haver sempre anotações a esse respeito. São, em geral, mais históricos, mais californianos, menos familiares, por isso, tenho mais dificuldade em processá-los. Além disso, misturam dados e, por vezes, perco-me porque tenho a impressão de que falta informação.

– E, agora, o que queres saber é se sei se, na verdade, falta alguma coisa.

– Isso mesmo. Já agora, por mera curiosidade pessoal, também gostaria que me contasses, se tens ideia, por que razão houve essa viragem na sua carreira. Por que razão, de repente, a literatura deixou praticamente de lhe interessar e se embrenhou no mundo da história da Califórnia, coisa que, em

princípio, lhe era alheia, a ele e aos seus interesses acadêmicos.

Levou também algum tempo a responder-me, refletindo sobre a resposta com as mãos enormes à volta da chávena.

– A primeira questão, se falta informação e mesmo se sei o que é feito daquilo que achas que falta, tem uma resposta fácil: não faço a menor ideia. Saí de Santa Cecília logo a seguir à sua morte e, tanto quanto sei, todos os seus documentos ficaram na universidade sem que ninguém lhes tocasse até à tua chegada. Eu próprio, de facto, nunca os cheguei a ver fora do gabinete dele.

– Quanto tempo viveste cá? – perguntei à queimadura, talvez um pouco indiscreta. A vida privada de Daniel Carter não tinha nada a ver com o meu trabalho sobre Fontana e os seus assuntos, mas fui, de repente, invadida pela vontade de saber.

– Dois anos e tal, não chegou a três anos letivos.

– Há quanto tempo?

– Fui-me embora em 69, por isso... – Fez uma rápida operação mental e acrescentou. – Meu Deus! Há já trinta anos! Que horror...

Mantinha-se recostado no cadeirão de couro. Com as longas pernas cruzadas, o cotovelo esquerdo no braço do cadeirão, de pulôver azul-marinho. Parecia à vontade, com o aspeto daquelas pessoas que, de tanto andarem de um lado para o outro na vida, são capazes de se sentir bem onde quer que seja.

– E acerca da tua segunda pergunta, em relação a essa viragem de interesses na investigação... Na verdade, a minha resposta é apenas uma sugestão porque, depois de tanto tempo, a minha memória está

um pouco enferrujada. Mas creio que se apaixonou pela história da Califórnia assim que se instalou aqui e, talvez, daí a mudança que dizes notar na sua produção. Descobriu uma ligação entre esta terra e Espanha, e isso, não me perguntes porquê, apaixonou-o.

– E porque veio para cá, porque deixou Pittsburgh?

Também eu me pusera à vontade. Provavelmente, graças ao ambiente acolhedor do local ou à chávina de café reconfortante. Ou à habilidade natural de Daniel para me fazer sentir bem com ele por perto.

– Todos os que o conheciam acharam estranho que, depois de ter passado tantos anos num campus tão grande e tão citadino como o de Pitt, decidisse mudar-se para esta pequena cidade, no outro extremo do país. Mas lá teria as suas razões. Em primeiro lugar, ofereceram-lhe um lugar de diretor bastante apetecível. Em segundo, acabara de se divorciar, saíra de uma relação que não lhe deixara boas recordações e deduzo que quisesse afastar-se.

Aquilo surpreendeu-me, não me lembrava de ter visto qualquer referência a casamentos ou divórcios entre os seus documentos e disse-lhe isso mesmo.

– Foi um casamento curto com uma professora de Biologia, de origem húngara. Mal a conheci, mas sei que estiveram alguns anos juntos, separando-se, reatando e torturando-se mutuamente, até que decidiram casar. Nessa altura, eu já não estava em Pitt mas, segundo ele próprio me contou anos depois, sem entrar em pormenores, passados poucos meses ambos se aperceberam de que fora um erro.

Gostaria de ter sabido mais sobre aquela história, mas ele não parecia ter muito mais informação.

– E, apesar de não ter dito a ninguém – continuou –,

talvez a principal razão que o levou a decidir mudar de ares fosse porque começava a ter problemas de saúde. Tinha um aspeto forte e robusto, os alunos chamavam-lhe muitas vezes o «touro espanhol». Mas tinha os pulmões afetados, era um fumador inveterado; o inverno era implacável e o fumo das fábricas de Pittsburgh faziam-lhe cada vez pior. Por isso, decidi mudar-se, instalar-se num sítio tranquilo de clima moderado e sem poluição. E foi assim que chegou a Santa Cecília.

– E tu vieste atrás...

Mais uma vez me apercebi demasiado tarde da minha indiscrição, apesar de parecer não o ter incomodado minimamente.

– Não, não, nem penses – disse, mudando de posição. – Vim uns anos depois, antes andei por vários outros sítios. Com o tempo, surgiu uma vaga interessante neste departamento, ele propôs-ma e acabei por fundear aqui. Apesar de, na verdade, eu querer mesmo ir para a Universidade da Califórnia, em Berkeley... Pensei que isto seria apenas uma paragem próxima e transitória.

O seu espanhol cada vez me espantava mais, poucos nativos da minha língua teriam usado o verbo fundear para falar de um destino profissional.

– E, afinal, conseguiste Berkeley?

– Bem, na realidade tudo acabou por ter um rumo que ninguém previra... Resumindo uma longa história, o resultado foi que nunca cheguei a ser professor em Berkeley e Andrés Fontana, dois anos e pouco após a minha chegada a Santa Cecília, morreu.

– Estava assim tão doente?

– De modo nenhum. Com efeito, aqui estava muito

melhor.

– Então?

– Morreu num acidente. – Voltou a beber um gole de café antes de continuar. – Conduzindo o seu próprio automóvel. O velho Oldsmobile que tinha há séculos.

Nunca me passara pela cabeça aquele final; inconscientemente, supusera que a sua vida se apagara por causas naturais, pelo desgaste próprio da idade.

Queria continuar a fazer perguntas, Daniel parecia aberto, sem reservas para responder. Na verdade, o que me transmitira eram apenas pinceladas sobre a vida de Fontana, mas eram-me valiosas para encaixar os seus escritos nos respetivos tempos e circunstâncias, para o ver sob outra luz. Lamentei não ter recorrido a ele antes. Ter-me-ia poupado horas de dúvidas e algumas dores de cabeça.

Os ruídos da rua desviaram subitamente a nossa atenção e ambos nos concentrámos no que se aproximava do outro lado da montra do café. O rapaz das rastas e do bombo, qual flautista de Hamelin alternativo, abria a volumosa manifestação. Atrás dele, a fauna mais heterogénea: estudantes com cartazes e megafones, jovens casais com bebés em carrinhos, professores e cidadãos de meia-idade, crianças das escolas com balões de cores, as avozinhas enérgicas que vendiam t-shirts e berravam como camionistas, e algumas personagens extravagante mais próprias de uma *comparsa gaditana*¹⁶ ou de um desfile de *drag queens*.

– Vamos? – disse, começando a apanhar os livros.

Vesti a gabardina, enquanto ele terminava de guardar as suas coisas. Deixou alguns dólares em cima da mesa, sem esperar que o empregado trouxesse a

conta, e apontou, depois, qualquer coisa à pressa num guardanapo.

– Para o caso de continuares a precisar de mim – disse, estendendo-mo.

Enquanto eu guardava os números de telefone num bolso – casa e telemóvel, supus –, ele pôs ao ombro a mochila carregada e eu fiz o mesmo com a minha mala.

– Mil agradecimentos por me esclareceres algumas coisas – disse, enquanto nos encaminhávamos para a saída.

– Muito pelo contrário, Blanca, tu é que me estás a fazer um favor. Gosto de recordar o meu velho amigo, de voltar a falar dele. É saudável desentupir os canos da memória e fazer as pazes com tudo o que ficou para trás.

A tarde estava cada vez mais desagradável. Assim que chegámos à rua, fechei a gabardina, cruzando os braços com força sobre o peito, e ele subiu a gola do casaco. O ar revolveu-nos os cabelos.

– Sabes? – Acrescentou com um meio sorriso suspenso na barba clara. – Se fosse vivo, Andrés Fontana estaria, sem dúvida, neste protesto. Sempre se opôs a qualquer intervenção naquele local. Já te disse que costumava andar muitas vezes por Los Pinitos? Sobretudo nos últimos meses, quando ainda não previa que faltava tão pouco para chegar ao fim.

Passou-me então o braço pelos ombros, em parte para me proteger do tumulto, em parte para me arrastar para o interior dele. Segundos depois, estávamos no meio da manifestação. Entre gritos, cantos, palavras de ordem e o ruído retumbante do tambor, Daniel, ainda sem me largar, teve de gritar para o poder ouvir.

– Ele costumava dizer, meio a sério, meio a brincar, que andava por ali à procura da verdade.

16 Grupos carnavalescos que interpretam canções de crítica com coreografias próprias. Os de Cádiz (gadinatos), conhecidos em toda a Espanha, vão anualmente a concurso no Teatro Falla, durante semanas, sendo conhecidos os vencedores no Carnaval. (N. do T.)

Capítulo 16

Em meados de novembro, chegou o meu aniversário e, com ele, uma mão-cheia de manifestações cibernéticas da minha família e amigos. Juntamente com os parabéns, a maioria perguntava-me também, como quem não quer a coisa, quando pensava voltar. Mas a ninguém adiantei dados ou datas, não por querer manter segredo, mas porque eu própria não sabia. A bolsa não previa uma data limite, estimava simplesmente uma duração entre três e quatro meses até terminar a tarefa estipulada. Ainda tinha muito trabalho e tempo pela frente: de momento, não tinha qualquer intenção de regressar.

Acumular anos não era a coisa mais fascinante que poderia acontecer a quem o marido acabara de trocar por uma mulher mais nova – mais nova e com melhor ordenado. Também não me ajudava a levantar o ânimo o facto de viver longe dos meus filhos e receber telefonemas insistentes da minha irmã a cada quatro ou cinco dias, espicaçando-me raivosamente para que sabotasse o caminho para a felicidade do meu ex-marido. Com as coisas neste ponto, decidi festejar a data, talvez para demonstrar a mim própria que a vida, apesar de tudo, seguia em frente.

Ninguém sabia em Santa Cecília que eu fazia anos.

O dia poderia ter passado despercebido sem qualquer comemoração. Mas, talvez por isso, por eu mesma querer fazer realçar a data em relação aos dias comuns do calendário e dar um pouco de cor ao meu tempo, lembrei-me de organizar uma festa. Uma festa espanhola para os recentes amigos americanos que me haviam aberto as portas das suas casas e brindado com a sua dedicação e afeto. Uma festa em que não faltasse nenhum ingrediente do casticismo clássico espanhol dos guias de viagem, talvez uma alusão àquele dia já distante do debate sobre a hispanidade. Tortilhas de batata, gaspacho, sangria, azeitonas. Não obstante, decidi manter o motivo do evento em segredo: os avanços na minha idade não interessavam a ninguém.

Num impulso criativo, compus alguns convites na velha impressora do meu gabinete que, como sempre, continuava a funcionar conforme os seus próprios desejos: umas vezes sim, outras não. Distribuí-os pelos cacifos do departamento e entreguei alguns aos alunos do meu curso. Segundo as habituais normas de cortesia norte-americanas, deveria ter avisado com mais antecedência. Mas as coisas calharam assim. Impensadas, imprevistas. Como quase tudo nos últimos tempos.

À medida que foram confirmando as presenças e ausências, calculei que seríamos mais de trinta, entre convidados e acompanhantes. Luis Zárate aceitou desde o princípio, tal como outros colegas. Rebecca não faltaria, claro. Daniel Carter apareceria se conseguisse chegar a tempo – regressava nessa noite de um congresso em Phoenix, Arizona, disse-me quando lhe telefonei. A maioria dos alunos também estaria presente.

Após uma dúvida inicial, decidi convidar também Fanny, mas recusou a oferta alegando que, ao sábado, jantava sempre com os membros da sua igreja. Pouco a pouco, ia-me habituando à sua estranha personalidade e acabámos por nos entender bem. Com carinho, até. Já não estranhava as suas pequenas excentricidades nem a maneira de agir, por vezes, alvoroçada; os dias tinham-na convertido numa presença próxima e quase íntima. Não exatamente em amiga, mas em alguém um pouco especial.

– Precisa que a ajude ou lhe empreste alguma coisa?
– Ofereceu-se Rebecca quando lhe contei os pormenores do meu plano.

Antes de poder responder, concluiu que a minha resposta seria afirmativa e começou a enumerar os apetrechos imprescindíveis para reverter o meu apartamento, de apenas quarenta metros quadrados, num local apropriado para uma festa decente.

– Deixe-me pensar... Tenho uma mesa e cadeiras articuladas para quando somos mais do que o habitual. Também lhe posso emprestar os utensílios para cozinhar, se precisar e, se quiser, uma toalha grande, copos, talheres...

Não tive outro remédio senão travar a sua esmagadora generosidade; de contrário, encheria o meu reduzido espaço com um excesso de tralha e nem a quinta parte dos convidados caberia. Aceitei a mesa. Algumas cadeiras e duas ou três coisas mais. O resto seria descartável. Nada de complicações, não havia necessidade disso.

– Na sexta à tarde, espero-a à hora da saída e vamos as duas a minha casa. Pomos as coisas no meu carro e levamos tudo para o apartamento. No sábado de manhã

tenho de ir a Oakland e devo voltar mesmo a tempo para a festa, pelo que será melhor deixar tudo pronto de véspera.

Estacionámos à porta dela pouco depois das cinco, um lar de toda a vida com um jardim frondoso e uma piscina nas traseiras. Um cão grande, bonacheirão, peludo, entre branco e cinzento, com fraco pedigree, atração pelos rebordos das pizzas e tão simpático como a dona. Chamava-se Macan. Chegara num dia qualquer há já quase uma década, contou Rebecca, colado à roda traseira da bicicleta de uma das filhas. Nunca ninguém o reclamara, apesar de terem enchido a zona de cartazes à procura do dono. Macan nunca mais de lá saiu.

Ainda restavam na casa marcas indeléveis dos habitantes que por lá haviam passado: patins e bicicletas na garagem, impermeáveis no cabide atrás da porta. Eram três filhos, cinco netos, nenhum deles perto. No entanto, não parecia a casa de uma mulher madura independente, mas sim o lar de uma família cujos membros acabavam de sair para ir ao cinema ou fazer um recado, e não para construir as suas próprias vidas nos mais remotos cantos do país. Não era outro ninho vazio, mas sim um refúgio a que todos poderiam regressar a qualquer momento e sentir-se com se nunca tivessem partido.

– Comecemos pela cozinha – propôs.

Uma grande janela abria-se para o jardim e uma ilha de madeira, no meio, continha os bicos de fogão. Suspensas de uma armação de ferro, por cima da ilha, havia frigideiras, caçarolas e ramos de ervas secas. A eficiência de Rebecca estendia-se para lá do gabinete e era evidente no seu ambiente doméstico. Tudo se

encontrava no devido lugar: frascos etiquetados, calendário na parede com anotações numa caligrafia perfeita, flores recém-colhidas sobre a bancada.

– Isto é para o gaspacho – disse, retirando de um armário um grande aparelho elétrico sobre o qual se juntava um grande jarro de vidro.

Tentei esclarecê-la de que uma simples varinha mágica serviria perfeitamente, mas, no país onde tudo se faz em grande, aquela era a ferramenta mais básica que Rebecca tinha para triturar alguns tomates.

– E isto para a sangria. O professor colombiano Pablo González trouxe-me há uns anos de Espanha – proclamou, levantando, triunfante, um enorme recipiente de cerâmica com uma torneira na base. – E agora vamos buscar as cadeiras à cave.

Descemos para um espaço claro onde se acumulavam, ordenadamente, tralha e os apetrechos mais inverosímeis. Uma mesa de pingue-pongue, caixas de cartão com nomes de proprietários e respetivos conteúdos, pósteres de cantores fora de moda, centenas de discos de vinil e montes de fotografias, galhardetes e diplomas pregados numa cortiça gigante fixada numa parede. O paraíso de um ferro-velho com a ordem de um desfile da legião.

Enquanto Rebecca procurava as cadeiras articuladas, não consegui resistir a dar uma vista de olhos às fotografias pregadas com pioneses. Estava ali a história gráfica e remota da família: piqueniques na praia, festas infantis, bailes de finalistas. Bebés que já eram adultos, jovens que já seriam pais, e avós que só continuavam vivos na memória dos seus descendentes.

– Bom, isto já está – anunciou após ter amontoado algumas cadeiras junto à escada. Ao ver-me observar as

fotografias, aproximou-se. – São velhíssimas – disse, sorrindo. Tal como pouco após a minha chegada me mostrara o rosto de Andrés Fontana na sala de reuniões do departamento, desta vez indicou-me quem era quem no seu grande álbum familiar. Tinha uma recordação, uma historieta para cada imagem.

– Isto foi num 4 de julho na praia. No fim fomos surpreendidos por uma tremenda tempestade que nos estragou o fogo de artifício. Aqui estamos numa excursão a Angel Island, na baía. Isto foi no dia em que o meu filho Jimmy caiu da trotineta, fez um lanho na sobancelha e teve de levar sete pontos.

Continuou a pormenorizar as cenas, viajando no tempo à medida que mostrava as fotografias. Até que se deparou com a de um grupo de adultos jovens.

– Meu Deus, que aspeto! Há tantos anos! Há muito tempo que não olhava para esta fotografia. Vamos ver se é capaz de reconhecer alguém – desafiou.

Observei atentamente a fotografia. Quatro pessoas ao ar livre, dois homens nas pontas, duas mulheres no meio. Todos encostados a um grande automóvel vermelho coberto de pó. Ao fundo, uma paisagem desértica e o que pareciam ser casas mexicanas. Ao longe, o mar. O primeiro da esquerda era um homem moreno com uma fita larga na testa. Muito magro, de camisa às flores e uma cerveja na mão estendida, como se estivesse a brindar ao fotógrafo. A seu lado, uma rapariga magra e pequena, sorriso puro, as mãos enfiadas nos bolsos dos calções, duas tranças e uma camisola amarela com a palavra *Peace*. A terceira figura era uma mulher jovem, esbelta, bonita. A boca grande parecia ter sido apanhada no momento em que soltava uma gargalhada. O vestido branco chegava-lhe quase

aos pés descalços, múltiplos colares à volta do pescoço. A seu lado, um homem fechava o grupo de t-shirt desbotada e calças de ganga esfarrapadas. Mal se lhe distinguiam os traços da cara, escondidos entre uma cabeleira loura até aos ombros, barba cerrada e óculos de sol. Parecia verão, estavam bronzeados, transpiravam alegria.

– Não faço a mínima ideia.

Não sabia quem eram, mas não me importaria ser um deles. Tão radiantes, tão des preocupados.

– Esta sou eu – esclareceu, indicando a jovem das tranças.

– Não pode ser! – disse eu, com uma gargalhada.

Custava realmente imaginar que a Rebecca Cullen elegante e madura que eu conhecia fosse aquela jovem de reduzidos calções cujo peito proclamava a paz mundial.

– E há mais alguém que conhece. Observe com calma...

Fi-lo, mas não fui capaz de reconhecer ninguém. Pousou, então, o dedo sobre a última figura, a do homem de cabelos compridos e barba.

– Repare bem...

Então, pareceu-me distingui-lo. Mal se percebia o rosto, mas havia qualquer coisa na sua figura que me levou a deduzir quem poderia ser.

– Daniel Carter? – perguntei, hesitante.

– Ele mesmo – confirmou com um sorriso nostálgico.
– Meu Deus, passou tanto tempo! Repare como éramos jovens, na roupa que usávamos, nos cabelos. Esta era a mulher dele e este, o meu ex-marido, Paul.

Mordi a língua para não perguntar imediatamente o que era feito deles, onde estavam, o que se passara

depois. No entanto, não foi preciso mostrar a minha curiosidade porque, à medida que Rebecca se afastava das fotografias e se dispunha a apanhar as cadeiras, começou a falar sem eu lhe pedir.

– A fotografia é do verão de 69 no cabo de San Lucas, na Baixa Califórnia. Apesar de parecer muito nova, já tinham nascido os meus três filhos. Paul, o meu marido, era professor de Filosofia aqui, em Santa Cecília. Mudáramo-nos do Wisconsin para a Califórnia três anos antes. Os Carter chegaram pouco depois e tornámo-nos grandes amigos.

Subíamos a escada, ela, à frente, carregada de cadeiras articuladas. Eu, atrás, arrastando uma mesa.

– Nessa altura, dedicava-me só à família. Não trabalhava, as crianças ainda eram pequenas e tinham nascido muito próximo umas das outras. Tínhamos acabado de comprar esta casa, quase em ruínas e ainda a estávamos a arranjar. Naquele verão, os meus pais vieram de Chicago e ficaram com os nossos filhos durante uma semana para que, por fim, pudéssemos tirar umas férias.

Chegámos de novo à cozinha; a Rebecca do presente e a sua eficiência regressaram à realidade.

– Bem, agora vamos carregar o carro com isto. Acho que é melhor pormos primeiro a mesa, pois ocupa mais espaço. Depois, metemos as cadeiras e, por cima, o resto das coisas, parece-lhe bem assim?

Assenti, mentindo. Não, na verdade, não me parecia bem. Preferia que continuasse a contar coisas da sua vida, daquele verão em que eram jovens e percorreram a costa do Pacífico num carro cheio de pó.

Por sorte minha, como a mulher eficaz que mostrava sempre ser, ela, sem problemas, arranjou maneira de

fazer ambas as coisas ao mesmo tempo.

– Paul deixou-nos quatro anos mais tarde. Pôs-se a andar com uma aluna de doutoramento. A minha filha Annie tinha nove anos, Jimmy sete e Laura cinco. Disse-me que era uma paixão animal, uma força superior que não conseguia controlar.

Estávamos já no jardim da frente, junto do carro. Escurecera.

– Durante algum tempo saía e voltava, desconcertando as crianças e enlouquecendo-me. – Prosseguiu. – Desaparecia uma semana e a seguir regressava, suplicando perdão, garantindo que a história acabara, jurando que me seria fiel o resto dos seus dias. Isto durou cinco meses.

Pôs as cadeiras no chão e abriu o porta-bagagens do carro sem parar de falar com naturalidade. Sem dramatismo e, simultaneamente, sem excesso de frivolidade, com o desprendimento que o tempo decorrido proporciona à nossa maneira de recordar as realidades que a vida nos forçou a deixar para trás. Macan, o cão, seguira-nos desde dentro de casa e observava a cena, pachorrento, deitado na relva. Acompanhando-nos apenas, interrogando-se talvez para que diabo estava a dona empenhada em guardar tanta cadeira quando se estava tão bem na horizontal.

– Annie, que até então fora uma criança doce e aplicada, tornou-se arisca e deixou de se aplicar na escola. Laura só conseguia dormir se me deitasse com ela. Quando já não consegui suportar a situação, enchi duas ou três malas e fomos para Chicago, para casa dos meus pais. Ponha a mesa primeiro, ao fundo, por favor.

Obedeci, sem uma palavra, e ela começou depois a meter as cadeiras uma a uma, ordenadamente.

– Instalei-me lá com as crianças, mas Paul telefonava vezes sem conta – acrescentou, enquanto colocava as primeiras cadeiras. – Reconhecia que fora tudo um erro, que se portara como um verdadeiro imbecil. Insistia em que o romance acabara, que não voltaria a ver aquela rapariga, chamava-se Natasha, meio russa. Pedia que voltássemos para Santa Cecília, dizendo que não conseguia viver sem as crianças e sem mim. Gritava como um louco que eu era o seu único amor. Por fim, apresentou-se em Chicago. Falou com os meus pais e connosco, pediu perdão pelo que nos fizera sofrer, jurou que voltaria a ser tudo como dantes. Agora, passe-me a batedeira.

Falava sem dor, com a voz de sempre, concentrada e metódica na sua tarefa.

– Até que me convenceu. Regressámos juntos para casa e durante alguns meses correu tudo lindamente. O melhor pai, o marido mais carinhoso. Passava horas a brincar com as crianças, comprou-lhes um cachorrinho. Cozinhava à noite e punha velas na mesa, muitas vezes trazia-me flores. Até que numa manhã, depois de nos ter deixado o pequeno-almoço na mesa, foi para a universidade e nessa noite não voltou. Nem na seguinte, nem na outra. Ao quarto dia, reapareceu. Falta alguma coisa, Blanca?

– E o que fez então? – perguntei, enquanto lhe estendia o recipiente para a sangria, a última coisa a arrumar.

Fechou o porta-bagagens com uma pancada seca.

– Não o deixei entrar. Mande-o para o inferno e procurei trabalho.

Depois virou a cabeça e olhou para mim com os seus olhos claros entre uma harmoniosa mão-cheia de rugas,

diminutas à luz dos candeeiros do jardim. E, apesar da história triste que me estava a contar, com uma expressão a que não faltava um pouco de doçura, sorriu.

– Oxalá que aquele verão no cabo de San Lucas fosse eterno. Nenhum de nós imaginava, então, como a vida acabaria por ser dura.

Capítulo 17

Daniel Carter partiu em finais de outubro de 58 para o Aragão natal de Ramón J. Sender. Visitou, na província de Huesca, a aldeia que o viu nascer, Chalamera, e os lugares em que viveu a sua infância e que perdurariam sempre na memória do escritor. Alcolea de Cinca, na base da montanha que, como ele mesmo disse, parecia cortada à faca. Tauste, onde começaria a sua *Crónica del alba*, revisitando aquele amor de infância por Valentina. Calcorreou caminhos, abrigou-se da chuva em ermidas em ruínas, dormiu em pensões duvidosas e falou com os camponeses, com os quais aprendeu um sem-fim de palavras. Bebeu vinho das botas¹⁷ que lhe ofereceram e comeu o que havia ali, onde a generosidade alheia punha um prato para ele na mesa. De Aragão passou a Navarra, de Navarra a Castela-a-Velha, da Velha à Nova. Apanhando comboios e autocarros quando podia, trepando para tantas carroças, camionetas e furgonetas quantos condutores bem-dispostos se cruzaram no seu caminho, o estudante americano foi dando tombos pelo mapa da velha *pele de touro*, ficando subjugado por tudo o que encontrou pela frente. Capitais de província com ruas largas, cangas e cata-ventos, com casas nobres e menos nobres e casas que de nobres nada tinham, entre charcos, mercados e

bairros. Nas aldeias e nos campos, encontrou cenários em que quase sempre apareciam, repetidas, as mesmas personagens: crianças com surro, mulheres que andavam com canastras magicamente equilibradas sobre as cabeças, porcos e galinhas pelas ruas enlameadas e homens com boinas e sem dentes montados em mulas velhas. No norte, encontrou pedra, cal à medida que avançava para sul, mas as diferenças nunca eram substanciais. Atraso e miséria numa Espanha que só cinco anos antes conseguira atingir o rendimento *per capita* de antes da guerra, já nessa altura lastimosamente esquilida.

Tudo tão diferente do que, ao partir, deixara na sua pátria: uma nação próspera e dinâmica em que o *baby-boom* estava no ponto mais alto e os cidadãos construíam com otimismo casas modernas nas zonas arborizadas dos subúrbios. Um país em que os Ford Fairlane e os Chevy Impala enchiam as ruas e em que os eletrodomésticos já não eram objetos de luxo, mas aparelhos básicos para as rotinas domésticas quotidianas. Uma América consumista e contraditória em que o bem-estar e o entretenimento conviviam com a paranoia anticomunista, a decadência da segregação racial e a ameaça de guerra nuclear.

Apesar dos inúmeros contrastes com que foi tropeçando no seu périplo espanhol, saboreou cada instante daquela terra dura, cheia de nacos de pão, migas e toucinho, de chicória e tabaco de onça, sinos de igreja, cânticos imperiais e patrulhas da Guarda Civil. O frio já apertava quando regressou a Madrid, em finais de novembro, com calos nos pés, cinco cadernos repletos de notas, uma mão-cheia de rolos de fotografias por revelar e a sensação de ter espremido ao

máximo cada minuto daquela viagem iniciática e plena.

Uma vez instalado de novo debaixo da asa da senhora Antonia, após dois dias a desfrutar, até se fartar, do sabor dos seus cozidos, cumpriu as suas obrigações e voltou ao gabinete de Cabeza de Vaca.

Entregou-lhe o relatório que passara dois dias a escrever à máquina no seu quarto da portaria. Nele pormenorizava, passo a passo, a sua aventura: o que aprendera na terra de Sender, as conversas com os seus conterrâneos, as visitas acumuladas a cidades, aldeias e outras paragens. O visto, o vivido, o sentido, o aprendido.

– Excelente, senhor Carter, excelente – disse o professor, guardando as folhas numa gaveta. – E agora toca-lhe atacar Madrid. Espero-o amanhã de manhã no Museu do Prado.

– Obrigado pelo seu interesse, professor, mas eu já conheço o Prado. Estive lá uma tarde inteira, vi *Las Meninas*, *La rendición de Breda* e *Los fusilamientos del três de mayo*, e também...

O arquear da sobancelha esquerda de Cabeza de Vaca sugeriu-lhe que mais valia calar-se.

– Considere a minha contribuição na sua formação integral, meu rapaz. Duas semanas intensivas de introdução à pintura espanhola. Às dez. Sob a minha tutela.

Assim foi passando o americano a última parte do ano, entre quadros e ensinamentos com o seu novo mentor mutilado, enquanto ambos percorriam as galerias com lentidão descompassada. Por intermédio dele, assistiu também a aulas relacionadas com os seus interesses e conheceu alunos que o convidaram para festas e para uma excursão a La Granja. E assim

continuou, passando as páginas dos dias e pisando as ruas de outono cheias de vendedores de castanhas e de lotaria que prometiam um futuro opulento a um povo ainda cheio de carências em tantos, tantos aspetos das suas vidas.

Sem que a senhora Antonia tivesse de insistir muito, aceitou passar a noite de Natal com o resto da família em casa do seu filho Joaquín, que vivia então na Calle Santa Engracia. Tinha uma mulher chamada Teresa e três filhas, que ficaram encantadas com aquele gigante que falava espanhol com uma pronúncia esquisita, comia os *polvorones*¹⁸ dois a dois, cantava *villancicos*¹⁹ à desgarrada com elas e perguntava o significado de palavras que ninguém conhecia, como *anafre*²⁰, que ia na burra com a chocolateira e o moinho. Aquela ruidosa celebração natalícia ao ritmo de bombos, pandeiretas infantis e uma garrafa de anis La Asturiana, raspada com um garfo, deu-lhe imenso prazer. Tão absorvido esteve, tão entusiasmado, que nem sequer se apercebeu das duas lágrimas furtivas que escorreram dos olhos cansados da viúva ao recordar o seu Marcelino e aqueles tempos perdidos, atrozes e extremosos ao mesmo tempo, para sempre congelados na sua memória.

– Também vais passar a noite de fim do ano connosco, não vais, meu filho? – perguntou-lhe, dois dias depois. Após meses de insistência por parte de Daniel, habituara-se por fim a tratá-lo por tu.

– Pois... já sabe que lhe agradeço de todo o coração a sua hospitalidade, mas estava a pensar... estou a pensar... que talvez gostasse de passar a noite por aí na rua, se não se importa.

Tinha outros planos. Ou, para sermos mais exatos,

tinha outro plano. Ir andando até à Puerta del Sol ao encontro do bulício das massas. Nada mais. Tentava ser fiel ao conselho de Cabeza de Vaca: não se deixe levar pelas histórias, meu rapaz. Não se fique pela superficialidade. Contudo, sabendo de antemão que assim cairia no mais banal e vulgar, não conseguiu resistir à tentação de comer as suas primeiras doze uvas, ao som das badaladas, rodeado por uma turba barulhenta em que a sidra e as línguas da sogra corriam em abundância entre soldados com dispensa de recolher, fura-vidas de toda a laia e pacóvios, com roupa de domingo, recém-chegados à capital.

– E porque não jantas connosco e depois saís? Já disse à minha nora que vou lá para casa, ao princípio da tarde, para assar um leitão que me vão trazer da minha terra e que vai ficar tão saboroso, pelo menos, como os da Casa Botín²¹.

– Acha que terei tempo? – perguntou Daniel, saboreando-o de antemão. A viúva sabia que o estômago do rapaz era um ponto fraco por onde atacar.

– Não te preocupes, que encarrego-me de que lá pelas onze horas esteja tudo acabado.

Assim foi: às onze e meia estava na Puerta del Sol. Até lhe sobraram uns minutos para comprar postais, escrevinhá-los e metê-los num marco de correio internacional.

Ao acordar na manhã do dia de Ano Novo, a Chiquita Piconera²² esperava-o na parede da casa de jantar da portaria, abrindo o mês de janeiro no recente calendário de 1959. Na mesa, café acabado de fazer e *porras* quentinhas. Como todos os dias.

– Bom dia, filho, já temos mais um ano em cima. E que pensas fazer agora? Ficar em Madrid ou voltar a

partir como da outra vez, a percorrer esses caminhos de Deus?

– Partir, partir. É isso que está nos meus planos, tenho de trabalhar.

– E pode saber-se para onde vais, desta vez?

– Para o Cantón de Cartagena, se conseguir saber como se chega lá.

Míster Witt en el Cantón de Cartagena era o romance com que Ramón J. Sender ganhara o Prémio Nacional de Literatura em 1935, de modo que decidira que a viagem seguinte teria por destino aquele enclave tão significativo na produção literária do autor. A viúva, ignorante em geografia como em tantas outras coisas, para além das suas lidas, não foi capaz de o ajudar, pelo que não teve outro remédio senão ir buscar o seu ensebado mapa de Espanha, depois de terminado o pequeno-almoço.

Afastou a tijela do café com leite vazia e abriu-o em cima da mesa. Tomando a capital como referência, percorreu com o indicador os arredores de Madrid, mas não encontrou o seu objetivo. Continuou a alargar o raio de ação às províncias próximas, mas também não aparecia ali o que procurava. Estendeu-o, em vão, à periferia e, por fim, chegou à costa. Demorou um bom bocado a localizar aquele recanto da Península e só encontrou o nome de Cartagena, porque o de Cantón não aparecia em lado nenhum. Mas ali estava, num canto do sudeste. Pegou num lápis vermelho e marcou-o com uma cruz. Seria aquele o seu próximo destino.

17 Recipientes de pele para líquidos típicos de Espanha. (N. do T.)

- 18** Bolos característicos do Natal feitos à base de farinha, banha e açúcar e que se desfazem ao comê-los, como os nossos bolos de areia. (N. do T.)
- 19** Canções populares de Natal. (N. do T.)
- 20** Antigo fogareiro de carvão. (N. do T.)
- 21** Conhecido restaurante de Madrid fundado em 1725 e considerado o mais antigo restaurante do mundo. (N. do T.)
- 22** Quadro pintado em 1930 por Julio Romero Torres. (N. do T.)

Capítulo 18

Atravessar a Península de comboio desde a capital era, em finais dos anos cinquenta, uma aventura heroica que Daniel Carter viveu, no seu banco de terceira classe, como espectador privilegiado em palco de honra. Na hora de comprar o bilhete na estação de Atocha, hesitou sobre em que classe viajar. Ainda que no seu país, provavelmente, não se pudesse permitir a escolher tão superficialmente entre uma classe ou outra, os módicos preços da sua nação de acolhimento permitiam-lhe considerar todas as opções sem grande prejuízo para o bolso. A primeira, pensou, prometia uma viagem confortável mas com falta de sabor. A segunda, nem grande conforto nem novas experiências. Decidiu-se, por fim, pela terceira, um passo mais na sua ânsia de conhecer a fundo a verdadeira essência do povo espanhol. E se encontrou essência! Às mãos-cheias.

As locomotivas a carvão continuavam a ser a alma dos caminhos de ferro nacionais, uma alma soluçante para a qual o cumprimento dos horários era uma mera ilusão dependente dos cruzamentos de dezenas de comboios-correios e de mercadorias. Nas carruagens com bancos de tiras de madeira, o inverno suportava-se como se podia com o aquecimento que os corpos

amontoados geravam. O chá-chá-chá do andamento era substituído, em enormes paragens, pelas marteladas nas rodas e pelo enchimento das caldeiras e o guinchar de frequentes e intermináveis manobras. Pelas janelas, entravam e saíam carradas de malas de madeira, caixas de cartão atadas com cordas, sacos militares e fardos envoltos em pano que continham sabe-se lá o quê. Até duas galinhas e um colchão enrolado viu passar de um pai para um filho, em La Roda.

Maravilharam-no as gares convertidas em mercados provisórios onde, segundo a localidade, se anunciavam tortas de Alcázar, navalhas de Albacete ou papelinhos para a rifa de um presunto. E ainda mais o fascinou, na ausência de serviço de restaurante, o sobe-e-desce de canastras das quais, sempre acompanhados por um solidário *gostam?*, emergiam pães e marmitas de lata cheias até cima de fatias de toucinho entremeado. As *botas* de vinho passavam de mão em mão, enquanto, com dentadas ferozes, os viajantes devoravam sandes de sardinhas, grandes como torpedos, embrulhadas em papel de jornal, um cocktail de óleo com notícias que espalhava nódoas tão negras como o carvão de coque. Beba um gole, amigo, insistiam com o americano. Prove este chouriço, tome lá um pedaço de morcela, que é da nossa matança, verá como está boa. A nada nem a ninguém Daniel disse que não.

O fumo denso dos Celtas²³ curtos de tabaco de onça misturava-se, ao longo de quilómetros eternos, com o choro das crianças de peito, os suspiros de velhas de luto e um espesso cheiro a chulé. Pairavam no ar conversas entre desconhecidos, onde se misturavam prognósticos para as colheitas vindouras com comentários sobre a última tourada de Antoñete e uma

mão-cheia de façanhas épicas protagonizadas por parentes que haviam migrado para Barcelona, no ano anterior.

A intervalos, com grande esforço, conseguiu concentrar-se em *Míster Witt en el Cantón*. Bem forrado, para não haver problemas. Lera-o em Pittsburgh, no inverno anterior, mas precisava agora de rever alguns dados. À medida que o desconforto do ambiente permitia, esforçou-se por sublinhar a lápis cenários, paisagens e nomes entre as páginas daquele romance sobre o afã independentista e revolucionário da cidade para onde se encaminhava. Vinte e três dias, segundo Fontana lhe contara, foi o tempo que Sender demorou a escrever, na sua prosa ágil, as aventuras e desventuras da Cartagena insurreta da Primeira República.

Dois polícias à paisana passeavam-se várias vezes pela carruagem. Sempre que pediam a identificação, com cara de poucos amigos, o volume das conversas diminuía brandamente e os olhos dos viajantes fixavam-se no chão, sem um único protesto. Passado o trâmite, reacendia-se a vivacidade da palavra, enquanto alguns passageiros trocavam olhares rápidos e dissimulavam um suspiro de alívio. Até que o sono começou a ser contagioso e, enquanto alguns se deitavam no chão para ressonar a sono solto, outros começavam a cabecear aos tropeções sobre o ombro do vizinho.

Em Chinchilla, saiu para esticar as pernas e respirar um pouco de ar fresco, um ar que, afinal, sentiu como um relento gelado assim que pôs um pé na gare. Refugiou-se na cantina e, com um sinal, pediu o mesmo que estavam a beber dois soldados que conversavam, com os cotovelos em cima do balcão: um copo de

chicória com leite e um cálice de anis Machaquito.

Até que por fim, por fim, por fim... chegou ao seu destino. E para surpresa sua, a cidade que encontrou no final daquela viagem perpétua em nada era parecida, inicialmente, com outras que conhecera no interior de Espanha. Ou talvez tivesse essa sensação por aquele ser o seu primeiro contacto com a luz inernal do Mediterrâneo. Ou talvez porque o cansaço acumulado no comboio lhe alterara a perceção. Em qualquer caso, internou-se nela, disposto a abrir um novo capítulo no seu deambular ibérico.

Era domingo e a gente vestia roupa de domingo, imersa nas rotinas do dia grande da semana. Saindo da missa, tomando um aperitivo, escolhendo bolos em La Royal. Deixou-se aconselhar por duas senhoras que abordou em plena rua. Um sítio para dormir? Aqui mesmo, na pensão da Calle del Duque. Central e asseado, para quê procurar mais. Pelo módico preço de setenta e cinco pesetas diárias, alugou um quarto, em princípio para três noites. Ao carregar a mala escada acima, sentiu umas pontadas na cabeça e uma certa sonolência, mas atribuiu o mal-estar ao frio que ainda trazia agarrado aos ossos. A exígua cama do quarto pareceu-lhe de repente tentadora, mas não sucumbiu ao seu canto de sereia. Em vez de se deitar, como o corpo tanto lhe pedia, encheu-se como pôde de energia e saiu de novo para a rua. Não se sentia bem e tinha consciência disso, mas a sua obstinada resolução de nada perder levou-o a percorrer as ruas, a vaguear sem rumo definido.

Demorou pouco a encontrar uma rua pedonal. Comprida, estreita e ladeada por varandas, abrindo-se ao fundo numa praça que, como todos os centros de

todas as cidades que percorreu, se chamava del Caudillo. Mais à frente, adivinhava-se um porto, mas não conseguiu chegar lá. Ia sentindo as forças faltarem-lhe progressivamente, tinha a boca seca e os ruídos da rua e as conversas da gente ecoavam-lhe nas têmporas. Decidiu, então, retroceder os passos, regressar à concorrida Calle Mayor, entrar num dos cafés para tomar qualquer coisa. Nem se apercebeu de que o estabelecimento que escolhera ao acaso parecia, pelo nome, estar predestinado a recebê-lo com generosa hospitalidade: Bar Americano.

– Um copo de água, por favor.

– Como disse?

O empregado, de laço e careca reluzente, compreendera-o à primeira, mas preferiu pensar antes de o servir. A presença daquele matulão despenteado e com a roupa amarrotada despertara uma reação pouco complacente no local. Entre vermouths com azeitonas e pires de amêndoas, a clientela endomingada recebeu-o com olhares de reprovação, murmúrios perspicazes e nem um pinga de simpatia.

– Um copo de água, por favor – repetiu. – Ou com gás...

Sem perceber os olhares nem os comentários, e com a capacidade de reação consideravelmente diminuída, Daniel permaneceu uns segundos imóvel, à espera que lhe pusessem à frente qualquer líquido que lhe aliviasse a secura da garganta. Mas a única coisa que recebeu foi um toque nas costas, como se alguém lhe chamasse a atenção.

– Creio que se enganou no estabelecimento, amigo.

– Perdão?

Ao voltar-se, deparou com um indivíduo de

bigodinho fino, cuidadosamente delineado. Chegava-lhe, quando muito, ao ombro.

– Isto é um estabelecimento de gente de bem. Saia, por favor.

– Só quero beber um copo de água – esclareceu. E voltando os olhos para o empregado, insistiu, pela terceira vez, no seu desejo de ser atendido. – Ou uma Coca-Cola, se for possível.

– A água é para as rãs. E as Coca-Colas beba-as na sua terra. Saia imediatamente. Toca a andar – insistiu o defensor da virtude.

Daniel esforçou-se por explicar de novo as suas simples intenções àquele senhor cujos rosto, voz e bigode se distorciam cada vez mais diante dos seus olhos e ouvidos. As suas palavras, pastosas e incongruentes, longe de esclarecerem alguma coisa, só serviram para confirmar a suposição inicial de quase todos os presentes: aquele forasteiro desalinhado já estava bêbado que nem um cacho. E ainda não era meio-dia.

O passo seguinte foi agarrá-lo por um braço.

– Saia de uma vez por todas, irra! Este sítio não é para estafermos como você!

Provavelmente, o espanhol de Daniel saía pastoso e difícil de se compreender, talvez o misturasse com inglês sem dar por isso.

– Largue-me, senhor, por favor. Please, sir, please...

Visto que aquele aguerrido benfeitor não hesitava no seu empenho, Daniel, aturdido como estava, assumiu uma inconsciente brusquidão na tentativa de se livrar dele. A ponto de quase o mandar ao chão.

Como reforço perante a reação aparentemente temerária do forasteiro, alguns voluntários despiram

apressados os casacos, dispostos a neutralizá-lo. A barafunda foi rápida e, em menos de dois minutos, o rapaz, desconcertado e cambaleante, estava de novo no meio da Calle Mayor. Exposto aos olhares indiscretos dos transeuntes, com a fralda da camisa fora das calças, o cabelo desgrenhado e uma manga meio arrancada à altura do ombro.

Miseráveis! Vão mesmo atrever-se? Se querem luta, vão tê-la! Michael O'Reilly nunca recuou! Ao aperceber-se da chegada do hóspede, o rececionista nem sequer se incomodou a levantar os olhos do romance barato de Marcial Lafuente Estefanía em que estava absorvido. Sem olhar para ele, apenas lhe estendeu a chave do quarto e limitou-se a fazer estalar a língua e a mover a cabeça num gesto de resignação; depois, molhou o polegar com saliva para passar a página de *Incendiários em Oklahoma*. Para quê parar a leitura por um dos muitos viajantes maltrapilhos que chegavam àquele porto?, deve ter pensado. E, ainda menos, no preciso momento em que o xerife do condado estava em vias de meter uma carga de chumbo no corpo dos dois foragidos que ameaçavam armar confusão no *saloon*.

Passou trinta horas no austero quarto, deitado entre lençóis amachucados. De vez em quando, sentia um frio arrasador, outras vezes suava como se estivesse em pleno deserto. Uma ou outra vez recuperava a consciência, levantava-se da cama e dirigia-se com passos vacilantes ao lavatório que havia no quarto, para beber água. Até que, na tarde do segundo dia, alguém bateu à porta. Primeiro, de maneira discreta. Depois, insistentemente. Daniel articulou, com esforço, um fraco *entre*. E uma cabeça feminina espreitou, então, com a preocupação estampada no rosto. Não soube

quem era, se a dona da pensão, se uma empregada ou um anjo com avental enviado do céu. Acontece que foi aquela alma caritativa, alarmada pela ausência de sons por parte do hóspede, que lhe fez a cama com lençóis limpos e mais uma manta. Levou-lhe ainda dois comprimidos Okal, um copo de leite quente e uma avantajada sande de omeleta que, já um pouco mais animado, lhe soube a manjar dos deuses.

Nessa noite, conseguiu dormir com certo sossego e não voltou a ter tremores nem pesadelos. No dia seguinte, bem entrada a manhã, arranjou forças para se levantar e, ainda com lentidão, tomar um duche, fazer a barba, vestir-se e sair à rua. Entre os suores e a frugalidade alimentar, perdera uns quilos e qualquer resto de memória da zaragata no Bar Americano.

A cidade recebeu-o com um sol amistoso. Tentaram-no as fachadas modernistas com as suas caprichosas varandas de ferro, os terraços brancos que salpicavam numerosos edifícios e as ruas cheias de gente; a luz e o cheiro a mar seduziram-no. Mas preferiu não se desorientar e centrar-se no seu objetivo: procurar uma farmácia. Sabia que aquilo não passara de um inoportuno acesso de gripe e não precisava de um médico, mas ainda se sentia fraco e estava consciente de que se expunha a uma recaída. A primeira coisa que tinha a fazer, para o evitar, era, portanto, encontrar um remédio infalível para não voltar a ver-se prostrado no quarto. Seguindo as indicações do porteiro, em poucos minutos encontrou o que procurava.

A farmácia do Dr. Carranza estava quase a fechar para a prolongada pausa do almoço. O proprietário tinha saído um bom bocado antes a fim de passar pelo clube, deitar uma vista de olhos ao jornal e tomar um

aperitivo antes de ir almoçar a casa, não fossem perder-se os bons costumes. Quando Daniel empurrou a porta, o ajudante de farmácia amarelento e quarentão estava já a desabotoar a bata branca, ansioso por se atirar ao arroz de coelho que a mãe lhe prometera na noite anterior. Tentou dissuadir o jovem estrangeiro de entrar: estamos a fechar, senhor, volte à tarde, se não se importa. Daniel insistiu firmemente. Nem por sombras estava disposto a sair dali sem um arsenal de medicamentos. A troca de palavras que se estabeleceu entre os dois terminou quando se ouviu uma voz de mulher vinda do armazém.

– Vá-se embora, Gregorio, não se preocupe, que eu fecho!

Apesar de satisfatória para o seu estômago de comilão, a proposta não pareceu convencer o ajudante. A ideia de abandonar a farmácia, deixando lá dentro um forasteiro, não o entusiasmava e ainda tardou uns segundos a tomar uma decisão. A gula, não obstante, impôs-se, por fim, a qualquer outra preocupação e o tal Gregorio, após olhar repetidamente de cima a baixo o recém-chegado como que a tentar avaliar o seu grau de decência, despediu-se da voz do interior com um *até à tarde* cheio de pressa.

A farmácia tinha um cheiro reconfortante, antecipando os remédios que ele precisava de encontrar. Toda ela transmitia sossego e bem-estar: o balcão de mármore em frente da porta com uma caixa registadora centenária; o amplo arco que dava para o armazém; o chão de mosaicos pretos e brancos simulando um grande tabuleiro de xadrez. À espera de ser atendido, matou o tempo contemplando os potes de cerâmica que enchiam os armários envidraçados,

tentando decifrar o latim dos rótulos.

Quando soou de novo a voz oculta, a proximidade desta desarmou-o.

– Desculpe, por favor, estava a desembalar uma encomenda...

Desviando rapidamente a atenção dos latins, voltou a cabeça, procurou-a. E encontrou-a a menos de três metros. Com as maçãs do rosto coradas pelo esforço prévio, enquanto, com movimentos ágeis, tentava pôr ordem nos caracóis soltos de uma cabeleira cor de palha. Diferente de uma farmacêutica profissional, diferente das suas colegas das salas de aula e dos corredores. Diferente de qualquer mulher com quem até então se cruzara na vida.

– Diga-me em que o posso ajudar...

Falava com os braços ainda levantados, esforçando-se por domar as madeixas rebeldes, enquanto esperava que ele comesse. Entretanto, a sua boca grande sorria, com um misto de simpatia e surpresa perante a perspectiva de acabar a manhã a atender alguém tão diferente dos clientes de sempre.

– Creio que estou com *um* gripe – conseguiu dizer por fim.

– Uma gripe? – perguntou ela, alargando involuntariamente o sorriso face ao erro.

– Uma gripe, perdão.

Ainda lhe custava determinar o género correto de algumas palavras do espanhol. E, ainda mais, na sua condição de convalescente meio febril. E, ainda mais, na presença da mais adoravelmente desgrenhada mulher que nunca suspeitara sequer chegar a contemplar.

Escutou-a em silêncio, enquanto ela lhe

recomendava diferentes medicamentos para debelar os vestígios do seu mal-estar. Ouviu-a, depois, falar sobre a forma traiçoeira com que aquele clima enganava frequentemente os forasteiros com tendência a acreditar que, junto ao Mediterrâneo, tudo era pureza e bonança. Mudo, absorto, pasmado. Deixou-se aconselhar com a fé de um catecúmeno e, nem por um segundo, foi capaz de se afastar dos olhos dela, enquanto as suas mãos procuravam com agilidade felina nos armários e gavetas e punham os medicamentos sobre o mármore branco do balcão.

Por fim, as instruções sobre as doses e a frequência destas terminaram e ele não teve outra opção senão dispor-se a pagar a conta. Ao mesmo tempo que contava o dinheiro, a cabeça, ainda confusa, esforçou-se por arranjar uma desculpa para prolongar a sua estada, para não se ir, para não perder de vista a cabeleira desastrada, nem os olhos cinzentos, nem os dedos compridos da inesperada provedora do seu bem-estar. Mas a sua mente embotada parecia negar-se a proporcionar-lhe recursos, enquanto ele abrandava os movimentos e demorava a arrumar, com toda a calma do mundo, as notas do troco na carteira, a meter, depois, esta no bolso do casaco, a simular, mais tarde, uma mudança de ideias e a guardar a carteira nas calças. Até que não teve mais que fazer. Nem troco para arrumar, nem carteira para guardar, nem palavras para dizer.

– Foi muito simpática, obrigado – foi a fórmula formal de despedida, sem margem na sua mente confusa para mais naturalidade.

– Não tem de quê – disse ela, estendendo-lhe o embrulho. Pareceu-lhe que, durante uma fração de

segundo, os dedos chegaram a tocar-se. – Trate de si. E abrigue-se bem.

Assentiu, com os remédios embrulhados em papel de seda numa mão e uma sensação estranha num ponto impreciso da barriga. Os mosaicos brancos e pretos suportaram os seus passos para a porta, julgou sentir os olhos dela cravarem-se-lhe nas costas. Ao puxar a barra de latão brilhante, o vidro da porta tilintou. A um passo, a rua. E na rua, a gente. Gente anónima entre a qual, provavelmente, nunca voltaria a encontrar o rosto que estava em vias de deixar para trás.

Até que a voz dela o deteve.

– É militar da base americana?

A porta voltou a fechar-se, o vidro deixou de soar.

– Sou norte-americano, mas não militar – disse, sem se voltar, sem a olhar, ainda sem largar o puxador.

Por fim, voltou-se. E, fugazmente, como num lampejo vertiginoso de lucidez e antecipação, aquele breve movimento serviu para pressentir que, fosse como fosse, nunca chegaria a sair.

Possivelmente, a jovem já previa uma resposta negativa antes de fazer a pergunta, aquele estrangeiro não tinha aspeto de militar apesar do excelente porte. Mas o cabelo estava mais comprido que o normal para um soldado, e as suas atitudes e gestos, apesar de corretos, tinham um toque de descontração que não parecia corresponder às maneiras castrenses. Contudo, perguntou-lhe. E ele esclareceu-a.

Por trás das palavras, pretendia oferecer-lhe mais qualquer coisa do que umas breves pistas sobre a sua identidade: o desejo ansioso que ela o olhasse como o homem que era, na sua essência, e não como um simples cliente, de passagem, à procura de um bálsamo

que lhe devolvesse a saúde. Disse-lhe que estava a especializar-se em Literatura Espanhola. Que aspirava ser professor, que chegara àquele porto seguindo o rasto de um romance...

A porta abriu-se nas suas costas, impedindo-o de continuar. Três pequenos torvelinhos, cheios de tosse e ranhosos, entraram de repente na farmácia, seguidos por uma mãe esbaforida.

– À justa! Pensávamos que não íamos chegar a tempo!

O estabelecimento encheu-se, de repente, de vozes. As crianças começaram a correr umas atrás das outras, enquanto a pobre senhora alternava o seu esforço por contê-los com a procura ansiosa de uma receita dentro da mala. Um deles empurrou outro contra um armário repleto de loiça, o móvel oscilou ameaçando cair. O executor recebeu um tabefe da mãe, enquanto a vítima exagerava aparatosamente o efeito da pancada, tapando metade da cara, gritando como um possesso e batendo os pés furiosamente.

Atrás do balcão, a rapariga, consciente da sua incapacidade para reatar a proximidade criada entre ambos, encolheu os ombros e lançou um gesto de desculpa e impotência a Daniel.

– Não se preocupe – sussurrou ele, experimentando um meio sorriso.

Trocaram as últimas palavras alheios ao alvoroço familiar, olhando-se por cima dos três pequenos cafres e da sua resignada progenitora.

– Adeus – leu nos lábios dela. A voz, perdida entre os choros das crianças e as reprimendas irritadas da mãe, mal lhe chegou aos ouvidos.

– Adeus – repetiu ele, também quase sem voz.

Quando, por fim, conseguiu reunir a coragem suficiente para afastar os olhos daquela boca grande e daqueles olhos cinzentos, saiu da farmácia.

Nunca a rua lhe parecera tão fria.

23 Marca espanhola de tabaco negro. (N. do T.)

Capítulo 19

Não a perdeu de vista nem por um segundo, enquanto caminhava atrás dela. Seguia-a à distância, sem fazer ideia de até onde o levariam aqueles passos elásticos e a sua impetuosa insensatez. Sabia que o mais razoável seria voltar à pensão, tomar os remédios, descansar sem se alterar de mais. Mas não pôde, não foi capaz. Em vez disso, deixou-se ficar à esquina. Esperando por ela, esforçando-se por ocultar a sua estatura atrás de uma furgoneta de distribuição estacionada nas proximidades. Até que a viu sair.

Antes, tinham-no feito a mãe e os três demónios com a barafunda atrás. Depois, um velho enfermeiro que, à última hora, conseguira enfiar-se na farmácia, como uma lombriga. E, no fim, ela. A acabar de vestir o casaco comprido azul, afastando do rosto a madeixa subversiva, semicerrando os olhos quando a luz do meio-dia a cegou de surpresa. Sem a barreira intermédia do balcão, Daniel pôde, por fim, contemplar o seu corpo inteiro ao vê-la fechar a porta e guardar as chaves no bolso. À medida que a observava, voltou a sentir qualquer coisa que não foi capaz de definir. Nem sequer na sua própria língua.

Ajustou o ritmo das suas pernas ao compasso airoso com que a jovem atravessava ruas e avançava entre os

transeuntes, a cabeleira cor de palha servindo-lhe de guia. Viu-a cumprimentar uns e outros, parou por duas vezes para conversar com alguém durante um minuto ou dois. Ele, entretanto, para continuar a passar despercebido, simulava deter-se para atar um cordão do sapato, acender um cigarro com o rosto meio escondido entre as palmas das mãos ou ler um anúncio colado em qualquer esquina. Por várias vezes, pensou que era uma insensatez; talvez devesse tê-la abordado diretamente, perguntar-lhe o nome, pedir-lhe que o deixasse acompanhá-la, propor-lhe irem tomar um café. Mas não se sentiu com forças. Custava-lhe pensar, sentia que a febre ainda fazia estragos. Noutro momento qualquer, teria saltado por cima de tudo. No entanto, agora, duvidava.

Caminhou atrás dela até uma suave ladeira que pareceu erguê-los acima do nível do mar, até que a ausência de movimento em redor o fez duplicar as precauções. Quase não havia gente, só de vez em quando se via um veículo. Abrandou o passo, virou-se, andou uns metros para trás e seguiu-a de novo. Chegaram por fim a uma rua que, de modo algum, parecia sê-lo. À esquerda, alinhavam-se as fachadas de edifícios de várias alturas; à direita, encontrou uma espécie de passeio e uma balaustrada suspensa. Por baixo, o porto e, ao fundo, o mar. O feitiço de luz, salitre e calma durou apenas os segundos que ela demorou a entrar pela porta do que supôs ser a sua casa.

Duas gaivotas guincharam sobre a cabeça de Daniel, o sol ocultou-se de repente. O ar soprou mais desagradável e ele subiu a gola do casaco, enfiou as mãos debaixo dos braços cruzados e dispôs-se a iniciar

o caminho de regresso. Voltaria à farmácia à tarde, talvez, então, se encontrasse melhor.

Antes de deixar a rua, deteve-se para saber o seu nome. Paseo de la Muralla, leu. Ato contínuo, sentiu uma pontada no estômago e apercebeu-se simultaneamente de duas coisas importantes em que até então não tinha reparado. A primeira era que, mais tarde ou mais cedo, acabaria por visitar aquele local: ali, imaginariamente, teria vivido também Míster Witt, o protagonista do romance cujo rasto o levava até àquela cidade. A segunda, que, à exceção da sanduíche que a mulher anónima lhe facultara, jejuava havia mais de dois dias. Por sorte sua, esta última questão resolveu-se quando encontrou uma casa de comidas. Com o prato de guisado à frente, começou a pensar no assunto e, ao chegarem à mesa as sardinhas, a balança acabou por se inclinar. O pudim trouxe-lhe a certeza: as suas tarefas investigadoras não teriam, de momento, outro remédio senão passarem para segundo plano. No momento mais inesperado, quase magicamente, atravessara-se na sua vida uma coisa muito mais urgente.

Regressou à pensão, disposto a esperar algum tempo para que os remédios que ela lhe dera fizessem efeito. Far-lhe-ia bem, tinha outra vez frio, sentia as pernas fracas e notava que, já sem a violência dos dias anteriores, a febre não o largara. Estendeu-se vestido, pensando nela com a determinação de tentar restabelecer o contacto assim que conseguisse descansar. Mas caiu num sono tão profundo que, quando acordou, desorientado e aturdido, já eram nove e um quarto da noite. Saiu à pressa do quarto, vestindo o casaco ao mesmo tempo que descia três a três os

degraus, amaldiçoando a sua tolice com sonoros *fuck, fuck, fuck* e penteando-se com os dedos, enquanto saía da pensão e percorria os passeios a grandes passadas em direção ao seu objetivo. Os escassos transeuntes dirigiam-se, já à pressa, a casa para jantar em família. As ruas estavam quase vazias, todas as lojas fechadas. A farmácia Carranza também.

Atacou a manhã seguinte com a firme decisão de se concentrar na procura da jovem sem nome. Só o ajudante de farmácia atendia a numerosa clientela quando Daniel entrou de novo pela porta da farmácia. Aguardou pacientemente a sua vez, enquanto se ouvia, vinda do armazém, a enfadonha transmissão do sorteio da Lotaria do Natal e escutava os fregueses a antever como gastariam o prémio que nunca lhes iria sair. *Dois mil quatrocentos e quinze: três miiiiil pesetas. Treze mil seiscentos e quarenta e um; três miiiiil pesetas...*

– Faça favor, cavalheiro...

– Aspirinas, por favor.

Apesar de não precisar delas, confiava que, junto com o ácido acetilsalicílico, o tal Gregorio lhe fornecesse também alguma pista sobre a colega de trabalho. Contudo, para frustração sua, não obteve mais nada a não ser a pequena embalagem do medicamento habilmente envolvida em papel.

– Oito e cinquenta, por ser para si.

– Como?

Não percebeu a brincadeira; por um momento, pensou que talvez o ajudante lhe quisesse transmitir qualquer coisa em particular pela sua condição de cliente do dia anterior. Ou por ser estrangeiro. Ou, melhor ainda, por alguma outra razão que talvez tivesse a ver com a rapariga ausente. Mas enganou-se.

O ajudante não lhe estava a oferecer qualquer tratamento personalizado, senão repetindo pela enésima vez o que considerava ser uma observação bastante graciosa.

– Oito e cinquenta, senhor. Barato. E para si, D. Esperanza, o mesmo de sempre, não é verdade? Duas caixas de supositórios e a água de Carabaña.

Enquanto voltava a demorar dissimuladamente o pagamento, tal como fizera com ela, Daniel sentiu que a oportunidade de perguntar pelo seu paradeiro se lhe escapava por entre os dedos à medida que Gregorio se desinteressava dele e se concentrava, diligente, nos noutros clientes. *Agora ou nunca*, pensou.

– A menina não está cá hoje? – aventurou-se a perguntar, por fim, indicando com um gesto o armazém.

Aos gritos, como se Daniel não fosse só estrangeiro, mas também surdo, o ajudante proclamou aos quatro ventos:

– Não, não! A menina hoje não está! Foi às compras! Os Reis, os Reis Magos! Esta noite chegam os Reis!

E, entoando aos gritos *Já lá vêm os Reis Magos, já lá vêm os Reis Magos, a caminho de Belém...*, manobrou com destreza a caixa registadora, enquanto em fundo se ouviam os meninos de San Ildefonso²⁴ cantando eufóricos o terceiro prémio acabado de sair da roda.

Vagueou sem rumo, atrás dela, toda a manhã, mudando constantemente a direção dos seus passos, percorrendo com o olhar recantos e grupos de amigas, entradas dos estabelecimentos e esplanadas dos cafés. Mas a zona de movimento comercial era limitada e, após algumas voltas, encontrou-se a percorrer as mesmas ruas, uma vez e outra, sem dar com o seu

objetivo. À uma e meia todos os estabelecimentos se prepararam para o encerramento da hora de almoço: os caixeiros começaram a baixar as persianas metálicas com longos ganchos de ferro, as senhoras olharam de imediato para os relógios, entre exclamações de alarme, e o movimento começou a diminuir pouco a pouco.

Foi, então, que a viu. Viu-a, por fim, airosa como uma flor, com os caracóis rebeldes escapando-se uma vez mais da fita que tentava prendê-los na nuca, envolta numa gabardina bege atada firmemente à delicadeza da sua cintura. Caminhava escoltada por duas senhoras de aspeto elegante, com o dobro da sua idade, que pareciam cortar a palavra umas às outras, mergulhadas em amena conversa. Até que reparou nele. No americano bonito e engripado que atendera na farmácia, no estudante que aspirava à extravagante profissão de ensinar Literatura Espanhola numa universidade do seu longínquo país. E, pela segunda vez na vida, o resolutivo Daniel Carter não soube o que fazer.

Aquele homem precocemente independente que, apesar da sua juventude, já percorrera mais mundo do que muitos outros em toda a vida, que fora capaz de ganhar o seu próprio sustento trabalhando ombro a ombro com rudes operários industriais, que lera todos os clássicos espanhóis e palmilhara solitário os caminhos poeirentos daquela pátria estranha, ficou desarmado ao vê-la aproximar-se dele.

– Espero que os remédios lhe tenham feito bem.

Não foi capaz de recordar, mais tarde, o que lhe respondeu, talvez alguma trivialidade pejada de incongruências gramaticais e erros de pronúncia. Só se apercebeu de que o encontro havia terminado ao ver as

costas dela desvanecerem-se entre a gente. Não averiguou mais nada sobre ela, voltou a perdê-la sem saber como se chamava. Mas a recordação do seu rosto e da sua voz acompanhou-o ao longo do almoço e, nem por um momento, conseguiu afastá-la da mente durante a inútil tentativa de leitura desconcentrada a que dedicou as primeiras horas da tarde, estendido, como um preso, na cama estreita da pensão, sentindo-se frágil como nunca, sem ter que fazer nem onde ir, nem com quem partilhar o que o estava a queimar por dentro.

Quando achou que a vida voltava a encher as ruas após a longa paragem que as famílias espanholas dedicavam ao almoço, dispôs-se a sair. Ainda não sabia que, naquela tarde, Melchior, Gaspar e Baltazar, milagrosamente onnipotentes, estavam prestes a percorrer simultaneamente centenas de aldeias e cidades nos quatro cantos do mapa.

Aquele inesperado acontecimento de aglomeração popular maravilhou mais uma vez Daniel. De tal maneira que conseguiu, por minutos, afastar da cabeça a jovem da farmácia para se concentrar no espetáculo, observando, fascinado, as reações das criancinhas e as sumptuosas indumentárias dos Magos do Oriente e dos seus séquitos. Em qualquer caso, o esquecimento durou pouco. O acaso fez com que a sua imagem emergisse entre a gente, improvisadamente, sem a ter procurado.

Estavam em passeios opostos, quase frente a frente, enquanto o curso decorria entre os dois, apoiado por gritos e aplausos. Ela vestia a mesma gabardina dessa manhã; a única mudança que notou foi um cachecol verde em volta do pescoço esguio. Ria e falava com alguém a seu lado, alguém que fez com que as ilusões de Daniel caíssem de imediato por terra como um

castelo de papel soprado pela brisa. Um homem jovem, de cabelo muito curto e rosto moreno, que sorria, assentindo com a cabeça, enquanto ela dizia qualquer coisa agarrada com confiança ao seu braço. Possivelmente seria o namorado. Talvez o marido. Provavelmente militar, talvez marinheiro. Ou isso, pelo menos, supôs.

O interesse de Daniel por tudo o que o rodeava desvaneceu-se de repente como uma bola de sabão. As crianças que aplaudiam entusiasmadas deixaram de lhe parecer criaturas deliciosas e transformaram-se em pequenos diabos aos gritos. Os majestosos atavios dos Reis e pajens pareceram-lhe, de repente, grosseiramente ostentosos para aquele país tão necessitado de muitas outras coisas. Para cúmulo, o creme que cobria o rosto de Baltazar estava a escorrer e a barba postiça de Gaspar estava de lado.

Sentiu uma repentina onda de calor, pareceu-lhe que a febre disparava. Sufocado, decidiu ir-se embora: voltar para a pensão, fugir daquele tumulto estrondoso que se tornava agora insuportável. Mas não o conseguiu fazer com a brevidade que pretendia porque se apercebeu de que estava imobilizado entre tanta gente, aprisionado entre a massa aglomerada que, alheia ao desmoronamento das suas pobres esperanças, continuava a apreciar a passagem do cortejo. Então, enquanto se esforçava por encontrar maneira de escapar dali, ela reparou na sua presença e, do passeio em frente, enviou-lhe uma saudação. Com a mão, abrindo-a e fechando-a repetidamente, segura, cordial. Ele respondeu desajeitadamente, copiando o gesto, enquanto esboçava um sorriso ortopédico e escondia um desejo imenso de nunca ter aparecido por aquela

cidade onde tudo lhe estava a sair endiabradamente complexo. Conseguiu, por fim, abrir caminho, quase aos empurrões, por entre a multidão, mas, antes de desaparecer, não conseguiu evitar virar os olhos para ela pela última vez. E verificou que o observavam. E que falavam. E não havia dúvidas que o faziam acerca dele.

No quarto, continuavam a ecoar os tambores do maldito corso. Quis ler, mas não conseguiu concentrar-se. Quis dormir, mas o sono não chegou. Permaneceu deitado um bocado infinito, braços atrás da cabeça, boca fechada numa expressão retraída e os olhos fixos numa mancha irregular de humidade no teto. Obcecado, abatido. Quando a irritação se converteu num incómodo mais suportável e conseguiu analisar com calma a situação, assumiu por fim que nunca tivera muitas hipóteses.

Aquilo fora um disparate desde o princípio. Julgá-la acessível não passara de mera ilusão. Fora uma fanfarronice imaginar que, por trás da sua simpatia, por trás do seu sorriso e do brilho dos seus olhos, se escondia algo mais do que simples amabilidade para com um desorientado forasteiro.

Uma vez que conseguira enganar-se com a convicção de que nunca houvera possibilidade viável de coisa alguma, pode finalmente voltar às questões mais mundanas e sentiu uma tremenda sensação de fome. Apesar de o corso ter terminado havia já algum tempo, sentiu-se com ânimo para voltar às ruas desertas, onde ainda encontraria o rasto triste da batalha extinta. Desceu à receção, na esperança de que a mulher da noite da febre lhe pudesse arranjar outra sanduíche. As penas com pão são menores, costumava dizer a senhora

Antonia, indo buscar a frase ao seu catálogo infinito de provérbios do povo. Veríamos se era verdade.

Não encontrou quem procurava, mas voltou a ver o rececionista do primeiro dia, absorvido de novo na leitura. Transitava, desta vez, pelo deserto do Arizona sem saber ainda se o governador acabaria por sentenciar ou não os ladrões de gado. *Nascidos para a Força*, leu Daniel de soslaio na capa.

– Interessante? – perguntou por perguntar. No fundo, não lhe interessava absolutamente nada o conteúdo daquele romancezito.

– Bah. Gostei mais do *Chumbo no Peito*, não tem comparação. E de *O Cobarde de Syracuse*, nem lhe digo nada. Tenho-os aqui debaixo... – disse, ficando momentaneamente oculto atrás do balcão. Surgiu a seguir com dois livrecozinhos enxovalhados na mão. – Se quiser, empresto-lhe um para esta noite, só tenho de os devolver amanhã no quiosque.

Vira dezenas de westerns no cinema, mas nunca lera nenhum livro do Oeste. Nem sequer do seu lendário compatriota Zane Grey. Seria mau começar a entusiasmar-se com os escritos de um espanhol, sabe-se lá que disparates narrariam.

– Então, fica com algum, amigo? – insistiu o rececionista. – Digo-lhe a verdade, valem os dois a pena. E se não gostar destes, amanhã, se quiser, trago-lhe alguns de El Coyote, pois tenho montes deles há anos. Esses são da Califórnia e as personagens parecem espanholas, não sei se...

– Não se preocupe, muito obrigado. Trago os meus livros na mala.

Não mentia, tinha várias leituras pendentes. Coisas mais sérias, mais essenciais para a sua carreira. *Jaramas*

*entre visillos, colmenas y vientos solanos*²⁵. Obras de autores espanhóis contemporâneos que estava a começar a conhecer.

– Como queira, mas, para mim, não vai encontrar outra coisa melhor que isto. Vá lá, leve um, homem...

A conversa foi interrompida pela chegada do anjo anónimo que o socorrera na febre. De sapatilhas, rondando os cinquenta e com um avental aos quadrados.

– Ouve lá, Modesto, vais fazer hoje o turno da noite ou virá por fim o teu primo Fulgencio?

– Não sei, Catalina, ainda não me avisou.

– É para saber se preparo já o jantar ou se espero um bocado. Tenho canja de aletria e estorninhos de escabeche, quer que lhe mande também um prato, meu filho? – perguntou, então, dirigindo-se a Daniel, ainda com os cotovelos no balcão. – A noite está a pôr-se muito feia e assim não tem de voltar a sair para a rua. Far-lhe-á bem, pois acho-o muito fraco, com essas febres que teve e tanto andar para cima e para baixo, que não para um minuto quieto, veja lá se fica doente outra vez. Mesmo agora tiro um pouquinho do nosso para si, que onde comem dois comem três.

– Espera, Catalina, que, antes disso, ele tem de escolher um livro. Por qual se decide, amigo?

Chumbo no corpo foi o preço que teve de pagar pelo jantar.

Pensara dedicar o dia seguinte à procura de dados que lhe permitissem descobrir o que estava por trás de Sender ao escrever o seu romance. Antes de se deitar, reviu as suas notas sobre lugares e personagens. A taberna da Turquesa em Molinete, Paco el de la Tadea em Escombreras, Milagritos com o seu corpo de égua e

ar ordinário, gente de papas e biqueirões, o forte de Galeras. Tudo aquilo parecia, de repente, ter deixado de lhe interessar e, apesar de ter o firme propósito de se esforçar no trabalho, decidiu também que, se as coisas continuassem tão obscuras, regressaria a Madrid no dia seguinte.

Quase a adormecer, acrescentou uma última resolução na sua lista: não voltar a evocar a recordação da jovem da farmácia. Pensando bem, ela também não valia assim tanto a pena. Os seus passos, ao caminhar, eram excessivamente enérgicos, a estatura ultrapassava um pouco o tamanho médio das mulheres da sua idade. E aquele seu cabelo, tão rebelde, era demasiado chamativo em comparação com as cabeleiras morenas e bem penteadas que as espanholas costumavam usar. Tinham passado antes pela sua vida e haveriam de passar depois, disse para consigo, mulheres mais bonitas, mais acessíveis, menos distantes. Adormeceu convencido de que o seu interesse pela rapariga de la Muralla morrera definitivamente. Para sempre, propôs-se com firmeza. Apenas meia hora depois, sonhava que afundava os dedos nos caracóis cor de palha da sua nuca e que, atraindo-a a si, a beijava na boca grande e doce como um poço de mel sem fim.

O dia seguinte amanheceu chovendo a cântaros, e não parou até à noite. Um dia triste, escuro, de ruas vazias e estabelecimentos com as persianas corridas. De céu de chumbo e charcos onde chapinhava a melancolia. Longe de se intimidar, lançou-se para a rua armado com um guarda-chuva pertencente a Catalina, ao qual faltavam duas varetas, e com a sua edição muito manuseada de *Míster Witt en el Cantón*. Forrada ainda com papel de jornal, não fosse arranjar

problemas por passear o nome do autor exilado à frente de toda a gente. O seu vasto objetivo era encontrar alguma pista sobre o que teria inspirado Sender para criar a personagem do velho engenheiro inglês que o escritor situara na Cartagena insurreta da Primeira República. Ou sobre os factos que aconteceram então. Ou sobre as personagens e os cenários que recheavam as páginas do romance. Mas ninguém lhe pôde dar pistas porque não conseguiu encontrar ninguém capaz naquele dia de aguaceiros, brinquedos e famílias reunidas. E, como já esperava também, não descobriu nada no seu caminho. Nem o nome de uma rua, nem uma minúscula placa comemorativa, nem a capa do livro na montra de uma livraria. E, para cúmulo, a biblioteca pública estava fechada.

O único que conseguiu lançar alguma luz perante tão penosa ausência foi um freguês, entrado em anos, com aspeto de ter uns copos a mais. Numa taberna da Calle Culatro Santos, esclareceu-lhe que Sender era um maldito vermelho e que o seu nome não se mencionava naquela pátria de paz e ordem que o Caudillo trouxera. Para rematar o discurso, levantou-se cambaleante e lançou um sonoro *arriba España*. O bater de calcanhares que acompanhou tão patriótica saudação esteve em vias de o fazer cair de costas, se Daniel não o agarrasse.

Regressou à pensão encharcado e com um humor tão negro como o dia. Deixou correr a tarde, absorto noutra profunda sessão de contemplação das manchas do teto, e depois começou uma carta para o professor Fontana, que não passou do cabeçalho. Por volta das sete, desceu à receção e deu uma vista de olhos pela imprensa local. Um anúncio informava que, nessa tarde, estreava no cinema Central *O Príncipe e a Corista*

em Cinemascope e Technicolor. Se se apressasse, chegaria a tempo da sessão das sete e meia. Mesmo que fosse para ouvir Marilyn Monroe e Laurence Olivier namoriscando em espanhol.

Quando voltou, fez a mala; voltaria para Madrid no dia seguinte, apesar de não ter conseguido um único dado interessante para o seu trabalho e sem intenção de dar mais uma oportunidade a si próprio. E com a imagem da rapariga da farmácia ainda fresca na mente, apesar dos esforços para a afastar. Para compensar o primeiro, teria oportunidade de consultar outros recursos na Biblioteca Nacional. O segundo ir-se-ia desvanecendo no tempo.

A fim de evitar contingências semelhantes às da viagem de ida, na estação tirou, sem hesitar, um bilhete de primeira classe para o regresso. Haveria tempo para procurar mais essência racial; de momento, só lhe interessava sair dali. Quanto antes, melhor.

Apesar de o comboio já estar pronto para partir, preferiu não subir antes de tempo e dedicar-se a contemplar, sentado num banco da gare, o movimento de pessoas e tralha. Sem vestígios já da chuva da véspera, sentou-se a saborear na pele o último sol mediterrânico daquela terra a que fazia tenção de nunca mais voltar.

Gostava das estações de caminho de ferro e das suas rotinas, entretinha-se a especular sobre a vida dos passageiros e os seus destinos, os motivos que os levavam a ir e vir. Alguns costumes dos espanhóis pareciam-lhe particularmente interessantes, como aquela tendência de várias gerações de famílias para se deslocarem às gares inteiras para se despedirem ou receberem um dos seus membros.

Contemplava o ambiente com o espírito mais animado perante a iminência da partida, enquanto atrás de si, pela porta aberta da cantina, entre o ruído dos pratos e dos copos a chocarem, se ouvia a rádio. *Olé, olé, te mueves mejor que las olas y tienes la gracia del cielo, la noche en tu pelo, mujer española...* O cadenciado ritmo matinal meteu-se-lhe, sem dar por isso, nos ossos e, quase inconscientemente, começou a marcar o compasso com a sola do sapato, enquanto continuava absorto nos seus pensamentos. *Olé, olé, tus ojos son tan pintureros que cuando los miro de cerca, prendido en su embrujo, soy su prisionero...* Já não tinha dúvidas de que, dentro de pouco tempo, aquela cidade cairia no recanto menos acessível da sua memória. *Olé, olé, envidia te tienen las flores, que llevas esencia en tu entraña del aire de España, María Dolores.* Assim que o comboio se afastasse, ficariam para trás apenas a leve recordação de uma personagem literária cujo rasto não encontrou e a de uma mulher que o atraiu momentaneamente e que nunca chegou a saber como se chamava. *Olé, olé, olé, por linda y graciosa te quiero...* Até que o movimento cadenciado do seu pé parou de repente, cortado na passagem de uma nota para outra, deixando Jorge Sepúlveda acabar a canção no rádio da cantina sem o seu acompanhamento. *Y en vez de decirte un piropo, María Dolores, te canto un bolero...*

Acabava de entrar na gare um elegante casal de meia-idade, uma idosa de aspeto distinto e três rapazes cheios de pressa e carregados de malas. Instintivamente, sem se deter a pensar porquê, abriu um dos dois jornais que acabara de comprar e escondeu-se atrás dele. Pelo lado direito, no entanto, não deixou de os observar. Todos eles acompanhavam

uma jovem de cabelos cor de palha que voltava para a Universidade de Madrid, depois do Natal, para terminar o último ano do curso de Farmácia. Viu-os trocarem beijos e abraços, que se intensificaram ao chegar a vez do irmão mais velho, um jovem tenente de aviação, de cabelo muito curto e rosto bronzeado, que em breve regressaria à base, nas Canárias.

Esperou até ao último segundo para subir, num salto, para a carruagem. Através da janela, observou como a família ia diminuindo de tamanho na distância, apinhados, sentindo já a ausência, enquanto agitavam uns braços a que quase não restava energia.

A jovem, entretanto, esforçava-se por reter uma lágrima teimosa que havia um bom bocado ameaçava começar a rolar. Para evitar que tal acontecesse, concentrou-se a arrumar a bagagem. Uma grande mala, um saco de viagem, o casaco comprido azul do primeiro dia...

– Posso ajudar-te? – ouviu ela trás de si.

Recebeu-o outra vez com o seu glorioso sorriso e aqueles olhos cinzentos que brilhavam como o mar em frente à sua varanda nas manhãs de inverno. Por fim, deslindou as seis letras do nome dela.

24 As crianças do Colegio de San Ildefonso, a mais antiga instituição dedicada às crianças de Madrid, apregoam há mais de trezentos anos os números da Lotaria Nacional. (N. do T.)

25 Sequência que inclui fragmentos dos títulos seguintes: *El Jarama* (1955) de Rafael Sánchez Ferlosio; *Entre visillos* (1957) de Carmen Martín Gaité; *La colmena* (1955) de Camilo José Cela; *Con el viento solano* (1956) de Ignacio Aldecoa. (N. do T.)

Capítulo 20

Sempre gostei de me enfiar na cozinha entre frigideiras e caçarolas, e tanto me agradava experimentar inovações e modernidades como homenagear os tachos de toda a vida. Qualquer desculpa, a comemoração de qualquer pequeno acontecimento, fora sempre uma boa razão para sentar amigos e família à volta da mesa. A chegada do fim de um ano letivo, um aniversário, o mais pequeno êxito dos meus filhos ou uma qualquer noite de sexta-feira. Umaz vezes, eram refeições ruidosas, com conversas cruzadas e sobremesas eternas. Outras, jantares pequenos de tertúlia, vinho e velas acesas até de madrugada, com a sensação do mundo parado sob os nossos pés.

Mas agora era tudo diferente. Os meus amigos de sempre estavam no outro canto do planeta, a minha família desintegrara-se e eu não tinha qualquer acontecimento memorável a que prestar honras, salvo o facto de que o calendário acabava de me confirmar que já tinha um ano mais. Triste perspectiva que, vendo bem as coisas, talvez pudesse ser uma boa ocasião para assentar na minha nova vida. Uma vida inesperada e não escolhida, cheia de ausências e incertezas. Uma vida que, de repente, quase de um dia para o outro,

exigira que me reinventasse e começasse a dar tombos incertos. Como uma criança que começa a andar, só que com quatro décadas e meia às costas. Uma idade em que deveria ter atingido uma maturidade serena, garantida pela experiência e pela segurança do conquistado ao longo dos anos, mas que a mim, no entanto, me apanhara com os passos trocados. Com a autoestima destroçada, a vulnerabilidade à flor da pele e o horroroso sabor do fracasso na boca. Sem expectativas, sem ilusões. Senhora de um destino confuso e desorientado, com um futuro tão turvo como a tinta na água.

A meio da manhã, saí para ir buscar provisões. Precisava de mais ovos, mais batatas, tomates para o gaspacho, pêssegos para a sangria e alhos. As anchovas do Cantábrico, as duas fatias de queijo manchego curado e algumas outras iguarias comprara-as uns dias antes a preço de ouro em pó. O que me faltava era o abastecimento mais elementar, por isso, não optei pelo mais exclusivo Meli's Market, mas sim pelo G&G nas traseiras da praça, onde iam os estudantes e as famílias com recursos mais moderados. Onde se comprava o essencial.

Fui direta às prateleiras, tinha pressa de voltar e começar a cozinhar. Até que, já na fila da caixa, à espera da minha vez, lembrei-me subitamente de que me faltavam os guardanapos de papel. Amaldiçoei entre dentes a minha fraca cabeça. *Meia volta, onde estarão os malditos guardanapos*, pensei. Andava à procura quando, no meio do corredor dos consumíveis de papel, a vi. Parecia observar o conteúdo de um pacote de *kleenex*, observava-o de frente e depois de trás. Apoiava-se num andarilho ortopédico e, com aquele cabelo pintado de

um louro impossível para a sua idade e enormes óculos de sol, a sua identidade era inconfundível para mim. A mãe de Fanny, Darla Stern. A que fora secretária do departamento em tempos remotos, a que não conseguiu gerar em Daniel Carter a cordialidade que sempre dispensava ao resto dos mortais.

Virei-lhe as costas dissimuladamente, não fosse reconhecer-me. Não fosse Fanny, que, sem dúvida, andaria por perto, aparecer de repente a seu lado e obrigar-me a parar e conversar. Evitando a ocasião e, com ela, o perigo, peguei nos meus guardanapos e evaporei-me.

O dia decorreu entre o fumo das tortilhas e o ruído de triturar os tomates. Enquanto com uma mão batia os ovos, com a outra espantava os fantasmas que, insolentes, me perseguiram conhecedores da magia que os cheiros têm para nos devolver ao passado e nos arrancar emoções das entranhas. Meia hora antes das oito, estava tudo pronto. A mesa articulada de Rebecca parecia o sonho de um emigrante e os meus espetros nostálgicos já repousavam, calmos, nas suas jaulas. Vesti-me de preto, pus um CD de Ketama e, para cúmulo do espanholismo, coloquei no cabelo dois cravos que, num impulso, comprara no G&G, mesmo à saída.

Estava a acabar de pôr a segunda camada de rímel quando tocou o telefone. Supus que fosse Rebecca para me perguntar se tinha alguma urgência de última hora ou talvez alguém a desculpar-se tardiamente por não poder estar presente na festa, mas não acertei. A voz do outro lado, tão distante em quilómetros, pertencia a quem, mais de vinte anos antes, fora quase um pedaço de mim. Alguém que superava em mais de um palmo a

minha estatura e que já andava solto pelo mundo, por mais que eu desejasse que tivesse ficado eternamente a meu lado, sem nunca ultrapassar a altura do meu ombro.

– Eeeeeeeh! Por onde andas, mãe? Daqui a imperial de Espanha!

O meu filho Pablo, previsivelmente nos copos às tantas da madrugada. Andava, desde o verão, pelas praias de Cádiz seduzido pelo surf, a sua última grande paixão até que qualquer outro impulso a superasse. Contra todas as previsões, terminara o curso de Administração de Empresas em junho, uma coisa imprevista tendo em conta que juntara o quinto ano com três cadeiras do quarto e uma do terceiro. Mas ele era assim, impulsivo e imprevisível. Como imprevisível fora também a resolução de passar um ano sem fazer nada antes de pensar em algo útil para o seu futuro profissional. E foi assim que, ao contrário do irmão, que no ano anterior conseguira uma bolsa para uma pós-graduação na London School of Economics, Pablo decidira dedicar os primeiros meses de recém-licenciado a saltar ondas, como um louco, no sul da Península. No entanto, naquele fim de semana, tinha previsto voltar para Madrid e ligava-me de lá em plena noite de farra.

– Como estás velha, mamã, quarenta e cinco anos... é mentira... estava a brincar... pareces uma menina... A mais bonitaaaaa!

Não pude evitar sorrir, enquanto sentia no peito uma pontada de melancolia. Imobilizada no reduzido espaço da casa de banho, sentei-me no rebordo da banheira a ouvi-lo. O meu menino. Que depressa envelheci.

– Ouve... estás a ouvir-me? – continuava a falar aos gritos, com uma barulheira de fundo difícil de identificar. – Estamos aqui... e estávamos a falar de ti, fomos jantar fora e depois beber uns copos por aí, e fomo-nos entretendo, entretendo e... e... e este vai pagá-las quando elas chegarem...

Rematou a frase com uma gargalhada selvagem. Não sabia a quem se referia com «este», provavelmente a algum dos seus amigos. Não me deixou sequer tentar saber, só disse *espera, vou passar-lhe*.

– Olá, Blancurria. Sou eu.

O sorriso que a voz de Pablo desenhara no meu rosto ficou congelado numa expressão tensa. Era Alberto, o meu ex-marido, com voz fanhosa. Tratando-me pelo nome carinhoso de sempre, do dia a dia, da cumplicidade.

– Estou aqui com o Pablito, que me apanhou, tem cá um descaramento... – prosseguiu sem que eu dissesse nada. – Está um homem feito, o tipo tem uns cabelos que vamos ver se os corta de uma vez... Mas de mim não faz caso, como sempre, vê se lhe dizes qualquer coisa e o convences, já sabes que o que lhe digo entra-lhe por um ouvido e sai-lhe pelo outro. Bem, que... feliz aniversário, como estás longe, não tenho nenhum presente para ti. Um dia destes vi um quadro, nada de especial, uma banalidade, uma marina com uns barquitos, uma estupidez, e pensei, *para Blanca*, que no inverno sente sempre saudades do mar. Mas depois lembrei-me de que não estavas, que te tinhas ido embora... bem, de que... de que me tinha ido embora eu ...

Então calou-se e eu não fui capaz de articular uma única palavra. O ruído de fundo continuava a ser

atroador e tornava o nosso silêncio ainda mais tenso. Permanecemos assim uns segundos, que me pareceram intermináveis, ambos mudos, ele no seu bar e eu na minha casa de banho, cada um consciente da presença silenciosa do outro, à distância. Apesar do afastamento transatlântico e do abismo aberto entre nós, apesar do distanciamento afetivo contra o qual havia tanto tempo lutava, pela primeira vez, em muito tempo, Alberto e eu sentimo-nos próximos. O primeiro a falar foi ele. A voz era clara. Pastosa, mas clara como água.

– Não sei se isto foi uma loucura...

Atravessou-se-me um nó na garganta e os olhos encheram-se-me de lágrimas. Lutei para as conter e, com esforço, consegui não derramar uma única. Contudo, o esforço foi descomunal. Alberto. Como num relâmpago, voltou-me à memória o seu rosto, a sua presença que enchia tudo. O seu passo ruidoso a descer a escada. O cabelo escuro, o riso, os dedos, a pele. Por um instante, desejei que tivesse razão. Que fosse tudo um sonho mau, que o seu abandono não passasse de um pesadelo febril. Que o filho dele, que crescia dentro de outra mulher, não passasse de um desvario da minha imaginação. Pensei que talvez ainda estivéssemos a tempo de refazer as nossas vidas, de começar outra vez. A tempo de perdoar e esquecer. E quis dizer-lho.

Mas, por qualquer estranha descoordenação neuronal entre o canal do pensamento e o da linguagem ou talvez por esse cabo de auxílio que a lucidez nos lança de tempos a tempos quando estamos à beira do precipício, as palavras que me saíram da boca foram outras.

– Adeus, Alberto. Não voltes a ligar-me.

Quase sem intervalo para processar o que acabara

de acontecer, enquanto desligava ouvi bater à porta. Olhei para o relógio, passava das oito. Hora de começar. Antes de sair, verifiquei fugazmente a minha imagem no espelho. O adereço cigano sobre a orelha esquerda pareceu-me de repente extravagante. Nem o meu humor nem a minha cara estavam para cravos, pelo que os arranquei do cabelo com um esticão. Deitei-os para a retrete, puxei o autoclismo e, com um sorriso mais falso que Judas, saí para receber os convidados.

Rebecca foi a primeira a chegar. Com um *dip* de espinafres e uma taça gigantesca de guacamole, como sempre disposta a ajudar. Depois, uma professora de português e o noivo canadiano e, apenas dois minutos mais tarde, três alunos meus com outras tantas garrafas de vinho debaixo do braço. Luis Zárate, o diretor, foi o seguinte, com tequilha, tranquilo e de calças de ganga. Pouco tardou para que o apartamento se enchesse de vozes, música e fumo. Os pratos, as travessas de comida, começaram a esvaziar-se à velocidade da luz, enquanto eu me esforçava por atenuar, pelo menos superficialmente, o meu desassossego. Entravam uns, saíam outros, começava a fazer calor, alguém abriu uma janela. Houve quem não aparecesse e houve quem trouxesse amigos. Outro aluno meu chegou, um pouco depois, com uma guitarra e um casal de uruguaios que eu não conhecia. Enquanto os cumprimentava, senti alguém tocar-me no braço para me chamar a atenção.

– Vou buscar limas e mais gelo, volto já.

Era Luis Zárate, encarregado espontaneamente do bar desde que chegara. Ao contrário do que eu esperava, chegara sozinho, sem a jovem professora alemã com quem o tinha visto algumas vezes e com quem, segundo os rumores do departamento, andava há

uns tempos. Nunca o imaginara como um homem de farra e noitadas, mas, para minha surpresa, movimentava-se com enorme destreza, preparando margaritas e caipirinhas ao mesmo tempo que conversava com toda a gente com excelente bom humor.

– Perfeito, mas não te escapes. Precisamos de ti para os copos, ainda temos muita noite pela frente. Onde foste buscar essa habilidade?

– Tem truque – disse, chegando-se ao meu ouvido. – Aprendizagem académica de baixo impacto. Fiz um curso de cocktails há uns anos, mas não digas a ninguém.

– Ok, mas porta-te bem comigo, para nunca o ter de usar contra ti.

– Tão bem quanto tu deixares...

Voltou a encurtar a distância entre nós. A julgar pela atitude, certamente metade dos cocktails que preparara desde a chegada tinha-os bebido ele mesmo. Mas estava descontraído e divertido, pelo que continuei com o jogo.

– Quando trocares a impressora do meu gabinete, falaremos – respondi com uma gargalhada, também eu já com uns copos. – De momento, desde que te encarregues do gelo é suficiente.

– E que tal se... – insistiu, voltando a aproximar-se.

Não o deixei continuar; agarrando-o pelo braço, levei-o até à porta.

– Há um 7-Eleven²⁶ à esquina, já sabes. Não penses em conduzir.

– Às suas ordens, *doctorsita* – disse, simulando sotaque mexicano. Não pude evitar rir, enquanto fechava a porta nas suas costas.

Houve mais risos, mais misturas de línguas e, finalmente, um dedilhar de guitarra e algumas palmas que deram origem a um reportório descompassado de velhas glórias em espanhol e em inglês, entoado aos berros sem o menor pudor.

Num momento impreciso da noite, entre as gargalhadas e as estrofes de uma rancheira, ouvi bater à porta.

Supus que era Luis, por fim. Saíra havia um bom bocado e ainda não voltara. Mas não foi o diretor que encontrei, mas, sim, Daniel Carter, dentro de um casaco de cabedal escuro, com um saco de viagem numa mão e um saco de plástico na outra. Ao fundo, continuavam a arruinar *pa todo el año* a memória do grande José Alfredo Jiménez.

– Já pensava que não vinhas.

– Antes morto – disse, enquanto despiu o casaco e punha a bagagem no chão. – O avião vinha atrasado, estive quase a estrangular o piloto.

Sem me deixar dar-lhe réplica e sem uma palavra mais, pegou na minha mão, agarrou-me pela cintura e, unindo a sua voz forte ao coro desafinado – *porque yo tendré el valor de no negarlo, gritaré que por tu amor me estoy matando, y sabrán que por tus besos me perdí...*²⁷ –, arrastou-me pela sala com quatro hábeis passos de dança à procura de algum, mais que improvável àquelas horas, resto de tortilha de batatas.

Acabámos às tantas, sem que sobrasse um miserável resto do meu esforço culinário e sem voltar a saber de Zárate. Com a partida dos últimos convidados, foram também as minhas responsabilidades de boa anfitriã, pelo que decidi deixar tudo como estava e deitar-me de imediato. Não tinha forças para arrumar nada, nem os

restos da festa, nem os retalhos da conversa com Alberto que, apesar da longa festa, não parara de ir e vir dentro da minha cabeça. O cansaço e os copos facilitaram as coisas: por sorte minha, adormeci imediatamente, sem dedicar nem um segundo mais àquele triste reencontro telefónico.

Na manhã seguinte, depois de um duche descongestionante, meti mãos à obra. Entre bolas de guardanapos, copos vazios e dezenas de garrafas sem rasto do conteúdo original, encontrei pertences esquecidos na noite anterior. Um deles, um pulôver vermelho caído atrás de um sofá, identifiquei como sendo de um dos meus alunos. O outro era um saco de plástico verde e branco da cadeia de livrarias Barnes&Noble. Olhei lá para dentro na intenção de identificar o dono, segundo o conteúdo, e encontrei um livro e um envelope com o meu nome. Voltou-me, então, à memória a imagem de Daniel Carter na sua chegada tardia. Com aquele saco na mão.

O envelope continha um simples cartão com duas frases em letra preta e firme.

Que a luz dos anos te sirva para veres mais nitidamente o teu caminho.

Muitas felicidades.

Um livro. Um livro de tamanho médio, com uma sobrecapa amarela. *A History of California*. Folheei-o. Trezentas e quarenta e quatro páginas, em inglês, que esmiuçavam a história da Califórnia em catorze capítulos, um mapa, uma cronologia, algumas fotografias e uma lista de referências bibliográficas.

Não entendi o sentido daquele inesperado presente,

apesar de, possivelmente, não ter qualquer outro para além do de uma compra ocasional para cumprir uma norma de boa educação. Também não sabia onde fora Daniel buscar a informação sobre o meu aniversário, supus que Rebecca lho tivesse dito. Após uma última vista de olhos, arrumei-o, com o pulôver, em cima de uma cadeira para poder continuar a limpeza.

Arejei o apartamento, enchi três enormes sacos de lixo, lavei muito bem o chão e pus milhares de garrafas no contentor da reciclagem. Ao terminar, apercebi-me de que tinha uma fome de lobo e o frigorífico vazio, por isso, fui comer fora. Aproveitei para comprar os jornais, dei um pequeno passeio e voltei para casa. Domingo de outono à tarde. Má altura para manter na linha a nostalgia e, ainda por cima, depois da chamada de Alberto na noite anterior.

Liguei a televisão à procura de qualquer coisa com que me distrair. A CNN falava de um acidente de avião com dezoito mortos no México, da explosão num lar de terceira idade no Michigan e da chegada dos cisnes do Pokémon. Fazendo zapping entre os canais, dei com uma reposição de *Rambo III*, duas tele vendas, uma reportagem sobre cabeleireiros de cães e a repetição do enésimo episódio da noite anterior de *Miami Vice*. No canal local de Santa Cecília, acompanhavam outra vez o caso de Los Pinitos. Detive-me dois ou três minutos aí, as câmaras percorriam o local e entrevistavam alguns transeuntes. Com vários graus de entusiasmo, quase todos se mostravam abertamente contra a sua aniquilação. Conversaram depois com o meu aluno Joe Super, com o professor emérito de História que eu já sabia ser um enérgico ativista na plataforma pró-conservação. Não pudera vir à festa da véspera, estaria

fora, avisara-me com tempo. Gostei de o ver, pelo menos na televisão, dissertando, convincente, acerca das nefastas consequências do projeto do centro comercial que pretendiam construir. Depois de Joe, entrevistaram outros membros da plataforma que depressa deixaram de me interessar. Com um deles a falar sobre a duvidosa propriedade legal do local, adormeci.

Quando acordei, era de noite. Olhei para o relógio, desorientada, e dei conta de que dormira uma sesta de mais de três horas, num sono intenso e profundo. Talvez a causa fosse o cansaço, depois da limpeza do apartamento. Ou o resultado do álcool e da noitada. Ou talvez um inconsciente mecanismo de defesa para evitar o encontro com a melancolia. Em qualquer caso, independentemente do motivo, a crua realidade era que ali estava eu, sozinha, sem sono diante de uma longa madrugada, encerrada num apartamento meio vazio. Acabara de ler um romance na sexta-feira e não tive tempo de comprar outro livro, nem de passar pela biblioteca. Percorri, então, dezenas de vezes os canais de televisão, sem encontrar nada interessante. Comi um iogurte. Vasculhei os jornais que, em algumas horas, pareciam ter perdido a atualidade. Li um artigo sobre o desenho inteligente e uma entrevista de Oprah Winfrey. Comi uma banana. Amaldiçoei a decisão de não ter trazido o computador portátil para casa, nesse fim de semana, já que pensara que, com a festa, não teria tempo para o usar. E, então, os olhos detiveram-se no livro de Daniel Carter. A história da Califórnia. Abri-o e comecei a ler.

Na página três pressenti-o e na seis tive a certeza. Aquele obséquio tinha um sentido para lá de uma

simples compra precipitada. Na tarde que passáramos juntos a falar entre cafés, eu contara-lhe os quebra-cabeças que os papéis de Fontana estavam a ser para mim nos últimos tempos. Com aquele presente inesperado, tentava fazer-me ver que o meu procedimento talvez não fosse o mais adequado e dava-me um conselho. Na constante fuga para a frente, que parecia dominar a minha vida ao longo dos últimos meses, o meu objetivo imediato centrava-se em avançar na descodificação do espólio, saltando, acelerada, barreiras e buracos, contornando com urgência as fendas e os obstáculos que constantemente apareciam nos escritos. Textos incompletos, referências desconhecidas, comentários sobre anotações inexistentes e um enorme desconhecimento da minha parte.

O antigo aluno de Fontana sugeria-me, agora, uma solução plena de sensatez que, apesar de ser a mais óbvia, eu não considerara. Sossego e calma. E uma documentação exaustiva para poder completar a guia de marcha dos escritos do velho professor sobre o mapa real dos tempos e dos factos.

Li de enfiada os três primeiros capítulos e compreendi que a minha dedução estava certa. A leitura ajudava-me a apreciar, com maior clareza, o sentido da última parte do espólio. Mas o conteúdo relativo à presença espanhola na Califórnia só abrangia os três primeiros capítulos do livro e, ainda que, de uma maneira geral, estes contivessem a informação elementar para abarcar a essência geral do panorama, soube que precisava de saber mais.

Por fim, quase às quatro da manhã, estava prestes a adormecer quando decidi não deixar para o dia

seguinte uma coisa tão importante. Escrevi no telemóvel:

LIÇÃO APRENDIDA. TENTAREI ESTAR À ALTURA

Supus que Daniel não lesse a mensagem senão no dia seguinte, mas uma qualquer razão irracional impeliu-me a agradecer-lhe imediatamente. Mal tinha voltado a apagar a luz quando ouvi um bip-bip. Carreguei no ícone do envelope, meio adormecida

COMO SEMPRE.

26 Marca internacional, operadora de lojas de conveniência. (N. do T.)

27 Fragmento da letra de Pa todo el año, de José Alfredo Jiménez. (N. do T.)

Capítulo 21

Não era espetacular mas, comparada com a minha relíquia do Pleistoceno, parecia tecnologia de outra galáxia. Nem sequer parei para a ligar. Preferi ir procurar o responsável.

– A tua fuga está perdoada – anunciei da porta. Atrás da mesa, estava o Luis Zárate de sempre, controlado e profissional. Aparentemente.

– A sério? – disse, erguendo os olhos do ecrã do computador

– Perdemos as tuas margaritas, mas ganhei uma impressora decente. Nada mal.

– Cheguei mesmo a comprar o gelo, sabes? Mas, no fim, optei por ir para casa. Estava bastante pesado e um passo mais seria fatal.

– Para a ressaca ou para a tua reputação?

– Para as duas coisas, creio. Como acabaram?

– Bem, bem... Um pouco passados dos carretos, mas bem. Foi uma noite divertida.

– E achas que poderei recuperar qualquer coisa do que perdi? – propôs, enquanto se levantava da cadeira.

Eu continuava de pé à porta, sem intenção de entrar. A semana estava a começar, tínhamos todos montes de trabalho. Não era altura para conversas prolongadas, só tinha passado pelo gabinete dele para

lhe agradecer o gesto, sem ânimo para o entreter mais de dois minutos.

– Receio que, como anfitriã, tenha cumprido a minha quota de comemorações.

– Então, agora é a minha vez – disse, enquanto se apoiava na parte da frente da mesa. Mais perto de mim, mais à minha altura.

– Vais organizar uma festa em tua casa?

– Gostaria, mas receio que, diferentemente de ti, como anfitrião seja um desastre. Mas temos pendente um jantar em Los Olivos, lembra-te?

Claro. Desde a tarde em que parou o carro a meu lado no campus, à saída do trabalho.

– Já te disse que é quando quiseres.

A minha resposta era outra vez sincera. Não me desagradava a ideia de ir jantar com ele. Surgiam sempre milhares de coisas sobre que falar e, depois de mostrar na minha festa o seu lado mais humano e menos formal, subira alguns pontos na minha tabela particular.

– Temos as férias da Ação de Graças à porta. Preferes antes ou depois?

– Não tenho planos, quando te for conveniente.

– A minha mãe espera-me em Concord para festejar em família, obrigações de filho único. E, antes, tenho dois ou três compromissos pendentes. Talvez seja melhor deixar para quando voltar.

Ia retorquir que a semana tinha sete dias, que talvez não fosse necessária tanta antecipação. Mas contive-me. Ou talvez fosse mais exato dizer que me contiveram. Chegaram nesse momento três mulheres à porta em que eu estava apoiada. Três professoras do departamento que tinha os seus espaços noutro piso, e que eu

raramente encontrava. Uma era Lisa Gersen, que todos considerávamos a companheira, noiva ou namorada de Zárate, uma trintona de pele muito clara que costumava usar carrapito e calçava sempre sapatos de salto alto. As outras eram colegas que, como ela, também lecionavam Alemão.

Afastei-me ao notar a presença delas carregadas de papéis e dossiês, supondo que tivessem uma reunião com o diretor.

– Falamos depois – disse, à laia de despedida, a Luis.

Elas protestaram perante a minha intenção de me ir embora.

– Não precisas de te ir embora, esperamos – insistiram. Ele endireitou-se e olhou para o relógio.

– Certo. E combinamos a data do nosso encontro.

Apesar de falarmos entre nós em espanhol, Luis preferiu não mencionar a palavra jantar. O nosso encontro, disse apenas. Talvez por acaso, ou talvez como mecanismo automático perante a recém-chegada: alguém que fora ou talvez continuasse a ser afetivamente muito próximo. *Era só o que faltava, interferir numa relação*, pensei, enquanto percorria o corredor de volta aos meus assuntos. Ainda estava a recuperar de uma história a três em que quem acabou por ficar de fora fui eu. Uma má altura para me ver implicada, sem culpa nenhuma, num novo triângulo.

Não me preocupei sequer em verificar o funcionamento da nova impressora nem em dar voltas à cabeça tentando descobrir por que razão Luis Zárate preferira não chamar um jantar pelo nome devido. Tinha algo mais urgente a fazer. Algo que não se relacionava diretamente com a festa, mas sim com as consequências, com o livro sobre a Califórnia que

Daniel Carter me trouxera num inocente saco, como se fosse mais uma simples leitura. Esse livro que despertara a minha necessidade de saber.

Meia hora mais tarde, mudei o acampamento para a biblioteca com a decisão de continuar a examinar o espólio até conseguir mover-me, com segurança, sobre o tabuleiro em que devia situar os seus conteúdos. E aí, sozinha e afastada do barulho num canto remoto do quarto piso, através de diversas fontes, localizei as coordenadas geográficas e históricas indispensáveis a uma melhor compreensão do que se passou nesta terra que, com o nome de Califórnia, se reparte hoje por duas nações.

Entre os documentos que consultei, encontrei factos coincidentes, paisagens comovedoras e centenas de dados harmoniosamente congregados. Graças a eles comecei, por fim, a ser capaz de encaixar as grandes e pequenas histórias da intervenção dos meus compatriotas na formação da Califórnia e os escritos de Andrés Fontana nos precisos locais e circunstâncias. E pude entender, transportando-o para outras realidades, como a coragem e a paixão podem levar os transterrados a empreender, por vezes, ações impossíveis para além das suas próprias fronteiras.

Quase não falei com ninguém nos dois primeiros dias em que me mantive enclausurada. Avisei simplesmente Rebecca da minha nova localização e lancei-me de mergulho por entre os recursos, como quem procura peças soltas de um tesouro espalhado no fundo do mar. Mas, tal como os escafandristas, também eu precisava de me manter alimentada para recuperar forças. Assim, por volta da uma, costumava abandonar por algum tempo o meu trabalho para ir comer

qualquer coisa rápida. Por fim, ia habituando o estômago aos horários dos meus vizinhos.

Naquela quarta-feira, ao entrar na cafetaria do campus, entre o formigueiro de alunos e professores em movimento, entre mochilas, livros, ruído de pratos e talheres e um cheiro muito apetecível a comida, vi Daniel Carter ao longe. Com o seu cabelo claro, a sua estatura e porte descontraído, tornava-se sempre fácil distingui-lo entre a multidão. Conversava animadamente com dois professores; pareciam já ter acabado de almoçar e as gargalhadas dele ouviam-se à distância. Supus que não se apercebera que eu andava por ali.

De entre as diferentes opções do dia, escolhi um *burrito* de frango e uma Coca-Cola. Rodeada de alunos com bandejas atestadas de massa em várias versões, sanduíches gigantescas e o que anunciavam como prato do dia, gulache de vitela, aguentei estoicamente na fila para pagar e sentei-me a um canto com o jornal da universidade por companhia. Apenas tinha levado três vezes o burrito à boca quando a cadeira à minha frente deixou de estar vazia.

– Grande surpresa ver-te por aqui, doutora Perea. Já te dava por desaparecida.

– A culpa é tua.

Fez-me um gesto interrogativo.

– Pela vontade de saber mais que o teu livro sobre a Califórnia despertou em mim. Deveria ter-te procurado antes para te agradecer, é verdade, desculpa.

– Já quase agradeceste no outro dia, às dez para as quatro da madrugada. Ou fui eu que sonhei contigo?

À medida que o ia conhecendo, ia-me habituando também à sua maneira natural de andar pela vida, ao

afeto com que tratava toda a gente e com que todos os que o conheciam pareciam tratá-lo a ele. Namoriscava as empregadas da cafetaria, quanto mais feias e mais gordas, melhor. Abraçava sem reservas os amigos, costumava olhar as coisas através do vidro da ironia e fazia com que tudo se tornasse fácil à sua volta. Só o vira ficar tenso com duas pessoas, por acaso no mesmo dia. Com Zárate, na tarde já distante do debate sobre a hispanidade, e com a mãe de Fanny, um pouco depois. Nunca soube as razões daquelas falhas de sintonia e, na verdade, não me interessavam. Interessava-me muito mais continuar em contacto com ele para que me ajudasse a ver a luz no espólio do seu velho professor.

– Não sonhaste, o que conseguiste foi tirar-me o sono a mim. E obrigar-me a encerrar-me na biblioteca como uma reclusa.

– Não sabes como isso me alegra – disse, tirando um bocadinho do meu burrito.

– Mas acabaste de comer... – protestei.

– Só que tu hoje escolheste melhor do que eu... O gulache estava uma lástima. Conta-me coisas, o que estás a fazer?

– Agora, vejo tudo mais claro, começo a perceber porque se fascinou aos poucos pela história dos seus compatriotas nesta terra, desenvolvendo uma espécie de atração pessoal por tudo isso e que, por essa razão, fez uma viragem nas suas linhas de investigação e centrou-se cada vez com maior paixão na velha Califórnia. E cada vez vou entendendo com mais clareza a essência desse mundo a que se dedicou.

– Por onde andas, então?

– Estou a trabalhar com documentos relativos às últimas missões franciscanas, já nas etapas finais da

Califórnia espanhola. Uns anos antes da sua breve independência e de, a seguir, passar a fazer parte dos Estados Unidos.

– É uma história muito atraente, a das missões, apesar de eu ter demorado anos a reconhecê-lo. Lembro-me de que, quando Fontana andava a investigar, me parecia um tema de trabalho entediante.

– Porquê?

– Porque eu era nessa altura um completo ignorante, apesar de me considerar um iluminado. Não compreendia o interesse que despertaram, num especialista de literatura do seu calibre, aquelas simples construções de adobe, meia dúzia de padres andrajosos e alguns índios confusos a quem depressa mudaram os nomes, a língua e os fundamentos da sua vida simples. E, apesar de frequentemente tentar transmitir-me o seu interesse, não conseguiu convencer-me. – Voltou a arrancar com os dedos um bocado do burrito. – O último, prometo.

Aos poucos, a cafetaria esvaziava-se, restavam apenas três ou quatro mesas ocupadas. O ruído de fundo foi diminuindo e já apenas se ouvia uma ou outra despedida e o choque dos pratos entre si conforme os empregados os levantavam.

– Talvez se tivesse cansado de fazer o mesmo durante décadas – sugeri. – Talvez necessitasse de novas perspetivas para as suas linhas de investigação. E pode ser que tivesse encontrado uma coisa diferente nessas missões, tão distantes na geografia e, ao mesmo tempo, tão próximas da sua própria cultura.

– Realmente, tens razão. Mas diz-me uma coisa, só por curiosidade. Encontrei alguma referência a uma suposta missão Olvido?

– Na documentação que estou a consultar na biblioteca?

Negou com a cabeça.

– Nos papéis do Fontana.

– Não, mas ainda me faltam ver bastantes escritos.

Porque perguntas?

– Porque me lembro que ele mencionou várias vezes esse nome no final da vida. Hás-de chegar lá, se houver alguma coisa, creio.

Sáímos da cafetaria ainda a conversar e, depois de nos despedirmos à porta, foi cada um para o seu trabalho. Com a menção àquela suposta missão ainda fresca, ao longo do caminho para a biblioteca passaram-me pela mente os nomes das vinte e uma missões erguidas pelos franciscanos espanhóis nessa longa cadeia que orlava toda a Califórnia ao longo do Camino Real. Familiarizara-me com elas nos últimos dias: San Diego de Alcalá, San Luis Rey, San Buenaventura, La Purísima, Santa Inés, La Soledad... Histórias de frades corajosos e soldados violentos, de índios batizados e índios rebeldes, de reis ambiciosos, expedições em terra ignota e uma velha Espanha ansiosa por alargar infinitamente os seus confins sem prever o efémero das suas conquistas. Mas nunca encontrara nenhuma referência a uma tal missão Olvido, disso tinha eu a certeza. Arquivando o dado no dossiê da minha memória, empurrei a porta da biblioteca com força e entrei no meu paraíso particular alcatifado, onde todos os saberes que de momento necessitava me esperavam mais uma vez, dispostos a absorver-me.

A meio da manhã do dia seguinte, recebi uma visita inesperada: Fanny, acelerada e nervosa. Escorriam-lhe

pequenas gotas de suor pelas têmporas, suspirou de alívio ao ver-me.

– Até que enfim que a encontro, professora!

Realmente não era fácil dar comigo naquele canto remoto do quarto piso da biblioteca, uma zona quase sempre deserta. A maioria dos alunos concentrava-se no piso principal, nas zonas mais acessíveis e em frente dos computadores. Imaginava que na época de exames estaria tudo muito mais cheio. Mas, naqueles dias, salvo a presença esporádica de algum aluno à procura de um livro específico, a minha área era um oásis de sossego. A aparatosa chegada de Fanny, no entanto, dissipou-o.

– Passa-se alguma coisa? – perguntei um pouco alarmada.

– Nada, nada, nada, graças a Deus. É que ando há um bom bocado às voltas e não a conseguia encontrar. Mandou-me a senhora Cullen. Isto é para si.

Estendeu-me um envelope creme. Em meu nome, enfeitado com algumas rugas e duas marcas que as mãos suadas da portadora, no seu impetuoso esforço por me encontrar, deixaram tatuadas nele. Lá dentro estava um cartão manuscrito por Rebecca a convidar-me para partilhar com ela e a família o jantar de Ação de Graças. Uma antecipação elegante pensada com o particular tato para não me propor, pessoalmente e de surpresa, uma coisa em que talvez não me apetecesse participar.

O dia de Ação de Graças não significava realmente nada para mim por ser uma festa alheia à minha cultura e ao meu inventário de festividades nostálgicas. Poderia ter passado essa noite sozinha no meu apartamento, a ler um livro ou a ver um filme, sem me sentir desabrigada nem a pensar nos filhos, no peru ou

no bolo de abóbora. Mas sabia que, para os americanos, era um acontecimento fundamental do calendário, a sua reunião familiar mais apreciada. Por isso, reconfortou-me saber que Rebecca contava comigo.

– Agradeça da minha parte à senhora Cullen, por favor, Fanny. Diga-lhe que aceito com todo o gosto e que, assim que puder, falo com ela.

– Ok – sussurrou muito baixinho.

Começara a balançar-se. Para a frente e para trás, como uma cadeira de baloiço. Com os pés pregados ao chão, as mãos juntas atrás das costas e os olhos em baixo. A sua atenção já não estava nas minhas palavras, o «ok» que acabara de pronunciar servia para dar resposta a qualquer coisa. Os olhos, entretanto, vagueavam pela minha mesa e pela quantidade de livros, mapas e documentos espalhados em cima dela.

Permanecemos algum tempo em silêncio, enquanto ela olhava para a mesa, eu olhava para ela, e nenhuma de nós dizia nada. Até que, por fim, me procurou com o olhar.

– Já não está a trabalhar no espólio do professor Fontana, doutora Perea?

Formulou a pergunta com timidez, como que envergonhada. Possivelmente, pensava que estava a invadir a minha intimidade.

– Sim, Fanny, claro que continuo a trabalhar nele, apesar de cada vez faltar menos para acabar de o processar todo. Mas, antes de continuar, precisava de me documentar sobre alguns assuntos, por isso estou aqui. Não levará muito tempo, estou quase a acabar. Dentro de dias regressarei ao meu gabinete e continuarei a trabalhar lá. Voltaremos a ver-nos frequentemente.

Assentiu, ao mesmo tempo que persistia no balanço. Para a frente e para trás. Para a frente e para trás. O cabelo escorrido, preso com um gancho infantil em forma de nuvem cor-de-rosa, mexia-se compassadamente. Voltou a concentrar o olhar de peixe nas minhas coisas. Um monte de fotocópias. Dois mapas abertos. Várias folhas cheias de notas. Não entendi como tudo aquilo lhe podia parecer interessante.

– Ele também trabalhava assim – disse, por fim, apontando com um dedo para tudo. – Como a senhora, com muitos papéis e mapas em cima da mesa, escrevendo sempre muitas coisas. Usava a caneta e uma máquina de escrever. Apesar de não gostar muito de escrever à máquina, pelo que a mãe o fazia às vezes por ele. A mãe sabia escrever à máquina depressa. Muuuuuito depressa. Mas não gostava de transcrever os papéis em espanhol, porque não os entendia. Só em inglês. Mas ele preferia escrever em espanhol. E falar em espanhol. O tio Andrés era bom. Muuuuuito bom. Oferecia-me sempre coisas. Sapatos. Roupa e bonecas. E levava-nos no automóvel. E comprava-me gelados e batidos. De morango, sobretudo.

Demorei uns momentos a processar os dados, a encaixar que o Fontana das minhas preocupações e aquele tio Andrés, cujo nome, na minha língua, ela pronunciava com dificuldade, eram a mesma pessoa. Fiquei surpreendida por Fanny e o professor terem tido uma relação tão chegada, por isso, continuei a ouvi-la, atenta, enquanto continuava a falar sem olhar para mim. Apesar de os olhos parecerem ainda pousados na mesa, na realidade já não olhavam para nenhum ponto fixo. Para nada real, nada concreto. Vagueavam apenas

pelo passado.

Não a interrompi, acho que nem sequer me teria ouvido.

– Uma vez, levou-nos a Santa Cruz Beach Boardwalk, junto ao mar. É muito antigo, o parque de atrações mais antigo da Califórnia. Algumas atrações eram muito divertidas. Muuuuuuito divertidas. E outras perigosas, muuuuuuito perigosas. Andei em quase todas, o que gostei mais foi da montanha russa. Ele foi comigo e apertou-me a mão com força para eu não ter medo. A mãe ficou lá em baixo. Foi um grande dia.

O meio sorriso dos últimos momentos desapareceu-lhe do rosto simples e ausente.

– Fiquei muito triste quando morreu. Eu estava a dormir e a senhora Walker, a vizinha, acordou-me. A mãe não estava em casa, saíra durante a noite. Não gostava de ficar com a senhora Walker, chamava-me parva e outras coisas feias. O tio Andrés nunca me ralhava, dizia-me sempre *Muito bem, Fanny! Fizeste muito bem, Fanny!* Ele também é assim comigo. Nunca me diz nada mau, nem desagradável. Só coisas boas.

Pestanejei surpreendida, perdera o fio à meada, não sabia de quem falava agora. Olhei-a, esforçando-me por perscrutar a sua mente, enquanto ela continuava a desfiar recordações e sensações, ao mesmo tempo que balançava ritmicamente o fardo que tinha por corpo, com o vestido cor de salmão cozido abotoado até ao pescoço e a cara ainda suada. O olhar permanecia extraviado e as palavras continuavam a sair-lhe da boca sem graça, mas com uma certa delicadeza.

– Ele é como o tio Andrés, mas diferente. Não vejo nenhum deles, mas sei que estão aí. São os dois bons comigo. Ele também me diz *Força, Fanny! Tu consegues,*

Fanny! Boa menina, Fanny.

Então, fez-se luz. Lembrei-me do seu gabinete, dos autocolantes do seu carro, dos seus cumprimentos fervorosos. Já sabia quem era *ele*, esse outro ser que a tratava com o mesmo carinho com que antes o fizera Andrés Fontana. Falava do seu Deus, esse Deus particular que ela configurara à sua própria medida para iluminar os recantos escuros da sua vida.

– A mãe não gosta que eu fale tanto com ele e lhe dedique tanto tempo – prosseguiu em tom monocórdico. – Creio que é por saber que ele não lhe vai dar nada do que quer. Do que lhe dava quando eu era pequena, depois já não. Presentes, passeios de automóvel. Às vezes, até lho deixava para ela conduzir sozinha, sem ele. Eu sentava-me a seu lado e ela andava, andava, andava. Gostava muito de conduzir, mas nós não tínhamos carro porque o pai o levou quando saiu de casa e nós não nos podíamos permitir a comprar outro, por isso a mãe conduzia às vezes o automóvel do tio Andrés. Eu também gosto muito de conduzir. Gosto muito. Depois do acidente, o carro foi para a sucata. A mãe gostaria de ficar com ele, mas já não se podia arranjar. Estava numa desgraça.

A chegada de duas alunas interrompeu o monólogo. Despreocupadas, de fato de treino, bronzeadas. Falavam e riam movendo ritmicamente os rabos de cavalo louros, ignoravam-nos. O facto de não encontrarem o livro que procuravam parecia ser extremamente engraçado. A sua frívola cavaqueira trouxe Fanny de novo à realidade.

– Creio que tenho de me ir embora, já estou um pouco atrasada – anunciou, aproximando o relógio dos olhos. – Direi à senhora Cullen que vai falar com ela

assim que puder.

Contemplei-a a afastar-se no seu ritmo desajeitado, enquanto pegava num marcador para continuar a trabalhar, mas nem cheguei a destapá-lo. Fontana e Fanny pairavam ainda na minha cabeça. Fontana e Fanny, Fontana e Darla Stern, vínculos inesperados que, de repente, apareciam diante de mim. Não sabia que mãe e filha tivessem tido uma relação tão próxima com ele, mas também não era inverosímil. Fontana fora diretor do departamento; Darla, a secretária do mesmo; Fanny, uma criança desajeitada e sem pai que possivelmente despertara ternura à sua volta.

O tempo repusera a ordem e o local das peças. Ele agora estava ausente, elas continuavam ali; ele morto, elas vivas. Vivas e com ele na memória, pelo menos Fanny. Talvez Darla também.

Obriguei-me a retomar a minha tarefa e comecei a palmilhar de novo o mapa das velhas missões. De Santa Bárbara a Santa Inés, de Santa Inés à Purísima Concepción. A tarde foi passando, o sol caindo no vidro da janela. A imagem do professor espanhol e uma Fanny menina a andar numa velha montanha russa ficou, contudo, suspensa no ar. Fazendo-me companhia, como uma pequena aranha suspensa num fio que mal se consegue ver.

Capítulo 22

Na manhã seguinte, voltei ao Guevara Hall para ir ter com Rebecca. Recebeu-me calorosamente como sempre, serviu-me um chá. Trabalhava com música de fundo suave e flores frescas junto à janela, para cúmulo da minha inveja. Apesar de me propor a isso todos os princípios de ano letivo, nunca cheguei a ter uma cafeteira, uma chaleira ou uma aparelhagem de música no meu gabinete. Nem sequer um simples ramo de malmequeres ou um velho transístor. O mais longe a que cheguei foram dois vasos que acabaram por secar durante as férias.

– Os meus filhos e netos estarão, como sempre. Comeremos o peru que faço todos os anos com a receita da minha avó materna e, depois de jantar, os homens verão o futebol na televisão e as mulheres arrumarão a cozinha, como manda a tradição – disse em tom irónico.

– Adorarei passar esse dia tão especial convosco.

Permaneceu em silêncio durante alguns segundos, como se estivesse a decidir partilhar comigo mais algumas palavras ou não as deixar sair da boca.

– Daniel Carter também irá.

– Formidável.

– E... e mais alguém.

Manteve-se de novo uns instantes em silêncio até que acrescentou:

– Paul também estará.

– Paul... o seu ex-marido?

Com um simples sinal disse que sim, o próprio. Não voltara a falar-me dele desde o dia em que carregámos as cadeiras para a minha festa no carro; a partir dessa conversa, deduzi que Paul desaparecera para sempre da sua vida. Mas tudo apontava para que me tivesse enganado.

– Talvez porque...?

– Se está a pensar numa reconciliação, a resposta é não.

– Então?

– Pois... porque a vida acaba sempre por dar voltas inesperadas, Blanca. Porque, às vezes, pensamos ter tudo sob controlo e, de repente, apercebemo-nos de que nada é tão firme como pensamos. E o que quero agora é que ele se reencontre com os filhos.

– Mas eu pensava que perdera o contacto com ele, que...

– A princípio, telefonava-nos de tempos a tempos, tentava ver as crianças duas ou três vezes por ano. Mas elas nunca conseguiram compreender a sua atitude instável, adorando-os umas vezes, desprezando-os outras ...

– E eles próprios foram-se afastando – avancei.

– Sim, foi isso mesmo. O distanciamento foi aumentando em todos os sentidos e chegou uma altura em que preferiram não saber dele.

– Suponho que não viveria perto.

– Acabou por nunca se estabelecer definitivamente em lado nenhum, mudou muitas vezes de universidade

e, apesar de ter mantido algumas relações, pelo que sei, nenhuma foi duradoura. Entretanto, as crianças cresceram e empreenderam as suas próprias vidas. Mas, agora, quero reuni-los outra vez.

– Mas porquê, Rebecca? Porquê agora, depois de tanto tempo?

– Para que se despeçam. Possivelmente será a última vez que se veem.

Tirou os óculos e fechou os olhos. Massajou com dois dedos a parte superior do nariz, precisamente onde a armação deixara duas leves marcas gémeas. Calculei que a pressão a magoasse. Ou talvez apenas quisesse proteger-se antes de responder à pergunta que esperava de mim.

– E eles ainda não sabem que ele estará presente, não é verdade?

Negou com a cabeça e não foi preciso pedir-lhe mais explicações, porque apenas demorou uns segundos até me esclarecer a situação.

– Há três anos que Paul voltou à Califórnia e está internado numa instituição em Oakland. Vou vê-lo de vez em quando. Tem Alzheimer.

Chegou por fim o dia, a quarta quinta-feira de novembro. A universidade, tal como Zárata me adiantara, ofereceu uns dias sem aulas e o campus ficou deserto, com o outono já entrado como único residente. A maioria dos alunos voara para os ninhos familiares, esvaziaram-se as residências e os apartamentos partilhados, deixaram de se ver bonés, bicicletas e mochilas, extinguíram-se os risos e as vozes nas salas e nos corredores. E os expatriados solitários, como eu, foram, por sorte, acolhidos pelos amigos.

Levei um bom bocado a decidir o que vestir para esse jantar. Não fazia ideia do grau de formalidade com que festejavam a data, nem do ambiente que se respiraria, tendo em conta a decisão de Rebecca de convidar o ex-marido sem conhecimento dos filhos. Talvez o aceitassem com naturalidade, entendendo os sentimentos da mãe. Talvez lhes assentasse como um soco no estômago e não fossem capazes de compreender que o que Rebecca queria era fechar o círculo vital de uma família fragmentada. Fragmentada, mas real.

Optei por um vestido de veludo bordeaux e brincos de prata que me tinham encantado na primavera anterior, numa viagem a Istambul com Alberto e os irmãos. Um par de brincos compridos que nem sequer estreara. Guardara-os para o verão, para essas noites relaxantes junto ao mar, para esses jantares com cheiro a sal, cheias de risos e de amigos. Para esses dias de sempre que nunca chegaram. Naqueles meses de calor e barrigas escuras, não houvera jantares sob as estrelas, nem risos, nem amigos. Só raiva e desconcerto, esse desconcerto que me impelira a mudar de vida. Mas tudo isso ficara para trás. Agora havia que olhar em frente e, em homenagem a esse futuro que se ia abrindo à minha passagem, decidi pôr finalmente os meus brincos novos de prata velha.

Às cinco da tarde, hora de jantar inadequada para um estômago espanhol, bati à porta da casa de Rebecca, com uma garrafa de Viña Tondoria comprada ao preço de um bidão de petróleo e uma caixa de bombons para as crianças. Abriram-me a porta dois furacõezinhos que não passariam dos seis anos e que exigiram que cumprisse uma série de perguntas e

condições antes de me deixarem entrar. Como te chamas, de onde és, para quem são os bombons, quantos filhos tens, mostra-nos os teus sapatos, baixa-te, mostra-nos os brincos, promete que no fim do jantar nos emprestas... Ato contínuo, as duas loirinhas desapareceram como balas, a caminho do jardim, e só então me apercebi da presença de Daniel ao lado da porta. Com o corpo comprido apoiado na ombreira da porta, observando a cena, divertido. De casaco cinzento, camisa azul e gravata, um copo na mão...

– Prova superada – disse, sorrindo, enquanto se aproximava para me cumprimentar.

– Não penses que é fácil: as crianças são implacáveis e, se não lhes agradamos à primeira, estamos perdidos. Fica-te muito bem a gravata, mas está torta.

– As diabinhas tentaram tirar-ma, são perigosíssimas.

– Vamos lá endireitá-la, deixa comigo. – Passei-lhe o vinho e a caixa para as mãos livres, endireitei-lhe o nó, deixou-me fazê-lo. – Agora, sim. Perfeito.

A casa estava anormalmente tranquila para o que deveriam ser os momentos que precedem um grande jantar de família. Não obstante, por trás das portas corrediças que separavam o hall da sala de estar, ouvia-se o som abafado de uma conversa.

– Como estão as coisas?

– Não faço ideia, cheguei apenas há dez minutos. A Rebecca está agora a falar com os filhos, suponho que a tentar explicar-lhes a situação. Imagino que ficaram todos um pouco aturdidos ao ver o pai aqui. Trouxeram-no há bocadinho. Está no jardim, com a enfermeira que o acompanha. As crianças andam também por aí a brincar aos índios e a olhar para o avô

como se se tratasse de um fenómeno de feira.

– Não o conhecem?

– Nem sequer sabiam da sua existência.

Percorri com os olhos a cozinha, enquanto ele me enchia um copo de vinho. Estava tudo impecavelmente organizado para o jantar. Travessa e saladeiras, cestas de pão, bolos de abóbora. Do forno saía um cheiro que fazia crescer água na boca. Sentámo-nos em dois bancos altos, por baixo das frigideiras penduradas.

– Paul era teu amigo, não era?

– Um grande amigo, de há muitos anos. – Bebeu um gole, enquanto concentrava a vista num ponto impreciso para lá da janela. Talvez olhasse para onde ele se encontrava. – Numa época complicada da minha vida, foi o meu maior apoio. O destino levou-nos, depois, por rumos diferentes e perdemos o contacto. Ele deixou a família, creio que já sabes essa parte da história, e eu andei por vários sítios até que, com o tempo, acabei por me instalar em Santa Bárbara. No entanto, ao longo dos anos, continuei a manter a amizade com Rebecca. E ela foi-me mantendo a par do que ia sabendo da vida dele. Das idas e vindas, das suas truculentas histórias sentimentais, das mudanças de uma universidade para outra, por todo o país, cada vez com pior sorte. Assim, soube da sua instabilidade anímica e do seu declínio profissional. E, por fim, da doença.

– E não o tinhas voltado a ver até hoje?

A minha pergunta fê-lo desviar os olhos do infinito e virá-los para mim. Falava com tranquilidade, sem melancolia.

– Quando o internaram, há dois anos, Rebecca contou-me e vim visitá-lo a Oakland, perto daqui, na

baía. Devia-lhe, pelo menos, uma visita ao seu inferno particular, tal como ele foi uma vez testemunha de honra no meu. – Bebeu outro gole, voltou a olhar para a rua. – São histórias de há muito tempo, velhas histórias praticamente esquecidas. De quando me fui embora de Santa Cecília, há... quantos anos te disse no outro dia que tinham passado? Já trinta?

A cozinha continuava calma. Rebecca e os filhos permaneciam ainda encerrados na sala de estar e, de vez em quando, ouvia-se alguma voz mais alta que outra; chegavam do jardim os risos das crianças.

– Quando o vi na outra vez, passado todo esse tempo, não encontrei quem esperava – continuou. – Não estava ali aquele piolho elétrico que fora meu amigo, aquele professor de Filosofia um pouco mais velho que eu, esperto como uma raposa e extremamente divertido, que conheci quando cheguei pela primeira vez a esta universidade. Em vez de Paul Cullen, encontrei a sua sombra. Mas, como sei que as sombras também agradecem a seu modo a companhia, de vez em quando, de dois em dois ou três em três meses, vou visitá-lo.

– E ele fala contigo? Ou, pelo menos, percebe-te?

– Nem fala, nem percebe. No princípio, ainda era capaz de comunicar razoavelmente, apesar de se esquecer das palavras... Custava-lhe terminar as frases e desorientava-se com facilidade. Pouco a pouco, o vocabulário foi-se limitando até que a memória se deteriorou completamente. Só me reconheceu durante alguns instantes fugazes na primeira visita; foi um momento duro, mas emotivo. A última vez que nos tínhamos visto fora em circunstâncias difíceis e, por isso, aquele reencontro foi particularmente especial. Na

segunda vez, tratou-me com afeto, mas creio que nunca chegou a saber completamente quem eu era e o que fazia ali. A partir da terceira, já não conseguimos manter qualquer conversa.

– Mas continuas a visitá-lo...

– Passo a tarde com ele e conto-lhe coisas, palermices. Falo-lhe de livros e filmes, de viagens, de política. Da liga de basquetebol, do rabo das enfermeiras. De tudo o que me vem à cabeça, sei lá... – Acabou o copo. – Vem conhecê-lo. Ultimamente também lhe falei de ti.

Quase sem me aperceber, vi-me arrastada para o jardim convertido num zoológico cheio de estranhas espécies humanas. Os mais pequenos, supostamente debaixo do olho de uma *au-pair* japonesa, cabriolavam à sua vontade, sem controlo. Um *Terminator* de cinco anos acabara de rasgar as calças num ramo cortado e um par de gémeos lutava ferozmente por um camião de plástico amarelo, enquanto a guardiã desafiava, obstinada, um *Game Boy*. As duas louras perigosas que me haviam recebido ao chegar – Natalie e Nina – submetiam a namorada do tio Jimmy a um tratamento estético. Deitada numa rede, a pobre aguentava estoicamente os maus-tratos, enquanto as duas irmãs lhe retorciam a cabeleira em carrapitos impossíveis e lhe pintavam as unhas de um verde intenso. Ao fundo, junto à piscina, uma enfermeira rosada e baixa passava as páginas da revista *People* e comentava as últimas intimidades das celebridades de Hollywood com um homem sentado numa cadeira de rodas.

– Betty, esta é a nossa amiga Blanca. Quer conhecervos, a Paul e a si.

A apresentação de Daniel não deixava dúvidas sobre

o protagonismo de Betty na vida de Paul: para aceder a ele, havia que passar por ela.

– Prazer em conhecê-la, querida – respondeu, estendendo-me uma mão de leitãozinho. – Estamos a passar uma tarde formidável. Estava a comentar com Paul que não gosto do novo look de Jennifer López, que vos parece?

– E este, Blanca, é Paul.

Colocara-se atrás da cadeira do amigo, apoiara as mãos nos seus ombros e movia-as numa massagem vigorosa, que ele não parecia notar.

Na minha mente só existia uma imagem do Paul de outros tempos; a da fotografia pregada no painel da cave daquela casa que fora a sua, a do homem jovem de cabelo escuro e revoltado. Com uma fita a cingir-lhe a testa e uma camisa cheia de cores, sorriso nos lábios e uma cerveja na mão. Não tinha nada a ver com aquele ser magro, de cabelo ralo e olhos perdidos no infinito, a quem Daniel falava como se a sua mente estivesse ali, no jardim, connosco e não num poço em que ninguém conhecia ninguém. Nem Jennifer López nem a sua própria imagem em frente ao espelho.

– Lembras-te que te falei há pouco de Blanca, Paul? Está a trabalhar no espólio de Fontana, como sabes. Lembras-te de Andrés Fontana, não lembras? Lembras-te de quando discutias sobre Tomás de Aquino na minha casa? O meu amigo espanhol era duro, heim?

A voz de Rebecca, chamando-nos da porta da cozinha, substituiu subitamente o silêncio eterno de Paul perante as perguntas do velho amigo. As crianças entraram de rompante, os outros seguiram-nas. Daniel empurrava a cadeira de rodas, enquanto Betty continuava a desbobinar, imparável, as últimas

coscuvilhices do mundo do espetáculo. Até que Rebecca, abençoada, me socorreu.

– Adoro os seus brincos, obrigada por ter vindo e pelos bombons. Espero que as crianças a tenham tratado bem.

Sorria, mas havia nos seus olhos um poço de tristeza que não conseguia esconder.

A casa enchera-se, de repente, de vozes e ruídos. Os pequenos lavavam as mãos numa casa de banho próxima e iam-se instalando na sala de jantar. Ouviam-se subidas e descidas de escada, conversas entre adultos, risos infantis. Rebecca, entretanto, falava, sem olhar para mim, deslizando pela cozinha de um sítio para outro, sem parar, organizando o que faltava levar para a mesa.

– Agora, vou apresentar-lhe os meus filhos. Desculpe não a termos atendido antes, tivemos uma longa conversa.

– Não se preocupe, de modo nenhum. Estive com Daniel e conheci Paul. Diga-me em que posso ajudar.

– Deixe ver... antes de mais nada, creio que vamos tirar o peru do forno, não se vá queimar à última hora.

Em menos de dez minutos, estávamos todos sentados à volta de uma mesa grandiosa em estilo e em tamanho. Quadrada, coberta por uma toalha cor de cobre e serviço de porcelana branca. Cinco crianças e doze adultos. A família, os companheiros, os filhos. Mais um amigo dos velhos tempos, uma estudante japonesa e uma enfermeira gorda como uma barrica. E eu. Dezasseis mentes ativas e uma ausente. Annie, Jimmy e Laura, os filhos de Rebecca, adoráveis como a mãe, cumprimentaram-me com simpatia antes de ocuparmos os nossos lugares. Paul estava entre Betty e

Daniel e, a seguir a eles, um cartão indicava o meu nome. Um grande centro com frutas de outono erguia-se no meio da mesa. Uma das pequenas louras, Natalie, à minha frente, não parava de entortar os olhos, enquanto me fazia caretas monstruosas. Retribuí-lhe duas ou três.

Até que a voz de Daniel me soprou ao ouvido.

– Rebecca quer que diga umas palavras. Lá vou eu, sem rede.

Reclamou, então, a atenção de todos batendo com um garfo no copo; o tilintar alegre do metal contra o vidro trouxe, por fim, silêncio.

– Querida família Cullen, queridos amigos, Rebecca pediu-me umas palavras para este jantar de Ação de Graças e, como nunca poderia negar nada a esta mulher, nem que cem vidas eu tivesse, aqui estou, na qualidade do mais antigo amigo da família, disposto a fazer de mestre de cerimónias. Mas, antes disso, antes de dar graças, vou tomar a liberdade de vos contar algumas coisas que há alguns dias trago na cabeça. Desde que Rebecca comentou comigo a decisão de nos reunir, hoje, todos aqui.

» Quando saí das vossas vidas, vós, Annie, Jimmy e Laura, eram ainda muito pequenos, pelo que o mais certo é que poucas recordações tenham desses tempos tão distantes. – Dirigiu, então, a atenção para a zona das crianças: – Sabem, Natalie e Nina, que a vossa mãe, quando tinha a vossa idade, fez um bolo na cozinha da minha casa e quase todos saímos de lá a arder? – Um gesto teatral, simulando uma explosão, provocou uma gargalhada entre as crianças e fez Annie tapar a cara com as mãos. – E tu, Jimmy, adoravas andar às minhas cavalitas, dizias que quase podias tocar nas nuvens. E

tu, Laura, eras tão pequenina que ainda caías ao andar. Uma vez, com a ajuda do Paul, o vosso pai – disse, voltando a pôr a mão sobre o ombro do amigo –, construí-vos uma casa de madeira e cartão no jardim. Durou apenas três dias de pé. Veio abaixo numa noite de tempestade e nunca conseguimos levantá-la de novo.

» Passou muito tempo, desde então, mas, apesar de não vos ter visto ao longo de todos estes anos, tenho seguido as vossas vidas através da vossa mãe: as vossas carreiras, os vossos amores e progressos, o nascimento dos vossos filhos, estes rapazes e raparigas tão elegantes que estão hoje sentados à mesa connosco, desejando deitar o dente ao peru. Rebecca e eu não nos vemos tanto como gostaríamos, mas as nossas conversas telefónicas noturnas podem durar horas, por isso, estou ao corrente de tudo. Sabem, meninos –, disse, dirigindo-se aos mais pequenos – que a vossa avó é como o mocho e não dorme durante a noite? Quando o mundo inteiro se deita, ela renasce e começa a fazer coisas: liga-se à internet, cozinha receitas estranhas, nada na piscina ou telefona a alguém. Até às tantas. Às vezes, sou eu que recebo esses seus telefonemas.

» Por isso, Annie, Jimmy e Laura, conheço tudo o que viveram, o que sofreram e as grandes pessoas que conseguiram ser. E sei que os três têm consciência de que tudo isso nunca teria sido possível sem o estímulo desta extraordinária mulher que preparou o jantar que, agora, vamos todos partilhar. Por essa razão, quero pedir-vos que, por ela, nem que seja só por ela, aceitem que as coisas hoje sejam como são. Que estejamos aqui esta noite, em redor da mesa, todos os que estamos.

» Fazer anos quando somos mais velhos, rapazes, não é tão divertido como em crianças. Ninguém nos dá

presentes interessantes, só livros, discos, lenços e palermices assim. Mas chegar a uma certa idade tem o seu lado positivo. Perdemos algumas coisas pelo caminho, mas ganhamos outras. Aprendemos a ver o mundo de outra maneira, por exemplo, e desenvolvemos sentimentos estranhos. Sentimentos como a compaixão. E a compaixão não é mais do que querer ver os outros livres de sofrimento. Independentemente do sofrimento que eles nos possam ter causado. Sem prestar contas, nem olhar para trás. Hoje não sabemos se Paul sofre, não podemos sondar a sua mente. Tê-lo aqui, hoje, talvez não o vá fazer nem mais nem menos feliz, apesar de dizerem que as pessoas como ele não perdem totalmente a memória afectiva, nem o sentido do gosto e que, à sua maneira, apreciam uma simples palavra afetuosa, uma colher de gelado ou uma carícia.

» Dizem que a compreensão é um sintoma de maturidade emocional; não é uma obrigação moral nem um sentimento que nasça da reflexão. É simplesmente uma coisa que chega, quando chega. Ter desejado ter hoje o Paul entre nós não é uma traição nem uma mostra de fraqueza por parte da Rebecca. É apenas, creio eu, um exemplo da sua enorme generosidade. Para mim, o Paul foi um grande amigo, o melhor durante algum tempo. Fez coisas por mim que, oxalá, nunca ninguém tenha de fazer. Sabem, rapazes, que uma vez me cortou as unhas dos pés? Clap, clap, clap, com uma tesoura enorme e velhíssima que alguém lhe emprestara. Foi um grande amigo, mas isso é só uma parte dele.

» Sei perfeitamente que não foi uma boa inspiração como pai nem como companheiro, e isso é difícil de

perdoar e de esquecer. Por isso, a sua presença hoje não vos vai ajudar a superar o passado nem vai compensar o vazio dos anos de ausência. Mas a Rebecca quis assim, e eu peço-vos que respeitemos a sua decisão. O Paul não foi bom pai, mas sei, porque ele mesmo mo disse, que, na desordem da sua vida e à sua maneira peculiar, quis muito a todos vós, muitíssimo. Até ao último momento em que a sua mente teve uma réstia de luz.

» Não quero alargar-me, que o peru já está a pedir aos gritos que o comamos de uma vez por todas. Hoje é dia de Ação de Graças e creio que todos os presentes, apesar do que o passado nos tenha feito sofrer, têm muitas coisas por que expressar a sua gratidão. O que não tenho tão claro é a quem a temos de fazer chegar, pois isso é uma questão pessoal de cada um. Mas, pensando sobre isso, sobre a quem poderíamos hoje agradecer todos juntos, lembrei-me de uma velha canção de que a Rebecca gostava muito nos velhos tempos. Uma canção que está num disco grande e preto que sei que às vezes ela põe naquela geringonça que tem na cave. Porque nas suas noites estranhas, se vocês não sabem, a vossa avó também canta e dança pela casa, com a música no máximo e em camisa de dormir. Sim, sim, não se riam: espiem-na de madrugada e vão ver. Esta canção de que vos falo cantava-a há séculos outra avó, também um pouco louca, que se chama Joan Baez, que, por sua vez, a levou emprestada de outra avó louca que se chamava Violeta Parra. A canção tem letra em espanhol e chama-se *Gracias a la Vida*. E, resumindo, vem agradecer por tudo o que nos ajuda a ser felizes em cada dia. Os olhos para ver as estrelas, o abecedário para compor palavras bonitas, os pés para

percorrer cidades e charcos e todas as coisas do dia a dia, enfim, de que alguns já sentem falta e pelas quais nós, aqueles que ainda temos a sorte imensa de as poder manter, devemos estar agradecidos.

» Assim sendo, por isso, porque, apesar de às vezes virem tempos difíceis, no fim temos sempre essas pequenas coisas, vamos todos, neste dia de Ação de Graças, dar um forte agradecimento à vida, com genica. Em espanhol e em inglês. *Gracias a la vida! Here's to life!*

As reações face a este fim de discurso foram as mais díspares. Os pequenos, cativados pela retórica e pelos gestos daquele espontâneo comediante barbudo que parecia conhecer todos os segredos do passado da família, gritaram a plenos pulmões um monte de *gracias a la vida*, enquanto atiravam os guardanapos pelos ares entre gargalhadas. Annie saiu a correr escadas acima, enquanto Laura, agarrada à mão do marido, continuou no pranto silencioso que começara muito antes. Rebecca e Daniel fundiram-se num abraço, a namorada de Jimmy e eu trocámos olhares que misturavam o desconcerto com emoção contida, a *au-pair* japonesa, sem compreender nada do que se estava ali a passar, disparava a máquina digital em todas as direções e, entretanto, a enfermeira Betty, vendo que ninguém mostrava pressa de começar a jantar, decidiu encarregar-se ela própria de trincar o peru. Só Paul permanecia alheio a tudo. Até que o filho, Jimmy, se levantou do lugar para ocupar o sítio que Daniel deixara livre para abraçar Rebecca. Com uma doçura imensa, pegou na mão do pai e acariciou-lhe a cara. Julguei, então, notar pelo canto do olho que – muito, muito ao de leve – Paul sorria.

Dois tupperwares cheios de restos do jantar não foram as únicas coisas que levei de casa dos Cullen ao voltar para o meu apartamento, na noite de Ação de Graças. Também trazia comigo uma sensação moderadamente doce, difícil de descrever, um subtil sopro de otimismo que havia muito tempo não sentia. Um otimismo difuso, sem projeção em nada de concreto. Só na certeza de que tudo, em algum momento, pode melhorar.

Além de comida para vários dias e ânimo com saldo positivo, nessa noite também conquistei dois pequenos planos para manter a minha vida social ativa. Um partiu de Rebecca e das filhas: *shopping*, para cumprir com a tradição do dia seguinte a *Thanksgiving*.

– Assim poderá comprar presentes para quando voltar a Espanha no Natal. Porque vai voltar nessa altura, não vai?

A pergunta de Rebecca, de rompante, enquanto terminávamos de arrumar a cozinha, apanhou-me desprevenida. Quando consegui reagir, mantive a atenção focada em enxugar uma molheira como se aquela tarefa insignificante requeresse os meus cinco sentidos.

– Não sei, vamos ver.

Não a estava a enganar, não fazia ideia do que ia fazer quando acabasse de processar o espólio de Fontana. E cada vez faltava menos. Com o fim da minha obrigação profissional terminariam também as minhas responsabilidades na universidade. Já não haveria desculpa para prolongar a minha estada, apesar de, por vezes, me ter passado pela cabeça a ideia de contactar a FACMAF, a fundação que financiava o meu trabalho, para averiguar a possibilidade de obter outra

bolsa semelhante. Com efeito, apesar de não ser de modo nenhum necessário para o desenvolvimento do meu trabalho, nem fazer parte dos requisitos, pensara com frequência que talvez fosse conveniente dirigir-me a eles para lhes dar a saber que estava tudo em ordem. Por vezes, pensei pedir a direção ou o telefone a Rebecca; por vezes, pensei falar sobre isso a Luis Zárate. Mas aparecia-me sempre pela frente qualquer coisa diferente e, por esquecimento, por pressa ou por simples desleixo, nunca cheguei a fazê-lo.

No entanto, por outro lado, estava consciente de que, mais tarde ou mais cedo, teria de regressar. Queria ver os meus filhos, deveria voltar à universidade e, em algum momento, apesar da minha renitência, teria de enfrentar Alberto cara a cara e falar com ele. A minha estada na Califórnia estava a ser um bálsamo, uma cura doce para as feridas que ele me causara. Mas debaixo daquela confortável venda, estava a crueza da vida real e, antes ou depois, teria de a assumir em toda a sua dimensão.

A segunda proposta foi-me feita por Daniel ao levar-me a casa naquela noite, quando, ao chegar ao meu apartamento, me perguntou sobre os meus planos para o fim de semana.

– Amanhã, vou às compras com as Cullen. Dizem que é o grande dia de compras do ano, o Black Friday, não é? Insistem em que não o posso perder...

– Claro que não, será uma portentosa experiência cultural. América pura em grande atividade.

– E, no sábado, vou fazer uma pequena excursão. Rebecca vai pôr-me lá de carro. Quero visitar Sonoma.

– A aldeia de Sonoma ou o vale de Sonoma?

– A missão de Sonoma, San Francisco Solano, o fim

do Camino Real. Sabes que tenho andado há várias semanas a ler sobre missões nos papéis de Fontana e gostaria de ver, pelo menos, esta. Ah, é verdade... a missão Olvido de que me falaste no outro dia continua sem aparecer.

– Já imaginava. E tens de ir necessariamente este sábado?

– Não, poderia ir noutra altura qualquer. Mas este fim de semana não tinha nada melhor em vista... Porque me perguntas?

Descera do carro para me acompanhar à porta, continuávamos a falar em frente do meu prédio, iluminados apenas pela luz mortíça da fachada e rodeados por um silêncio pouco comum. Face à fuga coletiva dos estudantes para festejarem aquela noite com as famílias, tudo em redor se apresentava anormalmente sossegado. Quase não passavam automóveis, nem saía música persistente do parque de estacionamento do 7-Eleven das proximidades, onde, à noite, costumavam abastecer-se de álcool, nem havia risos nem gritos nos alpendres das casas vizinhas, onde as festas eram *o pão nosso de cada dia*.

– Porque gostava de te acompanhar, mas não posso neste fim de semana. Volto amanhã para Santa Bárbara, espera-me outro jantar na minha casa, uma espécie de Ação de Graças *sui generis*. Este ano não quis perder o reencontro de Paul com a família, por isso, adiámo-lo para amanhã.

– Ou seja, toca-te comer peru dois dias seguidos.

– Na verdade, o peru é uma mera desculpa para juntarmos alguns velhos amigos e pormos montes de coisas em dia. Bebemos como cossacos, jogamos póquer e endireitamos o mundo entre nós; basicamente, é isso

que fazemos. Uma versão do tradicional dia de Ação de Graças um pouco marginal e bastante irreverente, para o dizer com delicadeza. Se quiseses vir, estás mais que convidada: serias a primeira mulher a ter a honra de partilhar essa noite com meia dúzia de trogloditas cheios de whisky até às orelhas.

– Obrigada, mas não – recusei veementemente. – Um péssimo plano.

– Calculava. Ainda assim, aviso-te que poderias aproveitar para ver a missão de Santa Bárbara em vez da de Sonoma.

– A rainha das missões – esclareci.

– Assim lhe chamam, com efeito. De facto, eu moro relativamente perto, poderíamos...

A minha negação sem palavras fê-lo desistir.

– De acordo, retiro a proposta. Mas estarei de volta na terça, pelo que, se esperares e não fores sozinha a Sonoma depois de amanhã, poderíamos ir os dois no próximo fim de semana. Poderíamos até, se tivermos tempo, tentar visitar outra missão, se bem que não me recordo se há mais alguma nesta zona, a norte da baía.

– Sim, há outra, a vigésima. San Rafael Arcángel. Fundada em 1817 pelo padre Vicente Sarriá.

– Estás a deixar-me impressionado – disse, com uma gargalhada. – O que fizeste nestes dias em que estive sem te ver? Um doutoramento em missões?

– Documentação de base, o que me sugeriste.

– Documentação de base, dizes? Foi assim que te ensinaram a documentar na Complutense?

– Não – respondi, taxativa. – Aprendi sozinha essa maneira de trabalhar, a dar no duro ao longo de muitos anos. Telefona-me, então, quando voltares. E obrigado por te ofereceres para me acompanhar.

Subi a escada para o meu apartamento com um zumbido indefinido na cabeça. Tinha havido qualquer coisa nos últimos momentos da conversa que me tocara, mas não conseguia identificar o quê. Qualquer coisa que destoava, que não se enquadrava. Já tinha a chave na fechadura quando caí em mim. Desci a escada correr e saí de novo para a rua, quando ele arrancava com o carro.

– Daniel!

Travou a fundo, depois de ter percorrido apenas uns metros, e abriu o vidro.

– Como sabes que estudei na Complutense? – Gritei da porta.

Não se aproximou, apenas me respondeu, sentado ao volante, usando mesma a técnica que eu utilizara para me dirigir a ele. Aos gritos, na noite.

– Devo ter imaginado. O Fontana passou por lá. E eu também, durante algum tempo. E outra gente querida que conheci em Espanha. Nessa altura, ainda se chamava Universidade Central. Provavelmente, sem me aperceber, meti-te no mesmo saco.

Capítulo 23

O professor Cabeza de Vaca voltava a esperá-lo no gabinete como se nada se tivesse passado entre uma visita e outra. Mantinha o aspeto impecável, atrás da mesa de nogueira, enquanto as espessas cortinas travavam a luz da manhã. O conjunto de tinteiro e canetas assim como crucifixo de marfim continuavam nos devidos lugares e em perfeitas condições.

– Bom, meu rapaz, fico satisfeito por tê-lo, por fim, de volta – disse, estendo-lhe a mão sem se mexer da cadeira. – Já estamos em meados de fevereiro e não tive uma palavra sua desde antes do Natal... Imagino que a sua incursão pelo velho Cantón tenha sido uma experiência intensa.

Apesar do esforço para ordenar ideias, não chegou à mente de Daniel uma única imagem dos cenários literários de que fora à procura e que nunca chegou a conhecer. Em vez disso, acudiu-lhe à memória uma sequência prolongada de imagens e sensações. O rosto de Aurora, os olhos de Aurora, o cheiro de Aurora. A sua infinita ternura, o seu riso grande, a sua voz.

– Intensa, professor, é isso – conseguiu dizer, após engolir em seco. – Uma experiência muito intensa.

– Suponho, então, que terá regressado a Madrid conhecendo profundamente os alicerces geográficos do

romance de Sender.

Assentiu sem palavras. Mentia, claro. Apenas tinha estado de passagem pelos cenários de *Míster Witt en el Cantón*. Em contrapartida, aventurara-se a explorar o território da mulher que aí o cativou. A diminuta cicatriz da maçã do rosto, a suavidade dos seus lábios e aqueles quatro sinais precisamente no sítio onde começa a nascer o cabelo. A doçura dos seus dedos, a meio das carícias, e o sabor a mar que, em Madrid, a cem léguas de uma praia, tinha eternamente impregnado na pele.

– E suponho, também, que se terá familiarizado com os acontecimentos históricos que constam no livro.

Voltou a assentir. Voltou a mentir. Os únicos factos de transcendência perpétua que lhe haviam ficado gravados na memória eram os que tinham a ver com Aurora. Aquele primeiro encontro na farmácia do pai, enquanto tentava pôr ordem no cabelo revoltado. Os passos atrás dela, recusando-se febrilmente a perdê-la. O reencontro em plena rua no dia seguinte, apanhado entre as pestanas dos seus olhos cinzentos, sem saber o que fazer nem dizer. A amargura furiosa à passagem dos três Reis, quando deduziu erradamente o que não era verdade. Aquela longa viagem de comboio em que começaram a conhecer-se, o princípio de tudo o que veio depois.

– E suponho também – continuou Cabeza de Vaca, ignorando completamente os pensamentos que assaltavam a cabeça do americano – que terá elaborado o relatório solicitado sobre as suas descobertas e reflexões.

A resposta foi um pigarro. Depois, incapaz de continuar a mentir, Daniel murmurou qualquer coisa

ininteligível.

– Não entendo, Carter. Fale claramente, por favor.

– Não o pude fazer, professor.

– Continuo sem entender. O que é que não pôde fazer? Encontrar dados relevantes para o seu trabalho ou redigir o relatório pertinente?

– Nenhuma das duas coisas.

Cabeza de Vaca mostrou a sua surpresa com uma expressão do rosto. Uma expressão convenientemente austera, um simples franzir de um lado da boca. Suficiente.

– Terá a amabilidade, se não houver inconveniente, de me explicar o motivo.

Daniel voltou a pigarrear.

– Assuntos pessoais.

– Pessoais até que ponto?

– Estritamente pessoais, professor.

As esperas infinitas à porta da Faculdade de Farmácia, ansiando vê-la descer as escadas a correr, carregada de livros com o casaco a meio vestir. Os telefonemas fora de horas para dizer uma simples palermice, os longos beijos às escondidas num qualquer recanto à meia-luz. Os milhares de passeios, de mãos dadas, pelas ruas de Madrid, enquanto tentavam ensinar um ao outro as respetivas línguas, separadas por um oceano e aproximadas de repente à força de amar. Aurora a ele, vocábulos de ciência e laboratório, vozes de todos os dias e palavras com sabor a família, infância e pátio de escola. Daniel a ela, substantivos simples, verbos e adjetivos elementares, nos seus primeiros passos para o inglês através do amor. *Aurora is beautiful, Aurora is gorgeous. I love Aurora from the morning until the night.*

Como contar tudo isto ao minucioso filólogo? Como poderia entender aquele medievalista mutilado, perdido no seu mundo de códices e pergaminhos, o frio desolador que sentia por dentro de cada vez que caminhava sozinho, dando pontapés nas pedras sob a luz dos candeeiros, depois de a deixar no seu *colegio mayor*²⁸ às dez? O que poderia ele saber de como se sentia à noite, encerrado no quarto da portaria, deitado na cama com acrescentos, evocando às escuras o seu corpo de ossos compridos, a sua pele lisa, o seu calor?

O pigarrear desta vez veio do professor. E a seguir uma pergunta. Um tanto retórica, certamente. Mas, ao fim e ao cabo, uma pergunta à espera de uma resposta.

– Estamos a falar de uma dama, talvez?

Impotente perante o inevitável, Daniel assentiu.

– *Homo sine amore vivere nequit...*

– Perdão?

– Que o homem, Carter, não pode viver sem amor. E menos ainda numa terra estranha.

– Eu... bem, na verdade...

– Não se esforce, meu rapaz, não tenho intenção de me meter na sua vida. Mas, se me permite, gostaria de lhe dar um conselho.

Calculava o que ia dizer. Não esperava uma reprimenda áspera, esse não era o estilo de Cabeza de Vaca. Mas previa uma preleção em toda a regra. E com razão.

Lembre-se que assumiu responsabilidades e obrigações, pareceu-lhe ouvir antes de tempo. Lembre-se que a bolsa Fulbright, que está a aproveitar, tem por objetivo financiar um projeto académico e não uma aventura sentimental. Lembre-se que, tanto o professor Andrés Fontana como eu, depositámos toda a confiança em si. Dedique-se, de

momento, ao que é verdadeiramente importante para a sua carreira. Esqueça os namoricos e concentre-se no trabalho.

No entanto, não saíram tais palavras da boca do velho *requeté*²⁹. Nem outras diferentes que transmitissem mensagem semelhante.

– Mas, antes, tenho uma pergunta. Do fundo do coração, está convencido de que não se trata de uma ave de arribação?

– Quer dizer, uma ave como um pássaro? – perguntou, confuso.

– Receio que a sua sensibilidade metafórica não esteja hoje muito apurada, meu jovem. Permita-me que reformule a pergunta noutros termos: tem a certeza de que não se trata de um mero arrebatamento transitório?

– Creio que também não compreendo o significado dessa palavra, professor – reconheceu, sem conseguir esconder a perturbação. – *Arrepatamento*, foi o que disse?

Cabeza de Vaca engoliu em seco o devaneio linguístico; depois, enchendo-se de paciência, tentou explicar-se com mais precisão.

– Inquiro-o sobre se, na verdade, existe da sua parte vontade de compromisso, um desejo férreo de superar conjuntamente as adversidades. Ânsia de perdurabilidade e luta comum perante os infortúnios a que a vida vos submeta, os quais, tendo em conta as suas particulares circunstâncias, e se me permite que seja absolutamente franco, prevejo que sejam alguns...

Daniel agitou-se, incómodo, na cadeira, incapaz de assimilar aquelas perguntas que cada vez se tornavam mais desconcertantes. Dado que nem as metáforas nem os rodeios pareciam levar a lado nenhum, o professor decidiu falar sem rodeios.

– Para que entenda de uma vez por todas, meu rapaz: tem a certeza de que ela é a mulher da sua vida?

Por fim. Por fim, compreendeu. Por fim, não hesitou.

– A certeza absoluta, professor.

– Pois, então, meu amigo, não a deixe escapar.

Apoiado na muleta, contemplou-os através da janela a afastarem-se com o passo despreocupado dos imunes a qualquer risco para lá da periferia dos seus sentimentos. O braço dela agarrado com força à cintura dele. O braço dele por cima dos ombros dela, atravessando os cabelos alvoroçados, atraindo-a a si. Calculava que fossem a falar sem descanso, pondo-se ao corrente do que se passara minutos antes entre as paredes do seu próprio gabinete.

Vira-os beijarem-se ao fundo da escada de entrada, alheios ao mundo, sob o tépido sol de inverno, enquanto a aragem revolvía as páginas do caderno de Bromatologia que Aurora estivera a rever durante a espera. Depois, ela sussurrou-lhe qualquer coisa ao ouvido, ele riu com gosto e voltou a beijá-la. Cabeza de Vaca sabia perfeitamente como é efémera a felicidade, a simplicidade brutal com que as garras do destino são capazes de levar pela frente o que consideramos duradouro e ilusoriamente estabelecido. Apesar de tudo, daria a única perna inteira que lhe restava para voltar a sentir, na alma, a sensação da paixão grandiosa e confiante de qualquer um daqueles dois.

Entre salas de aula e carícias, provetas, promessas e bibliotecas, diante de Daniel Carter e Aurora Carranza começou por fim a despontar a primavera. Dia a dia também, sem se aperceber, à força de abrir os olhos àquele jovem americano apaixonado por Espanha, pelas

suas letras e por uma mulher, o medievalista mutilado e melancólico foi pondo a cabeça de fora da sua caverna. E viu que lá fora havia luz, que as feridas se curavam e que as pessoas amavam.

Até que chegaram as férias da Páscoa e o momento em que, irremediavelmente, Aurora teve de voltar a casa. Despediram-se na mesma plataforma da estação de Atocha que os recebera juntos, após aquela viagem de comboio que parecera aos dois ter durado o tempo de um suspiro. Três meses intensos ficavam agora para trás, esperavam-nos onze dias de separação. *Vou ter saudades tuas, Eu mais, Eu ainda mais, Lembra-te de mim, E tu também, Já me estou a lembrar...*

Daniel estabeleceu, previamente, o firme propósito de aproveitar ao máximo aqueles dias. Desde o encontro com Cabeza de Vaca, em fevereiro, propusera a si mesmo voltar a concentrar-se. E conseguira. Com Aurora sempre por perto e o seu amor por ela intacto, mas sem perder a perspetiva da razão, conseguira reatar o trabalho com segurança. Até que ela partiu e os seus planos desmoronaram-se, assim que sentiu a sua ausência. Ao terceiro dia sem ela, tudo deixou de lhe interessar. Incapaz de ponderar o peso da sua primeira separação, não previra a força das saudades. Optou, então, por ficar em casa, sentindo a sua imensa falta, como se lhe faltasse o ar. Esperando um telefonema seu ou uma carta absolutamente impossível em tão pouco tempo. Ponderando também o futuro.

– Mas o que se passa contigo, meu filho, que andas todo o dia a arrastar-te de um lado para o outro como uma alma penada?

A pergunta da viúva transparecia inquietação. Preocupação quase maternal. Enquanto cozinhava,

ouvia Daniel a entrar e a sair constantemente do quarto, incapaz de suportar a simples leitura de um livro por mais de dez minutos seguidos. Enquanto passava a ferro, via-o mover-se, intratável, por todos os recantos da portaria, como um leão atrás das grades, abrindo e fechando portas, desorientado, resmungando, mudando as coisas de lugar, sem sentido. Logo de manhã, punha-se a correr nas pistas de atletismo da Cidade Universitária, uma prática dos tempos de Pittsburgh que reatara depois da chegada a Madrid. A meio da tarde, ia, quando muito, até ao café Viena, para tomar um café com leite. No resto do dia, não era capaz de se concentrar em nada para além dos pensamentos que lhe ocupavam a cabeça.

– É por causa da rapariga com quem te andas a saracotear desde depois do Natal, não é? A loirita alta e magra, do casaco azul, com quem, por fim, te vi na semana passada na Calle Altamirano – perguntou, enquanto salpicava com os dedos umas gotas de água sobre uma camisa dele.

– Acha que ela irá comigo para a América quando eu me for embora? –perguntou à queima-roupa.

Não, filho, foi o que estive quase a dizer, nem o mais completo idiota pode pensar uma coisa dessas. Mas, antes de abrir a boca, fez uma pausa com o ferro e olhou para ele.

Tirara uma tangerina da fruteira de loiça, que estava em cima da mesa de camilha da sala de jantar, e descascava-a lentamente, com os olhos em baixo e o cabelo a cair-lhe para a cara, concentrado a arrancar a pele rugosa, como se por baixo dela fosse encontrar alguma solução para o seu sofrimento. *Tão bom rapaz, tão forasteiro e, no entanto, já tão próximo,* pensou a

viúva. Com aquele tamanho que fazia com que tudo na portaria ficasse pequeno, com aquele sotaque e aquela maneira de encarar a vida que, para ela, era estranha e terna ao mesmo tempo.

– Até ao cocuruto – disse a viúva, sentando-se em frente dele.

– O quê?

– Que te apaixonaste por ela até ao cocuruto, homem.

Ainda não tinha aquela expressão apontada no caderno de vocabulário, mas deduziu o que queria dizer.

– Suponho que sim.

– Andas a contar o tempo que falta para voltares para a tua terra e as contas não te agradam.

– Menos de três meses, é tudo o que me resta.

O retrato esbatido do casamento de Antonia com o defunto Marcelino e a imagem do mês de março, de Julio Romero Torres, no calendário contemplavam-nos da parede, como sempre. Na rádio, ouvia-se baixinho Marifé de Triana com a sua *Torre de arena: como un lamento del alma mía, son mis suspiros, válgame Dios, fieles testigos de la agonía, que va quemando mi corazón*. Se Daniel tivesse prestado um pouco de atenção à quadra, sentir-se-ia animicamente cúmplice da cantora.

– Porque digo que por aqui, mesmo que queiras, não podes ficar... – sondou a viúva medindo as palavras.

– A fazer o quê? Como vou ganhar a vida neste país, que futuro me espera? Quando muito, poderia dar explicações, mas quase ninguém se interessa por outra língua a não ser o francês – disse, sem desviar os olhos de outra tangerina. Já descascara quatro e não comera nenhuma. – Mas se ela aceitasse ir comigo, então,

talvez...

Ela abanou a cabeça num gesto de resignação, suspirou e depois agarrou-o com a sua mão curtida e sábia por cima do naperon de croché.

– Não estendeste, Danielzinho, meu filho, ainda não te apercebeste bem.

– Não me apercebi de quê?

– De que não se trata de que a rapariga queira ir contigo ou ficar cá o resto da vida – disse a viúva, apertando-lhe o pulso com força. – Aqui não conta para nada o que ela quer.

– Mas...

– Ou passas pela igreja antes de te ires embora ou não há nada a fazer, homem de Deus.

28 Ou colégio universitário. Instituição própria de uma universidade ou faculdade. Semelhante à residência universitária, diferencia-se desta por, além de alojamento, proporcionar também atividades culturais, académicas, religiosas e desportivas. (N. do T.)

29 Soldado carlista durante a Primeira Guerra Carlista em Espanha. Mais tarde, as forças navarras, que participaram na Guerra Civil de Espanha, foram também assim denominadas. (N. do T.)

Capítulo 24

Terça-feira Santa, meio-dia. Hora de regressar a casa, hora de almoçar. Três corpos avançavam a caminho da Muralla del Mar, depois de tomarem um aperitivo no Mastia, conversando entre eles sobre ninharias com a animação natural de uma família reunida nas férias. Até que ela o viu. Com os cotovelos na balaustrada, de costas para o mar, à espera. Confusa, quase aturdida, desculpou-se perante os pais.

Enterneceu-se de novo ao ver-lhe o cabelo e o rosto, ao observá-la a aproximar-se com o seu passo elástico, ao ter de novo diante de si a boca pela qual não hesitaria em vender a alma ao diabo. Dificilmente controlou a vontade de a beijar.

– Que fazes tu aqui? – Apenas conseguiu ela sussurrar. O tom de voz denunciava um misto de nervosismo e inquietação.

– Vim pedir-te que cases comigo – disse, aproximando-lhe a mão do rosto.

Ela deteve-o. A carícia e a proposta de casamento, as duas coisas, ficaram inacabadas.

– Aqui, não, Daniel, assim não... – balbuciou.

– Não posso voltar para o meu país sem ti, tens de ir comigo.

As explicações poderiam prolongar-se até ao

infinito, mas não teve tempo. Atrás deles, do outro lado da rua, ouviram uma voz. A da mãe, concretamente, chamando a filha num tom cortante.

– Nem te passe pela cabeça, louco... – disse Aurora.

Tarde de mais. Quando o quis parar, já ele lhe agarrara na mão e a arrastava consigo para o passeio oposto.

– Chamo-me Daniel Carter, sou norte-americano e quero pedir-lhes a mão da vossa filha.

Tinha ensaiado aquilo. Dezenas de vezes. Enquanto a porteira lavava os pratos no lava-louça da cozinha, enquanto estendia a roupa no pátio interior ou provava o sal das lentilhas em frente ao fogão, ele, à espera das correções, massacrara-lhe os tímpanos repetindo a sua proposta como uma ladainha. Por isso, a frase saiu-lhe categórica. Excelente. Para o que não estava preparado, no entanto, era para a reação deles.

O farmacêutico Carranza ficou sem fala, incapaz de articular qualquer coisa coerente, enquanto olhava com uma expressão de incredulidade para os cúmplices daquele desatino. A mãe, furiosa e de cenho franzido, toda classe e distinção por trás do alfinete de pérolas na lapela, sentenciou por fim:

– Parece-me que está muito confuso, jovem.

Depois, olhou-o de cima a baixo, altaneira.

– Peço-lhe que faça o favor de nos deixar em paz – acrescentou.

– Senhora Carranza, eu...

Nem se dignou a olhar para ele.

– Para casa, Aurora – ordenou com voz autoritária.

– Não – respondeu ela, teimosa, agarrando-se com as duas mãos ao braço de Daniel.

– Para casa, imediatamente, já disse – repetiu com

mais energia.

– Senhora, só um momento...

Ignorou-o outra vez, altiva. Passavam alguns transeuntes pela rua; não se detiveram, mas observaram de soslaio a cena, com curiosidade. Ela dirigiu-lhes um breve cumprimento e um sorriso mais falso que Judas. Assim que se afastaram, voltou a concentrar-se nos dois.

– Não armes espetáculo em plena rua, Aurora – sussurrou entre dentes, tentado conter a ira. – Mas, será que ficámos todos loucos? De onde saiu este descarado, que fazes tu com ele? Para casa, imediatamente, não volto a repetir.

– Não penso ir, enquanto não o ouvirem.

– Aurora, está-se-me a acabar a paciência...

– Senhora, imploro-lhe... – insistiu Daniel pela terceira vez.

– Deixe-nos em paz, já disse! – Guinchou, então, à beira da histeria. As cabeças dos transeuntes voltaram-se, à distância, e ela, alterada, baixou a voz sem diminuir um milésimo o seu azedume. – Mas quem pensa o senhor que é, por amor de Deus?

Nesse preciso momento, Aurora, incapaz de suportar a tensão, desatou a chorar. Irreprimível, desconsolada, vertendo as lágrimas num misto de frustração, raiva e tristeza. Daniel mostrou intenção de a abraçar, de a proteger e de a aconchegar, mas, desta vez, foi o pai quem, firme, por fim, o deteve.

– Vá-se daqui de uma vez por todas, por favor – disse, autoritário, enquanto puxava Aurora para si. – Vamos, filha, vamo-nos embora.

Compreendendo que a sua ousadia acabara de lhe custar o que nunca calculara, Daniel recuperou a razão.

– Falaremos depois... – disse Aurora em modo de despedida.

A antipática mãe fez de novo ouvir a sua voz.

– Sobre este assunto já se falou o que se tinha a falar! Não vamos permitir que a nossa filha mantenha uma relação com um forasteiro desconhecido, percebe? Não vai haver mais conversa! Não volte a aproximar-se dela. Nunca mais!

– Mas têm de me escutar, nem que seja noutra altura, por favor. Eu só quero...

As suas palavras caíram em saco roto; antes de completar a frase, já os três haviam retomado o curto caminho que os separava da porta de casa. A mãe ainda enfurecida. O pai, mudo e pensativo. E Aurora, a sua Aurora, mergulhada num pranto sem consolo nem fim.

Viu-os afastarem-se, desconcertado. Por cima da sua cabeça, grasnaram algumas gaivotas. E, pela primeira vez, começou a duvidar.

Nos mais de seis meses que estava na Europa, esforçara-se sempre por encontrar um argumento que razoavelmente desculpasse os milhares de comportamentos carecidos de razão que se lhe cruzaram pela frente. A submissão do povo como carneiros perante o que lhe era imposto, a falta de reação e espírito crítico, o orgulho teimoso. A estagnação refratária perante o progresso e aquela lógica puritana e proverbial, incompatível com qualquer vislumbre de modernidade. No entanto, obediente aos conselhos de Cabeza de Vaca, tentara fugir ao simples argumento ou à superficialidade mais banal. Tentara sempre encontrar justificação para tudo, uma razão que salvaguardasse o indefensável ou tornasse digestível o que era complexo. Aplicara muitas

vezes um indulto mais que generoso quando as quotas de absurdo se tornavam impossíveis de assumir. *Respeite este povo, meu rapaz, não nos julgue com simplicidade*, pedira-lhe o velho no primeiro encontro em Madrid. Assim fez Daniel Carter. Até que aquela maneira de ver o mundo por detrás do vidro da condescendência deixou de afetar só o alheio e se virou contra ele, como uma dentada no pescoço. Então, doeu-lhe. E, lutando ainda para não o fazer, não teve outro remédio senão reconhecer que a alma da sua pátria de acolhimento poderia também tornar-se ingrata e injusta.

Nessa tarde, não houve maneira de voltar a ver Aurora. Desde cedo a esperou em frente à casa, mas ela não saiu. Nem assomou a nenhuma janela, nem a sua silhueta se recortou em nenhuma varanda. Telefonou-lhe de um bar ruidoso com uma ficha de telefone que pediu a um empregado de balcão. Uma voz antipática respondeu que não estava, ele soube que mentia. Procurou-a sem resultado, também, na farmácia, prevendo que encontraria lá Gregorio e a sua clientela de proprietários de achaques e maleitas. Deambulou depois, desorientado, entristecido, sem conseguir compreender. No seu caminho, cruzou-se com homens vestidos com longas túnicas e capirotes³⁰ e com senhoras de preto e mantilha, e recordou os dias felizes, em Madrid, em que Aurora lhe falara com afeto da Semana Santa da sua cidade. Dessa festa que ele imaginou subjugante e que agora, sem entender nada e sob o efeito do seu humor, começava a parecer-lhe cada vez mais sinistra. *Própria de gente estagnada nos tempos das cavernas*, pensou, com a sua mente de americano proveniente de uma grande cidade industrial. Gente

como o casal que, nessa manhã, o desprezara sem delicadeza, por exemplo.

Enquanto lutava por conciliar o sono que, às duas da manhã, ainda resistia, não poderia suspeitar que a fina flor de Cartagena já sabia que um estrangeiro, de reputação duvidosa, pedira a mão da filha dos Carranza em plena rua. Ao seu quarto interior da pensão nunca chegou o rumor destas conversas que, desde o encontro com os pais na muralha, corriam pela cidade, saltando, escorregadias, das melhores bocas para as orelhas mais seletas. *É como te estou a contar, no meio da rua, estás a ver, sim, sim, a Marichu quase tem um ataque e o Enrique ficou sem palavras, como não haveria de ficar, um viajante ou sabe Deus o quê, dizem que o franganote não tem profissão, nem bens, que desfaçatez, o caso é que ele nem é nada feio, mas já estás a ver o plano, ninguém sabe de onde saiu, que descaramento, um oportunista, onde vamos chegar, se calhar é comunista, de certeza protestante também, ou ateu, não sei o que será pior, e a rapariga fechou-se no quarto e diz que não sai de lá, que insolência e que pouca vergonha, é no que dá mandar as raparigas estudar para a universidade, e então, com que artista dizes que ele se parece?*

Ainda não eram nove da manhã do dia seguinte e ele já estava de novo na Muralla, meio oculto atrás de uma palmeira, à distância, alternando a atenção entre o mar luminoso e a porta da casa de Aurora. Às dez menos um quarto, viu sair o farmacêutico Carranza. Sozinho. Meia hora depois, a mãe com um dos filhos mais novos, que suportava uma monumental descompostura.

O cenário ia-se despejando, mas decidiu esperar mais um pouco. Após a longa espera da véspera,

conhecia de memória as janelas e varandas da casa dos Carranza, as particularidades da sua arquitetura e a má cara do porteiro, um homem de aspeto adoentado chamado Abelardo que, conhecedor da tensão que existia no edifício e instruído pela mulher do farmacêutico, vigiava o acesso como um cão de guarda.

Permaneceu assim mais de hora e meia, confiando num golpe de sorte, apenas acompanhado pelos seus pensamentos e pelas gaivotas que sobrevoavam o porto. Uma longa hora e meia de espera atenta, até que a chegada em simultâneo do carteiro, de um marçano e de dois marinheiros carregando um grande pacote congestionou o troço da rua em frente da porta, durante uns segundos. *Temos de entregar isto na casa do coronel Del Castillo, este registo é para a senhora de Conesa, assine aqui, por favor, boa tarde, Abelardo, o Osasuna perdeu três a zero, olhe que anda a falhar os prognósticos, assim um totobola não nos vai tirar da pobreza na porca da vida, ajude-me com este saco de batatas, ande, e depois digo-lhe quem vai ganhar o Bétis-Celta a ver se aprende de uma vez por todas...*

A oportuna congestão de comentários futebolísticos e de algumas responsabilidades secundárias forneceu a oportunidade. *Gento, Gento, diz você? Ora, homem! Onde estiver o Kubala...*

Num abrir e fechar de olhos, antes de Abelardo poder dar o seu parecer sobre o húngaro, o americano, com quatro passadas silenciosas, estava lá dentro.

O imóvel tinha classe e elevador, mas optou por não o usar. Arrebatado, com a urgência a pulsar-lhe nas têmporas, subiu os degraus três a três até ao segundo andar. No entanto, uma vez aí, ficou confuso. Durante toda a manhã ansiara por aquele momento e, uma vez

chegado a ele, hesitou. Esperavam-no duas portas, ambas fechadas a sete chaves, e ele debatia-se. Seria melhor bater imediatamente? Esperar que alguém sáísse e perguntar discretamente? O tempo corria contra si, as vozes da reunião desportiva na rua tinham deixado de se ouvir. O elevador pôs-se em andamento, alguém subia.

Por sorte, a perturbação apenas durou o tempo que a porta da esquerda demorou a abrir. Ouviu-se, então, uma voz dirigida ao interior da casa, adiantando-se à figura da proprietária.

– Sim, sim, não me esqueço, mas olhe que é chata... Vá lá, até logo, adeus, adeus...

Aquela idosa descarnada e esplêndida, de cabelo volumoso, ia acrescentar mais qualquer coisa quando o viu. Daniel, em resposta, não soube o que fazer. Demasiado tarde para desaparecer, demasiado desconcertado para agir lucidamente. Por fim, decidiu não se mexer e ficar à espera. Penteando-se rapidamente com os dedos, puxando os punhos da camisa por baixo das mangas do casaco, ajeitando o nó da gravata que pusera num esforço para se mostrar apresentável, na expectativa cega do que acabasse por lhe oferecer a temerária ocasião.

Surpreendida pela presença do forasteiro no patamar, a senhora teve um leve sobressalto e, com rapidez de reflexos, levou um dedo à boca e sussurrou um sonoro *sssssshhh*. Emergindo de uma estola de marta e um colar de pérolas de duas voltas, Daniel reconheceu a avó de Aurora, aquela que vira fugazmente na estação. Basca de nascimento, um pouco peculiar, lembrou-se de imediato do que Aurora lhe contara. Conhecida por todos como Nana.

– É o americano que traz a minha neta transtornada, não é? – sussurrou num impulso.

– Sim, senhora. Receio que seja eu.

Não havia tempo para apresentações formais nem desfazer mal-entendidos: preferiu ficar como um estrangeiro sedutor do que perder a oportunidade de que a idosa lhe fornecesse alguma informação sobre Aurora e de como corriam as coisas na família.

– Pois saiba que a menina está para morrer, a minha filha está uma fera e esta casa não se aguenta nem mais um minuto – continuou, já sem o menor sigilo. – Disse que vou dar uma volta, que tenho muitas coisas para fazer, mas só quero fugir daqui. Mas gostaria de falar consigo, jovem, pelo que, se quiser falar comigo durante um bocadinho, espere-me dentro de meia hora no Gran Bar.

E com uma mão enérgica e idosa, com uma manicura perfeita, indicou-lhe a escada. O tilintar das libras de ouro que pendiam das pulseiras ordenou a Daniel que saísse dali a toda a pressa.

– A minha filha é antiquada e o meu genro é um pãozinho sem sal – foi a primeira coisa que disse, após expirar uma fumaça.

Daniel vira-a entrar e levantara-se para a receber. Afastou a cadeira para que se sentasse e aproximou o isqueiro quando ela colocou na boquilha de marfim um cigarro que ele lhe oferecera.

– São casmurros até mais não e não vai ser fácil fazê-los mudar de opinião, pelo que vai ter de lutar com todas as forças se quiser levar a menina para as Américas.

A espantosa tranquilidade com que relatava as

intimidades a um estrangeiro desconhecido, que supostamente era um adversário da honra da família, desconcertou-o.

– Eu também tive oportunidade para atravessar o oceano quando era jovem, sabe, querido? – continuou, após um gole de vermute. – Tive um pretendente que foi para a Argentina, como é que ele se chamava... Ro... Ro... Romualdo, é isso, Romualdo, Romualdo Escudero de la Sierra era o nome dele, é isso, e não pense que se foi embora porque aqui as coisas lhe corriam mal, não, não, não, nem nada que se parecesse. Era de uma família excelente, formidável, esplêndida, mas partiu porque era um aventureiro, um rapaz voltado para o futuro, um empreendedor que montou lá um negócio fabuloso de... de... – A momentânea falta de memória pareceu contrariá-la por alguns segundos, mas continuou com a conversa contornando o assunto. – Bom, fosse o que fosse, não interessa. O certo é que fez fortuna, mas fortuna, uma imensa fortuna, heim? Contaram-me que tinha prédios inteiros na Calle Corrientes e uma fazenda na Pampa, e não sei quantas coisas mais... Mas sabe uma coisa? – perguntou, impetuosa.

– Não, não sei – respondeu Daniel sem perceber onde pretendia chegar a idosa com aquela história estrambólica.

– Muitos anos mais tarde soube que nunca casara, pelo que às vezes penso que, provavelmente, não o fez porque passou toda a vida a lembrar-se de mim. Eu, na verdade, não senti muito quando partiu, pois nunca me passou pela cabeça ir com ele, para onde iria eu, que vivia mais que bem nessa altura em Neguri. Assim, disse-lhe que fosse à sua vida, e fiquei muito bem. Mas,

depois, com os anos, pensando nisso, pensando nisso... às vezes pergunto a mim mesma como teria sido a minha vida se tivesse ido com ele para a Argentina. De certeza que dançaria divinamente o tango e falaria como eles falam, com aquele sotaque que têm os de lá...

Os olhos brilharam de imediato, sonhadores como os de uma adolescente, apesar dos quase oitenta anos acumulados nos seus pés-de-galinha. Depois, apagou o cigarro com a máxima elegância e ficou a contemplar o solitário que resplandecia no anelar. Um ponto de luz numa mão cheia de manchas, veias e rugas; um farol alumando a penosa evidência da decrepitude. Então, baixou a voz e aproximou-se do ouvido de Daniel, como se lhe fosse sussurrar a sua mais íntima confidência.

– Imagine a quantidade de joias que a nossa Aurorita herdaria agora.

Daniel demorou pouco a perceber que aquela matriarca coquete e faladora era considerada pela filha e pelo genro como pouco mais que uma velha aparvalhada, sem qualquer capacidade para influir nas decisões do clã. A cavaqueira prolongou-se extensamente sobre a sua juventude e as dezenas de admiradores em festas deslumbrantes ao ritmo do foxtrot. Saltou airoso, no entanto, sobre os aspetos amargos da sua vida, aqueles que – consciente ou inconscientemente – se lhe haviam evaporado da cabeça de impecável carrapito grisalho. A falência a que o estrambelhado do seu progenitor levava a empresa familiar de maquinaria industrial, após três noites febris no casino de Biarritz. O seu casamento sinuoso com um homem tirânico que nunca lhe dera

um minuto de felicidade. A mudança forçosa e precipitada para aquela terra estranha em busca de um futuro que lhes permitisse salvar a mobília, ao abrigo das minas de La Unión. A morte na guerra dos dois filhos varões antes dos vinte e cinco anos. As insuportáveis dores nos ossos que a humidade do mar lhe causava no inverno e uma ou outra ambiguidade que preferiu não trazer à tona, ocupada que estava no resgate nostálgico de uma época desaparecida havia mais de meio século.

Após fumar, uns atrás dos outros, cinco cigarros do maço de Chesterfield de Daniel e de beber três vermouths, que ela pediu e ele pagou, a idosa – *trata-me por Nana e por tu, querido* – dispôs-se a ir embora. Aconchegou então a estola de pele ao pescoço, guardou a boquilha na carteira com um sonoro clique e levantou-se com majestosa distinção, enquanto ele, atrás, lhe arredava a cadeira. Estabelecida então a cumplicidade, em jeito de despedida, reiterou a ideia transmitida assim que chegara:

– És giríssimo, mas a minha filha e o meu genro são dois parvalhões e não vão consentir que leves a menina, assim, do pé para a mão. – E então sorriu, adorável no meio das suas rugas, dos seus despistes e da sua sequência de recordações seletivas. – Gostas muito dela, não é verdade?

Ele devolveu-lhe o sorriso, encolhendo os ombros, incapaz de pôr a nu os seus sentimentos, à hora do aperitivo, no meio de um bar.

– Pois, se assim é, se queres mesmo tê-la para sempre a teu lado, eu, no teu caso, procuraria um bom padrinho. – E para enfatizar a ideia deu-lhe uma palmada afetuosa no braço, enquanto baixava

ligeiramente o tom de voz. – Neste país, meu rico, consegue-se tudo com um bom padrinho, lembra-te bem.

Daniel deve ter assumido uma expressão estranha que a idosa captou de imediato.

– Pensa nisso, pensa nisso... Tem de haver alguém que te possa estender a mão.

E sem lhe dar tempo para reagir, deu-lhe dois beijos ao de leve nas faces e partiu, resoluto, como se ainda tivesse dezanove anos e à porta do Gran Bar um aventureiro intrépido estivesse à sua espera para a levar para o outro lado do mar, em busca de novas fortunas.

30 Capuzes em forma de cone que os homens levam nas procissões da Semana Santa em Espanha. (N. do T.)

Capítulo 25

O encontro com Nana deixou uma réstia de alento no ânimo de Daniel. No fundo, praticamente tudo continuava na mesma, a conversa com Nana não solucionara nada e não lhe pusera nas mãos qualquer solução tangível. Contudo, e apesar da nula capacidade de manobra que a idosa parecia ter naquela batalha, as suas palavras, um tanto disparatadas, conseguiram transmitir-lhe um sopro de otimismo, uma diminuta transfusão de energia para não se ir abaixo.

Ao longo do caminho de regresso à pensão, foi ruminando o seu conselho à despedida. Que procurasse um padrinho. Apesar de desconhecer muitas das maquinações e cambalachos próprios das maneiras de agir espanholas, suspeitava que a sugestão da idosa ia para lá dos significados da palavra «padrinho» que já sabia de cor: a pessoa que acompanha a noiva ao altar ou o recém-nascido na pia batismal. O dicionário deu-lhe a resposta de uma terceira aceção. «Aquele que favorece ou protege outro nas suas pretensões, promoções ou desígnios», dizia. Captado o sentido, mas sem saber o que fazer, deixou-a em banho-maria. À espera.

Voltou a ligar para Aurora, mas, desta vez, da receção. Soubera pela boca da idosa que ela se negava a

falar com quem quer que fosse exceto com a própria Nana e com Asunción, a ama de toda a vida, que lhe levava tijelas de caldo, croquetes e torradas, numa inútil tentativa de a fazer entrar na razão. Mas ninguém atendeu do outro lado e, à terceira tentativa sem resposta, desistiu mais uma vez. Entretanto, Modesto, o rececionista, mantinha um olho n'O *Justiceiro do Colorado* e outro em Daniel. Entre tiros e ameaças com cheiro a Far West, observava-o, perguntando a si próprio a quem ligaria o americano com tanta insistência e por que acabaria sempre por desligar com uma pancada, sem falar com ninguém e com uma expressão de mau-humor.

– Parece que gosta de vir a esta terra, não é, amigo?
– aventurou-se a dizer, parando momentaneamente o torvelinho de balas, pó e relinchos do livro. Disposto a saber, de uma vez por todas, o que tinha o hóspede entre mãos.

Assentiu educadamente, sem dar mais explicações. Mas Modesto insistiu. Curioso.

– Apesar de isto não ser como a América, não se vive mal aqui, não acha, *mister* Daniel? Não alimentamos burros a pão de ló, é preciso dizer, mas, melhor ou pior, segue-se em frente, empregam-se os rapazes como se pode, aos domingos há futebol, temos uns toureiros que só lhe digo. Até há quem tenha frigorífico, e que bem que sabem umas cervejinhas bem frescas... E, apesar de isto ainda funcionar à paulada, daqui a meia dúzia de dias, não digo mais, o tal turismo vai tornar-nos ricos a todos em três tempos, vai ver.

Não rebateu as crédulas previsões do porteiro. Para quê privá-lo das fantasias?

– Mas na sua terra ainda se deve viver melhor, não

me diga que não – continuou, cada vez mais animado. – Com aqueles carrões que aparecem no cinema e aquelas louras com aquelas pernas e aquelas cinturas, a fumar, com aqueles decotes, meus Deus, que rico lote de fêmeas deve haver por lá, heim, *mister* Daniel? E com aqueles sabonetes que vocês têm, que cheiram maravilhosamente e não se despedaçam entre as mãos como o barro, e aqueles isqueiros que parecem de prata e nunca se apagam assim sobre o levante ou o lebeche³¹, e aquelas máquinas de barbear que deixam a cara de uma pessoa como o rabo de uma criança de peito, não como a lâmina Palmera que usamos cá, que nos deixa a cara cheia de golpes como as chagas de Cristo. Apesar de o anúncio na rádio dizer que não tem rival. Veja lá se não tem sorte em ser americano, eu que lho diga, *mister*...

– Bem, enfim, também não é para tanto... – disse Daniel na intenção de travar aquele rol inoportuno das maravilhas materiais do seu próprio país.

– Não é para tanto, diz... Venha-me com essa... Eu sei de tudo pelo meu cunhado, sabe? – prosseguiu Modesto, insistente. – Trabalha com os seus compatriotas ali, na Algameca, e diz que os tipos da Navy são fixes, que têm tudo bem organizado. Até têm plantas quando vão levantar um muro, não digo mais nada. O Agustín, o meu cunhado, diz que um dia destes os operários espanhóis foram levantar uma barraca de madeira e, quando viram que já estava firme com metade dos pregos, deixaram-na assim, exatamente. Passado um bocado, chega o sargento americano, olha e torna a olhar para ela, e manda deitar a barraca abaixo, que a desmanchassem e voltassem a montá-la. Se nas instruções diz que são quinhentos pregos, pois

são quinhentos pregos que têm mesmo de pôr. Tem os tomates no sítio, o tipo. E a barraca foi abaixo e foi acima outra vez, com os quinhentos pregos bem colocados no lugar, e acabou-se... – deu um estalo com a língua e franziu a cara em tom admirativo. – Americanos do caraças, são os maiores!

Um pressentimento de curiosidade agarrou Daniel pelas bandas do casaco e começou a abaná-lo à medida que o porteiro avançava na sua peroração. Base, americanos, *Navy*. Um triângulo com probabilidades de esperança.

– Então – disse, escolhendo as palavras, enquanto fazia deslizar sobre o balcão o maço de Chesterfield em direção a Modesto –, se o seu cunhado trabalha com os meus compatriotas, isso significa que há contactos diários entre americanos e espanhóis.

– Claro que há, *mister*, claro que sim – replicou o porteiro tirando dois cigarros da Virgínia com filtro. Pôs o primeiro entre os lábios e o outro atrás da orelha esquerda. – Pois não lhe estou a dizer que estão lá muitíssimos empregados espanholitos? Ainda não há muito tempo, saíram anúncios nos jornais para pessoal civil espanhol, até eu próprio meti os papéis, mas não me chamaram, vá-se lá saber porquê, pois bons imbróglgios eu lhes resolveria. Na minha guarita e com o meu uniforme, como um general, você para dentro, você para fora, vamos lá ver, você, os documentos... Bah! Estaria ali como peixe na água com os americanos, se me tivessem contratado.

Indiferente àquelas fantasias profissionais, Daniel, movido pelo impulso da mais pura intuição, continuou pela certa.

– E, diga-me, Modesto, esses americanos vão e vêm,

ou estão sempre por cá?

– Cá para mim, por aqui vivem alguns. Ou, pelo menos, veem-se de vez em quando pelas ruas, com uns carrões de se tirar o chapéu, às vezes fardados, outras vezes com camisas às cores de fralda por fora das calças, têm cá um aspeto, que lhe vou dizer... Ainda não se cruzou com nenhum?

Não. Ainda não se cruzara com nenhum compatriota, mal tivera tempo nas suas breves estadas. Ou talvez tivesse, mas nem sequer reparara, tão abstraído andava com as suas próprias preocupações. Lembrou-se, então, do dia em que conhecera Aurora, quando ela própria lhe perguntou na farmácia se era militar da base americana. Três longos meses haviam passado desde então. Talvez tivesse chegado a altura de os conhecer de uma vez por todas.

– E acha que eu teria algum problema em entrar lá para os visitar?

– Na base? Pois parece-me que vai ser lixado – respondeu o porteiro com outro estalo da língua. – O meu cunhado disse-me que têm tudo bestialmente controlado. Sem vistos, sem os passes... Mesmo que se ponha à porta, não o deixam entrar. Agora, se eu estivesse de guarda à entrada, é uma suposição, e o visse chegar...

A potencial ligação entre aqueles compatriotas e o apadrinhamento proposto por Nana começara a tomar forma na mente de Daniel, enquanto o porteiro, esgotados os seus sonhos laborais como vigilante, começava a matraquear de novo sobre o descaramento das louras fumadoras e dos arranha-céus dos filmes, alinhando tudo aquilo com uma mão-cheia de conhecimentos geográficos retirados dos seus livros de

cowboys e das façanhas californianas de El Coyote de Mallorquí. Até que Catalina, a sua mulher, apareceu na receção, armada de espanador e pano do pó, juntou-se à conversa e arrumou o assunto com a sua particular sensatez.

– Mas o que é que tu sabes de como funciona essa gente, Modesto, se só os viste de longe e meteste os papéis fora do prazo? Mesmo agora vamos telefonar ao meu irmão Agustín, faz uns biscates à tarde numa oficina aqui perto. Marca o número, vá, e deixa de dizer palermices de uma vez por todas.

O tal Agustín pouco tardou a aparecer. De fato-macaco azul e boné. As unhas ainda cheias de óleo e mais do que disposto a ajudar.

– Diga-me, amigo, o que é que quer saber, que eu ponho-o rapidamente em dia.

Ao longo dos anos anteriores tinham começado as obras daquela base naval, a Base Conjunta Hispano-Norte-americana, situada entre Tentegorra e Algameca, umas instalações que, ao contrário das gigantescas construções de Rota, de que dependiam, seriam mais pequenas e de utilização não exclusivamente norte-americana, mas sim partilhada.

A Marinha Americana funcionava com um sistema logístico que cobria todas as suas necessidades, e o seu pessoal estabeleceu-se na aldeia que construíram numa zona de monte e pinheiros, afastada uns dois quilómetros do resto da cidade. Apesar de residirem e trabalharem de maneira independente, houve, desde o princípio, uma intenção de aproximação dos americanos à vida local, um comportamento incitado pelas chefias para fomentar a cordialidade entre os dois povos. Para isso, organizaram-se atos, quer oficiais quer

muitos outros, que, pelo percurso natural das coisas da vida, precisariam necessariamente da cooperação mútua: as mulheres dos marinheiros americanos teriam os filhos em clínicas locais, assistidas por parteiras espanholas, e um intérprete, os catraios nacionais formariam coros buliçosos em redor dos marinheiros para lhes pedir chicletes aos gritos, e alguns militares jovens e solteiros acabariam por casar com bonitas moças de Cartagena, enquanto outros, talvez menos românticos, se entretinham com as putas do Molinete, obsequiando-as depois gentilmente, para além da tarifa regulamentar, com notas de um dólar, latas de leite condensado e um ou outro maço de Philip Morris.

Daniel inteirar-se-ia de todos estes pormenores ao longo dos dias seguintes e através de outras fontes. No entanto, naquele momento, das explicações do irmão de Catalina – historietas interculturais do género da história dos pregos, do sargento e da barraca –, só lhe interessou uma coisa: averiguar onde diabo poderia encontrar os seus compatriotas e chegar até eles.

– Pois, é como lhe digo, amigo – sentenciou o cunhado, dando uma última chupadela num cigarro *Ideales* a desfiar-se –, que sem papéis nada feito, para mim, nem a cancela lhe vão levantar. Outra coisa é encontrar os seus conterrâneos na rua ou nos bares, que todos gostam do alterne de vez em quando.

A espontânea tertúlia continuava na receção da pensão, apenas interrompida pela chegada ocasional de algum hóspede inoportuno de quem ninguém fazia caso, absorvidos todos nas fabulosas aventuras conjuntas daquelas tribos díspares. Com Modesto atrás do balcão e Agustín e Daniel com os cotovelos apoiados do lado oposto. Com Catalina a passar o pano e o

espanador sem grande empenho, enquanto intervinha de tempos a tempos na conversa.

– E se eu fosse a casa deles, acham que me receberiam? – propôs Daniel, à sorte, num empenho impulsivo para encontrar solução.

– Pssss... não sei... – disse Modesto passando a mão pelo escasso cabelo e sem ter, na verdade, a mínima ideia de como agiriam aqueles estrangeiros nessa ocasião.

– Em Tentegorra já estão instalados, belas casas que lá construíram. Com máquina de lavar, aquecimento e alcatifas coladas ao chão em todas as divisões, segundo me contaram – acrescentou o cunhado expelindo o fumo após acender outro cigarro com o *chisquero*³². – Até me disseram que têm perto um campo com relva onde jogam com um pau e uma bolinha para a meterem num buraco. Como se chama isso, *mister*? Gor? Gos? Como golo mas sem baliza...

– Golfe – disse Daniel, resolvendo o assunto lexical rapidamente para não perder mais tempo. – E os militares vivem aí sozinhos, ou têm as famílias com eles?

– Quanto a mim, viverão com as patroas – interveio Modesto com brio renovado – porque, se não, digam-me por onde andam sozinhas essas éguas que encontro de vez em quando com aquelas calças muito apertadas, que até me dá vontade de... de...

– Para com isso, Modesto, que começa a aquecer e depois sobe-te a tensão – repreendeu-o Catalina, arrancando-o aos desvarios. Então, pôs o espanador debaixo do braço e dirigiu-se a Daniel, tentando pôr um pouco de ordem naquela conversa errática que parecia não levar a lado nenhum. – Mas o *mister* Daniel, se não

é indiscrição, porque é que está tão interessado em ver os seus compatriotas? Por assuntos de trabalho, para lhe arranjam emprego com eles ou assim?

Os três pares de olhos dos interlocutores ficaram à espera de alguma explicação interessante, enquanto um cliente batia insistentemente com a chave no balcão, farto de o porteiro não fazer caso dele.

– Pois... trata-se de uma coisa mais... mais... por assim dizer, mais familiar.

Apesar de não lhes dizer toda a verdade, também não mentia assim tanto. Ao fim e ao cabo, o que pretendia a longo prazo era constituir uma família com Aurora.

– Nesse caso, se fosse a si, se me permite a confiança, sabe o que faria?

Olharam todos para Catalina. Daniel, ansioso por encontrar de uma vez o caminho da saída. O irmão, por aquilo do sangue. E Modesto, porque sabia que, apesar de não ter as nádegas de alabastro nem as peitaças das potras de Hollywood, a sua Catalina percebia alguma coisa das questões práticas da vida.

– Pois eu, se fosse a si, como lhe digo – prosseguiu metendo o pano do pó no bolso –, ia amanhã mesmo à procura das mulheres. Olhe que nós entendemos sempre melhor essas coisas de família. E depois, se for preciso, elas que arranjam maneira de os maridos resolverem o que têm de resolver.

A luz. Catalina foi a luz. Tal como chegou como um maná, com uma sanduíche de omeleta na noite confusa do seu febrão, acabava agora de lhe pôr, diante dos olhos, um possível flanco por onde começar a atuar.

– A que horas saem do trabalho na base, Agustín? – perguntou Daniel à pressa, enquanto abotoava o casaco

e olhava o relógio. Quatro e vinte.

– Às cinco em ponto, toca a sirene, uuuuuuuuhhhh, e, a partir daí, uns começam a ir para aqui, outros para ali, e então...

Como sentiu falta naquele momento das suas velhas sapatilhas de desporto com que diariamente saía para ir correr em Madrid.

– Podia chamar-me um táxi, por favor, Modesto? – pediu, pondo fim tanto à sua nostalgia como às prolixas histórias do cunhado.

– É para já, *mister*. Não quer que o acompanhe, pois não?

31 Ventos que sopram na costa mediterrânica espanhola de sueste e sudoeste, respetivamente. (N. do T.)

32 Antigo acendedor de bolso constituído por uma torcida enrolada de algodão e uma pederneira, muito usado em Espanha até ao último quartel do século XX. (N. do T.)

Capítulo 26

Assim que chegou, Daniel teve a sensação de ter sido arrancado pela raiz da realidade da Quarta-feira Santa, junto ao Mediterrâneo, e transportado, por artes mágicas, para um pedaço anónimo do seu país. Apresentava-se-lhe à frente dos olhos o que parecia uma zona residencial suburbana de qualquer cidade americana média. Casas modernas com telhados de duas águas, rodeadas de relva impecável, bocas de rega vermelhas nos passeios e crianças louras de *blue jeans* a brincar com um *frisbee* na relva.

Caminhou lentamente, incrédulo, imerso naquela experiência quase surrealista que, num instante, parecia tê-lo submergido num qualquer bairro do Ohio, Connecticut ou Carolina do Norte, até que um grupo de moradoras, com bebés nos braços e crianças junto às pernas, intuiu pelo aspeto a sua nacionalidade e o cumprimentaram na sua própria língua. *Hi!, Hello! Hi! Are you American? How're you doing?*

Nos poucos metros que o separavam delas, tomou uma decisão. Nada de lhes expor abertamente as suas intenções. Com efeito, também não sabia muito bem como traduzir para a sua própria língua comum o conceito difuso do *padrinho à espanhola* de que andava à procura. Eram seis ou sete jovens mães, seis ou sete

conterrâneas que encaixavam no protótipo de noiva que ele deveria ter escolhido se quisesse ver-se encaminhado para um futuro aprazível e sem complexidades. Mas, naquela altura, já tinha vivido o suficiente para saber que a vida altera o seu rumo a cada esquina. E, em vez de se apaixonar por uma boa rapariga americana sem preconceitos nem complicações, o filho do dentista de Morgantown, West Virginia, não só se tinha livrado à tangente do destino profissional que a família desejava para ele, como, em questão de amores, também optara por fugir à norma, indo depositar os seus afetos na reserva espiritual do ocidente. E ali estava, tentando encontrar a maneira de ser aceite naquela cidade de condutas incompreensíveis para a sua mente, que, ano após ano, era acometida por extravagâncias, como passear aos ombros Cristos na Deposição da Cruz e Virgens Dolorosas, ou encerrar um São Pedro dentro de um arsenal militar ao ritmo de um *pasodoble*. Talvez por isso, preferiu contar apenas meia verdade às suas compatriotas. Com vontade e empenho, em qualquer caso. Para as ter na mão, sem saber ainda muito bem como nem com que fim.

– *Awesome!*

– *Amazing!*

– *So interesting!*

Aquelas foram, juntamente com uma série de sorrisos e expressões de espanto, algumas reações das americanas quando Daniel, depois dos cumprimentos e apresentações, começou a relatar-lhes as suas andanças por uma Espanha que elas quase não conheciam. Noites em castelos medievais, com aroma de fantasmas entre as suas ruínas, visitas a adegas cheias de tonéis gigantescos e a basílicas várias vezes maiores que um

estádio de baseball.

Wow! Fascinating! Really? A antologia que despertou tão entusiásticas reações poderia não ter fim se não fosse, daí a pouco, os maridos terem-se juntado àquele inventário de façanhas de viagens em plena rua. E, a partir daí, tudo mudou. Dois chegaram a pé, arrastando tacos de golfe, tal como o palpito do cunhado Agustín; três outros apareceram de carro e fardados. À exceção da indumentária, pareciam todos feitos com o mesmo molde: corpo em forma, amplo sorriso, boa estatura e cabelo muito curto. Cumprimentaram Daniel com apertos de mão cordiais e trocaram algumas frases amistosas. *Como está, que surpresa, com que então especialista em literatura, que interessante.*

Até que as conversas começaram a cruzar-se e o seu protagonismo a decair. Cada um dos recém-chegados trazia qualquer coisa para contar, a atenção das mulheres mudou de rumo e a estrela de Daniel, como no fim dos fogo de artifícios, foi-se desvanecendo até desaparecer. A sua glória durara pouco mais de meia hora e o pior era que já não havia lugar para mais. A sensação de que a oportunidade se lhe estava a escapar por entre os dedos foi crescendo à medida que o grupo começou, pouco a pouco, a desfazer-se. *Então, boa sorte, amigo, que te corra tudo pelo melhor*, disseram eles. *Tivemos muito gosto em conhecer-te, Dan, oxalá continues a desfrutar as tuas aventuras*, disseram elas. Ponto final.

Os casais foram-se retirando para as suas casas, arrastando os respetivos rebentos, despejando a paisagem de risos infantis e palavreado. À medida que a densidade do grupo baixava e a tranquilidade preenchia a zona outrora buliçosa, crescia, na mesma proporção, o desânimo de Daniel. Talvez tivesse agido

da pior maneira, pensou, enquanto uma das últimas famílias se afastava, virando-lhe as costas. Talvez tivesse sido um erro fazer-se passar por um simples compatriota errante, um estudante simpático sem qualquer preocupação. Talvez devesse ter sido mais claro e direto, ter-lhes falado do enfurecido desprezo dos pais de Aurora, da tenaz resistência dela, do empenho dele em encontrar, a qualquer preço, uma chave ou um recurso para não a perder. Deveria ter-lhes confessado que, pela primeira vez desde a sua chegada a Espanha, aquela atração quase visceral por esta cultura se transformara em incerteza. Que a eterna lua de mel em que, até então, vivera parecia ter começado a estalar.

Até que se viu sozinho com duas raparigas do grupo. As mais maduras, apesar da sua evidente juventude. A alta, de rabo de cavalo castanho, olhos verdes e camisa aos quadrados amarelos, com um leve sotaque do sul, chamava-se Vivian. E Rachel, a loura, com lenço azul-turquesa na cabeça, amarrado em jeito de diadema. Ambas teriam feito água na boca ao porteiro da pensão, sem dúvida, só por pressenti-las à distância.

– Bem, pois vão sendo horas de pensarmos também em ir para casa – disse a primeira, com certa indolência.

Nenhuma das duas parecia ter bebés ou crianças pequenas a seu cargo. Os filhos eram certamente aquela meia dúzia de diabos que não paravam de andar pelas redondezas como selvagens, montados nas bicicletas.

Daniel pressentia que as últimas possibilidades estavam em vias de se esfumar: quando cada uma delas fechasse a porta da casa atrás de si, ele ficaria outra vez sozinho. De novo em frente ao precipício, com o seu

último cartucho queimado debalde e o maldito padrinho sem aparecer.

– Onde estão os vossos maridos? – perguntou, incisivo. Não se importava de parecer indiscreto. Tinha pouco a perder.

– Chegam de madrugada, foram à base de Rota por motivos de trabalho – esclareceu Vivian.

Tentou que não se notasse o estremeção de energia que sentiu dentro de si. Duas mulheres de membros da U. S. Navy sozinhas e com algumas horas pela frente. No seu recuperado entusiasmo, ainda teve tempo de se lembrar do pobre Modesto.

– Rota, que interessante. Isso é na Andaluzia, não é? – perguntou, oferecendo-lhes um cigarro com o propósito de prolongar a conversa.

Rachel encolheu os ombros, enquanto ele lhe estendia um fósforo aceso. Vivian disse *creio que sim*. Nenhuma das duas parecia estar excessivamente a par dos pormenores da geografia peninsular.

– Para eles deve ser agradável voltar a casa tarde e encontrar o calor da família – sugeriu, então, soprando o fósforo com um fingido ar de desamparo. – Tivesse eu alguém perto que se ocupasse de mim...

Traidor, disse-lhe a voz da consciência. Porventura não te chega o amor arrebatado de Aurora? Porventura parece-te pouco o que a senhora Antonia diariamente faz por ti?

– Alguém que me preparasse um simples frango assado, por exemplo – continuou a pôr de lado os escrúpulos. Teria tempo de fazer as pazes com eles. De momento, tinha de se preocupar em não deixar passar aquela oportunidade. – Batatas assadas com creme agridoce, gelado de chocolate. O velho sabor das coisas

de sempre...

Quase não tinha sentido a falta de nada daquilo nos mais de seis meses que andava por Espanha, alternando entre tabernas, casas de pasto e os cozinhados da portaria. Dobrada e moelas, iscas, sangue frito e orelha de porco, tudo lhe sabia bem. Não obstante, tentou que Vivian e Rachel não o notassem. O que ele precisava era de se sentar nessa noite à mesa de qualquer uma das duas.

Os gritos de uma das crianças de bicicleta silenciaram rapidamente a conversa. Era o filho de Rachel, um furacão de nove anos, que deitava sangue do nariz. Atrás dele, vinham o irmão mais novo, explicando a queda, e uma ruiva com duas tranças, expondo a sua versão. De imediato, apareceram outros dois reguilas seguidos por um cão.

– Estou morto de fome, o que temos para esta noite, mamã? – perguntou um deles.

– Macarrão com queijo – disse Rachel, apertando com força um lenço sobre o nariz do filho mais velho.

– E nós? – quis saber outro catraio, enquanto levantava a bicicleta do chão.

– Frango assado – anunciou Vivian.

Não pôde conter-se.

– Com batatas?

Por alguma razão sem fundamento, pressentia que encontraria uma saída entre elas. Tinha consciência de que as ferramentas para conseguir tal objetivo raiavam a indigência: não falavam espanhol, não conheciam ninguém na cidade e nem de longe sabiam como funcionavam ali as relações sociais. Aparentemente, eram apenas umas jovens mães de família, sem outra aspiração que não fosse cuidar dos seus. Talvez muito

pouco lhes interessasse a cultura, pois precisariam de curiosidade intelectual e da sensibilidade necessária para apreciar a riqueza histórica e artística do ambiente que as acolhia. Que tanto lhes fazia estar no sudeste da Península Ibérica como em Jaifa ou Corfu. Mas pressentia que, por baixo daquela aparência tão simples e doméstica, estavam mulheres fortes, resolutas e decididas, capazes de ter abandonado a pátria e de se encarregar sozinhas dos filhos durante as longas temporadas que os maridos passavam fora, e sempre dispostas a empacotar a vida em caixas e malas para começar uma nova etapa para onde a U. S. Navy achasse por bem enviá-las. Mulheres positivas e solidárias, habituadas a encontrar soluções engenhosas para tudo, a adaptar-se a mil mudanças e a viver sempre no ar, pendentes da seguinte promoção ou de uma transferência caprichosa que, uma vez mais, as enviasse para qualquer ponto remoto do globo.

Trocaram um rápido olhar entre eles.

– Anda, entra. Quando organizarmos a tropa, jantas connosco.

Capítulo 27

No espaço de tempo entre a noite de Quarta-feira Santa e a madrugada do Domingo de Páscoa, duas linhas divergentes atuaram em plena potência. Por um lado, a cidade inteira dedicou-se a viver intensamente os dias grandes da Semana Santa. As ruas atulharam-se de gente disposta a assistir à monumentalidade dos andores, ao colorido das túnicas à luz dos archotes e à ordem marcial dos penitentes. Entretanto, por outro, completamente alheios ao fervor religioso e à solenidade das datas, um grupo de estrangeiros, guiado por um objetivo comum, elaborou um plano estratégico tão minuciosamente traçado que os comandos da Sexta Frota³³ gostariam que fossem seus.

O programa teve início na manhã de quinta-feira, quando Vivian e Rachel, as jovens mães americanas, se apresentaram sem avisar na casa do capitão de mar e guerra David Harris, sabendo que a mais alta patente da base já saíra para o seu gabinete. Não obstante, tinham a certeza de que a mulher estava em casa. O que não calcularam foi a hora, demasiado cedo para uma dona de casa sem filhos a cargo nem obrigações.

Loretta Harris, despenteada, de roupão largo e ainda meio a dormir, recebeu com a pulga atrás da orelha as duas mulheres que lhe tocaram à campainha às nove e

dez da manhã, com uma tarte de framboesas como álibi.

– *Morning, my darlings.*

Tinha a voz rouca e não se esforçou por dissimular a sua contrariedade. Contudo, convidou-as a entrar.

O protocolo era o de sempre: oferecer-lhes café, acender um cigarro e esperar que disparassem. Andava há vinte e cinco anos aos tombos pelo mundo como companheira de um arrojado marinheiro: sabia de sobra que, quando as mulheres de tenentes da armada vinham procurar a mulher do superior dos maridos àquela hora, era porque precisavam de alguma coisa com urgência.

A decisão de intervir fora tomada por Vivian e Rachel na noite anterior, entre o simples frango assado no forno e as humildes batatas assadas com creme agri-doce com que acolheram o convidado. À medida que o prato ia ficando vazio, Daniel também começou a abdicar das imposturas, dando-se a conhecer sem o disfarce de viajante vulgar sob o qual, num primeiro momento, se havia escondido. Tal como era, sem subterfúgios, com as suas preocupações e circunstâncias. Com o seu gigantesco problema ainda sem solução.

– Começo a pensar que não entrei nesta cidade com o pé direito – confessou, com a confiança já estabelecida.

Continuaram a falar depois do jantar, ouvindo-se em fundo a American Forces Radio. As duas amigas tinham mandado os filhos para a cama. Descalçaram-se, por fim, e ouviam-no, recostadas no sofá. Tudo à volta parecia acolhedor e conhecido: os puxadores das portas, os exemplares atrasados da revista *Time*, a cor

da toalha. Gentileza da U. S. Navy para a sua gente nos quatro cantos do planeta. Talvez, por isso, se tenha sentido de certo modo em casa e baixou por fim a guarda.

– Assim que cheguei, fiquei de cama com gripe – continuou – e num bar puseram-me quase à força na rua, convencidos de que estava bêbado.

– Bem, isso tem a sua razão – disse Rachel com uma careta irónica. – Pensariam que eras outro americano bêbado; mais um dos muitos que se excedem e armam sarilhos quase diariamente.

– Esse é um dos principais problemas que os nossos maridos enfrentam neste momento – esclareceu Vivian.

– Uma coisa que se repete tanto aqui como nas restantes bases. Alguns dos nossos rapazes bebem mais do que a conta e armam sarilhos, muitas vezes acabam à pancada com a população local ou mesmo entre si. As lutas entre os soldados de Rota e de Morón, segundo consta, começaram a ficar famosas.

– E isso dá uma má imagem, creio... – disse ele.

– Péssima – corroboraram as duas em unísono.

Foi então Rachel que continuou:

– Há ordens para não perturbar a população espanhola, o lema é serem amistosos e próximos, generosos, cordiais e dispostos a cooperar. Isso é, em parte, da responsabilidade dos nossos maridos e nós tentamos ajudá-los.

– Como?

Se tivesse lido a imprensa na altura, Daniel saberia, por exemplo, que nesse Natal tinham levado à Casa da Misericórdia um fantoche barrigudo vestido de vermelho, com barba e cabelo brancos e carregado de presentes. Disseram que o tipo se chamava Pai Natal,

apesar de quase todos saberem que se tratava de um tal sargento Smith.

– Estamos também a tentar organizar um torneio de *softball* entre os nossos filhos e outras crianças espanholas. E, para o verão, um campeonato de natação.

– E uma semana cultural.

As duas amigas começaram a falar alternadamente, entusiasmadíssimas com os seus projetos.

– E uma passagem de modelos de roupa desportiva.

– E no Quatro de Julho pensamos lançar um enorme fogo de artifício.

– E oferecemos constantemente alimentos e medicamentos para os idosos do asilo.

Daniel, ruminando os seus próprios pensamentos à medida que as ouvia, não teve tempo de descobrir se, por trás daquele entusiasmo, existia verdadeiro interesse humano por confraternizar com a população local, um corajoso anseio de ajudar os maridos no desempenho das incumbências profissionais, ou um simples conjunto de entretenimentos superficiais com que preencher o aborrecimento no desterro.

– Mas falta-nos uma grande jogada – insinuou Vivian.

– Qualquer coisa verdadeiramente brilhante, que seja espetacular e implique muita gente.

– Qualquer coisa como? – quis saber Daniel.

– Não sabemos, ainda andamos a dar voltas à cabeça. Qualquer coisa que crie expectativa, que consiga atrair pessoas influentes e de que se fale durante vários dias. Talvez um baile com muitíssimos convidados.

– Ou um grandioso festival...

– Que tal um casamento?

Rachel ficou de boca aberta e o copo a meio centímetro dos lábios. Vivian não conseguiu expelir o fumo que acabara de tragar. Olharam as duas para ele de olhos esbugalhados.

– Ofereço-me como voluntário. Disposto a colaborar com cinquenta por cento do contributo necessário.

Na manhã seguinte, o mecanismo entrou em funcionamento. À medida que a cafeína fazia efeito sobre o seu cérebro, Loretta Harris começou a perspetivar o objetivo da visita intempestiva das duas amigas. Depois de as ouvir com toda a atenção que os neurónios meio adormecidos permitiram, pensava ter compreendido o que as raparigas pretendiam. Que ela convencesse o marido a mediar com quem fosse preciso da comunidade local. Que entre ambos conseguissem que um jovem compatriota obtivesse a autorização de uns pais teimosos e reticentes para poder casar com a filha. Todos beneficiariam com o assunto se este fosse em frente: as patentes mais altas da U. S. Navy, colocadas em Cartagena, partilhando os bancos da igreja e o bolo de noivos com o mais seletto da sociedade local. Não havia nada a perder. E talvez muito a ganhar.

A mulher do capitão de mar e guerra Harris não achou estranho que lhe pedissem para interceder por um civil. Onde não havia embaixadas ou consulados, não era raro que os chefes militares agissem, de certo modo, como representantes informais do seu país. Por isso, não achou o pedido absurdo, mas guardou um prudente silêncio. Na sua longa vida de nómada, criando cinco filhos em locais por metade do globo, vivera situações muito mais complexas entre pessoal

militar e cidadãos nativos. Gravidezes inoportunas, paternidades irresponsáveis, lutas, roubos, chantagens e vigarices. Interceder pela simples felicidade de um par de namorados parecia coisa fácil. *A piece of cake*, como diziam na sua língua. E se aquilo trouxesse crédito à reputação de todos eles entre a sociedade local e ajudasse a estabelecer pontes entre as duas nacionalidades, muito melhor. Vivian e Rachel não deixavam de ter razão: se conseguissem gerir aquela contingência de forma satisfatória, o resultado seria bastante vantajoso. Mas, antes, teria de fazer algumas averiguações. E se, por trás delas, não encontrasse nada suspeito, planearia depois, detalhadamente, um sistema operacional.

Mas claro que não o adiantou às recém-chegadas. Apenas encheu outra vez as chávenas, acendeu outro cigarro e propôs o primeiro passo. A condição inicial foi conhecer pessoalmente o implicado. *Para obter informações básicas e determinar a envergadura do assunto*, disse. Estava livre nessa tarde, o marido tinha um compromisso oficial até à noite, os filhos haviam entrado gradualmente para a universidade, ficando no seu país, e aquele era o primeiro ano que estavam sozinhos. *Acabou-se o café, queridas*, anunciou, apagando o cigarro. *Quero cá o tal Carter às cinco o'clock.*

O rececionista Modesto pensou estar no meio do mais maravilhoso dos sonhos quando um jeep sem capota travou a fundo, em frente à porta da pensão, e de lá saíram duas americanas deslumbrantes, enfiadas em *blue jeans*. Sem articularem uma palavra em condições em espanhol, entre risos e sons deliciosos,

conseguiram fazer-se entender o suficiente para que ele deduzisse quem procuravam.

– Ah, estão à procura do *mister* Daniel! *Mister* Daniel Carter! Não é? – perguntou aos gritos.

– Exatamente – confirmou Vivian, piscando um dos seus olhos verdes a Modesto.

O porteiro engoliu em seco e meteu um dedo pelo colarinho da camisa numa tentativa de evitar sufocar. *Não resistas, boneca*, diziam nos livros de cowboys. *Cuidado comigo, pequena, não sou de fiar*. Como diabo se diria isto em inglês?

– *Mister* Daniel saiu, já saiu – anunciou, estendendo o braço em direção à rua. Arrependeu-se automaticamente das suas palavras. *Bolas*, pensou, *se me descuido, estas duas também me escapam*. – A não ser que tivesse voltado e eu não tenha visto – corrigiu de imediato. – Ou talvez volte em breve.

– Pois... talvez nós podemos escrever um recado *for him*. Para ele, *I mean*, sim?

– Sim, senhora, claro que sim. O que peça por essa boca, beleza. Mande, que é para isso que estamos aqui... – respondeu Modesto a Rachel, sem desviar os olhos do decote comprimido por um ligeiro pulôver cor de limão.

Facultou-lhes uma folha cheia de contas domésticas na parte de cima. E, enquanto elas redigiam o bilhete em que convocavam o amigo recente para se apresentar na casa do comandante da base nessa mesma tarde, os olhos febris dele saltavam de uma para a outra. Das nádegas redondas de Vivian para o peito redondo de Rachel, do cabelo cor de trigo de Rachel para a cintura de vespa de Vivian. Começou a transpirar.

– Muito obrigado – disseram em uníssono quando

terminaram.

Brilharam diante do rececionista os dentes mais brancos que já tinha visto. E os lábios mais carnudos. E os sorrisos mais perturbadores. *Minha Nossa Senhora*, murmurou com a boca seca.

Escoltou-as até à porta, tentando roçar-se por elas dissimuladamente, enquanto lhes abria a porta com presumível cortesia. E, depois, contemplou-as ao partir, amaldiçoando a sua triste sina por lhe faltarem recursos comunicativos para as entreter um pouquinho mais. *Que se lixe*, balbuciou antes de escarrar furiosamente para o chão. Metade da vida cavalgando na lombada dos livros de Marcial Lafuente Estefanía e acompanhando El Coyote nas suas façanhas para, ao cabo de tantos anos, não saber dizer mais do que whisky, sheriff e saloon.

A manhã também fora frutuosa para Daniel. Decidiu, a princípio, posicionar-se com estratégia bem calculada no Paseo de la Muralla. Próximo o bastante para poder controlar os movimentos de entrada e saída da casa de Aurora. Suficientemente afastado e encoberto para que a sua presença passasse despercebida. Tal como na véspera, primeiro viu sair o pai e, apesar de não conseguir vislumbrar-lhe a expressão, pelo frio cumprimento que dirigiu ao porteiro deduziu que o seu humor não passava pelos melhores momentos. Pouco depois, abandonaram o edifício a mãe e a avó, ambas distintas e irritadas, envolvidas numa discussão que não conseguiu ouvir. Mal viu as figuras das senhoras recortarem-se na porta, escondeu-se com a destreza de um prestidigitador, ocultando-se de lado, atrás do tronco de uma palmeira.

Quando as viu dobrarem a esquina, saiu do

esconderijo e dirigiu-se à porta. Assim que o viu, Abelardo, o porteiro, tentou defender a fortaleza com o vigor que se esperava do seu cargo. Tinha consciência de que o americano já se lhe tinha escapado uma vez e não podia consentir que o repreendessem de novo.

– Não pode entrar aqui. Aqui, não se pode entrar!

Uma nota de cem pesetas derrubou a barricada: o mais convincente dos argumentos, dobrado entre os dedos como se se tratasse de um salvo-conduto. Abelardo nem teve de dedicar qualquer pensamento ao assunto: os vinte duros penetraram nas profundezas do bolso esquerdo das calças com a mesma velocidade com que o jovem se escapulia para dentro do edifício e voltava a subir, três a três, os degraus. *Afinal*, suspirou o homem com um certo alívio, *que importa outra bronca da senhora Carranza, se aquela massa quase me dá para o fato da primeira comunhão do meu gaiato?*

Abriu-lhe a porta uma mulher de rosto bonacheirão, carrapito na nuca e considerável idade, alarmada pelos impetuosos toques de campainha que ecoaram por toda a casa. Ele nem sequer a cumprimentou. Não anunciou o objetivo da sua visita, nem se identificou. Quando a porta se abriu e considerou livre o acesso à casa, só pronunciou uma palavra. Repetida por três vezes em três poderosos gritos: *Aurora*.

Uma fração de segundo foi exatamente o que demorou a aparecer um furacãozinho em pijama do fundo do corredor. Como uma bala, descalça, lançou-se nos braços de Daniel com um salto de gata selvagem, enquanto se lhe apertava contra o pescoço, o tronco e as pernas, lhe cravava os dedos nas costas e lhe acariciava a nuca, chorando e rindo ao mesmo tempo. Ele, por seu lado, apenas conseguiu sussurrar o nome

dela, enquanto a apertava contra si com todas as suas forças, uma mão prendendo-lhe os ombros, a outra a sua fina cintura, sentindo o riso dela no ouvido e as lágrimas enchendo-lhe a cara de deliciosa humidade.

Duas presenças contemplaram-nos transtornadas, sem saber se aquele abraço manifestava pura pouca-vergonha e escândalo pecaminoso ou uma ternura desmedida que já não havia maneira humana de deter. A primeira era Asunción, a mulher que abrira a porta, que há mais de quarenta anos zelava pela família e que, à luz da cena, apenas conseguia desfiar uma ladainha de *Virgem Santíssima* e *valha-me Deus* que parecia não ter fim. A outra, Adelaida, a jovem criada. Escondida atrás de um contador isabelino, caíra rendida perante a visão do casal e perguntava-se por que não era o namorado assim romântico com ela cada vez que saía com dispensa do quartel.

Até que Asunción reagiu e a única coisa que conseguiu, com a sua insistência em tentar arrancar Aurora dos braços de Daniel, foi devolvê-los à realidade. – Menina, menina! MENINA! – Só então ele tomou consciência de estar, pela primeira vez, na casa em que ela nascera. De pisar o chão em que ela começara a andar, de ver fugazmente tudo o que rodeara Aurora ao longo da sua vida. As fotografias de família em molduras de prata, a biblioteca herdada do ramo paterno, as varandas abertas para o porto, o retrato a óleo de uma Nana muito jovem, sorrindo, coquete, para um anónimo pintor...

Entretanto, suplicava para que o alívio momentâneo do seu calvário durasse um pouco mais.

– Um bocadinho, Asunción, deixa-o ficar só um bocadinho, por favor...

Mas a velha Asunción era um osso duro de roer. Criara Aurora, adorava-a e estava havia dias a sofrer por ela. Mas, antes, criara a mãe e conhecia o seu carácter e o que podia armar se chegasse a saber que ela autorizara a presença do americano em casa.

– Nem pensar, tem de se ir agora mesmo. Por amor de Deus, menina, por amor de Deus, não pode ser, não pode ser... – repetia a boa mulher, enquanto mantinha a porta aberta convidando Daniel a sair.

Os olhos dela, agarrada com força ao braço dele, voltaram a encher-se de lágrimas.

– Rogo-te, Asunción, suplico-te, um bocadinho só e vai-se embora, prometo...

No meio do vai-não-vai, ele esforçava-se por permanecer neutral. Ansiava poder ficar, não um bocado, mas toda a vida; porém, também estava consciente de que o seu nível de ousadia, ao esgueirar-se para a casa dela, já atingira um nível muito considerável e que não lhes convinha tornar a situação mais tensa. Até que não conseguiu aguentar.

– Permite-me um instante, por favor? Prometemos-lhe, Asunción, cinco minutos certos e nem um mais. Damos-lhe a nossa palavra de honra – disse, levando ostentosamente a mão ao coração.

– Não – reafirmou a ama.

– No lugar que preferir e, nem tem de dizer, consigo presente – ofereceu, então, num resto desesperado de boa vontade.

– Não.

– E, a partir de agora, se concordar, prometo que nunca mais voltaremos a incomodá-la.

A coragem da juventude e a sua cortesia venceram, por fim, os cabelos brancos. Mas Asunción, apesar de

seduzida sem querer pelas maneiras e palavras convincentes daquele rapazote, que estava longe de ser o demônio de tridente que a sua imaginação forjara, impôs as condições e marcou o território com zelo de fiel cão de guarda. Com marcação ao relógio. Na sua presença. E as mãos quietinhas ou... *acabou-se tudo*. Só lhes faltou, a eles, dizerem ámen.

Instalou-os na cozinha, ampla, branca e quadrada, com a grande mesa de mármore no meio. A mesa dos pequenos-almoços e do pão com chocolate no regresso da escola. Dos trabalhos de casa, ogres, bruxas boas, *Pumbys*, Pequenos Polegares e guerreiros de mascarilha. De lutas e confidências entre irmãos, de leite quente nas tardes de inverno e de beliscões clandestinos no pão, momentos antes da hora das refeições. Agora, era o território que Asunción escolhera para a urgente atualização das questões sentimentais da que, até então, fora a menina da casa, sentados em frente um do outro, como uma visita a um preso, numa cadeia. Ela, entretanto, permaneceu de pé, mostrando no rosto a expressão austera de uma guarda civil. A dois metros de distância e sem perder de vista o relógio.

– Há quem talvez nos possa ajudar – anunciou Daniel a Aurora, por fim.

Pô-la então ao corrente da sua incursão à aldeia da U. S. Navy e da firme promessa das suas compatriotas.

– Mas, o que vão elas poder fazer? – perguntou, enquanto tapava a cara num gesto de desespero. – Os meus pais não conhecem nenhum americano, nem têm qualquer relação com essa gente.

– Pois, talvez comecem agora a tê-la.

Aquilo, naturalmente, não era mais do que um brinde ao sol. Um empenho, tão ilusório como

inconsistente, por lhe expressar um certo otimismo através de uma potencial solução na qual nem ele tinha muita confiança.

Fumaram um cigarro a meias e aproveitaram a troca da beata, de uma boca para a outra boca e de uma mão para a outra mão, para roçarem os dedos, para se tocarem apenas e transmitirem, com o tato fugaz, uma milésima daquilo que os seus corpos fariam se uma força misteriosa desintegrasse por magia Asunción.

Acabavam de acender o segundo Chesterfield quando, com precisão de relojoeiro, Asunción anunciou que o encontro chegara ao fim.

– Toca a andar, menino, que anda à procura da minha ruína – disse, indicando a porta. E depois, suspirou, como se tentasse tirar do corpo um gato morto.

Por muito que insistissem, os dois jovens sabiam que não poderiam obter nem mais um minuto.

– Quando voltas para Madrid? – perguntou Aurora quando ambos se levantavam das cadeiras com a vontade de um condenado a caminho do cadafalso.

– Não me vou embora sem ti.

– Não me digas isso, Daniel... – sussurrou ela, aproximando uma mão do rosto dele. Asunción travou o impulso.

– Já disse que se acabou.

Até que ele não teve outro remédio senão atravessar a soleira da porta. E, de fora, voltou-se e procurou-a pela última vez. Ali a encontrou, sob o pijama às riscas azuis de um dos irmãos, com os caracóis cor de palha dispersos num enxame disparatado, com os olhos brilhantes pelas lágrimas retidas que anunciavam um pranto sem consolo assim que ele começasse a descer a

escada. E então, apesar das suas boas intenções, apesar de ter resistido até ao último segundo, não se conseguiu conter mais. Sabendo de antemão que infringia a ordem de Asunción e se arriscava a perder para sempre a sua confiança, voltou a entrar precipitadamente e despediu-se de Aurora com o mais intenso beijo que alguma vez houve na história de todos os beijos do mundo.

Se tivesse sido gravado por uma câmara de filmar, não passaria na censura, nem com a recomendação pessoal do secretário-geral do Movimiento.

33 Divisão da Marinha dos Estados Unidos da América designada para operar no Mar Mediterrâneo. (N. do T.)

Capítulo 28

A notícia de que a esposa do comandante da base se dispunha a recebê-lo em casa acrescentou outro sopro de otimismo ao seu dia. Leu repetidamente o bilhete e decorou todos os pormenores. Entretanto, o rececionista não tirou os olhos de cima dele, apesar de ter contido a grande custo a vontade de saber o que teriam escrito aquelas duas belezas cuja imagem ainda não lhe saíra da cabeça.

– Podia pedir-me outro táxi para as cinco menos um quarto, por favor, Modesto?

– Claro que sim, *mister* Daniel. Vai ver as suas amigas americanas? – perguntou, sem conseguir conter-se.

– De momento, creio que não. Hoje tenho de resolver uns assuntos.

À hora combinada esperava-o um táxi à porta da pensão. Um táxi e mais alguém.

– Soube que esta manhã tivemos uma visita em casa.

– Nana, mas o que está a fazer aqui?

Desta vez, vestia de cinzento, com um véu preto a cobri-lhe a cabeça.

– Vinha ver-te, querido. Para que me convidasses para um cafezinho antes de ir para a igreja, pois já não tenho corpo para genuflexões. Onde me queres levar?

– A lado nenhum, lamento. Estão à minha espera.

– Vê lá tu que pena, não teres tempo para leres o que trazia na mala.

Olhou, sem acreditar completamente.

– Na verdade, é uma cartinha muito pequena, não como as que nós escrevíamos noutros tempos aos nossos namorados, com aquelas futilidades que lhes contávamos. Mas de certeza que Aurora gostaria que a lesse.

– Porque não fazemos outra coisa? – propôs ele assim que percebeu a tentativa de chantagem da idosa.

– Dá-me agora a carta, eu vou e depois, quando voltar, encontramos-nos. E tomamos o café ou fazemos o que lhe apetece.

– Não, meu querido, porque nessa altura já Marichu me filou e estaremos as duas a preparar-nos para a procissão.

– Vamos andando já, senhor? – perguntou o taxista, impaciente. – Já passa das cinco menos dez e tenho de estar na estação às cinco e um quarto, que chegam uns passageiros com montes de volumes.

Com uma mão, pediu-lhe que esperasse um momento, enquanto, enchendo-se de paciência, se dirigia de novo à avó de Aurora.

– Verá, Nana... – experimentou com extremo cuidado. – Na verdade, gostaria de passar um bocado da tarde consigo, mas não posso ficar porque tenho uma reunião muito, muito importante. Importante para a Aurora e importante para mim. Para os dois.

– Então, deixa-me acompanhar-te. Ao fim e ao cabo, sou do sangue de uma das partes implicadas, até posso ajudar.

– Agradeço do fundo do coração, mas é impossível.

Tenho de ser eu a resolver isto sozinho.

– Senhor, já são cinco para as cinco... – insistiu o taxista.

– Então, amorzinho, receio que não te possa entregar a cartinha.

– Nana, por favor.

– Senhor, os passageiros vêm carregados e perco-os, se não estiver lá a tempo...

– E a nossa Aurora vai apanhar cá um desgosto que nem te digo.

– Senhor, já passa das cinco menos cinco...

Entre estrangular a idosa ou o taxista, Daniel optou pela solução intermédia.

– Suba depressa para o carro. Mas, antes, dê-me a carta, se faz favor.

Desdobrou a missiva tão irritado que quase rasgou o papel. Continha apenas algumas palavras ternas que recordavam a alegria da sua inesperada visita. Mesmo assim, leu-a cinco vezes, sem prestar atenção à conversa incessante da idosa, enquanto se libertava do véu, o guardava na carteira sem grandes cautelas e compunha o penteado, olhando-se no retrovisor.

Loretta Harris saiu para receber o convidado no jardim em frente da casa. Se ficou surpreendida ao vê-lo aproximar-se de braço dado com uma respeitável idosa espanhola, disfarçou magistralmente.

– *Je suis* a avó de Aurora – foi a sua apresentação, para que não restassem dúvidas sobre a legitimidade da sua presença. Antes de Daniel ter oportunidade de abrir a boca, disparou uma efusão de cumprimentos e saudações fora de moda num francês mais que correto.

A americana escutou-a entre desconcertada e

divertida, enquanto dava uma olhada de soslaio a Daniel, avaliando à distância o recém-chegado a favor de quem haveria de agir. Entretanto, ele fez o mesmo numa tentativa de avaliar premonitoriamente aquela compatriota, de aspeto desenvolvido e configuração cavalgar, que concordara em intervir em seu auxílio.

– Muito obrigado por nos receber, senhora Harris – conseguiu encaixar numa pausa de Nana para respirar. Pronunciou aquelas palavras em espanhol em atenção a ela, mas esclareceu, a toda a pressa e em inglês, que a avó de Aurora decidira juntar-se à visita contra a sua vontade e de maneira absolutamente intempestiva.

Loretta retirou importância ao assunto com um sorriso de dentes excessivos.

– Entrem, entrem, por favor – disse apenas, conforme cedia a passagem à idosa. – É um prazer ter-vos aqui.

A casa, grande, recém-construída e mobilada segundo as tendências da América dos anos cinquenta – os fabulosos *fifties* –, não tinha qualquer semelhança com os parâmetros decorativos das casas de boas famílias que Nana costumava frequentar. Era um desenho de interiores americano, que transmitia o otimismo e o consumismo crescente gerado após a Segunda Guerra Mundial, o reflexo de um país que se sentia cada vez mais moderno e poderoso. Onde os espanhóis ostentavam cortinas de renda e veludo, mesas de camilha com braseiras de carvão e retratos envelhecidos dos bisavós, os americanos exibiam sofás com três pernas e cinzeiros de cores intensas. Onde os espanhóis acumulavam pergaminhos, temperança e opacidade, os americanos ofereciam luminosidade e uma leveza desconhecida por aquelas terras.

Assim que Nana vislumbrou aquela fascinante exibição, parou e levou a mão à boca, com um gesto teatral, numa tentativa de conter a sua admiração tagarela. Os olhos voaram, então, pelas paredes cheias de quadros abstratos e pelos candeeiros um tanto estrambólicos em forma de cone azul berrante.

– Estou encantada com tudo isto, encantada, encantada e mais que encantada! Estas casas moderníssimas e estes móveis tão... tão... tão... não tenho palavras, põem-me doida! – Foi o seu comentário apaixonado assim que entrou.

– Muito obrigada, querida – respondeu a senhora Harris.

– Vê se te tornas amiga da minha filha Marichu, querida – acrescentou, dando-lhe umas palmadinhas no braço –, e a convences a mandar para o ferro-velho todas as relíquias horrorosas que temos em casa e a comprar coisas destas, tão modernas, tão fabulosas, tão fantásticas e tão, tão, tão...

Loretta e Daniel olharam-se de relance. Ele pedia desculpa com um gesto e ela tranquilizava-o, indicando, sem palavras, que não se preocupasse, que não havia problema nenhum com a presença daquela senhora tão singular. Quando Nana terminou de analisar a sala, Loretta conseguiu por fim instalar a visita num dos cadeirões cuja estética e conforto a idosa voltou a gabar com desmedidos elogios.

– Café? Chá? – conseguiu, por fim, dizer a anfitriã.

A expressão elegantemente contrariada da avó de Aurora obrigou-a de imediato a acrescentar mais uma oferta à lista.

– Ou talvez um Martini?

A conversa começou numa mistura de espanhol e

inglês, salpicada com algumas frases em francês com que Nana contribuía de vez em quando, intempestivamente, como testemunhos ferrugentos das suas viagens a Paris e dos seus alegres verões de solteira em Biarritz, antes da hecatombe familiar em que, por culpa do libertino pai, até as pestanas perderam. E assim se mantiveram a conversar durante umas boas duas horas, até que a senhora Harris considerou que já tinha um mapa mais que aproximado da situação, incluindo a genealogia de ambas as famílias em Espanha e nos Estados Unidos, o posicionamento dos Carranza na estrutura social local e os pontos fracos de Enrique e Marichu. Material suficiente para poder começar a trabalhar, pensou.

A visita deveria ter terminado neste ponto; chegara o momento razoável para Loretta lhes dizer *goodbye, my dear friends*. Mas já eram quase oito e a tarde estava a ser muito mais entretida do que esperava. E o marido tinha um compromisso, ela começava a sentir as primeiras picadas de fome e sentia a cabeça um tanto volátil pelos efeitos do álcool. Quase sem pensar, convidou-os para jantar.

Antes que Daniel tivesse tempo para ponderar se seria oportuno aceitar ou não o convite, Nana já estava a pedir um telefone para ligar à filha e contar uma peta monumental que lhe permitisse prolongar ali a estada. Ouviram-na, assim, alinhar uma série de mentiras disparatadas onde se misturavam um suposto escorregão em plena rua da amiga María Angustias, uma possível fratura do pulso e a necessidade imperiosa de permanecer a seu lado até chegar alguém que a substituísse no papel de boa samaritana.

– Não se preocupem comigo – insistiu, antes de se

despedir –, que uma pessoa é capaz de fazer qualquer coisa por uma amiga do coração. Vou para casa assim que puder, não estejam preocupados, por favor...

Já tinha bastantes problemas com a família por tentar seduzir a filha, para que também o acusassem de perverter a avó, pensou Daniel. Mas não podia fazer nada. *Perdido por mil, perdido por cem*, como costumava dizer a senhora Antonia. Ou era *perdido por cem, perdido por mil*?... *Tanto faz*, pensou, enquanto acabava o terceiro Martini. De pouco servia deter-se a pensar nas consequências.

O jantar prolongou-se numa conversa alargada até que, no fim da tarte de queijo pré-cozinhada Sarah Lee e do café, Nana apoiou os cotovelos na mesa e deu uma sonora palmada.

– E, agora, que tal uma partida, queridos?

Daniel não precisou de mais para saber que chegara o momento de a levar dali nem que fosse de rastos. A sua relação com os Carranza já estava bastante deteriorada, mas nunca era tarde para poder ficar pior.

A primeira coisa que Loretta Harris fez na manhã seguinte foi ligar para casa de Vivian para confirmar que a operação já estava em andamento e que procurassem o compatriota e se encarregassem dele. Justificou-se, afirmando que conviria ao rapaz um pouco de distração, nem sequer as deixando antever que a verdadeira razão da proposta era a conveniência de o afastar das atividades que deveriam desenvolver-se em seu favor nas horas seguintes. O longo serão da véspera fora divertido e muito proveitoso para a obtenção de dados relevantes, mas achava que deixar Daniel circular livremente pela cidade poderia ser um pouco arriscado. Talvez até contraproducente para os

seus planos: poderia aparecer a qualquer momento no local menos oportuno, agir de forma inapropriada ou dizer algo inconveniente. Também não achava positivo continuar a encontrar-se com Nana: a idosa, sem menosprezo pela sua graça e desenvoltura, era uma autêntica bomba-relógio de consequências imprevisíveis no caso de rebentar.

Transmitiu, por isso, às raparigas uma sugestão espontânea. Dado que era dia santo e estava um tempo formidável, que tal se organizassem um acampamento junto ao mar até sábado à tarde? No ar ficou a ideia de que, com aquela proposta aparentemente inócua, a mulher do comandante da base pretendia tirá-los a todos do meio.

Acederam, claro. Algumas horas mais tarde, as duas famílias, a que se juntou uma outra, partiam à procura de Daniel em três jeeps, de onde saíam gargalhadas de crianças, gritos espontâneos e o *Jailhouse Rock* de Elvis Presley, a toda a velocidade. Ignorantes dos tempos e ritmos locais, sem saber que, ao atravessarem a cidade de uma ponta à outra em plena Sexta-feira Santa, estavam a virar do avesso a quietude do dia mais lutuoso do ano.

Loretta Harris viu-os a afastarem-se, discretamente escondida atrás de uma cortina, enquanto fumava o quarto cigarro da manhã. Quando calculou que já estavam fora do campo de ação, pegou no telefone e marcou um número que sabia de cor.

– Fala Nieves – respondeu uma voz do outro lado do fio.

E, então, a bola começou a rolar.

O sargento Ricardo Nieves chegara a Cartagena havia dois anos, com a missão de preparar a logística

necessária para tornar a vida dos militares americanos e respectivas famílias o mais cômoda possível. Pelos seus traços e aspeto, poderia passar por membro da estirpe de Pancho Villa, mas foi o seu prodigioso bilinguismo, e não o ardor guerreiro, que lhe abriu as portas daquele cargo. Como não haveria de fazer malabarismos com o inglês e o espanhol, aquele digno filho da fronteira, se passara a vida a cavalo entre Laredo, Texas, e Nuevo Laredo, México, duas cidades unidas por uma ponte e separadas por um rio que mudava de nome segundo a margem em que se estivesse...? Vinte e quatro meses depois de se instalar junto ao Mediterrâneo, o sargento hispânico da U. S. Navy movimentava-se pela cidade onde fora colocado como se tivesse nascido na Calle del Aire. Faltavam-lhe conhecimentos sobre estratégia naval, técnicas de informação ou armas submarinas, mas era um prodígio da natureza para saldar, resolver, negociar e conseguir o que quer que fosse, tanto duas bicicletas como uma operação ao apêndice, uma caixa de Alka-Seltzer ou três meninas para a despedida de solteiro de um furriel.

Lado a lado, Loretta e ele distribuíram o trabalho em partes proporcionais. O rapaz americano empenhado em casar com a jovem espanhola parecia encantador, é certo. Mas a mulher do capitão de mar e guerra estava já mais que farta de conhecer rapazes sem defeitos aparentes e de maneiras requintadas que, no final do dia, acabavam por se revelar mentirosos compulsivos, desavergonhados sem escrúpulos ou simples pirados à beira de uma psicopatia. Teria, por isso, de começar por fazer averiguações para confirmar que o homem que planeavam ajudar reunia realmente os requisitos pessoais mínimos para ser ajudado. Não

havia problemas para isso, a mulher do comandante de uma base da U. S. Navy tinha sempre os seus recursos. Seria essa, de momento, a sua missão, o flanco Carter. Nieves, por seu lado, encarregar-se-ia do âmbito local. Apontou, numa agenda com capa preta, todos os pormenores que a senhora Harris lhe forneceu: o nome exato da família, como eram, onde moravam, com quem se relacionavam, do que viviam, o que tinham... o necessário para começar.

Durante as horas seguintes, cada um estendeu os tentáculos no seu âmbito de ação. Loretta Harris fê-lo a longa distância. Pelo posto do marido, tinha múltiplos recursos à disposição, mas utilizava sempre primeiro os que pelo cheiro lhe pareciam infalíveis e, naquele momento, estes foram contactos pessoais. Bastou um dos cinco telefonemas que fez para encontrar os respetivos cordelinhos que deveria mexer. O resto veio de enfiada.

O sargento Nieves, entretanto, trabalhou no terreno, entabulando múltiplas conversas que incluíram empreiteiros, donos de barcos, marinheiros da armada espanhola e fura-vidas e oportunistas de diversos calibres. Não usou o telefone, mas sim a rua, as mesas dos cafés e os balcões dos bares, todos eles meio desolados no dia mais aziago da Semana Santa.

Voltaram a reunir-se nessa noite. Por essa altura, Loretta Harris, através da sua complexa rede de contactos, já tinha a certeza absoluta de que Daniel Carter era exatamente o que dizia ser. Nieves, por outro lado, reunira um considerável número de notas, o que indicava que levaria a missão a bom porto. O passo seguinte seria planear o cenário.

A caravana de excursionistas regressou à aldeia a

meio da tarde de sábado. Gozaram de um esplêndido tempo acampados na praia, fizeram corridas e castelos, os mais afoitos nadaram, entoaram canções na sua língua, comeram rações de combate aquecidas numa fogueira, enquanto os aldeões locais os observavam à distância, como se se tratasse de uma patrulha de alienígenas. À chegada, esperava-os, debaixo da porta de Rachel, um bilhete escrito à mão. Requeriam a presença de Daniel Carter em casa dos Harris. Urgentemente.

Pela enésima vez nos últimos dias, uma mesa de cozinha serviu como base de operações para gerir a evolução do assunto. Daniel sentou-se num extremo. A preocupação do seu rosto era incongruente com o desalinho do seu aspeto: t-shirt e calções caqui, emprestados por um dos marinheiros, a cara queimada do sol e o cabelo revoltado ainda cheio de areia e sal. No outro extremo, Nieves, de uniforme, com a sua agenda de capa preta, expelindo para o ar as primeiras baforadas de fumo do charuto que acabara de acender. De pé, apoiada na bancada e equidistante de ambos, Loretta Harris fumava em silêncio. Alerta, atenta.

Não usaram panos quentes, nem o consultaram, nem lhe ofereceram nenhuma possibilidade de intervir na história com outra opção diferente daquela com que eles o brindaram. Estava já tudo organizado e deveria resolver-se nessa mesma noite, no jantar com que o comandante da base e esposa obsequiariam um seleto grupo de convidados. Quanto antes, melhor: mais valia apanhá-los desprevenidos do que dar tempo a que a já tremendamente turva situação se turvasse ainda mais.

Como se tratasse do treino de um agente secreto, Nieves, com frieza de neurocirurgião e o Farias entre os

dedos, expôs a Daniel Carter a maneira exata como deveria proceder se tal fosse necessário. Para começar, em nenhum momento deveria mencionar que o responsável pela sua estada em Espanha era um professor que decidira nunca mais voltar à pátria grande e livre de Franco, que estava alojado havia seis meses em Madrid em casa da viúva de um anarquista, nem que estava a preparar uma tese de doutoramento sobre um escritor vermelho, por muitos prémios nacionais de literatura que tivesse obtido. Também não convinha espalhar os seus tempos de trabalho entre operários sindicalistas em Pittsburgh, nem que completara a educação à base de bolsas, nem que obtivera os primeiros conhecimentos daquele remoto lugar chamado Espanha ao ler *Por Quem os Sinos Dobram*, de Hemingway, esse romance de ideologia questionável, protagonizado por um professor americano que acabou como dinamitista nas filas das Brigadas Internacionais, defendendo a República na serra de Guadarrama.

Em contrapartida, conviria que se expandisse na descrição do gabinete de Odontologia do pai e nos dotes de pianista da mãe, nas múltiplas atividades caritativas desta e no parentesco que a unia a um congressista conservador do estado de Wyoming, apesar de se tratar de um primo em segundo grau com quem estivera pela última vez havia catorze anos, num funeral. Sobre a sua religião, se lhe perguntassem, o melhor seria dizer simplesmente que era cristão – não havia necessidade nenhuma de fornecer pormenores sobre o seu crescente agnosticismo nem sobre a igreja metodista que a família frequentava todas as manhãs de domingo. A respeito da formação académica, caso fosse

questionado sobre ela, o melhor seria mostrar abertamente a sua admiração pela literatura espanhola anterior ao século XX, concentrando-se, se possível, em heróis, santos, monges e românticos. El Cid Campeador, San Juan de la Cruz e Frei Luis de León podiam ser elogiados sem problemas. Relativamente aos liberais, regeneradores ou estrangeirados, o melhor seria mantê-los à margem. Quanto aos exilados, seria proibido citá-los. E acerca de Ramón J. Sender, nem uma palavra.

– E sobre o professor Domingo Cabeza de Vaca, Heroico Requeté e Cavaleiro Mutilado – concluiu Nieves, após expelir a última baforada do charuto –, pode alongar-se, se lhe aprouver, meu filho, até ao nascer do dia.

Ao ouvir aquela ladainha de conselhos que mostravam um exaustivo conhecimento de todas as facetas da sua vida, Daniel Carter não soube o que dizer. Por um lado, sentia-se incomodado, magoado ao ver a sua intimidade devassada, os seus interesses deturpados e as decisões pelas quais tanto tinha lutado anuladas. Considerou, por isso, tudo aquilo como uma insolente invasão à sua vida e à sua pessoa, e esteve a ponto de expressar abertamente o seu mal-estar.

Contudo, por outro lado, teve de reconhecer que o trabalho efetuado era impecável. Recordou que o pedido de ajuda partira dele, sem colocar restrições aos procedimentos, que fora ele quem procurara aqueles compatriotas para lhe lançarem um cabo quando não arranjava maneira de vir à tona por si próprio. Só então conseguiu obter a lucidez suficiente para chegar à conclusão de que, naquela altura, as únicas cartas que tinha na mão eram essas. Nelas residia a remota possibilidade de cair nas graças da família de Aurora.

Não havia outra opção.

Ou aceitava aquele elenco, ou bem podia voltar para a sua pátria pelo mesmo caminho.

Ou jogava com a cabeça, ou a partida estava perdida.

Capítulo 29

O sargento Nieves e Loretta Harris resolveram reunir urgentemente todos os figurantes necessários para a encenação no Sábado Santo, à noite, na própria residência do comandante da estação naval. «Jantar de Amizade», assim rezava o pretexto escolhido. Ambos tinham consciência de que não seria a data mais adequada, mas confiavam em que os afetados interpretassem aquele convite tão precipitado como um caso de inépcia intelectual por parte de uns extravagantes forasteiros que pouco ou nada sabiam dos hábitos sociais daquela cidade. Era impossível suspeitar das manobras e dos enganos que alguns alcoviteiros tinham entre mãos.

Dois soldados distribuíram ao domicílio, nessa manhã, os imponentes cartões com o escudo dourado da U. S. Navy. A lista de convidados, aprovada pela mulher do comandante da base, foi minuciosamente elaborada por Nieves de acordo com as diligências feitas nas horas anteriores. Incluía as forças vivas, altos comandos militares das forças armadas nacionais e um bom número de casais com certo pedigree: ninguém com peso, dinheiro ou bom nome deveria ficar de fora. Todos os convites foram recebidos pelos destinatários com doses semelhantes de surpresa e desconcerto, mas,

nem por um segundo, se colocou a hipótese de algum deles não comparecer.

Para a maioria dos convocados, ia ser o primeiro frente a frente com aqueles estrangeiros que lhes pareciam tão intrigantes. Por isso, alheios por completo às maquinações e interesses escondidos, as horas anteriores ao evento foram uma barafunda desatinada para a maioria dos assistentes e, de maneira muito particular, para as senhoras. Todas chamaram a casa, com urgência, as cabeleireiras e deram cabo dos nervos a provar modelos atrás de modelos, rejeitando uns por excessivos, outros por pacatos, sem saberem em absoluto por que diabos teriam de se vestir bem para não destoar num encontro daqueles.

Os senhores, por seu lado, acolheram o convite com surpresa não isenta de um oculto prazer ao saberem que só a fina flor local fora convidada. *Será uma oportunidade inigualável de estabelecer relações, consolidar negócios ou limar asperezas*, pensaram mais do que um. Para ficarem a par de mexericos e dos assuntos mais sumarentos. Para manter bem oleado, definitivamente, o mecanismo sempre rentável das relações sociais.

Em casa dos Carranza, a situação foi diferente. Marichu, a mãe, de rolos e combinação, soprando nervosa as unhas recém-arranjadas, hesitava entre usar um deslumbrante vestido de cocktail azul-elétrico ou um conjunto discreto em tom coral. O farmacêutico, despreocupado, matava o tempo fazendo palavras cruzadas na sala, sabendo que a única coisa que tinha a fazer era dar, à última hora, uma escanhoadela à barba e vestir o smoking. Nana, entretanto, andava de um lado para o outro pela casa, irritadíssima, enquanto lucubrava sobre a maneira de enrolar a filha para a

levar com eles. No entanto, não teve sorte, apesar de, assim que o casal saiu a porta, ter chegado a casa um ramo de flores com um cartão de Loretta. Desculpava-se e convidava-a para almoçar no dia seguinte, com a desculpa de lhe relatar todos os pormenores. Por baixo do pano, o que pretendia, de momento, era manter a idosa bem afastada do cenário.

Às oito em ponto, começaram a chegar os convidados à residência dos Harris: esperava-os um esplêndido buffet, algo terrivelmente chique e pouco habitual na Espanha de 59 cuja taxa de analfabetismo rondava os quarenta por cento e tinha um rendimento per capita anual que mal chegava aos trezentos dólares. As boas relações de Loretta com a esposa do comandante da base de Rota, por um lado, e os compadrios de Nieves, por outro, serviram para a muito limitada oferta de produtos americanos na zona. Salada Waldorf, filetes de salmão selvagem, lagosta da Nova Inglaterra com molho de manteiga e outras especialidades chegadas em caixas refrigeradas aos trambolhões, numa viatura militar. Junto dos manjares, pilhas de pratos de porcelana branca com filete dourado e azul e o escudo da U. S. Navy. Nada devia faltar.

O capitão de mar e guerra Harris só tivera conhecimento no dia anterior das maquinações da mulher e do subordinado, mas confiava na eficiência de ambos. E nunca dizia que não a uma festa. À medida que os convidados iam chegando, ela, de vermelho, intenso, cumprimentava todos, enquanto ele, com o seu avantajado corpo enfiado num uniforme com quatro galões nos punhos, os recebia com um sorriso permanente no rosto. Ambos se esforçavam por pôr em

prática o seu melhor espanhol, enquanto, por fundo, se ouvia a trompeta de Louis Armstrong. O sargento Nieves mantinha-se, como convinha ao seu posto, num plano secundário à atividade central.

As roupas e as joias das senhoras refulgiam, enquanto lançavam entre elas olhares como flechas destinados a avaliar o brilho alheio, ao mesmo tempo que observavam de relance a moderna decoração da residência dos americanos. Entre os homens, o padrão recorrente era o uniforme militar e o smoking, apesar de alguns, despistados ou ignorantes, se terem apresentado com um vulgar fato, tremendo deslize que ficaria gravado para sempre na memória das suas envergonhadas esposas.

Com dois olhares impercetíveis para os outros, Nieves indicou ao casal Harris quem eram os Carranza. A elegante senhora do vestido azul que ria no meio de um animado grupo era a mãe. O pai, o senhor de aspeto despistado que observava, com curiosidade, aqueles estranhos quadros em que as linhas e formas geométricas se cruzavam sem sentido. Não os podiam perder de vista, ainda que, de momento, os deixassem sossegados. Não convinha abusar logo ao princípio.

Pouco a pouco, foram-se todos chegando ao buffet, servindo-se de umas ou outras travessas com naturalidade artificial, desconhecendo quase sempre que diabo acabavam por meter na boca. À pátria dos mercados, dos economatos das cooperativas de consumo, das pensões e das tabernas, ainda não chegara a moda do self-service, e aquilo de escolher um pouco daqui, outro dali e, depois, comer de pé parecia diabolicamente complicado para os espanhóis. Era patente a incapacidade da maioria de ter na mão, ao

mesmo tempo, prato, garfo, conversa e copo, e foram vários os que, após algumas tentativas, decidiram desistir e ficar por meio jantar. Devem ter pensado que antes passar fome do que passar pelo ridículo de ver os seus manjares espalhados sobre a digníssima peitaça de alguma senhora.

Passado um bocado, uma nova troca de olhares entre Nieves, Harris e a mulher serviu para suspender o veto. Com uma ingénua pergunta sobre a composição química do Calmante Vitaminado, Loretta encurralou o farmacêutico num canto da sala e mergulhou-o numa conversa intensa e um tanto incompreensível sobre medicamentos espanhóis e americanos. Quase simultaneamente, noutro canto da sala, a oportuna proximidade do capitão de mar e guerra foi crucial para que o tropeção de um desastrado convidado estragasse o vestido azul-elétrico de Marichu. O marinheiro agarrou o copo de vinho quase em voo, com um movimento ágil, e, com isso, não só salvou a integridade do traje, como conseguiu também gerar uma torrente de agradecimentos da parte dela, que lhe serviu como desculpa para iniciar o diálogo.

Nem o farmacêutico nem a mulher conseguiram mais tarde recordar pormenorizadamente como se desenrolaram ambas as conversas, mas, entre muitos *ih*, *ih*, *ih* por aqui e muitos *ah*, *ah*, *ah* por ali, o caso é que o pai de Aurora se deparou de repente com uma deslumbrante proposta para distribuir na sua farmácia duzentas ampolas de penicilina, o medicamento mais cobiçado naquela pátria de atrasos e escassez. Praticamente no mesmo instante, a mãe aceitava encantada um convite para assistir à feira de Sevilha na companhia da fina flor do aparelho militar norte-

americano colocado em Espanha. Nieves, entretanto, acabava a sua sétima tequilha e observava satisfeito, da retaguarda, ambas as cenas, ao mesmo tempo que coordenava o passo seguinte do seu plano.

Uma vez superadas as acrobacias do buffet, foram o álcool e o *rock-and-roll* que descontraíram o ambiente, misturando as gargalhadas com o tilintar dos copos, enquanto os negócios e os mexericos decorriam sem parar entre grupinhos e alguns pares se esforçavam por acertar os passos de dança ao ritmo daquela música estranha que convidava ao movimento. Paralelamente, o vereador da ordem pública tentava deitar a mão à mulher de um primeiro-tenente da U. S. Navy, que estava já com uma piela monumental.

Enquanto os Carranza continuavam seduzidos pelo encanto pessoal do casal Harris, estes, que até então se haviam mantido em flancos separados, empreenderam dissimuladamente uma aproximação destinada a que os casais acabassem por se juntar. Agiam em resposta a nova indicação de Nieves; uma vez que o sargento verificou que já estavam os quatro juntos, escapou-se para a cozinha e daí saiu para o jardim. Então, levou os dedos à boca e um assobio rasgou a noite. Surgiram, em seguida, cinco sombras de uma casa vizinha, cinco corpos distribuídos por dois uniformes de gala, dois vestidos de cocktail e um smoking, que, saltando buracos e covas, haviam chegado com as provisões da base de Rota, depois de lhes terem sido enviadas as medidas necessárias com toda a exatidão.

A entrada do quinteto calou momentaneamente as conversas.

– Boas noites, queridos! – gritou Loretta de um qualquer ponto da sala.

Eles, elegantes e bronzeados depois do acampamento junto ao mar, apresentavam um aspeto imponente. As mulheres estavam espetaculares, metidas em vestidos que deixavam à vista um pouco de braços, ombros e decotes deliciosamente dourados. Daniel, com o rosto queimado, o cabelo sempre rebelde submetido a uma boa dose de fixador, impecável num smoking emprestado, percorreu rapidamente o cenário com os olhos. Até que localizou os Carranza junto dos Harris: não tinham faltado. *Superado o passo inicial, continuemos avançando e ao ataque*, pensou, sentindo no estômago um nó do tamanho de um punho.

Os anfitriões receberam o grupo com um entusiasmo a raiar a euforia. Em parte, porque fazia parte do plano. Em parte, porque ambos os cônjuges estavam há mais de duas horas a beber sem a mínima moderação.

– *Danny, my dear, you look absolutely gorgeous!* – exclamou ela com uma das suas gargalhadas cavалares. Abriu caminho quase à cotovelada por entre os convidados para chegar até junto dele.

– Minha querida Loretta, estás fantástica, muitíssimo obrigado por esta festa espetacular – foi o cumprimento de Daniel no seu espanhol bem ensaiado.

Em seguida, beijou-lhe galantemente a mão. Como se os dois se adorassem desde a criação do mundo.

A sua participação no plano seguia segundo as indicações combinadas. Primeiro, entrada, reconhecimento do terreno e localização. Depois, um caloroso cumprimento à anfitriã para se tornar notado. Terceiro movimento: o capitão de mar e guerra Harris. *Vamos a isso*, ordenou interiormente a si próprio.

Quando os pais de Aurora viram o abraço de urso com que o poderoso comandante da base americana

obsequiou o jovem compatriota, que, apenas uns dias antes, eles próprios haviam menosprezado como um vulgar fura-vidas, ele engasgou-se com um cubo de gelo do whisky que estava a beber e a mulher sentiu uma ameaça de suor frio nas costas, que quase lhe arruinava a seda do vestido. Todos consideraram tão cordial mostra de afeto como uma demonstração sincera da intensidade do carinho que Harris professava pelo recém-chegado. Por sorte, ninguém se apercebeu de que tal ato fora uma reação automática a uma ordem emitida pela mulher ao cravar-lhe o tacão no pé esquerdo. Nenhum dos presentes suspeitou que era a primeira vez na vida que os dois homens se viam.

Só então, com os três objetivos iniciais cumpridos, Daniel se descontraíu, enquanto uma mão-cheia de senhoras se apinhavam à volta de Loretta para se interessarem por aquele jovem que qualificaram, de imediato, como impressionantemente sedutor, e a cujo braço ela se tinha agarrado com tremenda familiaridade. Ao verem-no sem acompanhante, deduziram que estava disponível e começaram a farejar à pressa: todas tinham uma filha, sobrinha ou irmã mais nova em idade casadoira disposta a tornar feliz um bombom daqueles. E, ainda mais, conhecendo a sua proximidade ao encantador casal americano que lhe estava a oferecer a melhor festa de que se lembravam em muitos anos. Por sorte dele, ninguém o identificou como o forasteiro atormentado que andava há dias a derreter-se de amores pela filha do casal que, naquele momento, cochichava, consternado, a um canto.

O plano de Loretta e Nieves ia-se cumprindo segundo o projetado mas, ao aperceber-se do número de fêmeas apinhadas à volta de Carter, enlevadas com o

que a senhora Harris contava sobre ele e tentando atrair a sua atenção com lisonjas e comentários subtis, acendeu a luz de alarme ao sargento. Então, endireitou-se, pigarreou e alisou o bigodão. Aquilo não estava previsto. Estava a acontecer uma coisa inesperada. A aproximação dos Harris aos Carranza estava pensada para ir aquecendo os motores, mas, desde o princípio, haviam imaginado que, ao chegarem ao ponto da entrada de Daniel na sala, ainda haveria muito trabalho a fazer. Pressupunham que ainda teriam de apresentar o rapaz, ir pouco a pouco convencendo os pais de que se tratava de uma pessoa digna da filha, demonstrar-lhes que a sua condição de estrangeiro não implicava que fosse um libertino, um amoral ou um grosseiro indocumentado que não tinha onde cair morto.

Com o que Nieves não contava era que o abraço do capitão de mar e guerra Harris e a estrondosa afetividade da mulher fossem suficientes para afastar instantânea, mágica e radicalmente qualquer desconfiança entre os presentes. O sargento entendeu, então, que todas as instruções que fornecera ao jovem sobre como deveria comportar-se e o que teria de contar ou calar sobre a sua vida eram *fazer chover no molhado*. Já não interessava a ninguém. Já não importava. Não previra que o simples facto de o rapaz parecer, em sociedade, avalizado pelos Harris seria suficiente para, num ápice, passar de um salafrário fura-vidas a objeto de desejo. De forasteiro indesejável a ótimo partido. Quanta sabedoria demonstrara a avó de Aurora ao aconselhá-lo a procurar um bom padrinho!

Nieves localizou os Carranza com um rápido olhar. Tinham-se deslocado para um canto, incomodados,

desconcertados, sem saberem o que fazer. Entretanto, Daniel continuava no meio da sala, ladeado pelos anfitriões, enquanto sustinha na mão o copo vazio de um gim tônico que acabara de beber em três goles, dissimulando, com classe e distinção, a estupefação perante os louvores exagerados sobre a sua pessoa, origens e formidáveis perspectivas, que Loretta apregoava bem alto num espanhol cada vez mais pastoso.

O sargento raiano soube então que devia agir. Imediatamente. O farmacêutico e a mulher estavam tão desconcertados que haviam perdido qualquer capacidade de reação. Tinha de os ajudar, mas não havia tempo para subtilezas nem subterfúgios. Contornou a sala com passos rápidos e colocou-se nas costas do casal, sem que se apercebessem da sua presença. Aproximou-se, então, deles, discretamente, até colocar o rosto precisamente entre a orelha direita dela e a esquerda dele. E, após tirar de entre os dentes o eterno Farias, despejou a sua mensagem:

– Ou se aproximam do grupo dos Harris ou a mulher do conservador caça-o para a filha Marité e vossa menina fica para tia. Vão já.

Nem a picada de uma agulha teria incitado mais eficazmente Marichu Carranza. Ainda o boticário se estava a perguntar de onde diabo saíra aquele tipo, com a farda da U. S. Navy e que falava espanhol como o Cantinflas, já a mulher o agarrara pelo braço e o arrastava para o grupo onde Daniel se destacava por cima das restantes cabeças.

Loretta, uma vez mais, encarregou-se do resto.

A festa acabou às quatro da madrugada no jardim, dançando todos *La conga de Jalisco* à volta da casa.

Nieves observava, satisfeito, a cena no escuro, abraçado a uma árvore, enquanto empinava o resto de uma garrafa de tequilha Herradura. A senhora Harris abria a comitiva com o seu vestido vermelho arregaçado até ao meio das coxas. Seguia-a uma longa fila de corpos misturados da maneira mais inverosímil. Daniel ia agarrado à cintura da mãe da namorada e o farmacêutico Carranza levantava as pernas descompassadamente, agarrado, por sua vez, ao casaco do smoking do futuro genro. O vereador da ordem pública, suado, com o *papillon* desatado e a camisa meio desabotoada, babava-se entalado entre o portentoso traseiro de Vivian e a dianteira exuberante de Rachel. O comandante da Base Conjunta Hispano-Norte-americana encerrava o desfile, ainda inconsciente de ter apontado mais um mérito no processo dos históricos acordos bilaterais subscritos pelos governos de Espanha e dos Estados Unidos no Pacto de Madrid.

Aurora Carranza e Daniel Carter casaram três meses mais tarde, ao meio-dia de um esplêndido domingo de finais de junho. A noiva, que levava um vestido de organza branco-sujo, apesar do empenho da progenitora para que penteassem a filha com um vistoso carrapito à Grace Kelly, negou-se rotundamente a prender o cabelo. O noivo, de fraque, esperou pela futura mulher em frente do altar da igreja de la Caridad como se fosse o momento por que tinha esperado durante metade da vida. Por parte de Aurora, assistiu ao casamento a nata da sociedade local, uma autêntica exposição de chapéus, galões e tecidos nobres. Por parte dele, foram padrinhos Domingo Cabeza de Vaca – que compareceu acompanhado por uma jovem professora de arte visigótica que começara a cortejar

durante a primavera –, os filhos da senhora Antonia, que não pararam de dar lenços à mãe, incapaz de conter as lágrimas de emoção, e o corpo de oficiais da U. S. Navy destacado em Cartagena. Assistiram também os pais, chegados dos Estados Unidos mais uma vez graças às competentes diligências de Loretta, fechando com isso o desencontro amargo de um tempo para esquecer. Andrés Fontana enviou-lhes um telegrama de Pittsburgh. «Com os meus melhores desejos do fundo do coração para a grande aventura que empreendeis juntos», escreveu.

Festejaram com um almoço, com o Mediterrâneo por fundo, no Club de Regatas e depois passaram a noite no Gran Hotel. Para escândalo de ambas as mães e regozijo de Nana, não saíram da suite nupcial até às seis da tarde do dia seguinte. Partiram, então, em lua de mel, numa intensa viagem que os levaria a Chalamera, Pamplona, Biarritz e Paris. A visita a Chalamera foi um empenho de Daniel para mostrar a Aurora a terra natal do escritor graças a cuja obra se conheceram, uma forma de voltar à origem de tudo. A estada em Biarritz foi em homenagem a Nana, e a viagem a Paris, um presente dos pais dele, talvez numa tentativa de com isso compensar os anos de desafeto que os haviam separado.

O motivo que os levou a visitar Pamplona não explicaram a ninguém, e ambas as famílias só conseguiram entender o empenho dos motivos nessa escala quando, entre várias fotografias recebidas pelo correio meses mais tarde, encontraram uma de Daniel, vestido de branco e com um lenço ao pescoço, correndo como um possesso a dois palmos dos *pitons* de um touro na Calle Estafeta. Noutra fotografia, apareciam os

recém-casados sentados numa esplanada junto de um homem corpulento, de barba branca, que muito poucos conseguiram identificar. Tratava-se de Ernest Hemingway; aquele foi o último ano que assistiu aos *sanfermines*. Deixou testemunho disso na reportagem «O verão perigoso», que a revista *Life* publicaria pouco depois. Houve quem dissesse que os excessos cometidos pelo escritor naqueles meses, percorrendo a Espanha numa louca peregrinação taurina e borguista, alteraram-no tanto que acabaram por lhe custar a vida. Em contrapartida, para o jovem casal, foi o princípio de um tempo de gloriosa felicidade.

Aurora trazia para o casamento uma licenciatura em Farmácia e um enxoval de jogos de cama de renda de Valenciennes, herdados da avó, mas mal sabia estrelar um ovo e só arranhava algumas frases na língua do país que a acolheria até ao fim dos seus dias. Fazia suas as palavras bíblicas do livro de Rute: «onde tu fores, irei contigo, onde viveres, viverei contigo; o teu povo será o meu povo e o teu Deus será o meu Deus». Daniel, por seu lado, oferecia todo o capital de um prodigioso domínio do espanhol e uma modesta oferta de trabalho, conseguida através de Andrés Fontana, para começar a lecionar Letras numa universidade do Midwest, enquanto escrevia aquela tese sobre Ramón J. Sender cujas primeiras passagens tinham alterado para sempre a sua vida.

Deixavam para trás um país que, juntamente com Portugal, era então o mais pobre da Europa. Uma nação submetida ao conformismo moral e a um sistema social ortopédico, em que só quatro em cada cem lares tinham frigorífico e as mulheres não podiam abrir uma conta bancária nem viajar para o estrangeiro sem autorização

dos pais ou maridos. As coisas, no entanto, iriam mudando pouco a pouco. Os véus negros, as crianças mendigando pelas ruas, os bacios debaixo das camas e a aparatosa retórica do regime dariam lugar, lentamente, a um tímido progresso industrial e a uma moderada abertura que culminaria na Espanha do desenvolvimento.

Em finais desse ano, Franco, outrora inimigo de morte dos americanos, abraçaria afetuosamente o presidente Eisenhower na sua visita a Madrid e, com ele, assinaria o acordo de 1953 que, pactuado em termos renováveis, autorizava os Estados Unidos, segundo alguns, a cirandar à vontade pela Península. Como contrapartida, Espanha deveria receber ajudas económicas e militares até atingir, em dez anos, os dois mil milhões de dólares. Apesar de chegar como a chuva num campo sedento, houve quem pensasse que o Caudillo vendera a soberania nacional por um prato de lentilhas.

A partir de então, e apesar de numerosos governos estrangeiros ainda duvidarem da legitimidade do regime, sucedeu-se a aceitação de Espanha em todo o tipo de estruturas internacionais. Os resultados não tardaram a notar-se: melhoraram ostensivamente as estradas, começaram a chegar turistas carregados de divisas, modernizaram-se as obsoletas forças armadas, incrementou-se o rendimento per capita e, em síntese, o país arrasado durante a guerra começou a aproximar-se da pista de descolagem da prosperidade. Como se isso fosse pouco, e para grande entusiasmo da criançada, repartiram-se, nas escolas, milhares de quilos de leite em pó e enormes queijos – cremosos, estranhos e enlatados – que tinham no rótulo o emblema do

programa: duas mãos entrelaçando-se com a bandeira dos Estados Unidos como fundo.

Em troca, os norte-americanos, com a sua habitual eficácia, já trabalhavam a todo o gás nas instalações estabelecidas no acordo. Três bases de bombardeiros B-47 para a Força Aérea em Torrejón, Saragoça e Morón de la Frontera, e uma grande base aeronaval em Rota, além de instalações secundárias nos portos de El Ferrol, Palma de Maiorca, Las Palmas e Cartagena.

Tal como o porteiro Modesto pressentia, as praias não tardariam a encher-se de nórdicas em biquíni. A televisão, as fábricas e os altos-fornos, os emigrantes arrastando malas de cartão rumo à Alemanha e alguns espaços de lazer, para além do futebol, os touros e os coros e as danças, em breve se instalariam na vida quotidiana. A emergente classe média começaria a comer frango aos domingos e, com grande esforço, iria aprendendo a pronunciar palavras esquisitas e barbarismos recém-chegados que soavam como se uma pessoa tivesse pedras na boca: *winston, hollywood, kelvinator*.

Enquanto Espanha destrancava o ferrolho do atraso e entreabria a porta da modernidade, nos primeiros dias de agosto de 1959, a bordo de um avião sobre o Atlântico, um jovem americano sussurrava uns versos de Pedro Salinas ao ouvido de uma rapariga espanhola meio adormecida a quem a cabeleira cor de palha e revolta tapava metade da cara. *Te quiero pura, libre / irreductible: tú. / Sé que cuando te llame / entre todas las gentes / del mundo, / sólo tú serás tú. / Y cuando me preguntes / quién es el que te llama, / el que te quiere suya, / enterraré los nombres, / los rótulos, la historia. / Iré rompiendo todo / lo que encima me echaron / desde*

*antes de nacer. / Y vuelto ya al anónimo / eterno del
desnudo, / de la piedra, del mundo, / te diré: / Yo te
quiero, soy yo.*

Juntos davam o passo para um futuro de cujo advir,
felizmente para ambos, ainda nada podiam prever.

Capítulo 30

Esperava-me na rua encostado ao automóvel, um Volvo azul, nem muito novo nem muito limpo. Óculos escuros a cobrirem-lhe os olhos, a barba mais clara ainda ao sol da manhã e o cabelo como sempre, um pouco mais comprido do que o convencional. Com os braços cruzados com indolência, enfiado nuns *chinos* amarrotados e num velho blusão de ganga, descontraído e, mais uma vez, atraente.

– Tens cara de quem acabou de se levantar, de certeza que ainda não tomaste o pequeno-almoço – foi o seu cumprimento acertado.

Tinha razão, apenas tivera tempo para meia chávena de café. Acordara com o tempo à justa para tomar duche, arranjar-me minimamente e sair de casa no momento em que a buzina tocava pela segunda vez.

Telefonara-me a meio da semana para marcar a data do plano que havíamos combinado na noite de Ação de Graças.

– No sábado vou jantar com Luis Zárate, pelo que é melhor ficar para domingo – propus. Assim seria, certamente: de regresso da ponte da Ação de Graças, o diretor e eu tínhamos, por fim, marcado o dia.

– E se te sequestra e não voltas? – perguntou com ironia. – Porque não antecipamos para sexta?

Aceitei. A sua presença era-me sempre grata e eu mantinha um crescente interesse em visitar aquela missão, tão frequentemente citada nos documentos de Fontana. Porquê adiá-lo mais? Não obstante, antes, tive ainda uns dias um pouco difíceis. O princípio do último mês do ano trouxera-me de Espanha um bombardeio de e-mails que voltavam a perguntar-me sobre as minhas intenções a curto prazo, por vezes de maneira discreta, outras raiando a impertinência. Os colegas da universidade queriam saber se me juntaria a eles no tradicional jantar antes das férias de Natal e a minha irmã África fustigava-me permanentemente com as suas belicosas ideias sobre como torpedear o meu ex. Os amigos que tinha em comum com Alberto, junto dos quais criámos os nossos filhos e com os quais tantas coisas partilháramos, consultavam-me, diplomáticos, sobre os meus planos, numa tentativa de coordenar os encontros separadamente, deduzi, para limitar ao máximo a incómoda possibilidade de nos encontrarmos debaixo do mesmo teto. Protelei a resposta a todos. *Depois digo-vos, havemos de ver, continuamos em contacto, tenho muito trabalho, adeus, até breve, adeus.*

O campus, entretanto, começava a viver o ambiente de fim de semestre. Fim de semestre, fim de ano, fim de século e de milénio, grandes mudanças à vista. Não obstante, o que mais preocupava, de momento, os estudantes era a iminente chegada dos exames e das datas de entrega de trabalhos, ensaios e projetos. Palpava-se a ansiedade, a sua presença sempre barulhenta pululava nas zonas de lazer, no centro recreativo, nas pistas desportivas e nos cafés. As luzes das residências e dos apartamentos permaneciam acesas até de madrugada e a biblioteca, como um grande

acampamento de refugiados, mantinha-se aberta vinte e quatro horas por dia.

Entre os professores respirava-se um ambiente semelhante. Conversas de corredor muito mais breves, montes de exames a preparar. Montanhas de testes para corrigir, pressão de última hora e uma tremenda vontade de dar definitivamente por terminada a primeira metade do ano letivo. A tônica geral era essa entre todos os meus colegas, o mesmo que costumava acontecer comigo, ano após ano, na minha universidade. Exceto agora. Pela primeira vez na vida, não tinha o menor desejo de que chegassem as férias.

E, no entanto, em cada dia era mais evidente que o meu trabalho com o espólio de Andrés Fontana avançava para as últimas etapas. A altura das pilhas de papéis em cima da minha secretária diminuía progressivamente, à medida que os conteúdos eram despejados para a memória do computador. Os documentos, uma vez lidos e classificados, iam-se acumulando com ordem cartesiana em caixas de cartão alinhadas no chão. Tudo o que conseguira entender e reter a respeito da história da Califórnia nas semanas anteriores facilitara-me em grande parte o trabalho, mas tinha consciência de que a recomposição do material produzido na fase final da vida do professor ficaria sem uma coesão bem conciliada. Continuava com a sensação de que me faltavam dados, documentos, peças do grande puzzle que fora a sua derradeira investigação. Dotar tudo aquilo de coerência estava fora do meu alcance, poucas omeletas podia fazer com tão poucos ovos. Por isso, talvez me apetecesse tanto que chegasse a sexta-feira.

– Que tal tomarmos primeiro o pequeno-almoço? –

Foi a proposta de Daniel quando lhe confirmei que estava em jejum.

Sem pressa para acelerar a partida, detivemo-nos num café dos arredores, um local em que uma mão-cheia de hippies notívagos partilhava o espaço com trabalhadores e avozinhas de cabelo branco a caminho da visita semanal ao cabeleireiro. Sentados junto a uma janela, pedimos meticulosamente: ovos com bacon, panquecas, sumo de laranja. Com calma e duas chávenas de café.

Conversámos, enquanto dávamos conta dos dois enormes pratos que uma gorda empregada mexicana nos pôs à frente. Certamente encheu-os mais do que o normal como agradecimento aos piropos com que Daniel lhe alegrou o tédio da manhã.

– Rendo-me – disse eu, sem terminar. – Não posso mais.

– Come tudo – brincou. – Não vá a tua família pensar que te estamos a tratar mal na Califórnia.

Concentrei o olhar nos restos da gema de um ovo estrelado.

– Para o que me resta de família e a importância que tenho para eles...

Ainda não tinha terminado de ouvir as minhas palavras e já me arrependera de as ter dito. Talvez a minha intenção fosse fazer um simples comentário irónico, mas o que me saiu da boca foi um jato de amargura em bruto lançado à queima-roupa, sem qualquer razão. Não gostava de falar de mim, de difundir os meus sentimentos e misérias. Fiquei, por isso, desconcertada; sem saber porquê e de repente, sem qualquer justificação, lancara aquela cruel chicotada contra mim mesma. Precisamente, e além

disso, quando nos últimos tempos começara a notar uma leve sensação de otimismo, de recuperação do ânimo. Talvez por esse motivo tivesse baixado a guarda. Ou talvez fosse porque, há já tanto tempo, andava a engolir tantas coisas, sozinha, e já não aguentava mais.

– Não digas isso, Blanca, por amor de Deus. Sei que tens os teus filhos, já te ouvi falar deles. E, mesmo que andes sempre a proteger-te para não dizeres uma palavra sobre ti, imagino que haverá mais alguém que se preocupa contigo. Alguém a quem interesse saber que estás bem, que trabalhas muito, que estás de saúde e cuidas de ti, que vais fazendo amigos que te estimam neste recanto tão distante da tua casa e da tua vida de sempre. Irmãos, pais, amigos, namorado, ex-namorado, futuro namorado, sei lá. Ou um marido, ou um ex-marido, mais possivelmente. Este talvez seja um bom momento para me contares, de uma vez por todas, alguma coisa a teu respeito, para além dos teus avanços no passado de Fontana.

– Queres saber coisas a meu respeito? – perguntei, então, levantando os olhos do prato meio comido. – Pois vou contar-te já. Os meus filhos, que são dois, andam já cada um para seu lado. Terminaram os cursos e voaram do ninho. Um está a estudar em Londres e o outro anda numa loucura entre Tarifa e Madrid e, logicamente, cada um trata da sua vida e pouco me ligam. Pais, não tenho, morreram ambos. O meu pai, de cancro na próstata, há quinze anos, e a minha mãe com uma hemorragia cerebral, há quatro, caso te interessem os pormenores. Tenho, sim, uma irmã que se chama África e que me telefona de vez em quando para me martelar a cabeça, embora pense que me ajuda a

arranjar a vida à sua maneira; uma maneira que, por azar, nunca coincide com a forma com que eu queria ver a minha vida arranjada. E, até há uns meses, tinha também a meu lado o homem com quem casei há quase vinte e cinco anos e com quem achava formar um casal estável e razoavelmente feliz. Mas, num belo dia, deixou de me amar e foi-se embora. Apaixonou-se por outra mulher, vai ter um filho dela e, desde então, não o quero ver, por isso, decidi partir e, por isso, estou agora aqui. Não que me interesse particularmente a vida académica desta universidade no fim do mundo, nem que tenha o mínimo interesse em desenterrar o espólio poeirento de um morto: só vim para fugir da mais pura e mais amarga infelicidade. É tudo, esta é a minha vida, professor Carter. Fascinante, não é? Assim, como podes ver, ninguém quer saber se como ou deixo de comer.

Invadiu-me, de repente, uma fraqueza momentânea e virei a cabeça para não o olhar nos olhos. Mas não estava arrependida do que acabara de lhe contar. Nem sequer satisfeita. No fundo, tanto me fazia. Não ganhava nem perdia nada em pô-lo ao corrente da minha realidade.

Concentrei, então, o olhar para lá do vidro junto ao qual estávamos sentados, sem fixar-me em nada concreto. Nem no casal enfermiço que, nesse momento, entrava no café, nem no todo-o-terreno estacionado ou na furgoneta meio desconjuntada que, na altura de arrancar, começava a andar de marcha-atrás. Até que senti os braços de Daniel atravessarem a mesa em direção ao meu prato. Dois braços compridos, rematados por um par de mãos grandes e ossudas. Com elas, apanhou o meu talher, deu-lhe a volta e manuseou

os restos do meu pequeno-almoço. Cortou, espetou, pousou a faca e levantou o garfo. Para a minha boca. E, então, falou. Com autoridade professoral, uma dose que provavelmente usava quando tinha de manter os alunos na linha.

– Importo-me eu. Come.

A sua reação quase me fez rir. Com uma ponta de amargura e sem muita vontade, é certo. Mas com um vestígio de gratidão.

– Vamos, anda – disse, quando, por fim, engoli o bocado de panqueca que me ofereceu.

Saí, enquanto ele pagava; demorou pouco a chegar ao meu lado. Dirigimo-nos ao carro sem pressa, cada um a pensar nas suas coisas. Num qualquer momento do trajeto, meteu os dedos por entre o meu cabelo e apertou-me a nuca por um instante.

– Blanca, Blanca...

Não disse mais.

Sonoma era relativamente parecida com Santa Cecília e diferente, ao mesmo tempo. Sem estudantes ruidosos, com mais sossego. Estacionámos em plena rua do centro, junto a uma grande praça em que se erguia a câmara municipal e uma boa porção de árvores centenárias. Em volta, construções de pouca altura e cores alteradas: o lendário hotel Toscano e a Blue Wing Inn, o teatro Sebastiani, velhos barracões do exército mexicano e a Casa Grande que fora propriedade do comandante-geral Mariano Guadalupe Vallejo nos primeiros anos a seguir à independência.

– E aqui temos a nossa missão...

Numa esquina. Simples, branca, austera. Com um alpendre sustido por vigas de madeira velha a todo o comprimento. San Francisco Solano, conhecida

popularmente como missão de Sonoma. O fim da cadeia instaurada pelos franciscanos espanhóis na sua epopeia missionária; o último expoente do mítico Camino Real, essa rota aberta por onde transitaram os frades em cima de mulas e caminhando com grossas sandálias de couro. Protegida na fachada, como as suas irmãs, por um sino de ferro fundido suspenso de barrotes, o símbolo que percorria a Califórnia de sul a norte anunciando, milha a milha, que por ali se tinham fixado aqueles homens austeros num passado não muito distante.

Contemplámo-la calados, os dois quietos em frente dela. Não tinha nada de especial por trás das suas linhas claras e da sua simplicidade. Mas, de certa forma, talvez por isso mesmo, creio que nos comoveu aos dois. As telhas de barro, o sol contra a cal. Voaram alguns minutos.

– Há bocado, não fui totalmente sincera contigo.

Não me perguntou em quê, preferiu que fosse eu mesma a dizer-lhe. E fi-lo, sem olhar para ele, sem desviar os olhos da fachada da missão.

– É certo que a princípio assumi encarregar-me do espólio de Fontana como uma simples obrigação, para me distanciar dos meus próprios problemas, para me separar deles física e emocionalmente. Mas isso não significa que o tenha assumido como um simples entretenimento; de certo modo, tudo o que começou como um simples dever já invadiu o meu interesse pessoal.

Não opinou, nem valorizou. Deixou apenas passar alguns momentos, ruminando as minhas palavras. Até que me agarrou pelo cotovelo e disse, *vá lá, vamos*. E começámos a andar.

Tal como nas restantes vinte missões, a San Francisco Solano estava completamente reconstruída e pouco restava do edifício original. Mas permaneciam a estética, a alma e a estrutura, com a sua humilde e tosca cruz de madeira na parte superior. Uma placa metálica sintetizava a sua história. Pura simplicidade, íntima e comovedora na sua sobriedade.

Não parecia haver visitantes àquela hora e, sem outra companhia que o som dos nossos passos, percorremos a capela de paredes claras e ladrilhos de barro, com o altar simples e ingénuo. Depois, a ala onde viveram os padres, transformada num diminuto museu que mostrava uma maquete dentro de uma redoma, uma panela de cobre, ferros de marcar gado e uma mão-cheia de fotografias a preto e branco de diferentes momentos do transcurso da vida na missão.

Continuámos a bisbilhotar, quase sem falar. Avançámos. Apesar da pequenez das instalações e da humildade do seu conteúdo, este sítio transbordava encanto e inspirava sossego ao mesmo tempo. Nas paredes do que supostamente fora o refeitório, encontrámos uma coleção de aguarelas antigas e detivemo-nos a contemplá-las sem pressas. Quarenta ou cinquenta, talvez sessenta. Imagens das missões na sua formosa decadência antes de serem submetidas à posterior reconstrução. Muros caídos, telhados quase a ruir ou em ruínas. Campanários sustidos por andaimes, tabiques com reboco caído, tapumes tomados pelas plantas trepadoras e uma grande sensação de abandono e solidão.

– Achas que ele tinha razão?

Quebrou o silêncio, o olhar ainda fixo na imagem de uma arcada em parte destruída. Sem tirar as mãos dos

bolsos das calças, sem se virar para mim.

– Quem e em quê?

– Fontana, em pensar que talvez existisse uma missão cujo rasto não consta em lado nenhum.

Continuava a olhar para a frente, estático, como se, por trás das pinceladas da aguarela, pudesse encontrar parte da resposta.

– Nos seus papéis, para já, não encontrei nenhuma prova – disse eu. – Mas, segundo tu mesmo me contaste, ele pensava que sim. Chamava-se missão Olvido, não é verdade?

– Foi esse o nome que lhe ouvi. Talvez fosse o verdadeiro, talvez um imaginário que ele próprio decidiu atribuir-lhe para etiquetar uma coisa que nunca chegou a ter a certeza de existir.

Entrou na sala um casal de turistas. Ela, de máquina fotográfica em riste, com uma pala colocada sobre a permanente ruiva, e ele com uma bolsa de cintura por baixo da barriga e um boné de baseball ao contrário. Desviámo-nos para os deixar passar. Aquelas estampas cheias de nostalgia não pareceram despertar-lhes grande entusiasmo.

– Pois, receio muito – acrescentei, quando voltaram a deixar-nos sós – que essa missão perdida continue sem rasto.

À medida que fomos deixando para trás as aguarelas e nos fomos aproximando do jardim interior, começámos a ouvir vozes infantis. Ao sairmos, verificámos que se tratava de uma excursão de alunos de escola primária, sob o comando de uma jovem professora e de uma guia, já entrada em anos, que pedia silêncio sem muito êxito. Aproximámo-nos e, a uma distância prudente, junto à fonte central de tijolo,

parámos a ouvir o que aquela, por fim, lhes conseguiu contar. Doses de história, retiradas as gorduras, digeríveis para uma audiência do quarto ano. Menções ao ano da fundação, 1823, ao fundador, o padre Altimira, e aos métodos de trabalho e ensino dos índios, neófitos acolhidos naquele lugar.

Abandonámos a missão em silêncio, dando voltas à cabeça, cada um às suas coisas, talvez os dois ao mesmo. Ele provavelmente recordava o Andrés Fontana do seu tempo e aquelas suas intuições, às quais, na devida altura, prestara muito pouca atenção. Eu, pela minha parte, *reconstruía* o professor a partir dos testemunhos escritos que deixou aquando da sua morte. Duas versões diferentes do mesmo: o homem face à sua memória; a carne e os ossos face ao legado intelectual.

Ao passar de novo junto ao sino de ferro da entrada, Daniel deteve-se, apalpou com as mãos grandes os grossos barrotes que o sustinham e acariciou a sua aspereza. Depois, sem nos consultarmos quanto ao rumo dos nossos passos, caminhámos instintivamente para a praça e sentámo-nos num banco a saborear, negligentemente, o último sol do dia. À nossa frente, entre árvores enormes, havia uma escultura de bronze. Um soldado com a velha bandeira do urso, ondeando sobre o ombro, uma homenagem à efémera independência da Califórnia. Mais longe, um parque em calma absoluta, com os baloiços parados e sem vestígios de presença infantil.

Apesar das minhas desconcertantes palavras da manhã, durante o pequeno-almoço, de certo modo, sentia-me melhor depois de ter falado sobre mim a Daniel. Aliviada, mais leve, mais em paz comigo mesma. Ao contrário do que pensava até então, expor a

minha vida perante um estranho acabara por ser um pouco libertador. Talvez porque, apesar de tudo, a minha força era cada vez maior. Talvez por aquele estranho o ser cada vez menos.

– De todas as missões, esta é, não sei porquê, aquela a que Fontana dedicava mais interesse no seu trabalho, sabes? À missão e ao fundador, o padre José Altimira que a guia mencionou há pouco, quando contava a história da missão às crianças da escola. Era um jovem franciscano catalão, chegado havia pouco à Alta Califórnia. Encontrei nos papéis alguns documentos sobre ele.

– E o que conseguiste saber? – perguntou, mudando de posição. Virara-se para mim, apoiando um cotovelo nas costas do banco, ouvindo-me com interesse.

– Que arranjou maneira de o autorizarem a erguer esta última missão no pior momento. A missão Dolores de San Francisco estava, nessa altura, numa situação lamentável e ele propôs mudá-la para aqui, mas os superiores não autorizaram. O México obtivera pouco antes a independência de Espanha e pensava-se que as missões pouco tardariam em ser secularizadas, apesar de os franciscanos se negarem a reconhecer qualquer outro governo que não fosse o do seu rei espanhol. O governador da Califórnia, em contrapartida, aceitou a proposta de Altimira, e, graças a ele, começou a construí-la.

– Imagino que não seria por o governador se importar com as almas dos infiéis.

– Claro que não. Fê-lo por outra razão muito mais prática: para garantir uma presença estável nesta zona face à ameaça dos russos que, em troca de umas mantas, meia dúzia de pares de calças de montar, uma

mão-cheia de enxadas e pouco mais, haviam obtido dos índios uma grande extensão de terras um pouco mais a norte, junto ao Pacífico.

– Eram espertos, os russos de Fort Ross. Queres ir ver aquilo um dia destes? Amanhã, por exemplo.

– Vou jantar com Zárate, lembra-te disso.

– Inventa uma desculpa qualquer e vem comigo outra vez. Vais aborrecer-te muito mais com ele.

– Cala-te – disse, rindo-nos os dois. – Não queres saber o que se passou, então, com Altimira?

– Claro que quero, era só uma pequena interrupção. Continua, sou todo ouvidos.

– Bem, como te dizia, apesar de ter autorização civil, Altimira precisava da permissão dos seus superiores. Contudo, esteve-se nas tintas, escolheu este sítio, na altura, absolutamente inóspito e, com quatro troncos e alguns ramos a fazer de altar, espetou uma cruz de madeira no chão e estabeleceu esta missão.

– Este Altimira era um pouco indisciplinado, pelos vistos.

– Devia ser bastante rebelde, apesar de, no fim, os superiores acabarem por ceder e o autorizar a manter a missão ativa. Para Fontana, por alguma razão que não consegui esclarecer, parecia ser uma personagem que considerava muito interessante. Entre os seus papéis, há, como já te disse, algumas referências a ele e nota-se um grande esforço para reconstruir os seus passos para além de Sonoma.

– Teve sorte?

– Mais ou menos. Uma vez estabelecida, contra tudo e contra todos, a missão aqui em Sonoma, os neófitos, os índios batizados que viviam nela, rebelaram-se. Pelos vistos, era um gestor eficiente e bom

administrador, mas nunca conseguiu estabelecer uma relação afetuosa com os nativos. Parece que foi excessivamente duro e exigente no esforço para os civilizar, aplicando-lhes constantes castigos físicos sem conseguir ganhar-lhes a confiança.

– Então, voltaram-se contra ele.

– Exato. Dois ou três anos mais tarde, os índios saquearam a missão e incendiaram-na. Altimira e alguns neófitos salvaram-se por um triz, fugindo do fogo.

– E o que foi feito dele?

– O que se passou nos dias, ou até nos meses seguintes, não está muito claro apesar de, como te disse, perceber-se em Fontana um interesse enorme em seguir-lhe os passos. Mas não encontrei mais nada a esse respeito.

– Suponho que, com ele, acabou a vida desta missão.

– Nem nada que se pareça. Pouco tempo depois do incêndio e da fuga de Altimira, encarregou-se dela outro franciscano, o padre Fortuni, um sacerdote idoso e enérgico que rapidamente estabeleceu a ordem e injetou a moral necessária para a reconstruir. No entanto, teria de fazer frente a uma coisa pior do que o fogo e o saque.

– A secularização das missões.

– Exatamente. Uma secularização que começou mal; depois esforçaram-se por pôr ordem nas coisas e, no final, acabaram outra vez à força. A princípio, os novos representantes militares do México deslocaram-se até aqui, à Alta Califórnia, com intenções de reconfigurar a ordem social. E, de um dia para o outro, começaram os conflitos entre as várias partes. Entre os militares e os

franciscanos, leais até à morte à antiga ordem espanhola; entre os militares e a população local não indígena – os californianos, também de origem espanhola, que até então viviam tranquilamente nos seus ranchos, dedicados ao cultivo das terras e a cuidar das fazendas.

– E a andar a cavalo, rezar o terço e cantar, dançar e tocar guitarra nos fandangos, que era como chamavam por aqui às festas. Não me admiro que não se sentissem identificados com os novos discursos liberais, com a boa vida que levavam... – comentou, sarcástico.

– Mas não lhes restava outra opção. No México, haviam decidido que o sistema de missões era um anacronismo e ordenaram a secularização imediata de todas elas, e que as suas terras fossem repartidas pelos índios hispanizados e pelos novos colonos que decidissem estabelecer-se nelas. Isto também implicou disputas, porque houve alguns espertalhões que pretenderam ficar com essas propriedades, e outros, mais razoáveis, que acharam que as terras deveriam voltar aos antigos e legítimos donos.

– Imagino que seriam os índios – sugeriu. – A população autóctone.

– Efetivamente. Porque, segundo li, os franciscanos nunca pretenderam ficar com a propriedade das terras em que se estabeleceram e, apesar de em grande parte terem fracassado no seu propósito e utilizarem em muitas ocasiões mecanismos desapropriados, o seu único objetivo era atrair os nativos à sua fé e tentar transformá-los em cidadãos mais ou menos integrados nas suas comunidades.

Continuávamos sentados entre as árvores da praça, o sol ia baixando e apenas alguns transeuntes distraíam,

de vez em quando, a nossa atenção.

– Mas aquilo não se conseguiu...

– Não, porque o magnífico plano de se proceder a uma devolução justa, no fim, foi ignorado, e só uma pequena percentagem das terras acabou por ser entregue a quem, por direito, correspondia.

– E os índios, arrancados quase à força do seu modo de vida e da sua cultura, acabaram, como costuma acontecer, por ser os grandes derrotados na história.

– Infelizmente, sim. E o resto do que se passou por aqui, sabes melhor que eu porque já é a história deste teu país.

– A breve República da Califórnia, e, depois, a guerra entre o México e os Estados Unidos de então. E, no fim desta, o Tratado de Guadalupe Hidalgo, que reconfigurou o nosso mapa e nos cedeu todo o norte do México, incluindo a Califórnia.

– Assim é. As missões, a partir de então, caíram no mais absoluto esquecimento, até que, nos anos vinte, começaram a ser reabilitadas fisicamente. A partir dos anos cinquenta, inicia-se também a investigação histórica.

– E apanham alguns românticos, como o Andrés Fontana nos últimos anos da sua carreira – acrescentou.

– Por isso, aqui estamos hoje, tu e eu, no fim do mítico Camino Real, na última missão desta cadeia de relíquias do passado colonial espanhol. Relíquias de um passado relativamente próximo do qual, no entanto, já quase ninguém se lembra.

– E, em Espanha, ainda menos.

– Com certeza. Exceto eu – brinquei –, que salvei a minha ignorância graças a uma fundação desconhecida que me pôs diante dos olhos, no momento certo, uma

bolsa que eu pedi, sem sequer saber quais seriam as minhas atribuições.

Voltou a mudar de posição, mas, desta vez não olhou para mim, manteve os olhos perdidos num qualquer ponto difuso da praça. Na estátua de bronze do heroico soldado da revolta do urso, nos baloiços vazios, talvez...

– Foi uma sorte conseguir que a FACMAF me seleccionasse – prossegui. – Está a ser muito agradável para mim trabalhar com eles sem prazos nem pressões. Enviam-me um cheque todos os meses e progrido no trabalho ao meu ritmo, até que, quando terminar, tudo fique organizado e eu entregue o relatório final.

Manteve o silêncio, ouvindo-me como se não me ouvisse, escutando as minhas palavras com um misto de distância e interesse.

– Vamo-nos embora, anda – foi a única coisa que disse. – Voltamos para Santa Cecília ou damos uma volta por aqui?

Passeámos pelas redondezas da praça, encontrámos pequenas vielas pedonais com lojas, galerias de arte e cafés. Até que demos com um pub irlandês completamente incongruente com a zona. Anunciavam, à porta, um concerto e nós tínhamos vontade de tomar qualquer coisa; por isso, decidimos entrar.

Sentámo-nos ao balcão. Já há algum tempo que passara a hora do almoço, e a de jantar ainda não chegara, mas o local parecia disposto a oferecer-nos o que quiséssemos. Um trio de músicos veteranos preparava os instrumentos num canto, nenhum chegava ainda aos sessenta anos. Um deles usava uma trança grisalha até meio das costas; outro cobria a proeminente barriga com uma t-shirt preta que tinha

uma folha de marijuana estampada; o terceiro estava no chão, revolvendo o conteúdo de um saco.

Pedimos cervejas e continuámos a conversa entre trevos verdes e lendas em gaélico. De novo sobre Fontana e as suas coisas, talvez um tributo inconsciente à missão que visitáramos impelidos por ele.

– Naqueles últimos tempos, quando começou a interessar-se pela história da Califórnia espanhola e pelas missões – disse Daniel, após o primeiro gole de cerveja preta –, recordo que se dedicou também a comprar documentos sobre história colonial. Registos, mapas, maços de papéis pertencentes, imagino, às missões ou a outras instituições próximas.

– Há muito pouco disso entre o que chegou até mim, é tudo muito mais documental. Onde conseguia tudo isso?

Encolheu os ombros.

– Encontrava-os em qualquer lado e pagava, por eles, apenas alguns dólares. Aparentemente, naquela altura, muito pouca gente apreciava o valor daqueles velhos papéis escritos em espanhol.

– Talvez procurasse neles a missão Olvido.

Puseram-nos uma cesta com batatas fritas à frente. Começámos a comer.

– Talvez – confirmou com a boca meio fechada, enquanto mastigava as primeiras. – Puxando pela memória – prosseguiu –, lembro-me de que, uma vez, mencionou até que talvez pudesse ficar perto de Santa Cecília. Provavelmente, por isso, estava tão interessado em adquirir velhos documentos da zona, pois podia dar-se o caso de encontrar neles algum dado. Mas, tens a certeza de que não há nada disso nos papéis dele com que estás a trabalhar?

– Absolutamente nada, já te disse. Ainda que continue a ter a impressão de que faltam coisas no espólio, de que deveria haver mais qualquer coisa que desse sentido a toda esta última parte do seu trabalho.

– É estranho – acrescentou, pensativo, enquanto voltava a apanhar batatas com os dedos. – Desde que me disseste pela primeira vez que notavas a falta de documentos, não paro de me interrogar sobre o que se terá passado. Talvez se tenha extraviado parte do material numa mudança. Ou talvez, até, se tenha desfeito deles, ainda que o duvide, pois não costumava desfazer-se de nada. Não imaginas como era o gabinete dele, a gruta de Ali Babá.

– Não sei, talvez sejam simples suposições minhas ao pensar que falta alguma coisa. Mas, à partida, facilitar-me-ia muito o trabalho encontrar todas essas pontas soltas.

O pub enchera-se, o ambiente animara-se por momentos, os músicos idosos continuavam a preparar-se para tocar.

– Há bastantes notas relativas a uma biblioteca da Universidade da Califórnia, onde se encontra a maior parte dos registos das missões. Essa é outra visita que gostaria de fazer.

– A Bancroft Library, em Berkeley.

Surpreendeu-me que conhecesse um pormenor tão concreto num assunto que lhe era tão estranho. Não se ofereceu, no entanto, para me levar a conhecê-la.

– Regressava de lá quando morreu, de consultar documentos e dados. Ao anoitecer do dia 17 de maio de 69. Chovia, uma dessas chuvas fortes de primavera. Cruzou com um camião, derrapou...

– Que triste, não é? – interrompi-o. – Dedicar tanto

esforço a resgatar o esquecimento e acabar morto, sozinho, atirado para uma valeta, numa noite de chuva.

Demorou uns segundos a dizer qualquer coisa. Os clientes, à nossa volta, encarregaram-se de preencher com as suas conversas o espaço em branco que ficou na nossa. Quando, por fim, falou, fê-lo com os olhos concentrados no copo que tinha entre os dedos. Fazendo-o rodar, como se procurasse inspiração ou o ânimo necessário para dizer o que pretendia.

– Não ia sozinho no carro. Naquele acidente, morreu mais alguém.

– Quem?

Os músicos soltaram os primeiros acordes da sua música celta e o ruído das conversas parou.

– Quem, Daniel?

Levantou os olhos da cerveja e respondeu por fim

– Uma mulher.

– Que mulher?

– O que interessa o nome dela agora, depois de tanto tempo? Continuas com fome? Pedimos mais qualquer coisa?

Capítulo 31

Naquele sábado, passei diante da casa de Rebecca por volta do meio-dia. Sabia que estava em Portland, no aniversário de uma das netas, pelo que não fazia sentido eu andar por ali. Contudo, percorri a rua e contemplei as janelas fechadas, a garagem com a porta descida e nem rasto do seu pachorrento cão Macan.

Gostaria de falar com ela. Sobre Daniel, sobre Fontana, sobre o emaranhado de sensações que, entre os dois, iam tecendo dentro de mim, e acerca daqueles outros tempos em que a própria Rebecca lidara com eles, talvez até sobre a mulher que morrera com o professor na noite de chuva. Por pura intriga visceral, movida por um simples interesse quase orgânico. *São velhas histórias de há mil anos*, dissera-me Daniel, ao mencionar o acidente, com o ponto residual de emoção facultado pela distância do tempo. Depois, continuáramos a conversar sobre tantas outras coisas. Pedimos mais cervejas, serviram-nos dois hambúrgueres dos quais comi um e meio, e ele só metade, e, entre a música celta e a lembrança da visita à missão, havíamos deixado passar a tarde.

Quando decidimos empreender o regresso a Santa Cecília, já era noite cerrada. No caminho para o estacionamento, viu qualquer coisa numa montra e,

após um simples momento de espera, entrou na loja para sair, um minuto depois, com um pequeno sino de ferro, uma réplica do mítico símbolo missionário. *Uma recordação deste dia*, disse, estendendo-ma.

– Ainda estás a tempo de fugir comigo e de te esqueceres amanhã do teu diretor – advertiu-me, com a ironia de sempre, ao parar o automóvel em frente do meu apartamento. – Que tal se formos a Napa e visitarmos algumas adegas?

– Negativo.

– Ok, tu ganhas, se bem que depois te arrependas. Na semana que vem, o que fazes?

– Trabalhar. Terminar coisas, ir resolvendo assuntos do espólio. Começar a fechar portas, receio. O tempo passa a voar, já estamos em dezembro e, como te disse, cada vez tenho menos para fazer.

– E, então, deixar-nos-ás – comentou.

Demorei uns segundos a responder.

– Suponho que não terei outro remédio.

Poderia não ter dito mais nada, ter guardado para mim o resto dos meus pensamentos. Mas, já que começara a abrir-me com ele de manhã, porque não continuar?

– Não quero ir-me embora, sabes? Não quero voltar.

– O que tu não queres é enfrentar a realidade cara a cara.

– Provavelmente, terás razão.

– Mas deves fazê-lo.

– Bem sei.

Falávamos dentro do carro parado, às escuras, diante da minha casa.

– A não ser que a FACMAF pudesse oferecer-me outra bolsa – prossegui. – Apesar de já ser tarde, talvez

devesse entrar em contacto com eles.

– Não creio que seja boa ideia.

– Porque não?

– Porque as coisas têm sempre de ter um fim, Blanca, mesmo que seja doloroso. Não é bom deixar feridas abertas. O tempo tudo cura, mas, antes, é conveniente uma pessoa reconciliar-se com o que se deixou para trás.

– Veremos isso... – disse, sem muita convicção.

– Cuida de ti, então.

Pousou a mão sobre a minha e apertou-me num gesto de despedida. Não me mexi.

Até que apareceu, no nosso campo de visão, o meu vizinho de Taiwan, um professor de Matemática, com uma caixa enorme que, pelo volume, parecia conter um televisor. Começou a fazer equilibristas para conseguir entrar no edifício sem deixar cair a carga ao chão e distraiu a nossa atenção. Tirei a mão debaixo da dele, abri a porta e saí.

– Vemo-nos um dia destes – disse, de fora, baixando a cabeça para ficar à altura dele.

– Quando quiseres.

Assim que me viu entrar, partiu.

Luis Zárate apanhou-me nesse mesmo sítio, na tarde do dia seguinte. Parecia-me tão estranho, eu, que toda a vida conduzira para todo o lado, ver-me, de repente, sem carro, à espera que alguém me viesse buscar. Mais uma mudança, outra de tantas.

O destino foi Los Olivos. Por fim, conhecia o restaurante mais famoso da cidade. Cheio até mais não, com uma boa mesa reservada para nós. Com classe e sem exageros, paredes altas de tijolo à vista, com

grandes quadros e prateleiras repletas de mil néctares por beber.

– *Cabernet? Shyraz?* Ou provamos um *petit verdot*? Gosto dos teus brincos, ficam-te muito bem.

Eram os mesmos que levava ao jantar de Ação de Graças de Rebecca. Quem iria adivinhar, quando os comprei no Grande Bazar de Istambul, como a minha vida se iria transformar apenas uns meses mais tarde... Mas fora assim: menos de um ano depois daquela última viagem com o meu marido, ainda ingenuamente convencida de que tínhamos um casamento estável, encontrava-me a jantar, no outro extremo do mundo, com um homem diferente, um pouco mais novo que eu, que era também circunstancialmente o meu chefe. Um homem que, sob a luz da vela branca que nos separava, dentro de uma campânula de vidro grosso, concentrado na carta de vinhos e outra vez vestido de escuro – mas nessa noite de maneira diferente –, não prometia ser má companhia.

– Obrigada, são turcos. E o vinho, é melhor escolheres tu.

– Vocês, as espanholas, têm um toque especial para se arranjamem. As espanholas e as argentinas, as italianas também. Gostas de massa? Recomendo-te as *linguine alle vongole*.

– Estou quase a decidir-me pelo risoto de cogumelos – anunciei, fechando a ementa. – Há séculos que não como arroz.

– Excelente escolha.

– Deixo-te provar. Bom, e que tal vão as coisas?

– Bem, bem, bem...

O departamento, as aulas dele, as minhas aulas, um ou outro livro, um ou outro sítio, este ou aquele colega,

os meus assuntos diferentes, preencheram a conversa sob a luz ténue entre um copo de vinho e outro.

Quase sem transição e sem termos consciência disso, à medida que passáramos do aperitivo para uma salada e depois para o prato principal, do terreno profissional fomos deslizando até entrarmos em areias mais humanas. Nenhum de nós entrou em pormenores nem expressou abertamente emoções ou sentimentos, como acontecera comigo na véspera. Mas deixámos cair para cima da toalha alguns dados que, até então, nunca havíamos comentado entre nós. Nada de íntimo, na verdade: questões objetivas, quantitativas apenas que, contudo, passavam a raia do meramente laboral. Que ele tinha uma filha pequena em Massachusetts, apesar de não ter casado com a mãe dela. Que eu acabara de me separar de maneira um tanto brusca. Que a sua mudança para a Califórnia fizera com que a relação entre eles arrefecesse. Que os meus filhos já quase não precisavam de mim. Não mencionou Lisa Gersen, a jovem professora de Alemão com quem o vira na noite do debate e noutras ocasiões. Aquela que, todos no departamento, pensavam ser qualquer coisa especial para ele. Também não perguntei.

Inesperadamente, aproximou-se alguém da nossa mesa, a meio da conversa e do jantar. Um dos meus alunos, Joe Super, o historiador veterano e adorável do meu curso de conversação. Não o tinha visto antes, sentado atrás de mim.

Fiquei satisfeita ao vê-lo. Luis, a quem apertou a mão, também.

– Vinha apenas dizer-lhe, querida e admirada professora – disse, com imensa graça no seu espanhol mais que aceitável –, que esta terça-feira não posso ir à

sua aula.

– Pois sentiremos a sua falta, Joe.

Assim seria. Ele constituía, sem dúvida, uma das presenças mais participativas do grupo, sempre disposto a acrescentar um posto de vista engraçado e inteligente a qualquer situação.

– E é provável que os outros colegas também não vão – acrescentou.

– Por causa do assunto de Los Pinitos, imagino – adiantou Luis, antes de eu ter oportunidade de perguntar.

Joe Super continuava envolvido ativamente na plataforma contra o projeto. Lembrava-me de o ter visto na televisão e, nas nossas aulas, longe de ser excessivo ou maçador, de vez em quando fazia algum comentário a esse respeito.

– Assim é. Outro encontro, esta terça, no auditório. Falta muito pouco para acabar o prazo de recorrer legalmente contra o projeto do centro comercial e andamos todos um pouco nervosos.

– Nesse caso, estão dispensados.

– E, se lhe apetecer saber como vão as coisas, também pode ir.

– Obrigada, Joe, mas creio que é melhor não ir. Só estou em Santa Cecília de passagem, como sabe. De toda a maneira, contar-me-ão.

– Suponho que o nosso amigo comum, Dan Carter, também estará por lá – disse, em modo de despedida. – Certamente, repreender-me-á por ter faltado à aula da bonita professora espanhola que nos veio visitar.

Com uma simpática piscadela de olho, regressou à sua mesa. Luis e eu voltámos a ficar sós. No entanto, o tom e o conteúdo da nossa conversa anterior tinham-se

alterado.

– O vosso amigo comum Dan Carter – repetiu, levantando o copo em jeito de brinde com uma careta irónica. – O gigante já apareceu outra vez.

Dan. Ouvira os velhos amigos de Santa Cecília tratarem-no assim, abreviando ao máximo o nome. Rebecca também o fazia frequentemente. Mas Luis Zárate, como bem sabia, não fazia parte daquele círculo.

– Tu não vais? – perguntei, terminando o risoto. Preferi não ligar ao comentário dele.

– Não, obrigado. Já não entro nesse jogo – disse, enquanto terminava a massa. – Deliciosa – concluiu depois de limpar a boca. – Na verdade, todo esse assunto de Los Pinitos e o seu futuro é coisa que tanto me faz.

A sua reação chocou-me, mas disfarcei, enquanto a jovem empregada levantava os pratos. A minha posição era a de uma recém-chegada àquela comunidade, desconhecedora em absoluto dos seus assuntos. Não obstante, apesar da minha condição de forasteira, entendia a reação dos meus colegas contra o plano de arrasar um recanto natural para o converter em mais um centro comercial. Por isso, não conseguia compreendê-lo.

– Mas tu vives aqui, deverias importar-te. Quando toda a gente está contra, as razões são evidentes, os teus próprios colegas estão a mobilizar-se constantemente...

– Vês? – perguntou com um sorriso. – A velha raposa do Carter já te puxou para o seu lado. Outro copo de vinho para acompanhar a sobremesa?

Não disse que não. Talvez fosse precisamente isso, o

vinho que ambos estávamos a beber generosamente, que me fez falar-lhe sem rodeios.

– Mas, que coisa, vocês os dois dão-se tão mal... não é?

– Não, não é bem assim, trata-se apenas de falta de sintonia. Sabes que os primeiros a plantarem vinhas nesta terra californiana foram os teus compatriotas, os monges franciscanos? Trouxeram algumas cepas de Espanha porque precisavam de vinho para consagrar...

– Não desvies a conversa, Luis. Explica-me, de uma vez por todas, o que se passa convosco, de que falta de sintonia é essa de que falas.

– Académica, claro. E pessoal, também diria. Mas nada de realmente profundo, não dramatizemos. Com efeito, tirando o ato do dia da Hispanidade, só falei com ele cara a cara uma vez, apesar de esse primeiro encontro ter sido até muito menos memorável.

– Não me vais contar?

Falávamos com confiança, já não se esforçava, como nos primeiros tempos, por se comportar como um perfeito cavalheiro comigo, o perfeito chefe ou o perfeito colega atento e acolhedor. E entendíamos-nos perfeitamente assim. Éramos seres de natureza díspar, mas partilhávamos alguns códigos que faziam com que a comunicação entre nós resultasse sempre fluida. Apesar de ser três ou quatro anos mais novo que eu, pertencíamos quase à mesma geração e movimentáramo-nos por terrenos afins. Por isso, pela boa relação que, ainda que de formas muito diferentes, mantinha tanto com Daniel como com ele, incomodava-me o facto de ambos se dedicarem a lançar dardos envenenados um ao outro, quando eu não estava no meio. E, se em algum momento decidi que aquela

história não tinha a ver comigo, acabei por mudar de opinião. Agora, preferia saber o porquê daquela antipatia que, viesse de onde quer que fosse, acabava sempre por me salpicar.

– O que é que te interessa, Blanca? A tua postura é a mais inteligente. Dás-te bem com todos, à margem das desavenças particulares de cada um. Um dia, jantas comigo, no outro, tomas o pequeno-almoço com ele...

– E como sabes isso?

– Alguém me comentou que ontem vos viu sair juntos a meio da manhã do café da estrada de Sonoma, nada mais. Santa Cecília é uma terra pequena, é o que te posso dizer. De qualquer forma, deve ser uma grande honra para ti ter o grande Daniel Carter a comer na tua mão.

– Não passes das marcas, Zárate... – disse, provando por fim o cheesecake. – De qualquer forma, desconheço que interesse pessoal possa ele ter no assunto de Los Pinitos, para além de se pôr ao lado dos seus amigos opositores.

Sabia que era assim porque tínhamos falado sobre isso e me arrastara com ele para aquela manifestação numa tarde de cafés e vento. Mas desconhecia que a sua implicação fosse mais longe do que o mero apoio testemunhal.

– Mas não duvides que tem. Enorme.

Tentei não fingir surpresa.

– Em finais do ano letivo passado – continuou, enquanto empunhava o garfo de sobremesa vazio, sem chegar a provar o tiramisu –, Carter ligou-me do gabinete em Santa Barbara para me pedir que o recebesse em Santa Cecília, que queria falar comigo sobre um assunto que não especificou. Marquei para

uma semana depois, apareceu no departamento como se fosse uma prima-dona e, sem sequer me conhecer, veio dizer-me pouco mais ou menos como teria de dirigir o meu departamento. Quase a exigir-me que agisse no sentido que a ele lhe interessava.

Não entendi nada. Talvez fosse o efeito do vinho, ou talvez algo menos volátil e mais substancial.

– Tinha tudo a ver com o projeto de Los Pinitos. Queria convencer-me a que o departamento interviesse ativamente no assunto com todos os seus recursos.

– Que recursos? – perguntei.

– Não sei, nem lhe dei oportunidade de mo explicar. Não sei se pretendia que todos os professores assinassem um manifesto, que mobilizássemos os estudantes ou que efetuássemos doações para a causa... Neguei-me a continuar a ouvi-lo antes que entrasse em pormenores. Aquele assunto era-me, na altura, indiferente da mesma maneira que o é hoje. Mas não podia consentir que alguém, já totalmente desvinculado desta universidade, por muito célebre que fosse fora dela, viesse coagir-me. Dizer-me o que tenho ou não de fazer no meu trabalho e que medidas devo tomar em determinadas questões tão alheias às nossas competências.

Como os velhos carrinhos de choque, à medida que Luis falava, começaram a produzir-se na minha cabeça embates violentos cuja ordem não conseguia controlar. Daniel e o espólio de Fontana, Fontana e Los Pinitos, Daniel e eu, Fontana e eu. Aquilo que Luis Zárate nunca soube e comecei a suspeitar nesse mesmo instante. Em apenas alguns segundos, a minha memória desceu outra vez à cave suja do Guevara Hall. E se fossem esses os recursos a que Daniel se referiu? Recursos palpáveis,

documentais, quantificáveis, propriedade de um departamento que nunca os teve em conta. E se, na altura, o que pretendia conseguir de Luis Zárate fosse que o próprio departamento tirasse do pó o espólio de Fontana e o pusesse ao serviço da causa de Los Pinitos? E se Daniel suspeitasse, desde o princípio, que podia haver ali algum segredo capaz de contribuir para obstruir o projeto do centro comercial? E se, perante a negativa do diretor, ele tivesse procurado o próprio caminho para os trazer por fim à tona?...

– Por isso, neguei-me – continuou. – Por princípio. Por *cojones*, como diriam em Espanha. Desculpa.

Não reagi perante a firmeza das suas palavras; a minha mente continuava a tentar juntar as peças. Recursos documentais, recursos palpáveis talvez contidos entre os milhares de papéis com que eu estava a trabalhar havia três meses. Qualquer coisa que talvez tivesse a ver com as constantes perguntas de Daniel sobre o avanço do meu trabalho, sobre os meus achados, sobre aquela escorregadia missão Olvido pela qual me perguntava frequentemente.

– E a batalha acabou aí, não penses que há mais. Até foi interessante – acrescentou, irónico. – Não é todos os dias que se faz frente a uma lenda viva.

O meu cérebro continuava ocupado em ligar as pontas a fim de dar consistência a uma crescente suspeita, mas o meu rosto devia mostrar uma evidente curiosidade. E isso não lhe passou despercebido.

– Ao trabalharem em áreas diferentes, talvez não conheças o verdadeiro Daniel Carter em toda a sua extensão, não é verdade?

– Então, diz-me tu. – Precisava de o saber. Precisava de o saber imediatamente.

– Na comunidade de hispanistas deste país, e podes crer que somos alguns milhares, ele é um peso pesado. Foi presidente da poderosa MLA, a Modern Language Association of America, e diretor de uma das mais prestigiosas publicações periódicas no nosso campo, *Letras y Crítica*. Livros seus, como *Literatura, vida y exílio* ou *Claves para la narrativa española del siglo xx*, são obras que todos os departamentos de Espanhol dos Estados Unidos usam há anos. A sua presença tem um peso como poucas nos congressos e convenções da nossa área: abrir ou encerrar um encontro académico com uma conferência plenária sua é garantia de êxito total. Uma referência positiva ou uma carta de apresentação assinada por ele é fazer subir na carreira qualquer dos que se dedicam a isto.

O perfil de homem que ia ganhando corpo diante dos meus olhos começou a incomodar-me do mesmo modo que o seu interesse por mover os recursos naquele departamento, que não era o seu, havia décadas.

– O teu amigo Daniel Carter, querida Blanca, não é um simples professor anónimo e simpático, com poucas responsabilidades e muito tempo livre na reta final da carreira. Nos dias de hoje, continua a ser uma das figuras com mais crédito profissional e poder operacional dentro do grupo hispanista da América do Norte.

Aquelas pinceladas não faziam senão incrementar as minhas dúvidas. Tentei que Luis não notasse o meu desassossego; a tarte de queijo voltou a ser o disfarce.

– Além disso – prosseguiu –, tem fama de ser um indivíduo carismático, com muitos amigos e influências e, segundo dizem, com um passado um tanto peculiar.

Tenho pena de não lhe ter captado o interesse e de a minha relação com ele, ao contrário da tua, ter sido desde o princípio um total desencontro.

Terminou o tiramisu, enquanto eu, paralelamente, continuava a tentar juntar as peças do confuso puzzle que se ia formando diante de mim.

– Não suporto essas *vacas sagradas* que se creem capazes de fazer chegar a sua sombra até onde lhes apeteça, sabes?

Continuava a falar, já sem reservas, como se tivesse as opiniões bem cimentadas, e aqueles pensamentos lhe ocupassem o raciocínio havia já algum tempo.

– Não gosto que, nesta profissão, se continue a venerar os dinossauros, sem que ninguém se atreva a enfrentá-los.

Joe Super voltou a aproximar-se da nossa mesa nesse preciso momento, apenas para se despedir de nós. Sorrímos-lhe, sorriu-nos. Ainda não se tinha virado completamente quando, por fim, tomei a palavra.

– Mas, então, o que faz ele na realidade em Santa Cecília? – perguntei, quase sem voz.

– Aproveitar um ano sabático e escrever um livro. Ou é isso que anda a dizer.

– Literatura espanhola de fim de século, até aí ainda chego. Mas porquê aqui e agora, precisamente?

Respondeu de imediato, como se tivesse a resposta elaborada.

– É isso que pergunto a mim próprio de cada vez que o vejo.

Capítulo 32

Passei o domingo inteiro a matutar na incerteza. Não vi Daniel, nem lhe telefonei, nem me telefonou, nem ninguém voltou a recordar-me o seu nome porque com quase ninguém troquei uma palavra em todo o dia. Mas o seu eco não me abandonara desde a conversa com Luis Zárate, durante o jantar em Los Olivos.

Acordei cedo e não consegui voltar a adormecer. Fui até à piscina do campus quando ainda estava praticamente vazia, nadei sem empenho nem forças. Depois, comprei os jornais e, junto à praça, tomei um café que não consegui acabar. O estômago parecia ter encolhido. A mente, em contrapartida, não parava de trabalhar. O que até então me parecera inocente e casual afigurava-se-me, agora, suspeito: o porquê da sua presença permanente num local que não lhe correspondia, aquele seu perseverante interesse pelo meu trabalho, o seu conhecimento de alguns dados sobre mim que eu não recordava ter partilhado com ele.

Rebobinando a memória dos meses transcorridos desde a minha chegada, voltei a recordá-lo na extensa galeria de cenários e momentos que partilháramos. Vi-o de novo caminhar, sem pressa, pelos caminhos do campus, com dois livros debaixo do braço e as mãos

nos bolsos. Vi-o correndo ao longe, em traje de desporto, ao entardecer. Recordei o dia em que nos conhecemos no Meli's Market e quando me arrastou, de maneira aparentemente espontânea, para o meio da manifestação. Aquele meio-dia quando que me roubou pedaços de um burrito de frango na cafetaria, a tarde que partilhámos, enquanto me falava com carinho do Andrés Fontana que um dia conhecera, a sua voz forte cantando *rancheras* na minha festa, os seu braços empurrando a cadeira de rodas do amigo mentalmente ausente e aquele discurso com que arrancou risos e prantos quando dava graças à vida e entoava um canto à compaixão. E, ainda mais perto no tempo, os seus dedos na minha nuca depois do pequeno-almoço sem acabar, a sua extrema atenção às minhas histórias sobre a missão. A sua menção à morte de Fontana na companhia de uma mulher ainda sem nome, o seu conselho dentro do automóvel para que eu não deixasse as feridas por fechar. A sua mão na minha mão, antes da despedida. Sempre descontraído, caloroso, próximo. Demasiado, talvez.

A meio da tarde, saí de novo. Voltei à casa de Rebecca, voltei a encontrar tudo fechado e mergulhado no letargo, ainda não regressara. Encaminhei-me, então, para a biblioteca. Apesar de ser domingo, estava muito frequentada por alunos. O aquecimento estava no máximo e a maior parte dos jovens vestia manga curta, alguns até calções, e ainda vi um ou outro exagerado de chinelos.

Pesquisei nas entranhas de um computador do rés do chão à procura de referências e coordenadas. «Como pretende fazer a busca?», perguntou-me a máquina. Selecionei a opção «autor». Digitei, então, o apelido, e,

em seguida, introduzi o nome. Os resultados saltaram-me de imediato à frente dos olhos. Catorze livros próprios, imensas coordenações e coautorias, dezenas de artigos em revistas de prestígio, uma boa mão-cheia de prólogos e edições comentadas. Narrativa, crítica, Ramón J. Sender, exílio, vozes, letras, análise, nostalgia, olhar, identidade, revisão. Todas estas palavras espalhavam-se numa ordem não aleatória entre os títulos da intensa produção científica de Daniel Carter.

Procurei, então, indicações e segui os passos pertinentes. Até chegar ao terceiro piso, secção de Literatura Espanhola. Tirei alguns volumes das prateleiras, li algumas páginas por alto e outras atentamente, olhei, avaliei. Luis Zárate não exagerara. Aquilo era trabalho de um académico de enorme crédito, não o passatempo de um simples professor aborrecido sem outras obrigações que acompanhar uma colega acabada de aterrar a visitar missões franciscanas e a beber cerveja preta num pub irlandês.

Parei por volta das sete. Não fazia sentido continuar a ler, já validara suficientemente o que queria saber. De nada me ia servir embrenhar-me noutro artigo seu sobre bandidos adolescentes, tardes com Teresa³⁴, lanças ferrugentas³⁵ ou sinais de identidade³⁶. Pouco mais poderia acrescentar ao contorno do homem que eu já acabara de compor.

A grande zona central da biblioteca continuava com bastante movimento quando me dirigi para a saída: alguns alunos chegavam nessa altura, outros dirigiam-se para a área dos computadores, a maioria procurava por ali uma mesa para se sentar.

Havia também os que saíam. Para a rua, para a

noite, de volta às residências e apartamentos, à vida normal à margem do conforto acolchoado das alcatifas e das estantes cheias de livros. Provavelmente, deveria ter saído com eles. Voltar à minha vida, não indagar mais.

Não o fiz.

No último momento, e já com o casaco vestido, decidi ir à procura do que a minha intuição pressentia como uma possível janela para a verdade. À procura de mais uma peça para juntar ao monte das que já tinha acumulado. Atrás do testemunho inapagável do que um dia acontecera.

Pedi instruções no balcão correspondente. *Imprensa de 1969? O diário local? Está tudo microfilmado. Um momento, por favor.* Em três minutos, tinha na mão a microficha que precisava; em quatro, estava sentada em frente do potente ecrã luminoso que deveria aumentar diante dos meus olhos as páginas de um jornal datado de três décadas atrás.

Daniel mencionara maio de 69 como a data do acidente de Fontana, não me lembrava do dia exato. Sete? Dezassete? Vinte e sete? Assim que me adaptei ao manuseamento do aparelho, comecei a passar páginas com rapidez. Até que apareceu a primeira página do *Santa Cecília Chronicle*.

USC PROFESSOR KILLED IN CAR ACCIDENT

Spanish Professor Andrés Fontana, 56, Chairman of the Department of Modern Languages, was killed last night in a car crash... Along with him, Aurora Carter, 32, wife of Associate Professor Daniel Carter, was

killed as well...

Aurora Carter, trinta e dois anos, esposa do professor Daniel Carter. *Killed as well*. Morta também. *Along with him*. Com ele.

Não consegui avançar mais. O calor da biblioteca tornou-se, de repente, asfixiante. Senti a garganta seca, os dedos rígidos, apertando o tampo da mesa, e uma intensa sensação de fraqueza. Até que, exausta, consegui controlar de novo a atenção e acabei de ler a notícia no ecrã. A chuva, a noite, um camião. O impacto, bombeiros, várias horas, polícia, Espanha, marido, morte.

Neguei-me a continuar a procurar dados, não tive coragem. Ou forças, ou estômago. A tê-lo feito, de certeza que poderia ter encontrado dezenas de pormenores nos jornais dos dias seguintes. Como fora o funeral, quem os velara, onde os enterraram. Mas não quis saber. Como também não quis que a minha própria imaginação se internasse, invasiva, naquele triângulo doloroso e desconcertante que acabara de se abrir diante de mim. Quando cheguei ao fim da notícia, levantei-me tão bruscamente que atirei a cadeira ao chão.

A encarregada da hemeroteca, do seu balcão, chamou-me a atenção, num tom crispado, ao observar a minha saída precipitada. Devia desligar o aparelho, julguei entender. Devia devolver-lhe o microfilme. Não fiz caso dela, não parei, nem sequer voltei a cabeça. Acelerei o passo, deixei-a a repreender-me nas minhas costas e, quase a correr sobre a alcatifa silenciosa, fui-me embora.

A primeira coisa que fiz ao chegar a casa foi enviar

uma mensagem.

Rosalía, continuo na Califórnia. Por favor, averigua quanto antes tudo o que puderes sobre a FACMAF, a fundação que patrocina a minha bolsa. Preciso de saber quem a controla. Oxalá esteja enganada, mas tenho a sensação de que alguém me meteu num assunto bastante estranho.

Na manhã seguinte, o departamento respirava o mesmo ar de qualquer outra segunda-feira. Gente, passos, o ruído de um ou outro teclado, a fotocopiadora a cuspir folhas. Cumprimentei, como sempre, quem se cruzou comigo, *bom dia* a alguém junto à escada, *bom dia* a outro colega dez metros mais à frente. Esforcei-me por parecer natural, a professora visitante caída do céu que, dia após dia, se enclausurava no gabinete mais diminuto e remoto do piso, diante de um monte de velhos papéis que a toda a gente eram indiferentes.

A primeira coisa que fiz foi abrir o correio eletrónico. A resposta que esperava já estava lá.

Mil reuniões e prestes a sair para mais uma, das grandes, a loucura, minha filha!!! Sobre a tua bolsa só encontro a convocatória + os docs e mensagens que trocámos na altura com a Uni Sta Cecília, e esses já tu tens. Mas recuperei do lixo a mensagem e o núm de telef da pessoa da FACMAF com quem contactei na altura, um tipo muito educado que falava um espanhol perfeito. Aqui vai, espero que te sirva. Bjs, Ros.

PS. Vais cá estar para o beberete natalício do reitor?

Aspirei, com ânsia, uma golfada de oxigénio, levantei o auscultador do velho telefone e marquei o número com que Rosalía concluíra a mensagem. Tal como temia, ao quinto toque, ouviu-se a sua voz gravada. Primeiro, falou na língua dele. Depois, na minha. Breve, rápido e conciso. Para quê mais?

Fala do atendedor de chamadas do doutor Daniel Carter, departamento de Espanhol e Português da Universidade da Califórnia, Santa Bárbara. Neste momento, encontro-me ausente por motivos profissionais. Para deixar o seu recado, contacte a secretaria, por favor.

Estive quase a atirar o telefone contra o vidro da janela, a dar um pontapé com toda a força no computador. A começar a gritar os piores insultos que tinha na memória e desatar a chorar. Tudo ao mesmo tempo. Ou gradualmente. Teria dado no mesmo.

Mas não fiz nada disso. Nada. Apenas cruzei os braços sobre a mesa, escondi o rosto neles e, na obscuridade e no refúgio de mim mesma, pensei. Durante um bom bocado, só fiz isso, pensar. Quando, por fim, pus os pensamentos em ordem, mandei umas linhas cibernéticas a Rosalía pedindo que não se preocupasse mais. Depois, sem abrir nenhum documento de trabalho nem pôr sequer os dedos sobre algum dos poucos papéis do espólio que já restavam, tirei, da estante, o livro de sobrecapa amarela sobre a Califórnia, que ele me oferecera, pus a mala ao ombro e saí.

– Você já sabia? – perguntei da porta. À queima-roupa. Sem sequer a cumprimentar.

Rebecca levantou os olhos do teclado. Vestia uma camisa cor de beringela, rodeada pela harmonia de sempre.

– Bom dia, Blanca – replicou, com a moderação habitual. – Importa-se de me esclarecer a que se refere, por favor?

– Sabia que o seu amigo Daniel Carter estava por trás da FACMAF?

Pareceu surpreendida com a minha pergunta. Apenas, antes de me responder, tirou os óculos de ver ao perto e reclinou-se calmamente na cadeira.

– No princípio, não.

– E depois?

– Depois, comecei a suspeitar. Mas nunca o confirmei.

– Porquê?

– Porque não lhe perguntei. Porque não é assunto meu. E porque presumo as razões que o levaram a fazê-lo, pelo que preferi deixar de lado as averiguações.

– Razões que têm a ver com Andrés Fontana e com a mulher dele. Com a sua amiga Aurora, não é verdade?

– Suponho que sim, mas creio que o melhor será falar com ele.

– É isso que pretendo fazer agora mesmo – disse, ajustando a mala ao ombro. – Quando me disser onde vive.

– Não vai telefonar-lhe primeiro? – perguntou, enquanto anotava a direção num post-it amarelo.

– Para quê? Ele trabalha em casa de manhã, não é? Prefiro vê-lo.

E já tinha saído para o corredor quando ouvi a sua voz atrás de mim.

– Não se esqueça, Blanca, que, de uma maneira ou

de outra, todos temos dívidas pendentes com o nosso passado.

Ao sair, dei de caras com Fanny. Ameaçou deter-se, pretendia mostrar qualquer coisa. Quis simular um sorriso, não consegui. *Vemo-nos logo*, disse-lhe, sem abrandar o passo. Deixei-a a olhar para mim, ali, de pé, quieta, desconcertada.

Depressa soube que Rebecca tinha razão. Não pelo conselho obscuro que me deu no último momento, e sobre o qual nem sequer me detive a pensar, mas ao advertir-me que deveria ter avisado Daniel da minha chegada, já que ninguém abriu quando toquei a campainha do apartamento 4B daquela grande casa, subdividida em várias moradias independentes. Ninguém saiu ao meu encontro, quando bati repetidamente à porta de madeira branca da sua residência temporária com toda a força do meu punho cerrado. Sentei-me, então, num degrau e peguei no telemóvel.

Tinha dois números seus, o daquele alojamento transitório e o do *celular*, como diziam por ali; dera-me ambos na tarde em que fora à sua procura no Selma's Café. *Para o caso de precisares de mim de um momento para o outro*, ofereceu-se. O momento já tinha chegado.

Liguei para o primeiro, prevendo o que ia acontecer. Não me enganei: por trás da porta, junto à qual me sentara, ouviu-se repetidamente o eco de uma chamada que ninguém atendeu. Depois, tentei a segunda opção. *O número que marcou não se encontra disponível*, disse uma menina, com voz de falsete, em inglês. E repetiu. E repetiu. Até que desliguei.

Tirei então da mala o livro sobre a Califórnia. O que pensara ser um simples presente oportuno e engenhoso

destinado a facilitar o meu trabalho. O que provavelmente fora, para ele, apenas um isco para me impelir a continuar a trabalhar, como a cenoura que alguém põe diante do burro que puxa a nora, a fim de nunca parar. Uma armadilha, um engano. Mais outro. «MANIPULASTE-ME E TRAÍSTE-ME. LOCALIZA-ME QUANDO VOLTARES». A fúria das minhas maiúsculas esteve quase a rasgar o papel. Não assinei.

Meti-o, com uma pancada seca, na caixa do correio com o nome dele, ouviu-se um ruído metálico ao cair. Depois, fui-me embora dali e decidi não voltar a telefonar-lhe. Não queria ouvir a sua voz nem receber as suas mensagens. Só vê-lo frente a frente, sem subterfúgios nem escapatórias.

Passaram trinta e quatro horas até dar sinais de vida. Trinta e quatro tristes e desoladoras horas, até que me encontrou no momento mais inoportuno.

Bateram à porta com umas pancadas rápidas, que se abriu de imediato. Uma cabeça e metade do corpo fizeram a sua aparição. Cabelo claro, barba clara, uma camisola de gola alta e um casaco formal. Tudo isso sobre a pele bronzeada de um rosto que não escondia uma expressão preocupada.

Não precisou de dois segundos para avaliar a situação da sala de aula. Próximo do quadro, uma professora, eu, de pé, ligeiramente apoiada sobre o lado da mesa principal. Agarrada a um marcador, com os braços cruzados por baixo do peito, o cansaço estampado na cara e um evidente esforço para manter escondida a inquietação que trazia dentro de mim. Cinco alunos do meu curso de cultura espalhados à minha volta, menos de metade da frequência da sala em qualquer dia normal.

Não disse uma palavra. Apenas levantou qualquer coisa ao alto, sério, mostrando-mo. O livro sobre a Califórnia. O meu. O seu. O que ele me deixara como presente dentro de um saco anónimo, numa noite de tortilhas, gaspacho e risos. O mesmo livro que eu lhe devolvera, atirando-o para o fundo da caixa do correio. *Não quero nada teu*, quis dizer-lhe com isso. Supus que entendeu. Fez, então, um gesto simulando que o ia meter num lado qualquer. No meu cacifo, deduzi. Não lhe disse nem que sim nem que não, e ele não esperou pela minha resposta. Voltou apenas a fechar a porta entreaberta e desapareceu.

Nunca foi a minha intenção.

Espero-te no auditório.

Vem asap, pls.

Foi isto que encontrei, no fim da aula, na cavidade onde costumam deixar as mensagens internas em meu nome e as cartas que chegam de vez em quando do meu país. Escrito num cartão branco, sem timbre, encaixado ao acaso entre duas páginas do livro de capas amarelas, que já começava a tornar-se tristemente familiar.

A primeira linha negava tudo.

A segunda marcava-me um encontro.

A última acrescentava urgência. *Vem asap, as soon as possible, assim que for possível.*

Pls, please, por favor.

No estrado, havia cinco elementos na mesa; distingui entre eles o meu aluno Joe Super e dois professores que conhecia de vista. Tal como no dia da manifestação, a fauna de simpatizantes era variegada.

Montes de estudantes, as avozinhas guerreiras com o seu cartaz erguido, honrados cidadãos às dezenas e o rapaz das rastas com a sua cabeça exagerada, destacando-se à distância. No entanto, não havia nem vestígios do ambiente quase festivo do dia da manifestação. Rostos sérios, poucos sorrisos e atenção concentrada, foi o que percebi.

O encontro começara havia uma longa hora; um dos elementos da mesa comentava qualquer coisa sobre umas explorações arqueológicas no terreno. Em cima do estrado, num quadro branco, alguém escrevera com um marcador grosso «10 days to Dec 22». Restavam apenas dez dias à plataforma para agir, julguei entender. Dez dias até à data-limite. Depois disso, se não encontrassem nada que pudessem apresentar às autoridades, perderiam a batalha.

Daniel esperava-me na penúltima fila.

– Temos de falar – sussurrei, sem o cumprimentar, assim que me sentei a seu lado. – Vamos.

– Cinco minutos – pediu-me em voz baixa. – Peço-te, Blanca, dá-me só cinco minutos.

– Ou vens ou ficas, tu é que sabes.

O orador de serviço mencionou então o seu nome, pediam-lhe para responder a qualquer coisa.

– Espera por mim – insistiu, agarrando-me o pulso, enquanto no microfone do estrado repetiam o seu nome e a pergunta.

Soltei-me com um esticão. Depois, levantei-me e saí.

34 Referência ao romance de Juan Marsé, *Últimas tardes con Teresa* (1966). (N. do T.)

35 Referência a Herrumbrosas Lanzas, de Juan Benet (1983). (N. do T.)

36 Referência a Señas de identidad, de Juan Goytisolo (1976). (N. do T.)

Capítulo 33

Meia hora depois, abri-lhe a porta.

– Lamento muitíssimo – disse, entrando de repente, desfazendo com a sua presença grande e agitada o sossego do meu apartamento. – Não pensava que iam contar comigo, telefonaram-me à última hora, acabara de chegar de Los Angeles quando vi o teu livro na caixa do correio, fui procurar-te imediatamente, saí ontem ao princípio do dia...

Não o interrompi. Se o tivesse à frente um dia e meio antes, talvez me atirasse ao pescoço dele, encará-lo-ia aos gritos ou descarregaria toda a cólera que se acumulara dentro de mim ao constatar o que já intuía. Mas, passadas já tantas horas, só o deixei falar. Nessa altura, a ira já amainara e a raiva que carcomia antes convertera-se noutra coisa diferente. Numa espécie de desolação, de intensa amargura que, com o tempo, talvez até fosse pior.

Quando terminou de desbobinar as mil desculpas que eu não lhe pedira, chegou, por fim, a minha vez.

– Por que me mentiste? – perguntei-lhe com frieza.

– Nunca o quis fazer, Blanca. Nunca pretendi enganar-te.

Deu um passo em frente, estendeu o braço à minha procura. Como se com o contacto físico pretendesse

transmitir-me uma dose extra de sinceridade.

– Mas fizeste-o – disse eu, afastando-me para que nem sequer me tocasse. – A FACMAF não existe e a bolsa com que me mantive ao longo destes meses não passa de uma maquinação tua, uma farsa que me escondeste. Escondeste de mim e, assim, enganaste-me, defraudaste-me e magoaste-me.

– Digo-te do fundo do coração que não fazes ideia o quanto lamento. Mas quero que saibas que nunca pretendi...

– Não procuro desculpas, só explicações – atalhei. – Só preciso que me contes o que está por trás desta montagem e que depois saias para sempre da minha vida.

Passou uma mão pela cabeça, depois pela barba. Nitidamente preocupado.

– Explicações, Daniel – insisti. – Só quero explicações, nada mais.

Desapaixonada, desencantada, gélida. Não me esforcei para que ele me percebesse assim, mostrei-lhe unicamente como me sentia.

– Bem, escusado será dizer que tens razão, a FACMAF não consta oficialmente em lado nenhum como a Fundação de Ação Científica para Manuscritos Académicos e Filológicos – reconheceu, então. – Nisso, não te enganas, trata-se de um nome falso, é verdade. Mas existe como uma entidade, digamos, não formal. Como uma coisa diferente.

– Como o quê? Como uma coisa que inventaste depois da morte de Fontana e da tua mulher?

Olhou-me por instantes. Concentrado. Sérico. Mas não surpreendido.

– Imaginava que acabarias por fazer as tuas

averiguações.

A resposta era tão óbvia que nem sequer me incomodei em verbalizá-la.

– A FACMAF – continuou – idealizei-a na sua essência como Fundo Aurora Carter para a Memória de Andrés Fontana. Aurora Carter ou Aurora Carranza, que era o seu apelido espanhol, tanto faz. Definitivamente, tratava-se de um projeto para fazer perdurar o espólio intelectual do meu mentor através da herança da minha mulher. O acrónimo serve para as duas versões.

– Não me enroles com charadas linguísticas, a mim tanto me faz que o primeiro F de FACMAF corresponda a Fundo ou Fundação. Só quero saber por que é que, trinta anos depois da morte de ambos, decidiste montar este sinistro enredo e me meteste nele.

Enfiou as mãos nos bolsos e baixou os olhos, como se pudesse encontrar no chão a maneira de apresentar a resposta. Com o olhar fixo na horrível alcatifa cor de toupeira, que abafava diariamente os meus passos de cada vez que me movimentava entre os cantos daquele alojamento circunstancial.

– Porque era a única opção viável para trazer à luz o espólio de Fontana – disse, erguendo, por fim, os olhos para mim. – A única solução que me ocorreu quando me fecharam todas as portas.

– Que portas?

– As habituais para fazer tudo pelas vias normais, através do departamento de Línguas Modernas.

– E quem tas fechou? Luis Zárate?

– Quem senão ele?

Recordei as palavras do diretor durante o jantar em Los Pinitos, a narração dos factos do dia em que recebeu Daniel no gabinete, a maneira completamente

diferente como me apresentou o que aconteceu entre ambos.

– Não acredito em ti. Tentaste coagi-lo, pretendias que agisse segundo os teus interesses. E não aceitou.

– Suponho que essa seja a versão que ele te deu.

– Uma versão, em princípio, nem mais nem menos válida do que a tua.

– Sem dúvida. Mas inexata. Eu nunca tentei coagi-lo. Sugeri-lhe simplesmente que o departamento talvez devesse fazer um uso eficaz dos seus recursos...

– ... para intervir no assunto de Los Pinitos, segundo compreendi – interrompi-o.

– Assim é.

– E mesmo que não o dissesse explicitamente, ao mencionar aqueles recursos, estavas a referir-te aos papéis de Fontana.

– Vejo que estás a par de tudo.

Não respondi perante a nova evidência, apenas esperei que continuasse.

– Nessa altura, começara a suspeitar que, entre os documentos que, à sua morte, ficaram no gabinete do departamento, talvez pudessem encontrar-se alguns dados interessantes. Dados fidedignos que vinculariam Los Pinitos a um remoto uso histórico especialmente significativo, algo que se pudesse apresentar contra o plano de construir, na zona, um absurdo e desnecessário centro comercial.

– Algo tão significativo como uma missão franciscana?

– Exatamente.

– Porque, se se demonstrar que houve ali uma missão tal como Fontana julgava, poder-se-ia embargar tudo.

– Ou, pelo menos, poder-se-ia tentar. A câmara de Santa Cecília exerce o seu poder sobre a zona, mas precisa do título de propriedade, e não há provas de a quem pertenceu aquele terreno no passado distante. Se se conseguisse argumentar que aquilo teve, em algum momento da sua história, uma tradição missionária, todo o processo teria de ser submetido a uma nova revisão. E o projeto, enquanto o assunto não se resolvesse, teria de ficar paralisado.

– Por isso, sempre tiveste tanto interesse em me perguntar se aparecia no espólio alguma menção à suposta missão. Por isso, estiveste constantemente a tentar sondar-me. E, por isso, te empenhaste em controlar o meu trabalho: agora ofereço-te um livro para que aprendas a história da Califórnia, depois levo-te a ver uma missão aqui perto...

– Não, Blanca – negou, categórico. – Nunca tentei controlar-te nem imiscuir-me no teu trabalho. Sempre confiei em ti. A única coisa que pretendi fazer, em todos os momentos, foi ajudar-te a avançar. Mas tens de acreditar em mim, desenrolou-se tudo, a princípio, em resultado da negativa de Zárate. A partir daí, não tive outro remédio senão montar o esquema da FACMAF, pintá-lo, sem levantar suspeitas no departamento, e tornar pública a convocatória. E foi assim que entraste em cena.

Continuava zangada, continuava frustrada, mas, à medida que conversávamos, o sentimento que ia crescendo dentro de mim era de curiosidade. Uma curiosidade faminta de entender as razões que existiam por trás daquela obscura trama, de saber que complexas relações entre todos eles o tinham levado a agir assim.

– Além disso, continuo sem compreender o que tem a ver a recuperação da memória de Fontana com tudo isto. Se só procuravas dados concretos sobre a missão, para quê fazer-me perder tempo a catalogar pormenorizadamente o espólio? Para quê obrigar-me a ordenar os milhares de diminutas peças que compõem o puzzle da sua vida? Há três meses que ando a deixar a pele nisto, Daniel, três meses inteiros a desperdiçar o meu esforço, como uma idiota, para fazer um trabalho que não interessa a ninguém – disse eu, levantando a voz, incapaz de conter a indignação.

– Espera, Blanca, espera, espera...

Falava com firmeza, acentuando as palavras com as mãos que, por fim, tirara dos bolsos das calças cinzentas. A indumentária desse dia não tinha nada a ver com a roupa normal dos períodos desocupados de Santa Cecília. Bom corte, bons tecidos, profissional. Nem sombra dos *chinos* amarrotados e do velho blusão do dia de Sonoma. A sua outra faceta. A sua cara B.

– O teu trabalho interessa-me muito, muitíssimo. É o mais valioso, o fundamental, o que na verdade dá sentido a tudo. Mas há outras questões.

– Podes esclarecer-me de uma vez por todas.

– Vamos ver como te posso explicar... – disse, esforçando-se por encontrar as palavras certas. – O assunto de Los Pinitos foi certamente o detonador de tudo. Um detonador muito potente, sem dúvida. Mas havia mais qualquer coisa por trás. Por trás de tudo havia também uma dívida pendente.

– Com Fontana? – perguntei, incrédula.

– Com Fontana, sim. Com a sua memória e com a sua dignidade.

– Queres dizer-me que, trinta anos depois da sua

morte, ainda tinhas contas a ajustar com o teu professor?

– Assim era – reconheceu, com um gesto contundente. – Lamentando-o muito, assim era. Apesar de terem passado três décadas desde a sua morte e a de Aurora, apesar de a minha vida estar totalmente refeita e de tudo aquilo pertencer já ao terreno do esquecimento, ainda restavam pontas soltas entre nós.

– Juro que isto está a superar a minha capacidade de compreensão – murmurei.

– No fundo, é tudo muito simples. Tristemente simples. Para resumir ao máximo o que foram os anos mais espantosos da minha vida, quero que saibas que, depois daquele atroz acidente, bati no fundo. Como Dante, na sua comédia divina, a meio do caminho da minha vida encontrei-me num bosque escuro e perdi a vereda correta. Desci ao inferno. E fiz algumas coisas insensatas.

– Continuas a fazê-las.

O comentário não pareceu incomodá-lo.

– Mas as daqueles tempos, infelizmente, foram muito mais lamentáveis. E, entre elas, estive desentender-me com a memória do meu mestre. Depois do acidente, fugi, literalmente. Na verdade, não sabia do que fugia, mas quis pôr-me à distância, desligar-me de tudo o que tivera alguma relação com a minha vida anterior.

– Sobretudo, da tua vida com Aurora, suponho.

– Sobretudo. Dos meus dez anos de felicidade com uma mulher incrível, de quem me despedi com um beijo na cozinha, à hora do pequeno-almoço, e nessa mesma noite voltei a ver sobre o barro de uma berma, tapada com uma manta, cheia de sangue e com o crânio

esmagado entre ferros.

A crueza do seu relato comoveu-me, a desconcertante naturalidade com que o narrou fez-me estremecer. Não disse nada, deixei-o continuar.

– Mas superei isso. Com tempo e esforço, depois de muitas turbulências, pouco a pouco, o desespero foi-se transformando: primeiro, numa mágoa imensa, depois, numa tristeza mais suportável, e, por fim, numa simples melancolia que, com os anos, se foi desvanecendo.

Sentei-me num maple e ele imitou-me. No sofá à minha frente, frente a frente, separados apenas por uma mesa baixa com algumas revistas atrasadas em cima. Inclinou-se, então, para a frente, apoiou os braços nos joelhos.

– Não sou um perturbado, dependente da sombra de uma ausência, Blanca, saí há muitos anos das trevas – garantiu. – Com muita, muitíssima dor pelo meio, aprendi a viver sem a Aurora e consegui refazer a minha vida. Mas, lamentavelmente, o mesmo não aconteceu com Andrés Fontana. Fiquei tão destroçado com a perda da minha mulher, tão perdido e desconsolado, que nunca me reconciliei com a sua ausência porque não o chorei a ele.

– E, então, com o passar dos anos, criaste esta suposta bolsa e contrataste-me para tirar as teias de aranha ao seu espólio. Não só à procura de dados documentais contra o centro comercial, mas também para limpar a tua má consciência sem sequer sujares as mãos.

Não respondeu. Manteve o olhar em mim, mas não respondeu.

– Eu confiava em ti, sabes? – prossegui, baixando os olhos para a mesa que nos separava como um cordão

sanitário, uma metáfora da nossa distância com quatro pés. Até que levantei de novo os olhos para ele. – Talvez os meus problemas te pareçam insignificantes comparados com a magnitude da tua própria tragédia, mas eu também sei o que é perder.

– Eu sei, Blanca, eu sei...

– Cheguei a Santa Cecília desorientada e ferida, fugindo, lutando por salvar-me a mim própria do naufrágio em que se convertera a minha vida.

– Eu sei, eu sei, eu sei... – repetiu.

– E agarrei-me ao espólio de Fontana como a uma tábuia de salvação. E, depois, atravessaste-te pelo meio, aparentemente disposto a ajudar-me sempre, a tornar-me a vida mais fácil, a fazer-me rir... a... a... E agora...

– Engoli em seco com força, tentando não me ir abaixo. – Acreditei que eras meu amigo.

Estendeu-me uma mão, mas recuei. Negava-me a aceitar o seu contacto. Já correrá água em demasia por baixo daquela ponte.

– Deixa-me acabar de contar-te o que estive, desde o princípio, por trás da minha maneira de atuar. Antes de me julgares, precisas de saber de Fontana, de Aurora e de mim. Depois, faz o que te parecer mais conveniente: põe-me fora da tua casa e da tua vida, odeia-me, esquece-me, perdoa-me ou faz o que achares que tens de fazer. Mas, primeiro, deves escutar-me para entenderes.

Voltou à minha lembrança a velha fotografia pregada com pioneses na cave de Rebecca. A mulher jovem e bonita de largo sorriso, o vestido branco e o cabelo revoltado sob o sol do cabo de San Lucas, cuja vida terminara numa noite de chuva. Talvez por ela, instintivamente, acedi.

– Simpatizaram um com o outro desde que se conheceram, desde que Aurora e eu nos instalámos em Santa Cecília pouco mais de dois anos antes. Mantínhamos os três uma estreita relação, uma relação que passava muito para além do meramente profissional. Mas, entre eles, certamente pela condição comum de espanhóis expatriados, tinham estabelecido um vínculo especial, com cumplicidades que, às vezes, nem sequer eu compreendia. Referências e códigos culturais invisíveis, traços que, até a mim, escapavam e os uniam a eles; uma amizade íntima. E, com o tempo, Aurora começou a colaborar com ele.

– Em quê?

– Acompanhava-o muitas vezes na sua procura de documentação, comparavam dados e perscrutavam papéis juntos.

– Porque ela era historiadora... – considere.

– Não tinha nada a ver, era farmacêutica. Com efeito, quando chegámos a Santa Cecília, acabara de terminar o doutoramento em Farmacologia, em Indiana, onde vivêramos os cinco anos anteriores. O seu ramo eram as fórmulas e os compostos químicos mas, não sei porquê, talvez por ele lhe ter transmitido essa paixão, ela começou a sentir-se vinculada à memória daqueles velhos compatriotas que transitaram por estas terras séculos atrás. Também influiu, sem dúvida, o facto de manter intacta a fé católica em que foi educada, então canalizada para um compromisso social muito mais ativo: trabalhava com imigrantes e idosos, participava em programas de alfabetização de adultos. Enfim, uma coisa muito digna, apesar de conviver com um agnóstico empedernido como eu era nessa altura. O caso é que também ela se sentiu, pouco a pouco,

cativada pelas velhas missões franciscanas e, quando se deu o acidente, como te disse no outro dia em Sonoma, voltavam precisamente de Berkeley, de procurar documentos relativos à que, ainda não sei se com muito ou pouco fundamento, eles chamavam a missão Olvido. Com a morte de ambos, essas investigações ficaram por concluir e o capítulo da missão não catalogada fechou-se, de repente, sem estar acabado.

– Mas...

– Espera, espera – murmurou. –, deixa-me continuar, creio que ainda tens de saber mais coisas. Fontana deixara quatro herdeiros em testamento. Metade das suas poupanças seria para Aurora, que acabaram, assim, por chegar às minhas mãos. Desse dinheiro, em que nunca toquei, saíram os cheques em teu nome todos os meses, e daí partem também as três primeiras letras do acrónimo FACMAC, Fundo Aurora Carranza.

– E os outros três herdeiros?

– A outra metade do dinheiro foi para Fanny Stern, na altura ainda criança. Sentia grande carinho por ela; a mãe, Darla, que conheceste naquela noite na praça, lembras-te?, era então a secretária do departamento. Ele mantinha uma amizade um tanto particular com ela.

– Já sabia, foi a própria Fanny que me contou – interrompi.

– Pois a ela, nominalmente, e às duas, para efeitos práticos, deixou-lhes também uma parte do dinheiro. Legou a casa à universidade, que a absorveu no que hoje são extensões do campus. Demoliram-na, poucos anos depois, e no seu terreno existe agora um laboratório, creio eu. E nomeou-me seu herdeiro

intelectual, digamos, e, como tal, acabei por receber a magnífica biblioteca que fora construindo ao longo de décadas. Mas os seus documentos, os seus papéis pessoais, as suas investigações... nunca acabaram em meu poder, e ficaram aqui, em Santa Cecília, arrumados num canto da cave do Guevara Hall sem ninguém lhes prestar a mínima atenção.

– Mas eras tu quem os devias ter reclamado. Constituíam o espólio do teu mentor e eras tu o seu beneficiário.

Encolheu os ombros num gesto de impotência.

– Eu sei. Legalmente, eram da minha responsabilidade. E moralmente, também.

– Mas nunca o fizeste.

– Nunca.

– Porque o seu conteúdo não te interessava.

– Provavelmente.

– E por mais nada?

Olhou-me com frieza. Áspero, apertando uma mão contra a outra, ponderando as palavras antes de as pronunciar.

Por fim, fui eu quem sugeriu a resposta que ele resistia em libertar.

– Ou talvez também houvesse um desejo da tua parte – disse eu, num tom inconscientemente baixo – de afastar para sempre Andrés Fontana da tua vida?

Assentiu com a cabeça. Devagar, primeiro; mais convincente, depois.

– Nunca fui capaz de lhe perdoar completamente – rematou, por fim, com voz profunda. – Durante o meu longo luto, naqueles meses, naqueles anos tremendos de pura desolação, chorei unicamente a Aurora. A ele, só o culpei. Não de a ter matado, foi um acidente, isso

esteve sempre claro. Mas, de certa maneira, acusava-o de a ter arrastado com ele, de a ter metido numa coisa estranha a ela. De a ter, em parte, separado de mim, da minha custódia, da minha proteção...

– E decidiste castigá-lo. Manter a sua memória sepultada durante trinta anos numa cave cheia de pó, sem que uma única mão humana se aproximasse dele. Desterraste-o para o esquecimento.

Desta vez, foi ele quem engoliu em seco antes de prosseguir.

– É um modo muito cru de o expor, mas talvez não deixes de ter razão. Renunciei voluntariamente à sua herança documental e, com isso, desinteressei-me também do homem que fora.

– Até que há alguns meses, na sequência do assunto de Los Pinitos, decidiste perdoar-lhe. Pensaste que o velho Fontana, com a sua paixão tardia por aqueles humildes franciscanos e aquela extravagante intuição sobre a existência de uma missão cujo rasto estava perdido, talvez não estivesse errado de todo. E optaste por agir.

Fez um esboço de sorriso sarcástico com um lado da boca. Apoiara-se nas costas do sofá. Tenso e cansado. Tenso, triste e cansado. Como eu.

– Sim e não. Quando soube, por Rebecca, da aberração urbanística que tinham projetado fazer, comecei a dar voltas ao assunto. Recordei os passeios que Aurora e ele costumavam dar por ali nas longas tardes daquela última primavera em que estiveram vivos. Voltou-me, então, à memória todo aquele esforço sem fruto, o trabalho que nunca terminaram porque a morte os levou pela frente: as suas suposições, as suas ilusões e, sobretudo, o seu potencial de realidade

presente. Fiz, então, algumas averiguações por minha conta e soube que, hoje em dia, Los Pinitos se mantêm sob a custódia da câmara, sem proprietário legítimo nem história documentada.

– E juntaste as pontas...

– Não me pareceu disparatada de todo a ideia de que, entre aqueles documentos esquecidos, talvez se pudesse encontrar alguma solução. Mas o mais importante de tudo foi que também pensei que chegara o momento de me reconciliar com o passado, de fazer as pazes, de uma vez por todas, com aquele homem que tanto significou na minha vida. De ressarcir o meu comportamento injusto e tentar prestar uma espécie de tributo, meio íntimo, meio público, à sua pessoa e ao seu trabalho.

– E foi assim que tudo começou.

– Foi assim que tudo começou, Blanca. Assim começou a minha reconciliação.

Capítulo 34

A noite avançava e continuávamos os dois ali, sentados em frente um do outro. Alumiados pela luz ténue de um candeeiro de canto, sem um copo de mau vinho ou qualquer música de fundo, ou um simples copo de água que nos ajudasse a atenuar a tristeza. Sem nenhum ruído que perturbasse a densidade do encontro, para além dos que, ocasionalmente, chegavam da rua, abafados pela janela fechada. Um automóvel para cima ou para baixo, de vez em quando, algum grupo de estudantes a caminho do 7-Eleven, e pouco mais.

A noite avançava e eu continuava com a tristeza colada à pele. Por mim, por ele, pelo seu passado, pelo meu, pelo presente dos dois. Pela maneira como tudo se estava a desmoronar como um torrão de areia apertado numa mão e largado depois por entre os dedos abertos.

Os seus sentimentos eram, sem dúvida, autênticos; de modo algum questionava a sua sinceridade. Mas não me bastava. Por cima daquelas palavras, por vezes, convincentes e por vezes desoladoras, impunha-se a amarga sensação de ter sido traída outra vez por alguém em quem confiara cegamente. Como se a história se voltasse a repetir.

Contemplando friamente, quase nada daquilo tinha

a ver com a ferida causada pela ruína do meu casamento. A deslealdade de Alberto fora um ciclone devastador que pusera o meu universo de pernas para o ar. A manobra de Daniel era, em comparação, uma simples tempestade de verão. Mas, mesmo assim, tal como a chuvada que cai inesperadamente no final de uma tarde de agosto, encharcara-me até aos ossos. Encharcara-me e intensificara o meu desgaste, aquela erosão emocional de que julgava estar já a recuperar, e que regressara de repente sem sequer ter tido tempo para abrir um guarda-chuva ou abrigar-me do temporal. Por muito que ele se esforçasse por alinhar um discurso lúcido e coerente a respeito da génese de toda aquela obscura trama, por muito que chegasse a convencer-me da sua honestidade, ainda perdurava, na minha mente, a amarga sensação de ter sido enganada.

– Então, uma vez que criaste o teu suposto fundo, ou fundação, ou como queiras chamar ao assunto, porque me seleccionaste a mim de entre todos os candidatos? – quis saber, num esforço para chegar ao fim.

– São os teus filhos, não é verdade? – perguntou, de repente, indicando uma fotografia encostada na estante.

Junto ao único ponto de luz que nos acompanhava, ao lado das minhas chaves, à publicidade de um restaurante chinês e à réplica do sino missionário que ele me oferecera. A fotografia que David e Pablo me enviaram na mesma encomenda que um par de luvas e um CD de Joaquín Sabina. *Happy aniversário, mãe, atrasado como sempre, somos uns desastres, desculpa-nos*, escreveram no cartão que lá meteram. Na imagem, as suas caras morenas num dia qualquer das últimas férias. O cabelo molhado à frente dos olhos, os risos depois de uma tarde de praia, a ligeira brisa da

despreocupação.

– Sim, são os meus filhos, mas isso agora não interessa.

Como se não me tivesse ouvido, aproximou-se da estante onde estava a fotografia.

– Parecem-se muito contigo – disse, com um sorriso. O primeiro razoavelmente genuíno que aflorava naquela noite a qualquer das nossas bocas.

– Importavas-te de a pôr no sítio dela?

Devolveu os meus filhos à estante e o seu corpo ao sofá.

– Nunca tiveste concorrência – reconheceu, recostando-se outra vez. – Foste a primeira a responder à minha chamada e soube imediatamente que eras tu quem eu queria aqui. Pareceu-me que cumprias de longe os requisitos que eu procurava. Sem mais.

Falava de novo com segurança, com naturalidade e de pernas cruzadas. Sem floreios nem falsas simpatias.

– Mas a minha experiência quase não se adaptava ao que aqui fazia falta – rebati. – Sabes perfeitamente que a minha área de trabalho é a Linguística Aplicada.

– Isso era secundário. O que eu procurava era um académico capaz de fazer o trabalho genérico, aplicando rigor e algumas técnicas metodológicas elementares. Alguém que falasse inglês e que tivesse experiência em movimentar-se em universidades estrangeiras. Além do mais, tinha pressa. Convinha começar quanto antes, o assunto de Los Pinitos avançava rapidamente.

– E porque te empenhaste em trazer alguém de Espanha? Porque não te limitaste a procurar candidatos no teu próprio país?

– Por puro, absurdo e patético sentimentalismo –

reconheceu. – Desde o princípio, intuí que um compatriota poderia envolver-se com Andrés Fontana de uma maneira muito mais afetiva. E, para sermos sinceros de todo, houve também outro critério que pesou, em grande medida, na minha decisão: a idade. Pressupunha que alguém com uma maturidade vital consolidada poderia abordar a reconstrução do espólio numa perspectiva mais correta.

Desencostou-se, então, do sofá e inclinou-se para a frente, apoiando outra vez os cotovelos nos joelhos, reduzindo de novo a distância entre os dois.

– Eu procurava um profissional e tu procuravas um novo sítio no mundo – disse, olhando-me fixamente. – Eu precisava de qualquer coisa, tu precisavas de qualquer coisa, e cruzámo-nos os dois no caminho. Graças ao nosso contrato, conseguiste o teu objetivo, que agora sei que era fugir o quanto antes do teu ambiente. E, eu, o meu, o processamento urgente do espólio do meu amigo. *Quid pro quo*, Blanca, nada mais.

Desviei o olhar do dele e fixei a janela. Através dela via um retângulo de noite escura.

– De qualquer maneira – acrescentou –, quero que saibas que não passou um único dia, desde que comecei a conhecer-te, em que não tenha pensado em contar-te tudo.

– Mas nunca o fizeste! – gritei, fazendo saltar pelos ares a ira que julgava ter dominada. – E isso é o pior, Daniel, o pior de tudo! Se estivesse tudo claro desde o princípio, provavelmente teríamos chegado ao mesmo sítio e ter-me-ias poupado uma enorme dor.

– Tens toda a razão. Toda, Blanca, absolutamente toda a razão – reconheceu, taxativo. – Deveria ter sido claro contigo desde o primeiro momento, mas isso só

agora o sei, antes não. Porque, com efeito, eu não contava que tu e eu viéssemos a ter algum tipo de relação; pensava que serias para mim uma espécie de empregada na sombra. No início, nem tinha sequer a intenção de ficar em Santa Cecília. Quando a Rebecca nos apresentou no Meli's Market, lembrás-te? Eu tinha vindo unicamente para te conhecer e verificar que o meu projeto, por fim, tinha arrancado, como esperava.

– E porque não te foste embora depois? Se tu e eu não nos tivéssemos conhecido naquele primeiro encontro, tudo teria sido mais fácil. Mais simples e menos sinuoso.

– Porque... porque às vezes as coisas tomam um rumo inesperado, porque... porque a vida é assim, Blanca, porque às vezes os planos alteram-se...

Levantou-se e percorreu a sala de uma ponta à outra. Fê-lo em quatro ou cinco passos, não havia espaço para mais. Depois, continuou de pé, pormenorizando as etapas do nosso trajeto em comum, do seu ponto de vista.

– Percebi, então, através de ti própria, que estavas a enveredar por um caminho que não era o que eu pensara que fosse: envolveste-te com Fontana e o seu mundo muito mais do que eu alguma vez pensara que fizesses. E comecei assim a ter consciência de que talvez tivesse calculado mal a envergadura da tarefa, da qual subvalorizara a complexidade do espólio e a tua atitude face a ele. Até que decidi não partir. Aluguei, então, um apartamento, trouxe da minha casa, em Santa Bárbara, o que necessitava para uma temporada e regressei. Para que me tivesses por perto quando precisasses. Não para te controlar nem para te manipular, mas, sim, para estar perto de ti e para te

acompanhar ao longo do caminho.

– Três meses de caminho é muito tempo. Três meses de caminho em que nunca me disseste uma palavra...

– Porque não pôde ser, porque houve sempre qualquer coisa que me travou – insistiu. – Zárate esteve sempre junto de ti: observava a proximidade crescente que mantinhas com ele, via-vos juntos pelo campus, na cafetaria. Tinha a certeza de que, se te dissesse alguma coisa inconveniente a respeito da tua bolsa, sentir-te-ias na obrigação de lhe dar a saber. Na obrigação institucional. E até na moral. Ou não?

– Possivelmente – reconheci, com pesar.

– Quer eu goste muito ou pouco dele, é o diretor do departamento, e enganá-lo significa, por extensão, enganar a universidade. E isso é uma coisa muito séria nas minhas circunstâncias.

A sua opinião ficou sem resposta, enquanto me levantava. Uma vez de pé, enfiei as mãos pelo cabelo e massajei o crânio com os dedos abertos, como se tentasse descongestionar o cérebro, arrancar as ideias turvas da cabeça ou sei lá o quê.

– E deverias ter pensado nisso antes, professor Carter – disse, dirigindo-me para a porta. – Muito antes. Agora é demasiado tarde para tudo. Até para continuares aqui.

Manteve-se inalterável, observando-me, como se quisesse transmitir-me qualquer coisa com o olhar claro e agudo. Mas chocou com a dureza da minha carapaça, aquela que eu mesma começava a fazer crescer, para me proteger, atrás dela, do resto do mundo.

– Há mais uma razão – acrescentou. – A última. A fundamental, talvez.

– Qual?

– Que te fui conhecendo. Que, quando me dei conta, já não fui capaz de desaparecer como se nada se tivesse passado. Estava demasiado implicado, demasiado perto de ti.

Invadiu-me uma fraqueza imensa. O que interessava já tudo?

– Vai-te de uma vez por todas, não vale a pena continuarmos a discutir sobre o que podia ter sido e nunca será. Volto para Madrid na semana que vem, já não há nada para fazer aqui. Quero ver os meus filhos e regressar à normalidade. Vai ser duro habituar-me de novo à minha antiga vida, mas nela, pelo menos, tenho as coordenadas claras e sei quem é quem.

Não disse nada. Eu continuei.

– Não terás de te preocupar com o meu trabalho – acrescentei, com a mão sobre a maçaneta. – Tudo o que havia na cave já está praticamente processado e organizado, só falta concluir algumas coisas. Pelo que falta, se é que realmente falta alguma coisa, não respondo, isso não constava no meu contrato. É uma pena que metade do teu projeto não tenha chegado a bom porto... Receio que seja já demasiado tarde para aparecer algum rasto da missão que procuravas. Tu e os teus amigos da plataforma contra Los Pinitos terão de engolir a construção do centro comercial ou o que lhes apetecer abrir ali. A verdade é que, nesta altura, o assunto já não me importa absolutamente nada: por mim, até podem lá pôr um cemitério nuclear. Mas, pelo menos, terás resgatado do esquecimento a alma do teu mestre, o que não é pouco. Depois de tantos anos de injusta represália, a tua consciência vai, enfim, poder descansar.

Abri a porta, convidando-o a sair. Quando já estava

no patamar, lembrei-me de uma coisa e voltei-me.

– Espera.

Tirei da estante a réplica do sino de ferro e entreguei-lha.

– Não quero voltar a vê-la. E creio que a ti também não.

Depois, bati com a porta.

– Outra vez só, Blanca – sussurrei para mim mesma, encostando as costas à porta. – Mais só que nunca, outra vez.

Capítulo 35

Uma dose de paracetamol, café e vontade fizeram com que o mundo se pusesse de novo em movimento na manhã seguinte. Depois de uma noite de sono agitado, sentei-me para tomar o pequeno-almoço ao amanhecer, e, entre as torradas e a manteiga, tracei o mapa do que julgava ser o fim do meu trajeto naquela terra estranha. Empreendi depois, como todos os dias, o caminho até ao trabalho. Desenganada e magoada, mas de novo pronta para o ataque.

Tentei não ver ninguém ao longo do dia. Nem sequer saí para almoçar para evitar cruzar-me com os colegas ou os estudantes que me pudessem surgir pelo caminho. Dediquei-me só a trabalhar, a isolar-me, por imersão, nos últimos documentos de Fontana, e a tentar estabelecer uma ordem difícil naqueles papéis desconexos com o que, para o bem ou para o mal, irremediavelmente acabaria o meu trabalho em Santa Cecília. Independentemente de quem concebera aquela tarefa, independentemente de o seu gestor ser uma instituição creditada ou um simples humano de passado turbulento e com dívidas afetivas por saldar, era da minha responsabilidade completá-la com eficácia e rigor. Fora assim que a aceitara no início. E assim haveria de ser.

No entanto, os meus esforços por me manter incomunicável não resultaram: algumas interrupções imprevisíveis deram cabo deles.

Contra qualquer previsão, o primeiro parêntesis foi proporcionado pela última pessoa que eu poderia imaginar a espoletar qualquer acontecimento razoavelmente notório no meu ambiente de trabalho: Fanny. Depois do meio-dia, apresentou-se no gabinete com uma sanduíche amorfa, envolvida em plástico amarrotado, e uma garrafa de sumo da cor de xarope para a tosse.

– Reparei que não foi almoçar, suponho que terá muito trabalho. Trago-lhe aqui qualquer coisa – anunciou. Ato contínuo, estendeu os braços, como que acionados por uma mola.

– Muito obrigada, Fanny – disse, aceitando a sua amabilidade. Bem-intencionada, sem dúvida alguma. Muito pouco apetecível, também.

Apesar da minha fingida cordialidade e da sua limitada perspicácia, deve ter notado qualquer coisa na minha cara que não lhe agradou.

– Sente-se bem, doutora Perea? Não está com boa cara.

– Estou perfeitamente, Fanny – menti. – Apenas um pouco mais ocupada do que o normal porque tenho de terminar isto urgentemente. Volto para casa em breve e tenho de deixar tudo organizado.

– Quando vai? – perguntou, então, acelerando o tom. Como se, na verdade, se importasse com a partida daquela visitante que durante uns meses ocupara o recanto mais triste do departamento.

– Na próxima sexta-feira.

Ficou a olhar para mim sem pestanejar, com a boca

meio aberta e os braços inertes de ambos os lados do corpo sem vigor. Até que, dando meia-volta, saiu para o corredor, falando consigo mesma.

Escondi a sanduíche no fundo da mala para que não suspeitasse de que não a cheguei a comer, e prossegui. Sem vontade, sem ânimo, mas consciente de que teria de ser.

Até que uns nós dos dedos bateram à porta aberta e, com eles, chegou a segunda interrupção. Levantei a cabeça de um dos textos finais sobre a secularização das missões e, apenas a uns passos, encontrei Luis Zárate.

Tentei que não se notasse muito o facto de ele ser a última pessoa no mundo que eu queria ver naquele momento; andava inclusivamente, há vários dias, a subir pela escada das traseiras em vez de usar o elevador para não ter de passar pela frente do gabinete dele. No princípio, foi pela suspeita e, mais tarde, pela certeza: não ter partilhado, primeiro, com ele as minhas dúvidas e, depois, as minhas provas sobre quem estava por trás da minha bolsa, não lhe ter participado uma coisa substancialmente tão ligada ao seu próprio departamento, apresentava-se, aos meus olhos, como uma indubitável deslealdade da minha parte. Mais ainda: tinha de pensar, ainda precisava de tempo para aclarar a minha cabeça em desordem e decidir o que fazer. Por isso, de momento, preferia evitá-lo. E, por isso, vê-lo à minha porta atrapalhou-me.

– O sábado foi assim tão mau que andas a fugir de mim?

Falava a brincar. Mesmo assim, hesitei antes de responder. *Não, não foi nada mau, antes pelo contrário, poderia ter dito. Foi uma saída muito agradável, um*

jantar delicioso, tu és um homem atraente, sinto-me bem a teu lado e entendemo-nos bem, poderiam ter sido essas as minhas palavras. Mas. Mas o quê?, poderia ter perguntado ele, então. Mas acendeste o rasilho. Que rasilho? O que acabou por fazer arder a pilha de estranhezas emaranhadas que, como um monte de ramos secos e quase sem eu dar por isso, se ia formando dentro de mim.

Nada disto saiu cá para fora, tal conversa só decorreu no meu cérebro. Nem Luis Zárate suspeitava de nada, nem eu, de momento, tinha intenção de lhe participar as minhas preocupações. De momento. Logo se veria.

– Ando atarefadíssima, como vês, com um monte de coisas para fazer – disse, indicando a mesa repleta com os últimos montes do espólio. Tentava parecer credível, amável, normal. Mas não o convenci.

– Na verdade, é só isso que se passa contigo?

Reparei que dava dois passos na direção da mesa e levantei-me imediatamente. Como defesa, como falsa proteção. Não suportava a ideia de me vir a desmoronar em cima dos meus papéis.

– Não dormi muito bem, talvez tenha comido qualquer coisa ao jantar que não me caiu bem.

– De certeza que não há nenhum problema? – insistiu, avançando um passo mais.

– De certeza, mas queria dizer-te que já falta muito pouco para terminar o meu trabalho e que, finalmente, decidi que vou passar o Natal com os meus filhos, pelo que...

– Pelo que te vais embora.

– Na semana que vem, na mesma altura que os estudantes. Ia procurar-te mais tarde para to

comunicar.

A péssima qualidade da minha mentira, evidentemente, não pegou. Deu um último passo. Na estreiteza do meu humilde gabinete, isso significava que já chegara junto de mim.

– O que se passa, Blanca? – murmurou, estendendo uma mão para mim.

Senti o calor dos seus dedos no meu pescoço, não respondi.

– Sabes que podes contar comigo.

Aproximara-se ainda mais, a sua voz baixa soou junto ao meu ouvido, senti o seu bafo. Permaneci calada. Demasiado perturbada, demasiado cansada, demasiado frágil. Os seus lábios ameaçaram pousar sobre os meus, virei um pouco a cara, não deixei. Mas também não me afastei.

– Para o que quiseses, conta comigo para o que quiseses – sussurrou-me de novo. Com os dedos ainda no meu pescoço. Com a voz outra vez no meu ouvido.

Poderia ter gritado com todas as forças, *sim, eu sei, ajuda-me. Tira-me deste atoleiro em que me meti sozinha, faz com me esqueça de tudo e de todos, abraça-me com força, tira-me daqui*. Mas não respondi. Talvez por um sentido de autoproteção, talvez para não complicar mais as coisas. Depois, lentamente, separei-me apenas dele.

Nesse preciso momento, entrou Fanny, como um furacão.

– Desculpe, doutor Zárate! Não sabia que estava aqui! – desculpou-se, atabalhoada.

– Entre, Fanny, entre – replicou ele, recuperando o tom frio de diretor. – Já acabei de falar com a doutora Perea, estava de saída. Insisto, Blanca – disse apenas,

como despedida. – Sabes onde estou.

– A minha mãe gostaria muito de a ver esta noite, doutora Perea – anunciou Fanny assim que Luis saiu. Sem me dar tempo para entender o que acabara de se passar entre nós. Sem me permitir um segundo para refletir. – Quando lhe contei que se vai embora em breve – prosseguiu num arrebatado –, disse-me que queria falar consigo, que pode ter uma coisa que talvez lhe interesse.

Terminar aquele dia triste com uma visita de cortesia à idosa Darla Stern afigurou-se-me, naquele momento, tão apetecível como um gole de aguarrás. Mas o certo era que Fanny me falava constantemente dela, que em mais de uma ocasião me dissera o quanto lhe agradaria que nos encontrássemos. E o certo era que eu tinha dado longas desculpas, confiando que esse encontro nunca acontecesse. Nada menos apetecível do que um frente a frente com uma extravagante octogenária que, muito provavelmente, não teria nada para me oferecer para além de uma conversa deslavada e talvez alguma empoeirada recordação de Fontana, que já não me interessava conhecer. Naquela altura, não me interessava entender o cariz da relação que haviam mantido no passado, nem se fora meramente profissional ou se alguma vez deram um passo adiante. Mas, por uma última deferência para com Fanny, agora, que estava em vias de empreender o caminho de volta à minha vida de sempre, senti-me obrigada a não recusar o convite.

– De acordo, Fanny. Diga-me onde vive e a que horas quer que vá.

A terceira surpresa, que traria uma nova reviravolta às minhas erróneas pressuposições, chegou apenas meia

hora mais tarde. Foi uma chamada para o pesado telefone do meu gabinete. Uma chamada que interrompeu de novo a quietude do trabalho e desmanchou bruscamente as peças do que estava previsto.

Daniel Carter. Outra vez.

Ao longo das horas de incerteza que ainda tivera de passar desde que, na noite anterior, saíra de minha casa até conseguir adormecer, tomara o firme propósito de o tirar por completo da minha vida, de evitar que se estabelecesse entre nós o mais simples contacto no pouco tempo que restava até à minha partida. Entendia as suas razões e a sua dor, as suas intenções, as suas decisões e até os seus passos ao agir. Entendia tudo isso. Quase, porque havia uma coisa para a qual continuava sem explicação: o seu silêncio. Decidira, por isso, manter-me afastada dele. Começar a esquecer que, uma vez, se atravessara na minha vida um colega americano, alto e barbudo, que falava a minha própria língua quase melhor do que eu; desligar-me da sombra de alguém com quem a proximidade e o afeto saltaram pelos ares como uma panela de pressão que explode, partindo os vidros, salpicando as paredes e sujando o teto da cozinha.

No entanto, o meu velho telefone datava de muitos anos antes de a tecnologia incorporar um pequeno ecrã para identificar a origem das chamadas. Por isso, não pude prever que era ele quem, do outro lado, estava agarrado ao auscultador. Provavelmente, por isso, decidira não me contactar através do telemóvel, prevendo que, se eu soubesse de quem se tratava, não atenderia.

Assim que reconheci a sua voz pensei desligar, sem

sequer o deixar falar; intuía que me telefonava para me reiterar as suas desculpas e continuar a vender-me justificações. Mas enganei-me. O propósito da chamada era muito diferente e não tinha qualquer relação com o vivido no dia anterior, mas apontava com precisão para o futuro imediato. A sua voz soou, à distância, séria e firme. Não autoritária, mas quase.

– Não desligues, por favor, Blanca. Ouve-me só um momento, isto é importante. Sei que Darla Stern quer falar contigo. Também me fez chegar uma mensagem, convoca-me para as oito. Tal como a ti, suponho. Diz que quer propor-nos, aos dois, uma coisa... Continuas aí?

– Sim.

– Bem, não penses em ir a casa dela sozinha. Espera por mim. Vou buscar-te ao teu apartamento e vamos juntos.

– Não é preciso, obrigada. Sei chegar lá por mim própria – repliquei, sem pedir explicações sobre a advertência.

Uma pausa de segundos e de novo as suas palavras.

– Como queiras. Mas não vás antes da hora, nem entres sem mim. Estarei à porta, à tua espera. Às oito em ponto.

O mapa que Fanny garatujara em metade de uma folha, com traços quase infantis, permitiu-me localizar a casa sem dificuldade. Do fim da rua, distingui uma silhueta escura sentada nos degraus do alpendre.

– Fanny não vai estar – anunciei friamente, em jeito de cumprimento. – Disse-me que passaria a tarde na igreja, mas que deixaria a porta aberta. Pelos vistos, a mãe caiu há pouco tempo e não consegue andar.

A reação de Daniel não chegou logo com a voz, mas sim com as mãos. Levantando-se e pondo-se à minha altura, agarrou-me pelos ombros com força e obrigou-me a olhá-lo nos olhos. Aqueles olhos que, sob a luz amarelada de um candeeiro, não transpiravam a cumplicidade, nem a ternura, nem a ironia de tantas outras vezes. Só sobriedade e firmeza. E talvez, também, um pouco de inquietação.

Depois, falou, sem me largar.

– Escuta-me bem, Blanca. Apesar de reafirmar tudo o que te disse ontem, tenho pensado muito sobre isso e compreendo perfeitamente a tua reação. Compreendo que te sintas defraudada, que desconfies de mim e tenhas decidido afastar-me da tua vida. Eu, no teu caso, reagiria da mesma maneira. Ou pior. Mas o que quero agora é adiantar-te uma coisa completamente diferente. Uma coisa muito mais imediata.

Não respondi. Não me mexi.

– Desconheço por completo o que vamos enfrentar ali dentro, mas pressinto que nada de bom. Sei como era antes a mulher com quem nos vamos encontrar agora e duvido muito que os anos a tenham feito mudar. Foi sempre uma perfeita filha da puta e imagino que continuará a sê-lo. Por isso, receio que isto não vá ser uma mera visita de cortesia. Talvez me engane, e oxalá que isso aconteça, mas pressinto que a única coisa que Darla quer é remexer a merda e fazer sangue, se se apresentar a ocasião. E, se for assim, sei de antemão que não vou ser capaz de me manter impassível.

– O que vamos ouvir esta noite talvez acabe por ir buscar o mais baixo que há em mim, o mais rasteiro – prosseguiu. – Mas não quero que interpretes

erradamente o que possa acontecer ali dentro. O facto de Darla e eu reatarmos velhos assuntos do passado não significa que tenha ficado estagnado neles. Já ontem te disse que há muito tempo que deixei de viver agarrado à nostalgia do perdido; tenho bem delimitadas as fronteiras entre o hoje e o ontem. Os meus mortos estão há muito tempo enterrados e, ainda que se me parta a alma por defender a sua memória, eu não estou com eles. Estou entre os vivos, aqui, agora, contigo. Entendes-me, Blanca? Entendes-me bem?

Esperou pela minha resposta sem desviar os olhos dos meus. Com as suas grandes mãos agarradas, com força, aos meus ombros e o olhar cravado em mim. Até que afirmei com um ligeiro movimento de cabeça. Um movimento irrefletido, instintivo, de que, ato contínuo, me arrependi. Deveria ter pedido mais esclarecimentos. Ou talvez devesse ter-me ido embora naquele preciso momento, ter fugido daquela obscura história que nada tinha a ver comigo.

Mas não me deu opção. Um firme apertão sobre os meus ossos transmitiu-me a sua confiança. E já não pude voltar atrás.

– Vamos lá. Quanto antes terminarmos, melhor.

Capítulo 36

Subiu, em duas passadas, os quatro degraus do alpendre, bateu com o punho e, sem esperar pela resposta, empurrou a porta. Eu segui-o; acedemos diretamente à sala. Escura, lúgubre, atulhada de móveis e trastes.

Surgiu do fundo uma voz áspera, abrindo caminho entre o denso cheiro a falta de arejamento e decadência.

– Ando há semanas a pensar em convidar-vos aos dois para jantar, mas a notícia de que a professora Perea está prestes a partir definitivamente apanhou-me de surpresa, espero que desculpem não ter tido tempo para preparativos.

Um candeeiro de luz mortiça iluminava a divisão. Em frente ao cadeirão da anciã, uma televisão acesa, sem volume, projetava os reflexos catódicos sobre os contornos próximos. Tal como a recordava, mantinha a espessa cabeleira pintada num tom de louro nórdico, incongruente com a sua idade. No rosto sulcado por mil rugas, como se estivesse preparada para uma grande festa, ressaltavam de novo uns lábios pintados de vermelho intenso. A vestimenta, outro velho fato de treino de cor imprecisa, indicava, em contrapartida, que os seus planos não previam ir a lado nenhum.

– Mas, se tiverem fome, sirvam-se vocês mesmos, deve haver alguma perna de frango no frigorífico, que tenha sobrado de outro dia, e creio que também há meia embalagem de pão e um pouco de salada de couve da semana passada.

Só de pensar em comer aquilo provocou-me náuseas, mas Daniel foi mais educado do que eu.

– Estamos bem assim, obrigado, Darla.

– Sentem-se, pelo menos, ponham-se à vontade. Como se estivessem na vossa casa.

– Viemos com um pouco de pressa, sabe? – mentiu de novo, sem se mexer. – Assim, é melhor dizer-nos quanto antes para que nos chamou cá e, depois, deixamo-la a ver televisão, descansada.

A idosa deu um estalo com a língua.

– Ai, Carter, Carter, tu e as tuas pressas... Parece que te estou a ver outra vez... Tanto ias à procura da tua sala como a uma daquelas assembleias políticas ou reclamar qualquer coisa ao decano, sempre a correr como um louco.

Ele permaneceu inalterável, e ela repetiu o estalar de língua.

– Foram bons tempos, heim, rapaz? Tempos muito bons...

Nem uma palavra por resposta.

– Enfim – acrescentou, face ao férreo silêncio dele –, já estou a ver que não tens grande interesse em saltitar na nostalgia. É uma pena, se queres que te diga a verdade, porque tu e eu poderíamos passar uma noite formidável a recordar algumas partes. Lembras-te de quando...?

– A doutora Perea e eu gostaríamos de saber, de uma vez por todas, por que razão nos mandou chamar.

O seu tom começava a libertar-se da capa de falsa delicadeza com que começara a conversa. Ela suspirou, então, com uma atitude teatral.

– Bom, se estás empenhado em não desperdiçarmos o teu valioso tempo numa conversa entre velhos amigos, passemos, então, ao importante.

– E o que é o importante, pode saber-se?

– Os negócios, meu amigo. No final do dia, por muito intelectuais ou muito espirituais que pretendamos ser, acabamos sempre enleados com assuntos de dinheiro.

– Não me diga... – replicou Daniel, com evidente desinteresse.

– Negócios, dinheiro: eu vendo, tu compras. Se é que estão interessados no que vos quero oferecer, claro.

– Duvido, mas ponha-nos ao corrente, pelo sim, pelo não.

– Deixa-me primeiro cumprimentar a nossa convidada... Como está, professora Perea?

– Bem, obrigada – respondi com aspereza.

Não gostava do tom em que aquela conversa se estava a desenrolar. Não gostava de Darla Stern, não gostava da maneira como ela se dirigia a Daniel, e muito menos gostava da forma que, já previa, ela me iria tratar também a mim. Olhou-me, então, atentamente, semicerrando os olhos para ajustar a vista, enquanto inclinava a cabeça para um lado.

– São mais ou menos da mesma altura, não são? E igualmente magras, as duas, mas esta parece um pouco mais séria, não é verdade, Carter? A outra ria-se mais, era mais, mais... e a cor do cabelo também não...

– Pare, Darla – ordenou, taxativo.

– Desculpa, querido, era uma mera observação –

replicou, sem se amedrontar. – Bem, vamos então ao que interessa. Segundo entendi, a professora Perea tem estado a revolver os papéis do nosso chorado Andrés Fontana.

Antes que eu pudesse responder, Daniel falou por mim.

– A doutora Perea, como já lhe dissemos na devida altura, tem estado simplesmente a trabalhar para a universidade na classificação do seu espólio.

– Permitam que me ria um pouco, por favor? A universidade está-se nas tintas para o espólio do Fontana, as coisas dele estão há décadas a conviver com as ratazanas. Até que, de repente, surpresa, uma espanholita vem meter o nariz nelas. E, precisamente nessa altura, o ilustre professor aparece de novo por aqui, a passear-se pelo campus como nos velhos tempos.

– Como está a ver – disse Daniel sem se esforçar por dissimular o cinismo. – Acasos da vida.

Permanecíamos de pé no meio da sala; o ambiente era cada vez mais denso, mais surrealista, com os clarões do resplendor da televisão distorcidos pelos movimentos mudos das imagens.

– Não te armes em esperto comigo, Carter. Contaram-me que acabaste convertido numa autêntica celebridade académica, mas eu conheço-te há mais anos do que tu e eu gostaríamos que tivessem passado. E esta história cheira-me mal. Cheira-me pessimamente. Desapareceste por completo depois do acidente, nem sequer ficaste para chorar os mortos. Andaste perdido, muito perdido. E, agora, de repente, aqui estás outra vez, sabe-se lá com que intenções. Mas a mim não me enganas. É possível que eu nunca tenha sido tão erudita

como todos vós, mas continuo a saber somar dois mais dois.

– Ninguém duvida.

– Por isso, mesmo sem saber em concreto do que andam à procura, creio que tenho uma coisa que talvez vos possa interessar. Uma coisa de que esta – disse, indicando-me com um depreciativo movimento do queixo – deu pela falta há semanas, disse-me a Fanny. Foi instruída desde pequena a contar-me tudo o que a sua mente registar, há anos que é a minha janela para o mundo. Contou-me que precisava de encontrar uns papéis, que não aparecem. E suponho que vos conviria encontrá-los quanto antes se, como parece, se vai embora em breve...

– Não ficaria com nada dele que não lhe pertencesse a si, não é verdade?

Notava-se na voz de Daniel uma mistura de estupefação e incredulidade. A velha respondeu célere, com uma agilidade imprópria da sua frágil figura.

– Com tudo o que me deu na gana, para isso enterrei-o eu! Porque tu, o seu amigo do peito, o seu afilhado, nem sequer foste ao funeral.

– Tinha outras coisas a fazer, infelizmente – esclareceu com amarga ironia. – Enterrar a minha própria mulher, por exemplo.

– E depois, quantas vezes voltaste a visitar a campa do teu mestre? Quantas vezes te preocupaste em pôr em ordem tudo o que deixou para trás?

– Nunca visito sepulturas, nem a de Fontana, nem a da minha mulher, nem a de ninguém. Eles estão na minha memória e no meu coração, estou-me nas tintas para o que fica nos cemitérios – disse, exasperado. – E agora vamos deixar de perder tempo, se não se importa.

Diga-nos, de uma vez por todas, o que tem e que julga poder interessar-nos.

Respondera à primeira pergunta, à que tinha a ver com a ausência de visitas à campa de Fontana. À segunda, ao seu desinteresse pelo espólio, fez orelhas moucas. Por sorte, ela deixou passar.

– Um monte de caixas cheias de documentos mais velhos que o diabo, é isso que tenho. Os últimos com que ele trabalhou em vida. Na tua obsessão por fugir de tudo o aqui aconteceu, talvez se te tenha esfumado da mente que, nas semanas anteriores ao acidente, o Guevara Hall esteve em obras e não havia maneira de fazer nada ali com normalidade – continuou. – Por essa razão, levou para casa todos aqueles papéis, para poder dedicar-se a estudá-los lá, eu própria o ajudei a levá-los. Ainda me lembro como pesavam o diabo das caixas, até parti duas unhas a puxar por elas. Nunca fiz ideia do que continham, não entendo a vossa maldita língua e os assuntos académicos nunca me interessaram. Mas ele andou uma boa temporada absorto naquele lixo, teve aquilo tudo espalhado por todo o lado, até ao fim.

Daniel entreabriu a boca, mas não conseguiu dizer nada. Desconcertado pelo que ouvira, estupefacto. Culpando-se pela desmemória, incapaz de transpor para palavras a sua reacção.

– Onde estão agora? – perguntei, sem conseguir conter-me.

A velha soltou uma gargalhada azeda.

– Julgam que estou gagá, pensam que vos vou dizer assim sem mais nada?

– O que quer em troca? – atalhou Daniel, voltando à realidade.

– Já te disse que dinheiro, querido, já te disse, o que havia de querer? Sou uma pobre velha desamparada que vive numa porcaria de casa. Garantam-me um futuro melhor e terão os documentos para fazerem com eles o que vos der na gana; por mim, até podem limpar o cu com eles.

Supus que ele fosse parar de imediato com aquela chantagem, não pensei que fosse ceder a uma coação tão abjeta: haveria certamente outra maneira de ficar com o resto do espólio por uma via mais ortodoxa e menos ruim. Mas, como em tantas outras coisas nos últimos tempos, enganei-me. Demorou apenas uns segundos a entrar em cheio na negociação. E, para minha surpresa, arrastando-me a mim.

– Antes teremos de verificar se são os documentos que interessam à doutora Perea.

– Parece-me muito bem: poderão vê-los, falem tudo o que têm a falar entre vocês e pensem, depois, se o acordo vos convém ou não. A única coisa que sei é que só penso dar-vos uma oportunidade. Amanhã, às dez da manhã, estará aqui um advogado, têm quinze minutos para avaliar o conteúdo das caixas. Se, no fim, decidirem que vos interessam, levam-nas. Se não, encarregar-me-ei de que todos esses papéis sejam destruídos, à tarde, não se dê o caso de os vossos sofisticados intelectos se lembrarem de que talvez possam enganar esta pobre velha e conseguir todo este material de qualquer outra maneira. O preço, claro, não será demasiado elevado, qualquer coisa simbólica.

– Tão simbólica como o quê?

– O preço de um apartamento de dois quartos, num complexo residencial para pessoas com necessidades especiais.

Saiu-lhe, da garganta, uma gargalhada. Rouca e amarga. Cortante.

– Perdeu a cabeça, mulher.

– Na verdade, estou a ser mais que generosa contigo, Carter. Se, desde o princípio, me tivesses dado o que me pertencia, sem dúvida que teria saído a ganhar muito mais.

– Não sei do que está a falar.

A idosa tardou a responder. Pela primeira vez desde a nossa chegada, parecia estar a ponderar as palavras para acertar no alvo, sem possibilidade de errar.

– Tu ficaste com o dinheiro de Fontana que deveria ter sido para nós – disse, por fim, com forçada lentidão.
– O que ele pôs em nome da tua mulher, no testamento, quando ela o enrolou.

– Cuidado com o que diz, Darla. Cuidado – advertiu Daniel, erguendo um dedo ameaçador.

– Sei perfeitamente do que estou a falar. A tua mulher seduziu o Fontana. E ele acabou por lhe deixar o dinheiro, esse que, afinal, iria parar às tuas mãos. O que corresponderia à minha filha e a mim, se vocês não tivessem aparecido por aqui e se ele não se tivesse apaixonado por ela como um perfeito imbecil.

Fiquei com a pele arrepiada só de a ouvir. Daniel respondeu, quase sem mover os lábios.

– Não sabe do que está a falar...

– Sei perfeitamente o que digo. Perfeitamente. Andrés Fontana estava louco pela tua mulher e ela dava-lhe corda. Andava sempre de roda dele, com o seu cabelo comprido, com o seu permanente sorriso. Cada vez que ela aparecia pelo departamento, ele perdia o norte. Tu dedicavas-lhe apenas alguns minutos: davas-lhe um beijinho, dizias-lhe uma piada e seguias a tua

vida. Então, ela ia vê-lo e ele comia-a com os olhos. De repente, tornava-se outro, meigo como um cordeiro. Durante todos os anos que o conheci, nunca o ouvi rir tanto como quando estava com ela. Adorava-a, Carter, e tu nem sequer te apercebias.

– Está só a tentar provocar-te, Daniel – disse-lhe eu, em voz baixa. – Vamo-nos daqui. Não a deixes continuar.

– Vês? O mesmo que esta faz contigo para te embasbacar, usar o maldito espanhol. Porque esta tua amiguinha, tal como a outra, também tem um marido em qualquer lado, não é?

Preferi não responder. Ele, em contrapartida, não se conteve.

– E o que é que tem a ver com isso? Deixe-a em paz! – bradou. Com um movimento impulsivo, talvez para me proteger, talvez para se proteger a ele, agarrou-me uma mão com força. – Isto é entre você e eu, Darla, que nem lhe passe pela cabeça atacá-la, ouviu?

– Afinal, a história repete-se sempre: os humanos são assim, burros e parvos – continuou sem se perturbar. – A mulher jovem e esperta seduz o homem maduro, e o homem maduro, que se julgava ainda mais esperto, acaba por cair como um colegial. Não sei se terás alguém à espera, na tua casa de Santa Bárbara ou onde quer que vivas, enquanto andas a pavonear-te por aqui com esta, mas o Fontana tinha alguém quando a tua mulher o embebeçou. Tinha-me a mim.

Agora, foi uma gargalhada rouca de Daniel que lhe cortou a palavra.

– O Fontana não tinha nada consigo. Era apenas uma boa pessoa que tinha pena de si e da sua filha.

– Ele era meu até vocês chegarem! – guinchou a

idosa, levantando, colérica, as costas do cadeirão. – Cuidava de mim e de Fanny, tomava conta de nós desde que o bêbado inútil do meu marido nos deixou. Mas tiveram de aparecer por aqui vocês, os fabulosos Carter, para estragar tudo. E, então, a tua mulher fascinou-o, ele caiu nas suas redes e pôs-nos de lado.

– Ele estava farto de si, Darla – replicou Daniel. Tentava arranjar paciência, a muito custo o conseguia. – Farto dos seus caprichos e das suas exigências, do seu comportamento impertinente com ele e com todos nós. Não sei o que houve entre vós, antes de a minha mulher e eu nos mudarmos para Santa Cecília, ele preferiu não o comentar. Talvez tivessem vivido uma aventura, pode ser. Do que tenho a certeza é de que, quando cá chegámos, nada restava desse afeto que um dia possa ter sentido por si. Absolutamente nada. Fomos uma libertação para ele, um sopro de ar fresco. Graças a Aurora e a mim, ele conseguiu distanciar-se ainda mais de si.

– E sabes o que mais? – prosseguiu, ignorando as palavras dele. – Que tudo o que se passou foi por tua culpa. Deverias tê-la vigiado mais, deverias andar com os olhos em cima dela. Era da tua responsabilidade: afastaste-a do seu país, separaste-a da sua família e do seu mundo. Arrastaste-a contigo para uma terra estranha, mas não foste capaz de a proteger o suficiente. Melhor: se tivesses estado mais atento, tudo aquilo por que tanto chorámos depois, nunca teria acontecido.

Vieram-me à memória as palavras da noite anterior, no meu apartamento. As suas próprias reflexões a esse respeito, a longa culpa que descarregou durante tantos anos sobre Fontana.

– Que merda sabes tu da minha vida com a minha mulher?! – gritou, cheio de raiva.

De imediato, ainda com a minha mão na dele, deu um pontapé numa cadeira que fez saltar pelos ares uma quantidade de trastes inúteis, que acabaram por se despedaçar contra a parede. O chão ficou coberto de porcelanas decapitadas, cacos de cerâmica e bocados de souvenirs. Sem ligar aos estragos, a anciã continuou, impassível.

– Eu via-os, observava-os, dava conta de tudo. Ela passava o tempo por lá, entrando e saindo, à sua vontade. E tu, entretanto, no teu gabinete, matraqueando todo o dia naquela máquina de escrever que ecoava por todo o piso de Guevara Hall. Ainda parece que te estou a ouvir a martelar nas teclas, clac, clac, clac, clac. Depois, aquelas pancadas que davas com o carroto, como um animal, trás, trás. E toca a martelar nas teclas outra vez... Por amor de Deus, que suplício! Mas tu vivias alheio a tudo! Primeiro, estavam as tuas aspirações profissionais. Querias sair daqui, lembrás-te? Isto estava a ficar pequeno, querias ir para Berkeley, fazer carreira numa grande universidade.

– Pare, Darla... – insistiu, tentando recuperar a calma. A sua resistência, no entanto, parecia à beira de se esgotar.

– Eras o professor mais popular da universidade, o mais autêntico, o mais divertido, o mais bonito – prosseguiu ela, imparável, como uma retroescavadora. – E quando não estavas encerrado no gabinete ou a dar as tuas aulas, sempre cheias, ou a convidar os alunos para festas, até às tantas, na vossa casa, dedicavas-te a sublevá-los pelo campus com as tuas arengas contra a guerra do Vietname, com as tuas lérias contra o

sistema. Esqueceste-te disso, também? Tiveram de te chamar a atenção; por várias vezes, levantaram-te um processo disciplinar.

– Acabe já com isso, Darla, por favor... – voltou a insistir.

– O Fontana e a tua mulher morreram juntos pelo teu egoísmo, porque não quiseste saber do que havia entre eles, por permaneceres absorvido no teu próprio universo. Deverias ter estado mais atento e não consentir que convivessem tão intimamente. Deverias tê-los separado. Se o tivesses feito, nem a tua mulher nem o meu homem teriam chegado àquele penoso desenlace.

Voltou a pairar o silêncio naquela lúgubre sala. Notei como o Daniel se preparava para responder, como processava a informação, ordenava os pensamentos e escolhia as palavras. Tive então consciência de que estavam a ir longe de mais. Darla estava a arrastá-lo para o abismo e ele seguia-a, no seu jogo macabro.

Soltei-me da mão dele e agarrei-o pelo braço.

– Vamo-nos embora – ordenei, puxando por ele. – Agora mesmo.

– Um minuto, Blanca, só um minuto e acabou-se.

Ato contínuo, mudando de tom e de língua, virou-se outra vez para a idosa.

– Passou demasiado tempo e já não há volta atrás, Darla. Nada do que me conte hoje vai fazer com que os ausentes regressem para o meu lado. Os seus desvarios, sejam certos ou não, em nada vão alterar a enormidade de tudo o que na altura sofri, mas aquilo foi o ontem e eu já estou fora desse tempo terrível. Por isso, por favor, vamos terminar de uma vez com este encontro.

– Encarrega-te de fazer chegar até mim o dinheiro para um apartamento para gente como eu, e terá tudo chegado ao fim.

– Para gente como você? Tão decrepita ou tão miserável?

– Ora, ora – disse, fingindo um risinho de cinismo –, vejo que ainda manténs o teu raciocínio vivo, professor. Deduzo que todo aquele lixo que meteste no corpo não o corroe de todo. O grande académico contou-te ao que se dedicou quando fugiu de Santa Cecília, Perea? Contou-te que perdeu o lugar na universidade? Eu só conheço parte da história, mas creio que é muito interessante. Conta-lhe, Carter, conta-lhe, enquanto fodes a tua nova cadela espanhola esta noite, se é que isso ainda se levanta.

– Agora, sim, Blanca, vamo-nos embora – disse, por fim, sem responder à obscenidade. – E desculpa este espetáculo tão miserável, não passa de uma velha patética que anda, há trinta anos, a acumular rancor.

– Ai, ai, ai, não sejas mau para mim, querido – disse, com aparente docilidade a transbordar de hipocrisia. – Amanhã, às dez. Não se esqueçam.

– Pensaremos nisso. E agora, se nos permite, vamo-nos. Já ouvimos bastantes asneiras esta noite.

Deixando a velha despeitada no cadeirão, dirigimo-nos para a porta. A muito custo, consegui conter o meu alívio, a minha vontade de gritar, de respirar o ar da noite, de sair outra vez para o mundo real.

Prestes a abirmos a porta, no entanto, a voz dela deteve-nos.

– Carter!

Mais um grasnido do que um grito. Um guincho áspero que nos gelou os ouvidos aos dois.

Ambos virámos a cabeça e, num clarão súbito, tomei de repente consciência de que me enganara no meu presságio do fim. Ainda faltavam os petardos finais daquela lúgubre festa.

Continuava sumida, com o batom já fora do contorno e aquele cabelo de boneca barata espalhado pelas costas do cadeirão, preparando-se para disparar a última carga da sua munição devastadora.

– Provavelmente, nada disto teria acontecido se fosses capaz de dar à tua mulher uma coisa que ela andava a pedir aos gritos.

Uma pausa horripilante precedeu o torpedo.

– Um filho, por exemplo.

Capítulo 37

Darla Stern soltou uma última gargalhada. Uma gargalhada pungente, espantosa. Olhei automaticamente para a cara de Daniel e percebi como semicerrava os olhos e inspirava ansiosamente pelo nariz. Previ a sua reação e agarrei-o com força, mas libertou-se de mim, deu um passo para a frente e começou a levantar um punho fechado. Ia para ela, às cegas. Reagi, veloz, soube de imediato que tinha de o levar dali fosse como fosse. Afastá-lo de Darla, daquele corpo pequeno carregado de anos, ossos e artroses. Se o deixasse aproximar-se, esmagá-la-ia.

Com dois passos, pus-me à frente dele. Apoiei as mãos contra o seu peito, travando-lhe o avanço com um muro de contenção. Ele, entretanto, continuava a gritar como um possesso, desfigurado. O punho ameaçador ainda no ar, o cabelo na cara, lançando furiosamente os insultos mais aberrantes numa torrente sem fim. Falei-lhe, então, com um impulso de autoridade que não sei onde fui buscar.

– Acabou-se. É uma perturbada e uma provocadora. Não vás no jogo dela, não te deixes arrastar.

A muito custo, consegui mantê-lo razoavelmente imobilizado durante uns instantes que me pareceram eternos, até que, por fim, senti um certo abrandamento

da tensão do seu corpo. Voltei, então, a agarrá-lo pelo braço e puxei por ele com toda a minha energia até o arrastar para fora daquele cenário grotesco.

Não lhe perguntei se viera de carro ou não, apenas, por pura inércia, começámos a andar. Calados e abatidos, ambos oprimidos pela atrocidade do encontro.

Chovera, não havia viva alma pelas ruas, ouviam-se os nossos passos sobre o chão molhado. Caminhámos sem rumo durante um bom bocado, enquanto me assaltavam mil perguntas, mil dúvidas. Mas preferi não falar e nem tentei que ele o fizesse. Até que, em determinado momento da nossa caminhada, se deteve e olhou para mim.

– Aurora estava grávida. Já abortara por duas vezes, era a nossa terceira esperança, a mais avançada de todas as gestações. Tinha problemas para chegar ao fim da gravidez. O seu desejo de ser mãe era imenso mas, contudo, aguentava a adversidade com admirável integridade. Era uma mulher magnífica, uma grande pessoa.

Não disse mais nada e eu assenti simplesmente com a cabeça, sem saber o que pensar. Retomámos o andamento, caminhando outra vez em silêncio ao longo das ruas e praças desertas. Já estava tudo fechado, restaurantes, lojas, cafés. À exceção de um automóvel de quando em quando, éramos os únicos a deambular por aquela zona.

– Tu também suspeitaste disso alguma vez, não é verdade?

Eu própria me surpreendi ao ouvir a minha pergunta no meio da noite. Surpreendeu-me a minha ousadia, a minha invasão insolente à sua privacidade.

Mas o meu subconsciente sabia que eu tinha necessidade de saber. E ele compreendeu.

– Alguma vez, não. Pensei nisso centenas de vezes, Blanca. Milhares de vezes.

Deixou passar uns momentos, engoliu em seco, com esforço, notei o barulho da garganta. Depois, continuou:

– Passei três anos fora do mundo, ausente, perdido, sem contacto com a realidade. Três anos dão para fazer algumas loucuras e também para pensar muito.

– E a que conclusão chegaste?

– Que ele se apaixonou por Aurora, em segredo – disse, com voz velada. – E que ela nunca chegou a saber.

Voltou a emudecer, voltou a meditar. Depois, continuou:

– Ele já estava de pé atrás, desiludido, depois de relações sentimentais sinuosas que acabaram por nunca resultar, passando os anos e disposto a dedicar os seus dias a terminar a carreira e a vida sem sobressaltos.

– E, então, apareceste tu com ela...

– Então, apareceu ela com a sua luz. Com a sua alegria de viver e a sua ternura, com a alma da velha pátria onde ele nunca voltou. E ele, que, apesar do corpo de touro, era um homem de coração frágil como todos, afinal, somos, quando julgava estar já no caminho de volta, simplesmente, apaixonou-se.

Notei um levíssimo requebro na sua voz e preferi não continuar a fazer perguntas, não precisava de saber mais. As peças já estavam todas no devido lugar. No entanto, completar o puzzle não fora gratuito. Não foi para mim e muito menos para ele. A dor percebia-se-lhe no rosto contraído, na tensão do corpo próximo do

meu, no silêncio que não voltou a quebrar.

Os passos levaram-nos ao apartamento dele, talvez eu mesma, instintivamente, os dirigisse para lá. Acompanhei-o até lá dentro. Sem sequer acender a luz, despiu o casaco, deixou-o cair no chão e deixou-se cair sobre um cadeirão.

De luzes apagadas, dirigi-me à cozinha. Foi fácil, quase não havia móveis nem obstáculos a contornar; tal como o meu apartamento, tratava-se de um local de passagem, sem marcas nem sinais das almas que, acidentalmente, ano após ano, passavam por ali. Procurei, então, nos armários meio vazios, iluminada apenas pelo reflexo amarelado de um candeeiro da rua através da janela. Encontrei meia dúzia de copos desemparelhados e uns poucos pratos de sopa, e encontrei uma garrafa de Four Roses pela metade. Enchi dois generosos copos, entreguei-lhe um. Não me agradeceu, nem sequer me olhou. Apenas o agarrou e bebeu um longo gole. Fiz o mesmo: as nossas mentes castigadas necessitavam de um pouco de ajuda para digerir o sinistro de toda a situação. Para aplacar a aspereza da desolação depois da batalha.

Não trocámos palavra até que, ao fim de um bom bocado, me levantei. Continuava sentado, absorto na escuridão. De pernas afastadas e as mãos juntas, sustentando o copo vazio. Retirei-lho de entre os dedos e pu-lo em cima da mesa. Sentei-me no braço do cadeirão, passei-lhe a mão pelo cabelo e pelo rosto, pela barba clara, pelo semblante ainda contraído.

– Vou para casa.

Antes de chegar à porta, chamou-me.

– Não te vás embora. Fica comigo esta noite.

Voltei para o seu lado, sem uma palavra, e acocorei-

me junto dele para lhe fazer companhia, enquanto cada um ajustava contas com os seus próprios demónios. Ao fim de um certo tempo, sem iluminação e sem desviar os olhos da parede, começou a falar.

– Nunca consegui encontrar uma resposta coerente que justifique o meu comportamento durante aqueles anos. Não se tratou de um ato de rebeldia ou cobardia, ou uma simples reação animal perante o desespero e a dor, mas, depois do acidente, não fui capaz de suportar a ideia de continuar sozinho em Santa Cecília e optei por me ir embora, sem sequer acabar o ano letivo, sem dizer nada a ninguém e sem fazer a mínima ideia de onde iria acabar. Por fim, depois de andar aos tombos pela costa mexicana do Pacífico, acabei por ficar quase três anos numa povoação de pescadores perto de Zihuatanejo. Três anos em que não fiz absolutamente mais nada do que atormentar o corpo e a alma: não li um único livro, não abri um único jornal, não escrevi uma única linha. Dediquei-me apenas a meter no corpo toda a merda que conseguia encontrar e a isolar-me na minha agonia; pele e osso, vestido como um mendigo e quase sem falar com ninguém. Olhar o oceano e consumir porcarias... a minha ocupação foi essa.

– Até que Paul Cullen foi à tua procura – avancei, recordando a nossa conversa no dia em que conheci o ex-marido de Rebecca. – Por isso, me disseste na noite de *Thanksgiving* que ele fora testemunha do teu próprio inferno.

Sorriu na penumbra, com uma careta azeda.

– Deve ter ficado, por sorte, algum fugaz resto de lucidez na minha pobre cabeça porque, ao fim de um certo período, dei sinais de vida e telefonei aos Cullen. Então, Paul, ao ver o meu estado, ficou comigo durante

algum tempo. Cortou-me o cabelo e as unhas, barbeou-me e obrigou-me a comer, como a uma criança. Curou-me as feridas e as picadas que tinha pelo corpo todo e abraçou-me, como fazia aos filhos pequenos quando tinham febre ou eram atormentados por pesadelos durante a noite.

– Mas não conseguiu fazer-te regressar...

– Ainda não estava preparado e ele percebeu; teve ainda de passar algum tempo até que o meu patético luto chegasse ao fim. Ignoro por que razão decidi recorrer àquela via morta – acrescentou, encolhendo os ombros –, juro que não faço a mínima ideia. A única certeza é que consegui sair. Por Aurora e por mim próprio: pela sua memória e pela minha sensatez e dignidade. Quando fui capaz de recuperar a lucidez necessária para poder analisar o que fizera de mim, deparei que, aos trinta e sete anos, não passava de um ex-toxicodependente sozinho como um cão sarnento, mais pobre que um rato e sem qualquer perspetiva laboral. Contudo, aprendi de novo a existir, de frente, de cabeça levantada. Disposto a recomeçar a luta para voltar a ser feliz, mas, talvez, sem estar de todo preparado para que alguém abrisse, de repente, aos pontapés, essa porta que eu julgava fechada havia tanto tempo.

A primeira luz do sol inundava o apartamento quando acordei. Tardei apenas uns segundos a orientar-me e recordar, num lampejo, a noite anterior. Eu continuava estendida no sofá, mas o espaço que ele ocupara estava vazio. Ao fundo, por trás de uma porta fechada, ouvia-se a água a cair de um duche aberto. No chão, uns sapatos de desporto que não estavam ali

antes, vestígios de uma corrida matinal, deduzi. Não soube se ele conseguira descansar por um bocado, imaginei que não.

Quando me pus de pé, senti a cabeça como chumbo. Tinha a boca pastosa, as articulações rígidas e uma inclemente ameaça de torcicolo. Descalça e sonolenta, preparei uma cafeteira. Os copos estavam no lava-louças, a garrafa de bourbon no caixote do lixo, vazia.

Apareceu poucos minutos depois. De cabelo molhado, roupa lavada e olhos vítreos, aproximou-se da zona aberta da cozinha, enquanto dobrava as mangas de uma camisa preta. Preta como o seu ânimo, como a sua alma. Não dissemos nada, estendi-lhe simplesmente um café. Aproximou as duas mãos para a minha. Agarrou a chávena com a esquerda, retirou-a dos meus dedos e colocou-a sobre a bancada. Com a direita, atraiu-me a si.

– Vem cá. – Abraçou-me. – Obrigado por não teres ido embora, foi uma noite muito longa. Muito longa e muito triste, uma noite de *facas afiadas*. Nunca pensei que os fantasmas pudessem voltar com tanta força.

Apoiei a cara no seu peito e fechei os olhos, ainda estava meio adormecida. Soltámo-nos, depois de um bocado eterno.

Capítulo 38

Ao meio-dia, estávamos, pela segunda vez, de volta ao apartamento de Daniel, retirando da mala do carro os últimos montes de material.

– Vais mesmo ser capaz de lhe dar o dinheiro de um apartamento em troca de umas caixas de papéis, que nem sequer sabes o que contêm? – perguntei, incrédula.

– Prefiro correr esse risco a que ela acabe por os queimar ou destruir numa trituradora. Além disso, é o próprio dinheiro do Fontana que o vai pagar, não toquei na herança que decidiu legar a Aurora, sem suspeitar que ambos morreriam juntos. Nunca lhe toquei, exceto para pagar o teu trabalho destes meses, como te disse. Mas há muito mais: no princípio, foram as suas economias e um seguro nada de desprezar; com o tempo, tudo isso foi rendendo até se converter num pequeno capital. Sempre pensei que acabaria por deixar tudo à universidade ou a uma instituição humanitária, nunca o gastaria comigo.

– Continuo sem perceber...

– Não tenho interesse nenhum em proporcionar o mínimo de qualidade de vida à Darla no seu declínio; quanto ao que me diz respeito, os vermes podem comê-la viva. Mas, pelo menos, consola-me pensar que isto resultará, mais tarde, em benefício da pobre Fanny, que

a tirará daquela casa miserável e lhe proporcionará um lar digno que será, um dia, propriedade sua. E, sob essa perspectiva, também não acho que seja a pior solução. Não haja dúvida de que ele consideraria bom destinar o seu dinheiro a tal fim.

Não insisti. Não era assunto meu, mas continuei a dar voltas à cabeça se tinha ou não razão, enquanto ele falava ao telefone com o banco e resolvia os trâmites.

Às dez em ponto, conforme o acordado, acabámos por regressar a casa de Darla Stern. A luz do dia não conseguia minorar o patético do ambiente, continuava tudo tão sórdido como na noite anterior: trastes espalhados, uma cadeira voltada, a televisão ligada sem som e aquele nauseabundo cheiro a decadência pairando no ar. A idosa mantinha-se no seu cadeirão, certamente nem se deitara durante toda a noite. A única diferença durante esta visita foi que ela permaneceu todo o tempo calada. Muda, meio entorpecida, talvez esgotada. Ou, simplesmente, a fingir.

Um homem corpulento, de óculos com aros de metal e um grosso anel de ouro no dedo mindinho, apresentou-se como o seu representante legal, disposto a encarregar-se da transação.

– Acompanhem-me, por favor.

Conduziu-nos à garagem por uma porta lateral da cozinha, suja, desarrumada e com um leve fedor a putrefação. Abriu, depois, uma porta, com esforço, empurrando-a com o ombro até a fazer ceder. Desviando-se para um lado, convidou-nos a entrar num misto de estrumeira e arrecadação, quase sem espaço para nos movimentarmos lá dentro, cheio como estava de tralha e teias de aranha, montes de sacos de lixo

atados com nós e pilhas de jornais de décadas atrás. Sob a luz sinistra de uma fraca lâmpada coberta de sujidade e insetos mortos, o advogado indicou um monte de caixas encostado a uma parede.

Enquanto Daniel negociava com ele sem se incomodar em disfarçar a sua antipatia nos modos e na voz, eu abri uma caixa para examinar o objeto da chantagem. No meio do asqueroso da situação, não consegui evitar soltar um suspiro de alívio. Não precisei de bisbilhotar muito para verificar que tudo aquilo parecia concordar com o resto do legado documental de Fontana. Possivelmente, estava ali aquilo que eu sentira que me faltava naquelas semanas, quase meses, em que o fio condutor do trabalho do meu compatriota se me escapara das mãos como um réptil escorregadio. Amarelados e envelhecidos, aqueles papéis, desordenados numa confusão imensa, continham, sem dúvida, o imprescindível para conferir coerência à última etapa do espólio.

A voz de Daniel tirou-me da abstração; só teve de pronunciar o meu nome em tom interrogativo. Respondi-lhe com um gesto. Conciso, breve, definitivo. Tirou, então, o livro de cheques do bolso interior do casaco e colocou a sua assinatura em vários cheques, que passaram imediatamente para a mão encrespada do advogado. Entretanto, Darla, aparentemente alheia ao assunto, continuava adormecida na sala.

Demorámos mais de duas horas a retirar tudo da sinistra garagem e a arrumá-lo dentro do Volvo de Daniel, ocupando completamente, em duas viagens, a mala e o banco de trás. Quase não falámos durante os dois trajetos. Nem quando levámos as caixas do carro para o apartamento dele. Nem quando as observámos

com inquietação, como se fossem um batalhão de alienígenas em cima do parquet. Por fim, foi ele quem quebrou o silêncio.

– E, agora, o que fazemos?

– Sei lá, Daniel, sei lá... – murmurei. Enchi os pulmões de ar, expeli-o. – Deduzo que o estás a pensar e receio que a resposta seja não. Já é muito tarde, eu já estou fora desta história. Além disso, regresso a casa dentro de pouco tempo, como sabes.

Mantive o olhar fixo nas caixas, enquanto sentia o dele em cima de mim.

– Não podes ou não queres?

– Não posso encarregar-me, é muitíssimo material. E depois de tudo o que se passou nestes dias, quase não me restam forças. Não seria capaz de o fazer em tão pouco tempo, isto é um mundo, não vês? – disse, com impotência, indicando as caixas repletas.

– Mas tão-pouco sabes se queres.

Dirigi-me para a casa de banho sem responder nem lhe pedir autorização, e lavei as mãos encardidas. À minha volta, os poucos utensílios de um homem habituado a viver sozinho. Escova e pasta de dentes, navalha de barbear, uma toalha grande pendurada na parede. A roupa suja do desporto matinal atirada para o chão a um canto; numa prateleira, um rádio. Nem vestígios de cremes ou utensílios desnecessários.

– Passaram-se muitas coisas inesperadas nestes últimos dias... – disse, voltando para junto dele, enquanto acabava de limpar as mãos às calças.

Não se movera, continuava com a atenção concentrada nos documentos. Ou parecia isso.

– Coisas que nos transtornaram aos dois, que, por vezes, nos separaram e, por vezes, nos aproximaram...

– Mas continuas a pensar que te enganei – atalhou.

Levantámos os olhos os dois ao mesmo tempo. Os seus claros, os meus escuros. Os seus cansados, os meus também.

– Creio que ainda não fui capaz de te dar a saber quanto me arrependo – continuou. – Poderia estar a repetir-to de manhã até à noite, e, mesmo assim, não conseguiria perdoar-me por ter sido tão idiota para contigo. Agi como um imbecil e um cobarde, compreendo como te sentes e daria o que fosse preciso para poder começar de novo esta história de outra maneira. Mas, lamentavelmente, já não é possível, Blanca. Agora, só podemos olhar para a frente, não há maneira de voltar atrás. Recomeçemos sem rancores.

Continuávamos de pé em frente das caixas, ambos de braços cruzados, imóveis.

– Na semana que vem, acabará tudo – acrescentou. – No dia da tua partida, acaba o prazo para interpor qualquer recurso contra o projeto de Los Pinitos, nem sequer terias de alterar a data do regresso.

– Mas há uma solução muito mais fácil, Daniel: recibes o testemunho, podes fazer este trabalho como eu. Tal como me disseste, para isto não é preciso ser perito em nada. É aplicar rigor e método simplesmente.

– Não há tempo, eu nunca conseguiria avançar ao teu ritmo, reportar-me ao material anterior, rever tudo o que está antes para saber exatamente o que é preciso procurar. E receio que já seja demasiado tarde. Com o tempo tão limitado, tu és a única pessoa que tem uma ideia precisa de como está todo o assunto: os antecedentes, as lacunas concretas que é preciso preencher, as ligações entre uns documentos e outros, as peças que se devem encaixar. A única que está em

posição de o fazer, e de chegar a saber se pode haver aqui alguma coisa definitiva, és tu.

Abandonei o apartamento agarrada à minha negativa.

Encaminhei-me para o meu gabinete; nessa mesma tarde, tinha a última aula do curso de cultura espanhola. Ainda tinha trabalho para fazer antes.

Por muito que me esforçasse por aliviar a mente e voltar à normalidade, os acontecimentos e as emoções dos últimos dias haviam sido tão intensos que conseguiram transtornar as minhas perceções e virar do avesso os meus sentimentos. Talvez, por isso, me tenha custado tanto concentrar-me nos que já iam sendo os últimos papéis, tendo-me enganado uma série de vezes nas teclas do computador. Os meus sentidos não estavam sossegados. A minha mente andava por outros lados.

Ao fim de um bom bocado de absoluta improdutividade, tirei os olhos do ecrã e desviei-os para os montes de documentos ordenados e classificados em que, com o passar dos dias, tinha convertido a trapalhada inicial do espólio de Fontana.

Perdidas todas as esperanças de me abstrair no trabalho, recostei-me na cadeira e detive-me a pensar nele. Recordei a sua figura imponente nas velhas fotografias da sala de reuniões: a barba escura, os olhos penetrantes e perspicazes. Revi mentalmente os seus escritos, cartas e milhares de notas escritas com o seu traço contundente. E, juntamente com tudo isso, reconstituí os seus passos ao longo dos cinquenta e seis anos que o destino lhe concedeu para viver. Durante meses, supus intuitivamente que morrera com muito mais anos. *O meu velho professor*, chamava-lhe muitas

vezes Daniel. Agora ele próprio o ultrapassava em idade.

Quase sem querer, começaram a amontoar-se na minha cabeça ruídos e sequências, gravuras imaginárias de como poderia ter sido o seu trágico final. Faróis que cegavam, guinadas de volante, ranger de pneus. Ela, aterrorizada, os dedos aferrados a ele como garras, quando já começara a contagem regressiva. Luzes ofuscantes, vidros partidos, gritos. O pingar das gotas de chuva quando tudo parou, silêncio depois. E, no fim, a escuridão.

Levantei-me, então, cheguei-me à janela. De pé, com o ombro apoiado na beira, e a cara a um palmo do vidro, contemplei o campus quase deserto àquela hora da tarde. Os estudantes aproveitavam as últimas aulas ou estavam fechados a prepararem-se para os exames; o outono dissipava-se, antecipando o inverno iminente, as folhas acumulavam-se em montes sobre a relva, e os ramos das árvores mostravam, sem pudor, a sua nudez.

As palavras de Darla Stern voltaram-me à memória, arrastando com elas o que talvez fosse a última grande certeza na existência do professor. Ela estava convencida de que ele se apaixonara por Aurora. Daniel, sob outra perspectiva, também assim pensava. Tinham ambos razão, era essa a verdade? O filho do mineiro cativado pela mulher do seu amigo e pupilo, alguém que jamais poderia ter. Atraído profundamente por aquela compatriota jovem e bonita, da qual o separava uma barreira que nunca seria capaz de transpor.

Afastei os olhos da tarde através do vidro e concentrei-os nas pilhas que, ao longo dos meses, se formaram com o espólio já em ordem. Uma ideia tão

vaga como insistente começava a ganhar forma. Um pressentimento, um palpite. Algo difuso que me dizia que entre aqueles papéis havia qualquer coisa que poderia testemunhar o que eles tinham como certo. Qualquer coisa que passara diante dos meus olhos, que eu lera na devida altura, sem conseguir perceber o que se escondia por trás.

Olhei para as horas, incapaz de vislumbrar algo definitivo. Cinco minutos para a minha última aula em Santa Cecília. O primeiro adeus.

Uma hora mais tarde, quando a sessão perdera qualquer remoto cheiro a encontro acadêmico e andávamos, no fim, a trocar endereços de correio electrónico, para aquela visita a Espanha com que os meus alunos me pretendiam obsequiar num qualquer impreciso lugar do tempo, acendeu-se uma luz no recanto mais obscuro do meu cérebro. Diminuta como um fósforo no meio de um descampado às escuras. Quase impercetível, mas com capacidade para me iluminar a memória e me orientar na procura do que precisava encontrar.

Voltei ao gabinete, acelerando o passo pelos corredores, enquanto a minha convicção ganhava peso. Entrei de rompante, ajoelhei-me diante de um dos montes de papéis e comecei a revolver as suas entranhas com as duas mãos. Até que apareceu. Uma folha de papel amarelada em que Fontana, com o tipo de letra das antigas máquinas, datilografara uma estrofe de um poema de Luis Cernuda. Um breve documento mais, arquivado como tantos entre os seus escritos.

Os quatro versos iniciais do poema *Donde habite el olvido*, com umas anotações adicionais.

E, entre eles, a prova.

Onde habite o esquecimento,
Nos vastos jardins sem aurora
S e m a u r o r a
Aurora - a-u-r-o-r-a - Aurora
sem aurora sem Aurora
AURORA A - U - R - O - R - A
Onde eu só seja memória de uma pedra
sepultada
entre urtigas
Sobre a qual o vento escapa às suas
insónias.
A - U - R - O - R - A
aurora
Sem Aurora
Jardins sem aurora
Aurora
Tu

Quando acabei de os ler, senti uma imensa vontade de chorar.

Desprovidos da pintura retorcida e maliciosa que Darla Stern se empenhara em lhe conferir e próximos das dúvidas que assediaram Daniel nos seus momentos mais lúgubres, os sentimentos de Andrés Fontana espreitavam, por entre os versos, na sua plena essência, evidenciando o amor calado pela compatriota inesperada que, sem o pretender, preencheria o troço final da sua vida com aquilo que ele há tanto tempo ansiava, talvez sem sequer o saber.

Ecos da sua própria língua, da sua terra e da sua infância. O som rotundo dos erres e dos *eñes*, dos *éles* e dos *zês*. *Barreño, chorro, aliño. Arrullo, chiquillo, chispazo, barrizal.* Evocações relegadas para a

arrecadação da memória, provérbios e jaculatórias que há mais de três décadas não ouvia. Memórias dos guisados feitos no lume da lareira, *Mambrú se fue a la guerra*³⁷, da marmelada, da Ave Maria Puríssima e de um ou outro *valha-me Deus*. O cheiro alheio, o riso jovem, o roçar involuntário da sua pele. A razão a tentar refrear os seus sentimentos e estes, desenfreados, desobedientes, crescendo sem contenção.

Uma paixão muda, soterrada perante o mundo. Mesmo para ela, talvez. Mas viva e real, poderosa. Andrés Fontana e Aurora Carter. O velho professor há muito expatriado e a mulher mediterrânea que chegou, pela mão do seu discípulo, àquela terra que não era de nenhum dos dois. Tão díspares em tudo. Tão próximos no fim.

E, de repente, estranhamente, o pulsar do passado reativou-se no meu presente e, numa ligação precipitada, intuí outra nova luz. Nítida, clara, alumando a minha própria vida e dissipando, por um momento, a densa bruma que havia meses se instalara sobre mim. Ao assumir a paixão de Fontana por Aurora, de certa maneira compreendi também Alberto. Através deles, entendi uma coisa tão simples, tão orgânica e elementar: a única causa que o guiou para se afastar de mim fora a força de um amor justaposto que se atravessara no seu caminho como, talvez, me podia ter acontecido a mim. Um sentimento que o ultrapassara.

Apesar da sua inépcia para comigo, de tudo o que fora reprovável e censurável e da dor que me conseguira causar, o amor alheio do velho professor fez-me entender que, perante as jogadas que o destino nos apresenta inesperadamente à frente, por vezes não se pode aplicar a razão.

Só, então, tomei consciência de que nada tinha terminado.

De que, de facto, ainda estava quase tudo por começar.

Já não havia viva alma no Guevara Hall quando saí do meu gabinete. Apenas silêncio, portas fechadas e o eco triste dos corredores vazios.

A chegar de novo a casa dele, encontrei-o sentado à mesa de trabalho num estado de absoluta desconcentração. *Come in!*, gritou simplesmente, quando bati à porta. Nem sequer se levantou para a abrir.

Completamente recostado na cadeira, descalço. As mãos entrelaçadas atrás da nuca. Um lápis mordido entre os dentes. A viva imagem do bloqueio mental. À sua volta, espalhados pelo chão, fragmentos de material tirados ao acaso das caixas.

Não mudou de posição ao ver-me. Nem se surpreendeu, nem me cumprimentou. Afastou simplesmente os óculos de ver ao perto para a ponta do nariz e contemplou-me por cima deles.

– Estás com um aspeto horrível, vamos dar um passeio – disse eu, da porta.

Esperei-o na rua, demorou apenas uns segundos a aparecer.

– Ao que disse «não» esta manhã, digo agora «sim» – anunciei, depois de percorrermos umas dezenas de metros em silêncio. – Aceito processar o conteúdo de todas as caixas que Darla trouxe à luz. Estou disposta a embrenhar-me a fundo na tarefa de tentar recompor o fim do espólio.

– Não imaginas...

– Mas quero que saibas a razão por que o faço – acrescentei, sem o deixar falar. – Não é pela aberração urbanística de Los Pinitos, pelo meu próprio brio profissional, nem por ti. Faço-o exclusivamente pelo Fontana. Pelo Andrés Fontana cuja vida reconstituí ao longo destes meses, pelo meu compromisso com ele. Só o faço por ele, Daniel, tem isso presente. Só por ele.

Continuávamos a caminhar sem nos olharmos, mas, de relance, notei que a expressão do seu rosto se alterara.

– E também não cantes vitória antes do tempo – adverti-o. – Tenho condições. A primeira é a respeito da minha partida: aconteça o que acontecer, continua ser no dia 22. A segunda tem a ver contigo. Não te menti antes, o volume de trabalho é imenso e eu não vou conseguir fazer tudo sozinha no escasso tempo que falta para a minha partida. Por isso, preciso que me ajudes: eu vou orientar o trabalho, mas preciso dos teus olhos, das tuas mãos e da tua cabeça a meu lado, a cem por cento, durante todas as horas que forem precisas e sem a garantia de conseguir chegar a uma conclusão a tempo. Assim, prepara-te para pôr temporariamente de lado os teus romancistas espanhóis do fim do século, porque vais ter de voltar os olhos muito mais para trás.

Estacou de repente e virou-se para mim. O semblante preocupado de pouco antes desvaneceu-se, como que levado pelo vento do anoitecer.

– Estou nas tuas mãos, querida Blanca.

Sem deixar de me olhar, afastou-me, então, da cara uma madeixa de cabelo despenteado depois de tão longo dia.

– Inteiramente teu até ao fim.

37 Versão espanhola da canção popular infantil francesa Marlborough s'en va-t-en guerre. (N. do T.)

Capítulo 39

Tal como se monta um hospital de campanha entre os escombros de um terramoto ou se coloca um cais flutuante no mar, também nós procedemos à tarefa antinatural de converter o apartamento de Daniel numa espécie de laboratório de documentos. Ambos vestidos com um conforto próximo do desalinho, colocámos, no meio da sala, um tabuleiro apoiado em cavaletes e instalámos sobre eles os nossos computadores, um scâner e a impressora que levei do meu gabinete. Como contrapeso às novas tecnologias, algumas relíquias que um antigo colega seu nos conseguiu, sabe Deus em que depósito de sucata da universidade: um pré-histórico aparelho para ler microfilmes, um velho leitor de bobines de fitas magnéticas e duas gigantescas lupas fabricadas antes do dilúvio.

A simplicidade decorativa do alojamento facilitou a tarefa. Nas paredes nuas, pendurámos alguns mapas e, sobre o chão desimpedido, repartimos montes enormes de papéis. Havia de tudo: certidões legais, cadernos rabiscados pelo traço inconfundível de Fontana, manuscritos amarelados com letra do século XIX e cópias reproduzidas através do nostálgico papel químico. Encontrámos inclusivamente uma cruz. Uma cruz de madeira, apenas dois paus mal atados com um

cordel desfiado.

– Onde terá descoberto isto? – murmurou.

Daniel tirou-a das mãos.

– Sabe-se lá... – disse, olhando-a. Passou os dedos pelos nós e pelas bordas ásperas, acariciou a sua rudeza. – Mas, se lhe serviu a ele, a nós serve também.

Apoiou-a no velho gravador, tal como os padres franciscanos fixavam as cruzes nas missões. Para que nos acompanhasse, como a eles, nas asperezas do caminho, para tornar mais suportável o rigor da nossa empresa. Não nos movia, a nenhum de nós, qualquer sentimento religioso, tal como nunca o impeliu a ele, mas aquela velha cruz aproximou-nos um pouco mais da memória de Andrés Fontana.

A morte viera sem que ele tivesse chegado a resultados conclusivos da sua investigação, mas percebia-se que o esforço fora titânico. Percorrera praticamente a totalidade dos arquivos e bibliotecas da Califórnia que pudessem conter informação sobre a presença espanhola na zona: palmilhara uma a uma todas as missões, dioceses e arquidioceses do estado e, onde não conseguira chegar pelos próprios pés, fizera-o por correio em centenas de cartas, profusamente respondidas pelos destinatários. O seu trabalho fora extremamente exaustivo e minucioso. Agora, era responsabilidade nossa mantermo-nos à sua altura.

Começámos na sexta-feira de manhã e esquecemo-nos por completo que, nos calendários das nossas vidas de gente normal, existia uma coisa que se chamava fim de semana. Trabalhávamos, às vezes, sentados e, noutros momentos, fazíamo-lo de pé, circulando em redor da grande mesa. Noutras ocasiões, mantínhamo-nos distantes, cada um concentrado no seu trabalho.

Em contrapartida, atuávamos por vezes em necessária proximidade, inclinados sobre o mesmo documento.

Procurando, encontrando, marcando. De ombros colados, cabeças juntas, os meus dedos tocando os seus, os seus dedos tocando a minha pele.

Eram poucas as trocas de palavras e quase telegráficas. Por surpresa, por contrariedade inesperada ou por mera admiração face ao que a última parte do espólio apresentava diante dos nossos olhos, de vez em quando soltávamos algum palavrão. Em inglês ou espanhol, indistintamente. *Fuck. Qué tío. Shit.*

Confrontámos dados, marcámos lugares e localizámos padrões coincidentes. Até que começaram a surgir as primeiras surpresas.

– Em Sonoma, disseste-me que o padre Altimira foi o fundador daquela missão, não é verdade? – perguntou-me Daniel, do outro extremo da mesa, num qualquer momento da tarde de sábado. – O franciscano rebelde que não contou com a autorização dos seus superiores para a erguer, segundo me contaste.

– Encontrei alguma coisa a esse respeito? – indagou, surpreendida. – Já esbarrei três vezes com ele.

– E eu, outras tantas – confirmou. – E aparece aqui, em algumas notas manuscritas. Escuta:

Dezembro de 1820: Padre José Altimira anuncia ao coronel Pablo Vicente de Salá, último espanhol governador da Alta Califórnia, a sua nova colocação nesta terra. Junho de 1821: Altimira agradece a Solá vários favores. Outubro de 1821: Altimira comunica a Solá a entrega de carregamento de grão a um barco russo...

Os dados não eram necessariamente significativos nem destacavam nenhum facto de especial relevância, mas testemunhavam a fluida relação do franciscano recém-chegado àquelas terras com as altas autoridades civis.

– De qualquer maneira, há mais nomes que aparecem com relativa frequência. Já deparei com o padre Señán com quatro ou cinco menções, e com o padre Fortuni com outras tantas.

Efetivamente, à medida que continuávamos a trabalhar, o rasto dos velhos padres franciscanos ia surgindo mais forte nos papéis.

– Separa o Altimira, pelo sim, pelo não. Vamos empilhar aqui todos os seus documentos – disse ele, indicando um extremo da mesa. – Que não se perca.

E não o perdemos. Nem a ele, nem a nenhum outro. Nem Altimira, nem Fortuni, nem Señan, nem as dezenas de monges, missões, presídios, leis ou governadores que nos foram aparecendo pelo caminho. Sem baixar o ritmo ou a guarda, concentrados em qualquer pequeno dado que nos chamasse a atenção.

Acabou o sábado, o domingo voou, chegou a segunda-feira. No final de cada dia, saíamos para a pequena varanda do apartamento, com os casacos vestidos, e, deixando que o ar fresco nos despejasse a mente, esticávamos as pernas sobre a grade da varanda e bebíamos um copo de vinho. Ou dois. Ou três.

Na tarde de segunda-feira, no entanto, ainda não tínhamos feito uma pausa para descansar quando a nossa paz se alterou.

– Está aqui! Está aqui!

Eram quase sete da tarde e tínhamos passado o dia inteiro a dissecar papéis e a ouvir um monte de fitas

magnéticas. Entrevistas a padres, arquivistas e gente do povo, tendo por fundo a voz contundente de Fontana. Comoveu-me ouvi-lo. A Daniel, ainda mais.

Então, bateram à porta, ele gritou *come in!*, e, sem tempo sequer para a cumprimentar, ouvimos Fanny a gritar como uma possessa.

– Está aqui! Encontrei-a!

Quando tomámos consciência de a quem se dirigia com aquele aparatoso entusiasmo, trocámos um rápido olhar pleno de desconcerto.

– Está aqui, doutor Zárate! Não é preciso continuar à procura. A professora Perea está aqui com o doutor Carter!

A figura espigada de Luis Zárate apareceu à porta, praticamente sem nos dar tempo para ponderar o que fazer. Voou-me pela mente uma clamorosa inconveniência. Como é que não me lembrara de avisar o diretor, de disfarçar a minha ausência com qualquer desculpa?

Demasiado tarde para lamentos, levantámo-nos, cumprimentámo-lo e permanecemos imóveis de um lado da comprida mesa. Ele, entretanto, entrou no apartamento sem esperar que Daniel o convidasse. Passeou demoradamente os olhos pelo material e pelo equipamento espalhado à nossa volta. Papéis, plantas, mapas. Os nossos computadores. O scâner. Os aparelhos pré-históricos. E a impressora. A minha impressora. A mesma que ele me cedera.

A situação tornou-se tremendamente incômoda para os três, e eu voltei a amaldiçoar-me por não ter previsto aquele momento.

Após o mudo embaraço, foi ele o primeiro a intervir.

– Que encontro tão interessante – disse, irónico,

sem, inicialmente, se dirigir a nenhum de nós em concreto. Até que o seu olhar pousou sobre mim. – Andamos à tua procura, Blanca, porque Fanny obstinou-se em pensar que poderia ter-te acontecido alguma coisa. Diz que não apareceste no gabinete na sexta e nem sequer o fizeste hoje. Ligámos várias vezes para o teu apartamento e nada, tens o telemóvel desligado e a Rebecca Cullen está num curso em San Francisco, pelo que também não conseguimos dar com o teu paradeiro através dela.

– Olha, Luis, eu...

– Logicamente, não faz parte das minhas atribuições como diretor andar pelas ruas à procura de quem não comparece no local de trabalho – interrompeu-me –, mas a Fanny estava bastante alarmada e, perante a sua insistência, não tive outro remédio senão ajudá-la a encontrar-te.

– Mil perdões, a sério. Deveria ter-te informado de que ia estar temporariamente ausente – desculpei-me.

Fui sincera. Lamentava tê-lo feito, mas tudo se tinha precipitado de uma maneira tão rápida e turbulenta que nem sequer me passara pela cabeça colocar o departamento ao corrente das minhas intenções. Apesar de, pensei de repente, o meu esquecimento ter sido apenas um mecanismo de defesa para não ter de mascarar uma verdade que, para Luis, seria inaceitável.

Não o via, calculei então, desde o dia em que ele aparecera de surpresa no meu gabinete. O dia daquela tarde em que se precipitou a visita amarga a casa de Darla Stern, o dia daquela noite que passei encolhida no sofá, junto a Daniel, enquanto ele nos narrava, à escuridão e a mim, os momentos mais tristes da sua vida. No mesmo dia em que o mesmo Luis Zárte,

dentro do feudo do seu próprio departamento, me ofereceu o seu apoio com uma atitude a anos-luz de distância do meramente profissional.

Aquela cumplicidade, no entanto, parecia ter voado pelos ares em face das novas circunstâncias. E diante disso, o mais prudente da minha parte era calar-me.

– Uma ausência muito produtiva, pelo que posso ver – prosseguiu, enquanto continuava a esquadrihar o material.

Pegou num mapa da costa da Califórnia e examinou-o com fingido interesse. Em seguida, fez o mesmo a uma carta com o timbre da biblioteca Huntington de San Marino. Por fim, pôs a mão esquerda sobre a impressora e bateu duas vezes nela.

Entretanto, Daniel e eu optámos por nos mantermos em silêncio, à espera, para ver o rumo que aquela visita tomaria. Fanny, por seu lado, contemplava a cena, impassível, desconhecadora de tudo, irradiando satisfação por me ter encontrado e sem vislumbrar minimamente a espinhosa magnitude do que ela própria desencadeara.

– Pelo que observo – prosseguiu Luis, dirigindo-se a mim e ignorando Daniel com distante altanaria –, não foram precisamente uns dias de férias que tiraste, não é verdade, Blanca? Vejo que te dedicaste a trabalhar arduamente e, além disso, sem te afastares da linha das tuas atribuições.

– Assim é – disse eu, apenas. – E o professor Carter está a ajudar-me.

– Uma coisa que, por outro lado, não parece muito normal, ao tratar-se de uma pessoa desvinculada desta universidade. Além disso, também não consigo entender o que fazem todos estes documentos,

propriedade da instituição, na sua residência particular. E, se te lembras, estes papéis estão por classificar e não deveriam sair da universidade sem autorização.

Onde estava o Luis Zárate da noite em Los Olivos? Onde estava aquele homem que preparava cocktails na minha festa, o que me lançava descaradamente piropos em frente de um soberbo risoto de cogumelos, o que pusera os seus dedos no meu pescoço, tentara pousar os lábios nos meus e me oferecera um afeto aparentemente sincero?

– Este material não pertence à universidade, é de minha propriedade – esclareceu Daniel, antes que eu dissesse alguma coisa. Azedo e contundente, para que não restassem dúvidas.

Ato contínuo, tirando algumas notas do bolso, mudou de tom, de língua e de destinatário.

– Fanny, querida, importas-te de ir buscar umas pizzas? As que quiseres, as de que mais gostes. Obrigado, linda. E leva o tempo que quiseres, não há pressa.

Livres de Fanny, tentámos resumir-lhe como tinham aqueles documentos chegado às nossas mãos. Obviamente, contámos-lhe só setenta por cento da verdade. Mencionámos a garagem de Darla Stern, mas não os cheques assinados para satisfazerem o seu capricho; falámos-lhe da longa relação de Fontana com Daniel, mas não dos trinta anos que este decidira manter o professor no esquecimento. Em qualquer caso, apesar do nosso esforço para parecermos credíveis, resistiu a aceitar a nossa versão.

– É tudo muito meritório, não haja dúvida – disse, estendendo ambas as mãos sobre a nossa mesa a transbordar. – Que todo este material seja parte do que

o professor Andrés Fontana deixou, à sua morte, no departamento que eu agora dirijo, tal como ele o fez no passado. E que, neste momento, se encontre na residência particular de um indivíduo estranho à instituição, manifestamente facilitado de forma ilícita pela investigadora formalmente contratada para o seu processamento.

– Luis, por favor... – interrompi, levantando, incrédula, a voz.

– Assim sendo, sentindo muito, creio que é minha obrigação institucional exigir que tudo isto saia imediatamente daqui e, depois, elaborar um relatório explicitando este cúmulo de irregularidades. Um relatório que terei de remeter ao decano, claro.

Daniel e eu trocámos de novo um olhar fugaz, mas nenhum de nós disse nada.

– E, provavelmente – prosseguiu, usando um tom de superioridade que, até então, nunca tinha usado na minha presença –, será minha obrigação fazer chegar também esse relatório à tua própria universidade, Blanca.

– Não creio que lhes interesse muito – disse eu, com um toque de insolência.

Ignorou o meu comentário.

– E no que respeita a si, professor Carter, dê por assente que arranjarei maneira de que o meu relatório também seja recebido em Santa Bárbara.

– Deixe-se de parvoíces de uma vez por todas, Zárate, por favor. E esforce-se por confiar no que lhe estamos a contar.

– Decerto que muitos dos nossos colegas – prosseguiu, como se não tivesse ouvido – acharão divertido saber que o eminente Daniel Carter utiliza

métodos de trabalho, digamos, pouco convencionais, nas suas investigações.

Notei que a paciência de Daniel estava a esgotar-se.

– Está a começar a deixar-me irritado com tanta ameaça, senhor diretor.

Estive prestes a soltar uma gargalhada. A situação era tensa, mas também bastante ridícula. Dois académicos envolvidos numa disputa absurda como dois galos de luta, qualquer um deles incapaz de ceder um milímetro na defesa do seu território. Talvez por deferência para comigo, talvez por pura inércia, falavam ambos em espanhol. Não obstante, mantinham o você no tratamento entre eles, deixando as distâncias bem delimitadas.

– Tome-o como quiser – replicou Luis com desdém.

– Desde quando esperava por uma destas, Zárate? – perguntou, então, Daniel, dando a volta à mesa para ficar junto dele sem barreiras pelo meio.

Estendeu-se uma capa de denso silêncio sobre a sala.

Até que Luis o rompeu.

– Eu não tenho nada...

– Porque, certamente, tudo isto não começa na primeira vez que nos reunimos no seu gabinete, não é verdade?

Franzi a testa, surpreendida, e fiquei de imediato intrigada.

– Aquele foi o nosso primeiro frente a frente e antes já faláramos por telefone, lembra-se? Mas, antes desse antes, houve mais. Ou são só suposições minhas?

– Nunca tivemos o menor contacto.

Mantinha-se direito, tenso. Com os braços cruzados sobre o peito, sem baixar os olhos, na defensiva.

– É certo, diretamente, nunca tivemos. Mas de

maneira indireta, sim. Mountview University, março de 1992. Há quase oito anos. Começa a dizer-lhe alguma coisa?

– Aquilo foi...

– Aquilo foi um parecer negativo da minha parte, um parecer que travou a sua promoção. Após avaliar o seu currículo como avaliador externo, considerei que não era o melhor candidato para aquele lugar. O meu erro posterior foi esquecer o seu nome e não me lembrar mais dele depois de tantos anos e de pareceres semelhantes, mas é evidente que me manteve fresco na memória.

As ligações subterrâneas, as portas e travessas. Os condutores subterrâneos pelos quais se conseguia vir a saber tudo.

– Isso não tem nada a ver com o que agora estamos a tratar – refutou Luis, com aparente parcimónia. No entanto, era óbvio pela postura dele que a tensão estava a aumentar.

– Tem a certeza? Porque, segundo entendi – acrescentou Daniel –, foi o meu voto que desequilibrou a balança. E, com ele, perdeu definitivamente o lugar a que aspirava.

Havia um bocado que Daniel deixara de ser o meu simples ajudante no escavar da duvidosa missão. Por trás das calças de ganga desgastadas e daquela camisa aos quadrados, com ar de ter passado um milhão de vezes pela máquina de lavar, o académico sólido, de que o próprio Luis Zárte me falara, ocupou de novo o seu lugar.

– Lamento muitíssimo os efeitos adversos da minha decisão – continuou, implacável –, mas limitei-me a fazer o meu trabalho com o rigor que se esperava de

mim, aquilo foi um jogo limpo. Puro jogo académico. E, uns anos depois, quando me cruzei casualmente no seu caminho, coloquei-lhe a vingança numa bandeja.

Touché. A insolência não desaparecera por completo do rosto de Luis, apesar de, sem dúvida, se ter esbatido. Obviamente, não esperava que Daniel trouxesse aquela roupa suja à luz do dia. Nem sequer estava disposto a atirar a toalha ao chão. Nem nada que se parecesse.

Continuavam frente a frente, apenas meio metro os separava. O zeloso diretor, impecável na formalidade do seu traje escuro. Daniel, velha raposa, disposto a atacar onde mais dói, por trás da informal indumentária de um estudante. E, separada deles por uma superfície cheia de tralha e de papéis, eu. Três seres distintos com as suas vidas bem consolidadas em três ambientes distintos, unidos de maneira quase accidental numa discussão que ocorrera.

– Que tal se deixássemos de desenterrar velhas histórias que já não podem ser alteradas e nos esforçássemos por ser produtivos? – intervim, num esforço por abrandar a crescente tensão. Como quando pretendia levar à razão os meus filhos em momentos de obstinada teimosia, mas, desta vez, entre dois egos mais que maduros.

– Totalmente de acordo, Blanca – disse Luis. – De facto, não fui eu quem decidiu recordar circunstâncias periféricas disto que agora nos ocupa. A única coisa que há a fazer agora é solucionar esta... digamos, irregularidade.

Daniel dirigiu-se à zona da cozinha, separada da sala por um pequeno balcão. Abriu o frigorífico com brusquidão, tirou uma cerveja e voltou a fechá-lo com uma pancada. Nem se deu ao incómodo de nos

oferecer. Luis e eu prosseguimos nos nossos lugares, um em frente do outro, separados pela mesa e pela barricada de materiais. Negociando a maneira de sair daquele atoleiro que, em caso de dar para o torto, poderia resultar bastante comprometedor para todas as partes.

– Em qualquer caso – acrescentou –, à margem da propriedade legal destes papéis, gostaria de saber exatamente o que se está a tramar aqui, porque não me resta qualquer dúvida de que, seja o que for, está para lá da mera catalogação de documentos. E, caso não obtenha uma resposta convincente, o passo seguinte será pedir explicações à FACMAF.

Uma rouca gargalhada de Daniel terminou o nosso diálogo. Afastando-se da bancada a que estava apoiado, empreendeu lentamente o caminho para a mesa com a garrafa de cerveja na mão, assumindo de novo uma severidade a mil anos-luz da sua indumentária.

– Não se incomode, Zárate – disse, abrindo os braços em toda a sua extensão, com um gesto teatral. – Apresento-lhe a FACMAF. A única coisa que há por trás dela sou eu.

Fechei os olhos por instantes e inspirei com força, tentando saber onde queria chegar com aquela temerária confissão. A reação foi imediata. Obviamente.

– Isso é um ultraje, Carter! Uma infração a qualquer código ético, uma absoluta...

– Deixa-o explicar-se, Luis, por favor – pedi.

Para minha surpresa, acedeu. E Daniel falou, pormenorizando tudo o que eu já sabia. Tudo o que, dias atrás, provocara em mim uma mistura parecida com indignação e desconcerto.

– Não há mais, Zárate, não há mais – acrescentou em jeito de conclusão, quando terminou de esmiuçar a sua montagem. – E, a partir daqui, verá o que faz.

– Obviamente, a primeira coisa a fazer será dar conhecimento à universidade da ilegalidade da suposta FACMAF.

– Perfeito, mas aconselho-o a pensar bem antes, porque semelhante reação pode virar-se contra si. No caso de agir assim, não duvide que arranjarei forma de tornar pública a deficiente gestão do seu departamento ao receber fundos através de uma fundação fraudulenta sem se certificar da sua proveniência.

Voltavam a enfrentar-se. Alheios a tudo e, particularmente, a mim.

– Isso não passará de uma mancha ocasional na minha gestão, mas você ficará como um infrator aos olhos de toda a comunidade universitária – adiantou Luis.

– Por favor, podem...

Nenhum dos dois fez caso de mim.

– Chegados a este ponto, não me importa que se saiba o que fiz – respondeu Daniel, desafiador. – Estou até disposto a assumir toda a responsabilidade para que este trabalho não fique por terminar.

Falavam praticamente aos gritos; os meus pedidos, para que pusessem um pouco de razão naquele confronto, nem sequer pareciam chegar-lhes aos ouvidos.

– Receio que não o vou consentir de maneira nenhuma.

– Por favor... – insisti.

– E o que vai fazer? Denunciar-me? Chamar um notário para que certifique...?

A culpa foi da garrafa de cerveja. Por estar tão à mão. E vazia. Daniel pusera-a descuidadamente em cima da mesa; com efeito, até deixou uma rodela húmida numa planta da missão de San Rafael.

Só o ruído dos vidros os travou. Errei a pontaria, mas surtiu efeito: estrépito, primeiro; silêncio, depois. Para me fazer ouvir. Por fim.

Capítulo 40

Olharam para mim, desconcertados. Acabara de atirar uma garrafa contra a quina de uma porta, farta do azedo combate verbal em que os dois se haviam embrenhado.

– Parece mentira que não sejam capazes de tentar raciocinar com um pouco de senso comum.

Ambos sussurraram desculpas entre dentes.

– Caso mantenham essa obstinada teimosia em não ceder um milímetro – continuei –, quem está disposta a trazer à praça toda esta roupa suja da fraudulenta FACMAF sou eu. Faltam quatro dias para me ir embora, mas de certeza que, ao longo deles, tenho tempo de sobra para solicitar uma reunião com o decano e lhe expor detalhadamente as mil irregularidades da minha contratação.

Nenhum dos dois pronunciou palavra. Nenhum dos três, porque eu também tardei a prosseguir. Antes, tive de me esforçar para fechar a sete chaves a minha irritação num qualquer recanto remoto da cabeça. E, depois, precisei de pôr em ordem as diferentes condições que lhes ia apresentar. Entretanto, nem um nem outro afastaram os olhos de mim. À espera, ainda desconcertados.

– Agora, cabe-me a mim falar e vocês vão escutar,

sim? E sem interrupções, por favor. Bem, temos os três interesses comuns neste assunto. Interesses díspares, mas importantes para cada um. Tu, Luis, esperas que tudo siga os trâmites legais e estás, por princípio, contra quem tentou passar por cima da tua posição como diretor, mas não te interessa que este assunto venha à tona com toda a sua verdade, porque algumas das tuas incumbências poderiam ser postas em causa e a tua capacidade profissional ficaria de rastos. E tu, Daniel, talvez te tenhas estado nas tintas para a vontade de Zárate e para os assuntos oficiais de Santa Cecília, mas inquieta-te ver como tudo isto te está a fugir das mãos e verificar que, o que começou como um honesto plano de reconciliação e expiação pessoal, pode acabar convertido num escândalo académico de envergadura. E eu, já que tomei a decisão de me encarregar também desta parte acrescentada do espólio, não estou disposta a deitar para o lixo três meses de trabalho, sem chegar ao fim. Assim, se quisermos que tudo se resolva de maneira positiva e que cada um consiga o que mais o beneficia, temos de estar todos dispostos a fazer concessões.

Zárate foi o primeiro a replicar. Ainda imóvel, impassível.

– Não tenho assim tanta certeza...

– Pois vais ter – atalhei. – Não se esqueçam que, neste processo infestado de lamentáveis anomalias, implicaram não apenas uma simples estrangeira solitária que levaram a jantar por aí. Que nenhum de vós se esqueça que sou uma investigadora visitante, funcionária pública efetiva do Estado espanhol e professora titular de uma instituição que, caso seja informada por mim desta fraude, provavelmente exigirá

à Universidade de Santa Cecília os pertinentes esclarecimentos oficiais.

Daniel voltou ao frigorífico. Em vez de uma cerveja, desta vez tirou três. Estendeu-me uma, pôs outra, para o Luis, em cima da mesa. Eu não a provei e o diretor não pegou na sua. Ele, em contrapartida, bebeu metade de uma vez. Depois, sentou-se, esparramado, com as longas pernas abertas e as fraldas da camisa a sair dos lados, tão enfasiado daquele assunto como eu.

– O que pretendes que façamos? – perguntou, então.

Não havia simpatia nas suas palavras. Nem sequer animosidade. Apenas a frieza de quem sabe que não lhe restava outro remédio senão cumprir o protocolo. Por sorte minha, parecia ter assumido que, por fim, esse protocolo de atuação seria estabelecido por mim.

– Para começar, que todo o material saia quanto antes da tua casa. Enquanto não houver maneira de certificar se é legalmente teu ou não, Zárate tem razão, porque tudo aponta para que pertença ao espólio de Fontana.

– Mas tu sabes que não é assim! – protestou, pousando a garrafa em cima da mesa com uma pancada seca.

– Que eu saiba ou não, é o mesmo. Vamos tentar conciliar todas as partes guiando-nos por critérios objetivos, a ver se conseguimos avançar de uma vez por todas.

– Então, volta tudo ao departamento – adiantou Zárate, pressentindo o primeiro golo da partida.

Sentara-se também; a única que permanecia de pé agora era eu.

– Nem a brincar. Não volta porque nunca estive lá. A minha proposta é que fique num terreno neutral.

– Onde? – perguntaram em uníssono.

Nenhum riu da graça que costumam ter estas casualidades. Ninguém tinha vontade de rir.

– Em casa de Rebecca Cullen. É empregada da universidade e amiga de todos. Estou certa de que aceitará a nossa proposta sem levantar problemas. Ela preservará o espólio com lealdade e eu deslocar-me-ei lá para continuar a trabalhar.

– Tu sozinha? – perguntou Daniel, incisivo.

– Não. Continuas comigo, fazes-me falta.

– De maneira nenhuma – protestou Zárate, com a velocidade de um lançador de facas.

– Luis, receio que não tenhas outra opção. O Carter acata a primeira condição, que é concordar em tirar isto tudo da sua casa porque os termos da sua propriedade, ainda que verdadeiros, parecem objetivamente suspeitos. Agora, é a tua vez. E o que vais fazer é aceder a que ele continue a trabalhar comigo estes dias.

Sentei-me, enfim, em frente deles e continuei:

– Quando todo este assunto de Los Pinitos for dado por concluído legalmente, seja qual for o resultado, eu já cá não estarei. Mas se...

Fui interrompida por umas fortes pancadas na porta. Daniel gritou *come in!* outra vez, mas ninguém entrou. Então, levantou-se para abrir e ficou à nossa vista uma figura carregada de caixas quadradas.

– Entra, Fanny, querida – disse com um falso tom de cordialidade. – Essas pizzas cheiram que é uma maravilha, seria um pecado deixá-las arrefecer.

– Eu vou-me embora – anunciou Luis, então.

– Fica – pedi-lhe. – Temos de continuar a falar.

Dirigiu-se para a porta sem intenção de fazer caso

de mim.

– Creio que já ouvi o que tinha de ouvir, agora preciso de pensar.

– Amanhã de manhã, não haverá aqui um único papel, prometo.

– Assim espero.

Fechou a porta atrás de si, mas eu abri-a imediatamente. Do apartamento, acedia-se a uma espécie de plataforma de madeira ligada à rua por dois lances de escada exteriores. Ainda não começara a descer o primeiro quando lhe agarrei o braço por trás e o obriguei a voltar-se.

– Disseste-me que podia contar contigo, recordas-te?

– Isso foi antes de te comportares assim... não esperava isto de ti.

– Isso foi quando me quiseste beijar e me ofereceste o teu apoio sem condições. Ou já te esqueceste?

A noite caíra completamente, fazia frio. Apertei o meu velho casaco cinzento de lã contra o peito, cruzando os braços. Ele não respondeu.

– Todos temos uma boa porção de razões para nos sentirmos defraudados e outras tantas para avançar e não voltar a olhar para trás – acrescentei.

– Mas o que vocês fizeram é imperdoável...

– Não digas disparates, Luis, por favor – atalhei. Dei um passo na sua direção, aproximei-me mais. – Tudo isto é muito irregular, de acordo. Tremendamente irregular. Passa todas as normas possíveis e, por vezes, até transgredir o senso comum. Além disso, passaram-se coisas que nos apanharam a todos de surpresa, desarmados, sem tempo nem capacidade de reação. Mas, se quiseres, há uma maneira simples de sair disto.

Não me perguntou qual era a solução, mas eu sabia

que ele queria saber.

– Deixa de nos pregar rasteiras – pedi-lhe em voz baixa, aproximando-me ainda mais. – Restam-me menos de quatro dias entre vós, como sabes. E, ao longo deste tempo, quero apenas trabalhar. Não nos coloques entraves; sabes bem que, se tudo se resolver de maneira favorável, o teu departamento vai sair beneficiado e a ti, pessoalmente, nada te vai prejudicar.

Iluminava-nos apenas uma luz fraca fixada na parede sobre as nossas cabeças. As casas do passeio da frente apresentavam já os seus enfeites natalícios: um grande abeto acendia e apagava intermitentemente no jardim da frente de uma delas, outra tinha lâmpadas de cem cores penduradas nas janelas. Num qualquer lugar do céu negro, deveria haver uma lua, mas não a vi.

– Pensa em todos nós. Que, por trás das toneladas de papéis da cave, havia um homem de carne e osso que merece ser reconhecido. Que o Daniel Carter não agiu movido por interesses económicos, mas por um puro impulso sentimental. No que o assunto de Los Pinitos significa para esta universidade e para todos os habitantes de Santa Cecília.

– Nada disso me interessa particularmente – adiantou.

– Então, se tiveste por mim alguma estima ao longo deste tempo, suplico-te que o faças por mim.

Quando entrei de novo, os vidros da garrafa partida já não estavam no chão. Daniel e Fanny conversavam na cozinha, enquanto comiam juntos uma esquisita piza cheia de bocados de salsicha, molho de churrasco e mais alguns produtos asquerosos. Na verdade, era ela quem falava sem parar, enquanto mastigava com afinco, movendo compassadamente a cabeça. *Um*

apartamento novo, a minha mãe, uma herança, pareceu-me dizer com a boca cheia.

Daniel, entretanto, simulava escutar. Talvez até o fizesse, apesar de só com metade dos neurónios. Os outros há um bocado que se esforçavam, sem dúvida, por ouvir o que se passava do outro lado da porta. O que eu estava a dizer a Luis Zárte. E o que ele me estava a dizer a mim.

Estávamos lado a lado há muitas horas, muitos dias. Próximos, cúmplices, procurando-nos, distanciando-nos, aproximando-nos e resistindo-nos ao mesmo tempo. Embrenhados numa tarefa urgente que não admitia interferências nem demoras por mais que, de vez em quando, a insensatez nos pedisse uma coisa completamente diferente. Conhecendo-nos cada vez melhor.

Talvez por isso ele comesse a parecer-me tão transparente. Por isso, fui capaz de vislumbrar o seu pensamento e soube que não ia falar de nós, dos nossos instintos e do que poderia chegar a ser. O seu objetivo, nesse momento, apontava noutra direção. Para o homem vestido de escuro que, nesse instante, arrancava de carro, enquanto a cabeça andava ainda às voltas com as palavras de uma mulher.

Temos de nos livrar do diretor, seja como for, intuí que ia dizer-me. *Temos de nos desfazer dele*.

Antes de conseguir engolir a argamassa de piza, para verificar o meu pressentimento de boca vazia, ergui um dedo, advertindo-o:

– Sei o que estás a pensar. A resposta é: nem pensar.

Capítulo 41

A grande mesa da sala de jantar de Rebecca foi o destino seguinte do espólio. A mesma em que fizéramos o jantar de *Thanksgiving*, quando lançáramos mil agradecimentos à vida e ouvimos um emotivo canto à compaixão. Tinham passado apenas umas semanas desde então, mas já nada era igual. Aquele amigo da família que chegara arrastando um carregamento de memórias do passado, o que nos comovera com palavras repletas de afeto e de verdade, movia-se agora pela sala, bufando, enquanto ia desenrolando cabos, procurava tomadas e ligava aparelhos. Eu, entretanto, sem dizer uma palavra, desembalava de novo um monte de caixas e repartia papéis em pilhas, enquanto tentava encontrar um lugar para eles.

Numa das caixas que enchêramos precipitadamente havia um bocado, apareceu outra vez a velha cruz de pau. Voltei a pegar nela, a acariciar com os dedos a sua aspereza. Deixei-a num canto, sozinha, deitada. *Não nos falhes*, quis dizer-lhe. Mas não o fiz. Para quê?

Em termos objetivos, aquela casa era um quartel-general de cinco estrelas. Com alcatifas espessas e cortinas de linho que deixavam passar a quantidade precisa de luz. Com flores frescas, quadros luminosos e a bonita mesa de carvalho que convocava gerações da

família quando voltavam a reunir-se todos. Sem que nem Daniel nem eu chegássemos a expressá-lo abertamente, eu sabia, não obstante, que ambos sentíamos saudades da camaradagem que nos unira no austero apartamento que nos víamos obrigados a deixar. O calor que emanava entre nós, apesar da simplicidade do mobiliário, do chão nu e das paredes vazias. A corrente de energia positiva que transmitíamos um ao outro com um simples roçar da minha mão no seu braço para o avisar de qualquer pequeno achado, dos seus dedos no meu ombro ao perguntar-me *como vais*. Um riso espontâneo por qualquer parvoíce e aquela convivência que nos impulsionava a trabalhar, frenéticos, sobre a superfície de uma simples prancha, esquecendo-nos de que existiam no dicionário palavras como fadiga, desânimo ou desalento.

Mas não havia tempo para a nostalgia. Nem talvez para a esperança de que tudo voltasse a ser como era. Tinha-se quebrado qualquer coisa entre nós com a chegada intempestiva de Luis Zárate e dificilmente existiria volta atrás. O nosso objetivo estava na frente, não nas costas. Só faltavam três dias para a minha partida e para o fim do prazo para protestar contra o projeto de Los Pinitos. Avançamos, sem perder tempo, logo que recuperámos o material de casa de Darla, mas ainda restava um enorme trabalho por fazer. E sem saber até onde poderíamos chegar.

A meio da manhã, quando, por fim, tínhamos começado a retomar o ritmo, levantei-me para fazer um telefonema.

– Tudo em ordem – disse apenas. Depois escutei umas palavras. E a seguir desliguei.

Daniel, entretanto, não levantara os olhos do documento que tinha na frente, como se não soubesse que eu acabara de falar com Luis Zárata, como se não me tivesse ouvido. Mas ouviu-me. E não voltou a dirigir-me a palavra senão umas duas horas depois.

– Tens fome? – perguntou-me.

– Ainda não.

Pensei que ia esperar por mim para comermos qualquer coisa juntos, como das outras vezes, mas enganei-me. Perante a minha resposta negativa, dirigiu-se para a cozinha e, com a confiança de quem se sabe em território amigo, começou a labutar. Ouvi-o remexer no frigorífico, rasgar um saco de plástico, cortar, partir, verter, untar. Através da porta que atravessámos juntos no dia em que quis que conhecesse o que restava do seu amigo Paul Cullen, saiu para o jardim.

A grande janela da sala de jantar ofereceu-me a possibilidade de o observar sem que ele me visse. De costas, outra vez de calças de ganga desgastadas e uma camisola de lã azul. Sentado na pedra fria de um simples degrau, acompanhado à distância pelo sonolento Macan. Comendo uma sanduíche, com o olhar fixo na triste piscina cheia de fim de outono. Pensando. Talvez na sua própria presença naquela mesma casa quando ainda era um jovem professor a transbordar de ambição e projetos, quando ainda não tinha a mais ínfima suspeita dos golpes baixos que o destino tinha guardado para ele. Ou em todos os que o acompanharam ao longo daquele tempo: em Aurora e no seu riso grande; num filósofo lúcido e divertido, andando à roda com os filhos sobre a relva; em Andrés Fontana, apaixonado em silêncio pela espanhola bonita

que era a sua própria mulher.

Ou talvez, entre dentadas de pão com qualquer coisa, a sua mente andasse por veredas mais próximas. Ladeando as margens do nosso empenho comum, recordando Luis Zárata e a sua infeliz irrupção nas nossas atribuições e na nossa proximidade. Ou dando voltas ao que ele entendia como a minha traição.

– Deixei-te uma sanduíche feita – disse, ao voltar ao seu lugar.

– Obrigada – murmurei. Não cheguei a comê-la.

Após mais algumas horas esquadrinhando, sem resultado, centenas de documentos desconexos, surgiu uma velha pasta de cartão atada com uma simples fita. Lá dentro, uma mão cheia de folhas soltas. Um dia talvez tivessem sido brancas mas, naquela altura, apresentavam-se em vários tons de amarelo, do mais esvaído ao mais pardo. Entre linhas e manchas, encontrámos uma mão-cheia de referências escritas à pressa por Fontana, mais uma prova do seu interesse pelo mesmo franciscano.

Ano 1823: Altimira reclama a Argüello documentos para uma melhor administração da sua futura missão. 10 de julho: Altimira anuncia ao padre Señán a construção da nova missão em Sonoma. 22 de julho: Altimira pede urgência a Argüello na edificação de novas instalações. 23 de agosto: O padre Sarria escreve a Altimira desaprovando a fundação da recente missão em Sonoma, por não ter pedido autorização aos seus superiores.

O rebelde padre Altimira, a conta-gotas, fora-se

convertendo no grande protagonista do rasto que o professor nos convidara a seguir. Sabíamos que o franciscano rebelde conseguira levar a sua avante na construção da missão de Sonoma. Apesar das reticências iniciais da própria hierarquia eclesiástica – que se negou a admitir a fundação unilateral daquela missão –, conseguira arranjar maneira de ir em frente. Os documentos mostravam, no entanto, que o apoio incondicional que o governador Argüello, a princípio, lhe proporcionara começara, pouco a pouco, a fraquejar.

Inteirámo-nos, por documentos diferentes, de que, em janeiro de 1824, Altimira lhe pedira por carta um sino para a missão de Sonoma, mas que Argüello nem sequer respondera. No mesmo mês do ano seguinte, 1825, voltara a enviar-lhe um pedido, indicando que seria só um empréstimo provisório, mas parece que o pedido fora outra vez em vão. Ninguém parecia interessar-se já por aquelas missões caducas que ele se empenhava em fazer perdurar.

A pista de Altimira perdia-se por completo a partir do verão de 1826. Foi então quando, fartos, ao que parece, do tratamento agressivo do padre para com os índios, estes se rebelaram e, com raiva, deitaram fogo à missão que, com tantas anomalias e irregularidades, ele próprio construíra. Por mais que procurássemos e víssemos, de um lado e do outro, centenas de papéis, não soubemos de fonte limpa qual fora o destino do impetuoso padre desde então. À missão de Sonoma, ao que parece, não mais voltara.

Até que uma referência a uma carta de março de 1828, dirigida ao padre Sarría por um tal Ildefonso de Arreguín, nos fez saber do seu paradeiro. Altimira

apareceu de novo e volatizou-se no princípio desse ano. Desapareceu da Alta Califórnia de forma obscura, com outro padre chamado Antonio Ripoll. Regressando a Espanha, provavelmente.

Depois desta última pincelada sobre o final da estada do franciscano em terra americana, chegou a obscuridade. *Onde estiveste durante esse tempo, José Altimira? Que foi feito de ti quando a missão de Sonoma foi pasto das chamas? Por onde andaste nesse ano e meio? Nunca verbalizámos estas perguntas em voz alta, mas fizemo-las mentalmente milhares de vezes, à medida que íamos esvaziando as caixas sem conseguir uma resposta. Porque te seguia Andrés Fontana tão de perto? O que fizeste, uma vez arrasada a tua primeira missão pelos índios revoltados?*

Juntámos a pasta ao pequeno mas crescente monte de provas acumuladas ao longo dos dias anteriores, e prosseguimos abrindo caminho.

Rebecca voltou antes das sete. Com um casaco às riscas, dois sacos de papel castanho do Meli's Market e uma notícia.

– O assunto de Los Pinitos está a recrudescer. Convocaram uma nova assembleia, estão a mobilizar-se outra vez.

– Mas continuam sem nada a que se agarrar, falei há umas horas com o Joe Super – disse Daniel.

– Nada, ao que parece – confirmou ela, subindo o tom de voz à medida que se afastava para a cozinha contígua com os sacos entre os braços –, mas faltam menos de três dias para acabar o prazo e insistem em continuar a fazer barulho até ao fim. Alguém quer um copo de vinho?

Levantámo-nos os dois, dispostos a aceitar o convite.

Sem olhar para Daniel, apenas lhe perguntei:

– Pensas ir?

Ergueu os braços para o teto e espreguiçou-se soprando com força, como um gigante cansado.

– À assembleia? Não.

Como era reconfortante sentir-me cuidada por umas mãos generosas. Enquanto bebíamos aquele primeiro copo, Rebecca preparou o jantar com a sua diligência habitual. Saboroso, quente, alentador, servido em grandes pratos de porcelana branca sobre a rústica mesa da cozinha, sem toalha. Não foi preciso acordarmos tacitamente não falar de trabalho. Preferimos desanuviar as cabeças recorrendo a mil trivialidades que não afetavam nenhum de nós em demasia. E, assim, ao longo de pouco mais de uma hora, a tensão foi-se dissipando e, num momento ou noutro, chegámos mesmo a sorrir.

Até que, quase no fim do gelado da sobremesa, o telemóvel de Daniel tocou no fundo do bolso dele.

– Viva, Joe – disse, levantando-se.

Regressou meio minuto depois, com o blusão na mão. Não se sentou.

– Os estudantes decidiram acampar em Los Pinitos esta noite – anunciou, enquanto pegava nas chaves do carro. – Sem autorizações e em bando. Vou até lá por um momento. Quando puder, volto para tentar continuar a trabalhar mais um bocado.

Não me perguntou se o queria acompanhar, nem eu lhe pedi. A leve aproximação que reconquistáramos durante o jantar esfumara-se; a sua confiança em mim continuava periclitante. Ainda estava para ver se conseguíamos recuperar alguma das duas.

Rebecca propôs-me ver um filme com ela, uma comédia qualquer de final doce ou um dramalhão sinuoso com o qual pretendia transportar-me para outra realidade. Preferi não aceitar a oferta e continuar com a minha tarefa, ainda que, em contrapartida, acesse ao convite para dormir no quarto de uma das filhas. Assim, não teria de regressar ao meu apartamento a meio da noite, pensei. Assim, também me sentiria menos só.

Apesar de ter batalhado sem ajuda com o espólio de Fontana ao longo de quase três meses, a presença de Daniel, na última etapa, fora tão intensa que envolver-me de novo naquele mundo sem ele a meu lado pareceu-me, de repente, estranho. Estranho e triste. Estranho e amargo. Mas superei o momento e continuei até às tantas, desemaranhando dados sobre transações entre assistências e missões: qual cedera a outra duas dúzias de galinhas e três mulas, qual acolhera quinze neófitos doentes, qual solicitara à casa-mãe uma imagem da virgem, ferramentas para o ferreiro ou alguma autorização. Por volta das duas menos um quarto, com Rebecca já deitada havia horas, a casa às escuras no mais denso silêncio e Daniel ainda ausente, com os olhos quase a fecharem-se, uma simples frase num velho documento arrancou-me do torpor.

E Altimira desculpou-se perante V. T. por não ter solicitado de novo a autorização para proceder a tal fundação.

Mais nada. O resto era o inventário de um monte de pequenos dados, uma espécie de ata incompleta, sem pés nem cabeça.

Anotei as palavras num caderno. «Por não ter solicitado de novo a autorização». Sublinhei «de novo», sublinhei «fundação». O «de novo» implicava, obviamente, que quem quer que tivesse escrito aquilo não estava a referir-se à missão de Sonoma, a primeira que Altimira fundara sem autorização, mas a outra empresa distinta. *Que mais fizeste, Altimira? Que mais? Que mais?* *Que mais?*, repeti, entre dentes, dando palmadas na mesa, incitando-o ingenuamente a sair do seu esconderijo e deixar-se ver. Continuei a procurar com avidez, com ansiedade. Mas não voltei a encontrar nada.

Apaguei a última luz e subi a escada, um bom bocado depois, perguntando-me até onde acabariam por nos levar os passos do errático franciscano. Se é que havia algum lugar a que chegar.

Ao levantar-me, na manhã seguinte, verifiquei que Rebecca e a sua eficácia se tinham adiantado a mim. Encontrei, na casa de banho, junto do quarto onde dormira, o meu nécessaire e roupa minha. Ela tinha um jogo de chaves do meu apartamento, eu mesma lho dera. *Para o caso de um dia se passar qualquer coisa*, pensei, vagamente, na altura. Essa *qualquer coisa* acabara de se passar: Rebecca, sempre um passo à frente, deduzira que não me convinha perder tempo a ir e vir sem necessidade.

Daniel já estava no seu lugar quando descí; atrás de si, um grande quadro recordava a estética naïf de Frida Kahlo. A seus pés, dormitando, o bom Macan. Em vez da camisola de lã do dia anterior, vestia uma sweatshirt com o emblema e as letras de uma universidade praticamente ilegíveis, de tão desgastada que estava. O que lhe ia na cabeça nem sequer consegui vislumbrar.

– Afinal, não voltaste, como foi? – disse, em vez dos bons dias.

– Mal – respondeu, sem olhar para mim. – Empenhados em continuar a dar guerra, mas sem qualquer prova conclusiva a apresentar.

– Acabaram por acampar?

– Mais de duzentos estudantes, junto das escavadoras que andam por lá. Decerto que não têm intenção de começar a remover a terra ainda, mandaram-nas para amedrontar. Mas receio que a contagem regressiva já tenha começado e, por muito ruído que façam, de pouco vá servir.

– A menos que sejamos nós a conseguir alguma coisa – disse eu, estendo-lhe o documento. – Ontem à noite, o Altimira voltou a aparecer.

Capítulo 42

A quarta-feira passou sem nada a assinalar, chegou a quinta e, com ela, a chuva: não muita e apenas de vez em quando, mas o suficiente para deixar ver, através da janela, um dia cinzento que convidava a não sair à rua. Desde o princípio da manhã que todas as luzes da sala de jantar de Rebecca permaneciam acesas, lançando claridade sobre as nossas cabeças e sobre o disparate de materiais espalhados já pela mesa, pelo chão e pelos cantos, sem qualquer contenção.

Ela voltou já a tarde tinha caído. Nem sequer paráramos para comer, rolava pelo chão uma garrafa de água vazia e, sobre uma prateleira, duas latas de Coca-Cola, os restos de três maçãs e um pacote de Doritos. Para inquietação nossa, antevendo o pior dos cenários, apenas restavam alguns papéis soltos no fundo da última caixa. O recibo amarrotado de uns livros comprados em março de 1969, na livraria Moe's de Berkeley. O horário de eventos litúrgicos na missão de Santa Clara. Um mapa de estradas municipais. E, depois disso, a desolação.

Chegáramos ao fim sem sermos capazes de arranjar uma prova firme; tínhamos intuições, palpites e pressentimentos. E mil dados soltos que apontavam para um desenlace verídico. O padre Altimira, aquele

que supúnhamos que acabaria por nos levar a algum porto, desvanecera-se de qualquer testemunho escrito durante mais de um ano, sem nos deixar ver o que fizera ao longo daquele 1827. Nenhuma das missões irmãs o acolhera. Os seus amigos, entre as autoridades, deixaram de o mencionar. Fontana nunca soube o que fora feito dele. Baseando-se no carácter veemente e impulsivo do franciscano, o professor suspeitou credulamente que poderia ter erigido outra missão. Sem autorização, nem consentimentos. Sem ata de fundação, sem orçamento, nem apoios, movido apenas por uma fé à prova de dinamite, ou talvez por uma ambição tão feroz como insensata. Foi esse sonho de Fontana que nos contagiou.

– Não há mais – anunciei em voz baixa.

Rendida perante a certeza de que nada nos restava por fazer, atirei a caixa vazia para o chão. Caiu voltada para baixo, como uma confirmação lúgubre da verdade.

Daniel atirou-se para cima de uma cadeira. Com as pernas afastadas e o olhar ausente. Abatido, como um animal ferido, sem coragem para se defender.

Fiz um gesto para apanhar a caixa, voltá-la e tornar a endireitá-la, mas faltaram-me as forças e, em vez de a apanhar, deixei-me cair no chão a seu lado. Sobre o bonito solo de madeira de Rebecca. Exausta, com as costas apoiadas na parede.

– Mas que imbecil fui... – disse ele, então, com a cara levantada para o teto. De olhos fechados, passando os dedos pela cabeça, enfiando-os no cabelo um pouco comprido, da raiz para as pontas. – Mas que imbecil...

– Não faz qualquer sentido culpares-te agora. Ninguém podia saber o que íamos encontrar, não fazíamos ideia de até onde Fontana fora capaz de

chegar.

– Deveria ter sido menos ingénuo, mais realista. Não ter confiado cegamente, anos depois, em algo tão... tão frágil, tão incerto, tão insubstancial.

– Era um risco. Decidiste apostar e perdeste. Mas, se te servir de consolo, pelo menos conseguiste metade do que querias: o espólio do teu mestre saiu das trevas.

– E, sobretudo, não devia ter implicado ninguém nisto. Nem ter recorrido a ti, nem ter enfrentado Zárate, nem ter comprometido o departamento, nem...

Parecia que estávamos a dialogar. Só parecia: supostamente dirigíamos a palavra um ao outro, mas, na verdade, não era o que fazíamos. O certo era que cada um falava consigo próprio em voz alta e as nossas frases apenas se cruzavam no ar carregado da sala de jantar.

Quando se acabaram as frases, começámos a pensar. Calados, ruminando cada um a sua própria desolação. A crua realidade era irrefutável: nada, não havia nada substancial a que nos pudéssemos agarrar. Nada conclusivo com que construir um argumento firme para recorrer do projeto de Los Pinitos. Dados dispersos e suspeitas que se erguiam como o fumo, sem que fôssemos capazes de as agarrar. Nada mais.

– Vamos ficar a lamber as feridas toda a noite, ou é preciso começar a recolher as coisas?

A resposta veio passados uns minutos. Regresso à vida. Regresso ao presente. Fracassámos, de acordo. Mas eu, pelo menos, sabia que tinha de voltar a começar a andar. Adeus a Andrés Fontana e às suas falsas ilusões. Adeus ao seu velho aluno e ao seu projeto de desculpabilização, a um mundo alheio e a uns homens que me seduziram e me arrastaram por

algum tempo, mas com quem, definitivamente, muito pouco tinha a ver. Para o bem ou para o mal, estava na altura de voltar a página. De nada valiam os lamentos, já era demasiado tarde. Ia-me embora, ainda tinha o apartamento por arrumar. Malas por fazer, últimas coisas, despedidas. E algumas sensações que mais valia esquecer.

Como tantas vezes antes na minha vida, chegara o momento de me levantar do chão e arrancar outra vez.

– Para cima – quis dizer a mim própria.

A voz, no entanto, traiu-me. Em vez de me dar uma ordem interna, as palavras saíram-me da boca sem eu prever e converteram-se numa ordem para os dois.

O grande indómito obedeceu sem protestar. Antes que eu me levantasse do chão por mim mesma, deixou a cadeira e aproximou-se para me estender uma mão. Uma vez ambos de pé, sem trocar uma sílaba mais, dispusemo-nos a embalar de novo o caos, para reconverter aquele aposento emprestado e revoltado numa sala normal. Ele começou por um extremo da mesa e eu pelo outro. Empilhando documentos, amontoando papéis. Mecanicamente, sem mais.

– Até faturas de telefone o desgraçado deixou, e nem uma pista certa...

– De que faturas estás a falar? Eu não vi nenhuma.

– Destas – disse, erguendo um maço de cartas. Cintadas com um elástico que já pouco apertava. Algumas, não muitas. Sete, oito, nove... À distância não as consegui contar.

– Onde estavam?

– Debaixo deste monte de recortes de jornais. Pensei que lhes tinhas dado uma olhadela.

– Nem sequer as tinha visto...

– Suponho que não haverá aqui nada mas, pelo sim, pelo não, dá-lhes uma vista de olhos. – Atirou-mas, apanhei-as no ar. – Entretanto, eu vou levando isto para a mala do carro.

Duas cartas comerciais da companhia de telefones Pacific Bell, três do Federal Reserve Bank de San Francisco, uma do seguro de saúde e outra de um dentista local, que mudava a data de uma consulta. Todas datadas de junho do ano em que o professor deixara de viver. Talvez a própria Darla as tivesse levado da casa dele; talvez tivesse levado mais coisas com ela, talvez roupa, objetos pessoais, algumas fotografias. E aquelas cartas insubstanciais que juntara, casualmente, aos papéis de trabalho, que também decidira arrebanhar sem qualquer razão aparente.

Entre os envelopes, quase perdido entre os panfletos fastidiosos de bancos e companhias, havia um de tamanho menor. Mais grosso, menos vazio que os restantes. Manuscrito, para variar. *Letra de velho*, pensei. Santa Bárbara Mission, CA.

– Vem da tua aldeia – disse eu, ao ver Daniel entrar de novo na sala de jantar.

– De que aldeia? – perguntou, sem grande interesse, enquanto transportava mais duas caixas e três rolos de mapas.

– De Santa Bárbara. Da missão.

Rasguei o envelope, desdobrei a carta. Umas linhas, manuscritas com punho trémulo e caligrafia da mais vetusta escola, expunham o seu conteúdo essencial.

15 de maio de 1969, ano do Senhor

Muito estimado professor

Após a sua última visita, na passada semana, ao arquivo desta nossa missão, ao colocar de novo os registos consultados nas prateleiras correspondentes, ficou à vista este simples pedaço de carta que, ao que parece, vos passou despercebido, o qual, ao não poder ser catalogado por carecer de dados suficientes, lhe faço chegar como mera curiosidade e testemunho do meu pessoal reconhecimento pelo seu grande interesse pela história das nossas queridas missões.

À espera de uma próxima visita, transmito-lhe as minhas saudações afetuosas na paz infinita do Senhor, rogando que as torne extensíveis à grata e extremamente amável senhora espanhola que, no nosso último encontro, o acompanhou.

A imagem veio-me à mente com uma poderosa luminosidade. Com perfis nítidos, como que iluminada por um flash. Um arquivista idoso, que passaria os seus dias mergulhado em documentos e papéis cheios de pó, e a quem, muito provavelmente, ninguém consultava para nada havia décadas. As visitas sucessivas de um professor curioso com quem partilhava uma língua comum. A mulher bonita que aparecera inesperadamente a seu lado na sua última visita, a espanhola de voz idêntica e riso pronto, a espanhola cuja imagem ficara gravada na alma do velho arquivista habituado ao silêncio e à solidão.

A carta estava datada de dois dias antes da morte de ambos. Nunca chegara a conhecer o seu conteúdo.

– Lê isto – sussurrei a Daniel quando este entrou de novo, para continuar a levar material.

Não lhe mostrei a missiva do franciscano com a

alusão a Fontana e Aurora; para quê tocar de novo naquela dolorosa história? Mas estendi-lhe a meia folha desdobrada que lhes faziam chegar do arquivo de Santa Bárbara. A que eu própria, incrédula, acabara de ler. Sem timbre, nem destinatário. Sem cabeçalho, nem data, nem saudações, com metade da sua essência irrecuperável. E, contudo, tão, tão vital.

– Altimira despedindo-se de nós. A boas horas, o grande cabrão – disse, com ironia.

Era a primeira vez que víamos a sua letra e a sua própria assinatura no que parecia metade de uma carta que talvez nunca tivesse chegado a enviar.

... e foi vítima então a nossa modesta construção da violentíssima ação de índios obstinados nos seus gentílicos erros, que, providos de machadas e arcos com flechas, dispuseram-se a pôr em execução o seu depravado desígnio. “Amai a Deus, meus filhos”, disse-lhes eu, mas os gentios pareceram não compreender tal saudação no seu afã de atacar. “Viva a fé de Jesus Cristo e morram os inimigos dela”, insisti, e também não atenderam, resultando daí que perderam a vida às suas mãos sete neófitos, tendo sido todos eles enterrados entre pinheiros na terra sacramentada da nossa humilde missão, debaixo de simples lápides gravadas com uma cruz do Senhor e as iniciais do seu nome cristão e o ano 1827 da sua fatalidade.

E com isto digo a V. R. a Deus até outra ocasião, e o Altíssimo guarde para si muitos anos no seu amor e graça. Seu afetíssimo servo que se encomenda a V. R. com verdade do seu coração.

Uma pobre construção, sete neófitos enterrados entre pinheiros debaixo de simples lápides com a cruz do Senhor, ano de 1827, a terra sacramentada da nossa humilde missão. Da nossa humilde missão. Humilde missão.

– Estávamos tão perto, tão perto, tão perto... – sussurrei, mordendo o lábio.

Pôs uma mão no meu ombro, apertou-o. Um inútil gesto de consolo.

– Não vale a pena lamentarmo-nos; vamos terminar de arrumar as coisas, há que devolver a decência à sala de jantar.

Nesse preciso momento, o telemóvel dele começou a tocar.

– Olá, Joe – voltou a dizer, enquanto me soltava. As mesmas palavras da outra vez, a mesma reação.

Com a meia carta de Altimira na mão e a do arquivista no bolso de trás das calças, dirigi-me para a cozinha à procura de Rebecca. Aquele seria o nosso último jantar, o último dia em que me sentaria à sua mesa, a última noite que desfrutaria do seu afeto e do seu calor.

– Queres ajuda? – perguntei.

Pelo menos, dando voltas ao molho para a massa que cozia no fogão, conseguiria que o meu desassossego também se dissolvesse.

– Blanca! – ouvi Daniel gritar, mal agarrei a espátula. – Blanca! – repetiu.

Entrou de rompante, chamando-me aos gritos, aproximando-se com passos de maratonista até ficar à minha frente. Então, agarrou-me os braços com força, cravou os olhos nas minhas pupilas, quase me sacudiu.

– Ao cavarem em Los Pinitos para fazer uma... let... lit... Como raio se chama aquele buraco que se faz no chão para os excrementos?

Era a primeira vez que o ouvia titubear na minha língua, a primeira vez que dava um mau passo na imensidade do seu vocabulário espanhol.

– Latrina.

– Latrina, é isso! Os acampados, ao cavarem para fazer uma latrina, deram com o que parece ter sido um pequeno cemitério entre os pinheiros. De momento, encontraram três supostos túmulos, mas pode haver mais. Muito simples, apenas umas pedras planas com umas inscrições rudimentares.

Senti um arrepio pela espinha acima.

– Cada pedra tinha umas iniciais.

– E uma cruz?

– E uma cruz.

– E um ano?

Sorriu por entre a barba clara. O gesto de sempre, o dos dias em que entre nós havia sol.

– Também.

– 1827?

A espátula caiu-me das mãos e chocou contra o chão com estrépito. Os ladrilhos e os nossos pés encheram-se de salpicos.

– O ano em que o louco do Altimira se esfumou.

Capítulo 43

Mal tínhamos dormido, ainda trazíamos ambos vestígios da água do duche no cabelo e um dossiê com documentos no banco de trás.

As aulas e os exames tinham acabado, os estudantes estavam à espera das notas ou a fazer as malas para as férias do Natal, muitos já tinham ido para casa. Os mais combativos, não obstante, continuavam em Los Pinitos. Acampados junto às humildes sepulturas de sete neófitos, naquele território de que já não tínhamos dúvidas de que acolhera uma missão. A última missão franciscana do lendário Camino Real. A nunca catalogada, a que perfazia o número vinte e dois: a mais frágil e efémera, aquela que Andrés Fontana, com ou sem fundamento, resolvera chamar missão Olvido.

Ao passarmos em frente da porta do gabinete de Rebecca, lançámos-lhe um breve cumprimento sem voz. Ela sabia que o nosso destino era outro. E sabia que não tínhamos um minuto a perder.

Luis Zárate estava de sobreaviso, eu própria lhe telefonara na noite anterior.

– Temos provas sólidas para apresentar contra o projeto de Los Pinitos – adiantei-lhe por telefone. – É preciso deixar tudo acabado amanhã de manhã: o meu avião parte às seis da tarde, tenho de sair de Santa

Cecília às duas.

Convocou-nos para as nove. Às cinco para as nove, estávamos lá.

Apenas tivera meia hora para passar pelo apartamento para mudar de roupa e, de caminho, começar a guardar as coisas a correr. Esvaziando prateleiras e gavetas com as duas mãos, enchendo atabalhoadamente as malas. Com os cinco sentidos postos na urgência da tarefa. Sem perder um simples minuto a pensar no que estava prestes a deixar para trás.

– Queremos que nos ajudes, Luis – disse, quando estávamos sentados à frente dele.

– De que ajuda estamos a falar exatamente? – replicou de trás da secretária arrumada, como sempre, com a precisão de um desfile militar.

No seu laconismo, não percebi animosidade, mas simpatia também não. Daniel, sentado à minha direita, de pernas e braços cruzados, escutava-nos sem intervir. Com ele já sabia que não havia perigo, a fera cedera finalmente. Ao longo da madrugada, enquanto batalhávamos, com quatro mãos e dois cérebros repletos de cafeína, em frente do ecrã do meu computador para redigir um relatório coerente que sintetizasse a nossa investigação, consegui que me desse o seu sim. Sem participar a Zárate. Sim, para que o resto do espólio proveniente da garagem de Darla se integrasse, sem fissuras, no que já se guardava no departamento. Sim, para algumas coisas mais.

– A minha proposta é que te alies a nós – disse, então. – Que o faças como diretor deste departamento com o que, de uma maneira ou de outra, no passado ou no presente, todos temos um vínculo. Que te esqueças

da FACMAF e das suas irregularidades, que aceites a parte do espólio pertencente a Daniel Carter como uma doação e que seja o teu nome que figure no recurso a apresentar. Que sejas o porta-voz oficial das nossas conclusões.

Olhou-me com a dúvida no rosto, sem conseguir acreditar. Então, retomei a palavra. Num repente.

– Peço-te que aceites em nome de Andrés Fontana. O que fizemos durante estes dias, incluindo o que eu fiz ao longo de mais de três meses, é uma tarefa insignificante comparada com o esforço titânico dele. O nosso trabalho limitou-se a atar algumas pontas soltas, mas foi ele quem lutou durante anos para trazer à luz esta missão. Talvez, a princípio, o fizesse movido por um impulso puramente pessoal, ao perceber nas velhas missões um rasto da alma da sua pátria e da sua própria essência. Mas, acima de tudo, fê-lo como académico, como humanista comprometido com a investigação e a difusão do conhecimento, com este departamento, esta universidade e esta cidade. Quando a morte o levou, ele ocupava exatamente o mesmo lugar que tu agora ocupas, Luis. E, como tu, velava por esta casa e pela sua gente, pela excelência académica e pelo bem comum.

Indiquei, então, Daniel, que, recostado na cadeira, me escutava, atento.

– Talvez seja ele o seu herdeiro intelectual e sentimental, disso não há qualquer dúvida. – Voltei depois a olhar em frente. Para o rosto do diretor. Para a sua contenção. – Mas não te esqueças que o seu herdeiro institucional é quem está hoje no lugar que ele ocupou. E esse herdeiro institucional, Luis Zárata, és tu. Ambos têm, por isso, a obrigação moral de se respeitarem e de lutar conjuntamente pela dignidade do

homem de cujo espólio os dois são depositários.

Reinou o silêncio no gabinete. Do corredor e através da parede, ouviu-se, amortizado, o grito histérico de uma aluna, talvez uma incontida expressão de felicidade perante uma nota mais alta do que a esperada. Entretanto, permanecíamos os três calados, cada um absorto nas suas próprias reflexões.

Até que Daniel se levantou, desatou os braços do nó em que os mantinha e, cruzando os dedos das mãos, rompeu a quietude.

– Creio que Blanca está cheia de razão e propõe-nos uma solução sensata. A minha intenção, no início, era passar os nossos resultados à plataforma contra Los Pinitos e eles que decidissem a melhor maneira de usar a documentação. Mas ela convenceu-me de que a voz de Fontana tem de ser ouvida por si mesma de algum modo. E a forma mais congruente é através da instituição em que trabalhou. – Pigarreou, prosseguiu. – E, no que me diz respeito, lamento o meu comportamento. Reconheço o meu erro e peço-te desculpa, Luis, por ter invadido o teu espaço, perseguindo o meu próprio interesse.

Não soube se haveria de soltar um grito de júbilo, erguer um punho vitorioso ou abraçá-lo com todas as minhas forças. A minha aposta em reivindicar Fontana convencera-o a antepor a memória de quem fora seu amigo e mestre ao seu próprio orgulho, mas nunca imaginara que chegasse a expressar assim as suas desculpas. Com sóbria humildade, sem espalhafatos. Não se levantou para estender uma mão sentida ao diretor, nem entoou um lamentoso *mea culpa*. Mas tratou-o por tu, chamou-o pelo nome e soou a verdade.

Luis, do outro lado da mesa, não respondeu.

– Contamos, então, contigo? Temos aqui todas as provas concludentes e um relatório redigido – disse ele, mostrando-lhe o dossiê em que guardáramos o resultado do nosso trabalho. – Podemos ver tudo agora mesmo.

As suas palavras fluíram plenas de ambiguidade.

– Às vezes, a arrogância cega-nos e não temos consciência de como as coisas são elementares. Até que alguém nos põe diante dos olhos a simplicidade nua da realidade.

Foi-me difícil compreender se aquilo era uma aceitação retórica das desculpas de Daniel ou uma paralela inculpação pela sua própria atitude. Mas não era altura para brincar às adivinhas. O tempo avançava, não podíamos esperar.

– Então, estás disposto...? – insisti.

Tal como fizera uns dias antes, quando chegara carregada de pizzas, Fanny voltou a deixar-me com as palavras na boca. A sua cabeça arrebatada, desta vez sem sequer bater, apareceu à porta e, como uma machadada, interrompeu-me.

– O professor Super anda à vossa procura, diz que é urgente.

Daniel apalpou automaticamente os bolsos do casaco e das calças. Depois, soltou um rouco *shit*. *Merda*, quis dizer. A sua reação espontânea ao aperceber-se de que se esquecera do telemóvel em qualquer lado, naquela manhã frenética, depois de uma noite quase sem dormir.

Ato contínuo, Fanny abriu a porta para deixar passar o veterano professor.

Os olhos de Joe Super não mostravam, naquele dia, a bonomia e o sentido de humor com que sempre

participava nas minhas aulas. Nem sequer mantinham um resto da simpatia com que se aproximou da nossa mesa para nos cumprimentar, na noite de Los Olivos. Naquela manhã, os seus olhos só transmitiam preocupação.

– A polícia chegou a Los Pinitos, pretendem desalojar os acampados. Perante a descoberta dos túmulos, o juiz ordenou a evacuação, mas os rapazes negam-se a sair e a coisa está cada vez mais tensa. Se lhes vais dizer alguma coisa, conviria que fosse quanto antes.

Levantámo-nos imediatamente e olhámos para Luis Zárate com uma expressão de dúvida. Sem palavras, esperando a sua reação. Aceder a vir connosco seria um ato de fé cega, ainda não tivéramos ocasião de o pôr ao corrente das nossas conclusões. Talvez, por isso, demorasse uns momentos a reagir. Até que, por fim, em jeito de muda confirmação, também se levantou. Enquanto Daniel conduzia, inclinando-se nas curvas e passando alguns semáforos, fomos detalhando um pouco atabalhoadamente os pormenores dos nossos achados. Ambos, Luis e Joe, sabiam, desde a noite anterior, que tínhamos provas definitivas, mas desconheciam os pormenores. A longa madrugada de trabalho permitira-nos incorporar estrutura e coerência à nossa investigação e, por fim, tínhamos uma narração consistente dos factos e dados ordenados a apresentar.

Quando chegámos a Los Pinitos, passava das onze e meia da manhã, quase ao mesmo tempo que mais dois carros da polícia, prestes a juntarem-se a outros já estacionados com as sirenes e os pirilampos a funcionar. Junto deles, duas imponentes escavadoras paradas e, ao redor, uma razoável quantidade de

veículos particulares. O enorme painel que prometia *exciting shopping* e diversão sem fim mantinha-se erguido, cheio de rostos publicitários, sorrisos superficiais e frases cuja consistência começavam a diluir-se.

Tivemos de andar, depois, um pedaço considerável até chegarmos à zona dos acampados: mais de uma dúzia de tendas multicores, inumeráveis cartazes e cinquenta ou sessenta estudantes à vista, um ou outro professor espontâneo, também. Todos vestiam, por cima da roupa, as camisolas reivindicativas cor de laranja que tínhamos começado a ver pelo campus desde a tarde da manifestação.

À volta deles, montes de gente. Membros menos belicosos da plataforma, simpatizantes e curiosos de todos os tamanhos e feitios. Muitos tiravam fotografias, havia câmaras da televisão local. Sobre uma mesa de campismo, atrás de dois enormes termos, as avozinhas guerreiras distribuíam copos descartáveis cheios de café. Outros conversavam ou contemplavam simplesmente a cena, expectantes, sem saberem o que se ia passar.

A polícia isolara o perímetro do que nós sabíamos ter sido o minúsculo cemitério da missão. Uma pequena área retangular entre pinheiros. Quatro ou cinco metros de comprimento, não mais de dois de largura. A primeira coisa que o Daniel e eu fizemos, instintivamente, foi ir até lá.

– Eh, não pode passar! – gritou um polícia, à distância. Daniel acabara de se baixar para passar por baixo da fita que limitava o acesso. Em letras pretas sobre fundo amarela, dizia claramente: «do not cross».

Como se fosse surdo e não soubesse ler, estendeu-me

uma mão. *Vamos*, ordenou-me.

– Estiveste aqui, padre Altimira – disse, em voz baixa, quando parámos diante da primeira sepultura. Coberta por uma pedra suja cinzenta, de apenas trinta por trinta, tosca, irregular. Ouvíamos atrás de nós Joe Super, tentando negociar com o agente que queria obrigar-nos a sair.

Agachámo-nos. E. F. eram as iniciais gravadas toscamente, provavelmente sem outra ferramenta que um punção rudimentar. Por cima delas, uma humilde cruz. E, por baixo, o ano. 1827. O parêntesis, após a queima da missão de San Francisco Solano de Sonoma e o regresso a Espanha, daquele frade rebelde entre cujas virtudes não estava definitivamente a da submissão.

– Que pena Fontana nunca ter dado com elas – murmurei.

– Seria difícil, o tempo tapara-as bem, repara – disse Daniel, agarrando um punhado de terra que havia tirado para as pôr à vista.

– O que talvez tivesse encontrado, aqui, foi isto – acrescentei, tirando a cruz de madeira do bolso da gabardina. A tosca cruz amarela com uma velha corda que encontrámos entre os papéis revolidos numa das caixas de Darla Stern.

Daniel tirou-ma das mãos.

– Foi uma boa companheira de viagem – reconheceu, enquanto a contemplava. Depois, olhou-me nos olhos e acariciou-me a face com os dedos. – E tu também.

– Saiam daí de uma vez por todas, por favor! – bramou o polícia.

Não tivemos outro remédio senão obedecer.

Alguns membros da plataforma haviam-se juntado a

Joe Super e Luis Zárate. Todos estavam a par da notícia do nosso achado desde que Joe, após o telefonema de Daniel, a partilhara com eles na noite anterior.

– Chegou o momento de o tornar público – pedi-nos, então.

Daniel olhou para mim, erguendo uma sobrancelha. Entendi-o e respondi-lhe imediatamente.

– Não.

– Sim.

– Sim.

O *não* taxativo foi meu. O primeiro *sim* saiu da boca de Daniel: o segundo, da de Luis. Ambos sérios, convencidos. Engoli em seco.

– Com a condição de falar em espanhol – aceitei, após uns segundos de desconcerto. – Se o fizesse em inglês, creio que não conseguiria transmitir às minhas palavras a alma desta história. Preciso de um tradutor.

Olharam um para o outro.

– Em frente, senhor diretor – disse, então, Daniel. – Se daqui em diante vais ser o porta-voz de Fontana, é um bom momento para começar.

A notícia de que alguém ia fazer declarações correu rápida, toda a gente começou a juntar-se à nossa volta. O jovem de rastas, que eu vira repetidamente na manifestação e na assembleia, tirou de uma tenda o seu inseparável bombo e fê-lo soar com bom ritmo, convidando os presentes a calarem-se.

Quando se fez silêncio, comecei. Com a voz da cabeça e a voz do coração. Em meu próprio nome, em nome dos que me haviam acompanhado nesta aventura e, sobretudo, em nome dos que ficaram para trás.

– Durante mais de cinco décadas, alguns franciscanos espanhóis, monges austeros movidos por

uma fé de ferro e uma cega lealdade ao seu rei, percorreram esta terra ainda selvagem da Califórnia, erigindo missões em nome da sua pátria e do seu Deus. Começaram em 1769, com San Diego de Alcalá, e, avançando a pé e em cima de mulas, foram abrindo caminho por territórios nunca explorados, erguendo, pouco a pouco, as vinte e uma construções que acabaram por configurar aquilo que veio a chamar-se o Camino Real. O seu propósito era cristianizar a população nativa e levá-la a entrar na civilização, e, ainda que tais intenções sejam hoje em dia questionáveis, pelo preço dolorosamente alto que aquela população pagou sob a forma de doenças, submissão e perda de identidade, não podemos deixar de lado a parte meritória do trabalho desses homens que, um dia, cruzaram um oceano para cumprir o que entendiam ser um dever. Trouxeram para este lado do mundo a sua língua e os seus costumes, as suas frutas e os seus animais e a sua maneira de trabalhar. E, aqui, ficou uma marca inapagável, em centenas de nomes que povoam hoje o mapa e em mil pequenos detalhes que, dia a dia, nos saltam à vista, desde a cor das paredes às telhas de barro, às vinhas ou aos ferros forjados das janelas.

Fiz uma pausa e deixei que Luis, à minha direita, me traduzisse. Daniel, junto a Joe, pusera-se de lado, cedendo-nos o protagonismo a nós os dois. À nossa volta, mais de uma centena de pares de olhos e orelhas olhavam-me e ouviam com interesse. Não me assustavam, estava mais que habituada a falar em público, a transmitir conhecimento e a ensinar. Mas era importante que desfiasse a história com tento. Para que todos compreendessem o que ali se passara.

– Mais de um século e meio depois, as contingências da vida acabaram por colocar nestes confins um professor espanhol, Andrés Fontana. Descobrir, de repente, tantos ecos da sua própria terra neste extremo distante comoveu-o. Há muito desterrado, por essa altura, decidiu dedicar-se a investigar o que fizeram aqui aqueles compatriotas seus. E, após três anos de trabalho, e à luz de antigos documentos, intuiu que a mítica cadeia de missões não acabara com a fundação, em 1823, de San Francisco Solano, em Sonoma, como até aí se pensava. Soube, como quer que fosse, que tinham ido mais além, e a isso dedicou o resto da vida: a procurar provas que conseguissem atestar aquele pressentimento. Infelizmente, morreu antes de concluir o trabalho. Mas, graças ao seu empenho e constância, chegámos à conclusão de que aquela missão, que ele perseguiu como a um fantasma, chegou realmente a existir. As sepulturas que apareceram ontem confirmam a interpretação sustentável dos factos e apresentam a prova necessária para fundamentar o que aqui aconteceu.

Luis voltou a traduzir-me e eu, depois, mencionei Altimira e os seus antecedentes, a sua desobediência à hierarquia para criar a missão de Sonoma e o incêndio atroz que a arrasou.

– Desafiando uma vez mais os superiores, talvez movido por uma mistura de frustração e rebeldia ou pela força inquebrantável da sua fé, o padre Altimira, um dos últimos frades da velha Espanha na Califórnia, avançou a pé até esta zona, então inóspita, e, sem meios, nem ajuda, nem qualquer autorização, fundou uma modesta missão. Acompanhavam-no apenas alguns índios cristianizados, aqueles neófitos que com ele

havia sobrevivido ao incêndio de Sonoma e que, agora, repousam debaixo destas lápides, depois de perderem a vida num ataque índio posterior. Como vedes, nada resta agora daquela construção frágil e insignificante que Altimira ergueu, à exceção dos restos do que foi o seu cemitério. A sua permanência foi fugaz, circunscrita, quando muito, a alguns meses. E, mesmo que não tenhamos provas disso, contagiados pela utopia de Andrés Fontana queremos pensar que o padre Altimira, numa evocação ao seu próprio desamparo, a consagrou como a missão de Nuestra Señora del Olvido.

» O meu velho compatriota sentir-se-ia orgulhoso de todos vós. Da garra com que haveis lutado por preservar este ambiente, do vosso empenho em manter a integridade deste local que é de todos e que, para ele, tanto significou. Haveis lutado em grupos diferentes, mas perseguindo um mesmo objetivo. E depois de conviver intensamente com a sua memória ao longo destes meses, creio-me legitimada para, em seu nome, vos fazer chegar a sua gratidão.

Luis traduziu em partes até que, no fim, se ouviu um aplauso, houve gritos de júbilo e o rapaz das rastas voltou a fazer soar o tambor.

Tomou, então, a palavra Joe Super e adiantou alguns dados técnicos sobre a complexíssima trama jurídica que começaria, uma vez apresentado o recurso. A Igreja Católica não poderia reclamar a propriedade da terra: os franciscanos nunca haviam tido a posse dos terrenos que as suas missões ocuparam, apenas desfrutaram do usufruto temporário dos mesmos. Mas o simples facto de se poder constatar que aquilo fora terreno missionário, submeteria a zona a um

tratamento legal especial para cuja resolução teriam de remontar à noite dos tempos. Não obstante, disso encarregar-se-iam peritos que reconstruiriam, com preciso rigor, o que aconteceu naquele cenário, determinando, em função disso, as suas consequências. Havia, contudo, razões de peso para o otimismo. O pior, o mais difícil, o mais complexo, já estava feito.

Enquanto choviam milhares de perguntas a Joe, ouvi a voz de Daniel atrás de mim.

– Um quarto para a uma. São horas de irmos embora.

Capítulo 44

– Só um momento.

Percorri a zona com o olhar à procura de Luis Zárate. Joe, entretanto, continuava a responder a perguntas, e os estudantes apertavam a mão uns aos outros e distribuíam abraços entre gargalhadas, enquanto começavam a levantar o acampamento. Os curiosos começaram a empreender a retirada em direção aos automóveis, as avozinhas insistiam em distribuir mais café, que já ninguém queria tomar, e a polícia, apesar de se manter vigilante, já não estava sob tensão. No meio desse tumulto de movimentos, gritos e comentários cruzados, vi que um grupo de integrantes da plataforma o encurralara uns metros mais longe.

– Permitem-me que o roube?

Sem esperar pela resposta, agarrei-o pelo braço e levei-o.

– Quero que saibas que sempre soube que, mais tarde ou mais cedo, acabarias por ceder.

– Suspeitavas que ia acobardar-me diante de Carter ou que acabarias por me convencer? – perguntou com um sorriso irónico.

Não respondi, ambos sabíamos que a principal e definitiva razão pela qual decidiu dar o passo não fui eu nem Daniel, mas ele próprio.

– Promete-me que vais fazê-lo com gosto e dedicação.

– Promete-me tu a mim que um dia vais voltar. Poderás lecionar o curso que quiseses. Aproximação às missões franciscanas. Fontana e a sua memória. Ou como seduzir um diretor.

Ri, sem muita vontade.

– Avisa-me quando passares por Madrid. Ficaram algumas coisas pendentes entre nós, contudo, podemos continuar a ser amigos.

– Nada ficou pendente, Blanca. Chegou tudo onde tinha de chegar.

Deixei de andar, parei, olhei-o nos olhos.

– Ele sentir-se-ia orgulhoso de saber que fica tudo em boas mãos.

Tirei, então, do bolso da gabardina a velha cruz.

– Passo-te o seu testemunho. Não tenho certezas, mas, com a imaginação talvez um pouco exagerada, agora penso que ele a encontrou meio enterrada por aqui. Tivemo-la a nosso lado, nestes últimos dias; de certo modo, foi como tê-lo a ele.

Agarrou-a e, tal como Daniel e eu fizéramos antes, passou os dedos pela sua aspereza. Tocou na corda desfiada e na rudeza dos cortes, apalpou-a, acariciou-a.

– Fica tu com ela – disse, devolvendo-ma. – Também tens caminho pela frente.

Não aceitei.

– O meu caminho, seja ele qual for, já não está aqui. E o dele, creio que também não – acrescentei, indicando com o olhar as costas de Daniel. – Agora, o responsável és tu – insisti.

Entreguei-lha de novo e apertei-lhe as mãos com as minhas até que, entre aquele emaranhado de vinte

dedos, ficou só visível um bocado de pau.

– Cuida dela e cuida de ti – disse, sem o soltar.

– Vou tentar.

Não houve abraços emotivos, nem grandes frases de despedida, apenas apertamos de novo as mãos e com elas transmitimos um ao outro um adeus. De algum modo, intuí que nunca me telefonaria nem em cem vezes que fosse à minha cidade, que nunca mais nos voltaríamos a ver.

Deixei-o entre os pinheiros e fui, com passos precipitados, à procura de Daniel. Preferi não olhar para trás.

Passados dez minutos, estávamos de novo à porta do departamento; tinha três assuntos pendentes.

– Vou buscar-te ao apartamento às duas em ponto – disse, olhando para o relógio. – Também tenho de passar por casa.

A primeira paragem foi no meu gabinete, havia ali algumas obrigações. Assim que abri a porta, passei os olhos pelos papéis já metidos nas caixas e pelos montes ordenados contra a parede. Ainda não sabíamos onde acabaria aquilo tudo, nem por quem teria de passar, antes de chegar a qualquer que fosse o seu último destino, mas não me restavam dúvidas de que iam tratá-lo bem.

Sem tempo para mais especulações, guardei à pressa, na mala, algumas disquetes cheias de dados para uma futura memória do meu trabalho, era essa a minha primeira intenção. Alguns marcadores e dois cadernos meus tiveram o mesmo destino. Só então me dispus a cumprir o segundo dos meus objetivos, o principal.

Tirei, de uma prateleira, a lista telefónica, muito

manuseada e, de entre as páginas de letras diminutas, recuperei a folha dobrada ao meio.

Onde habite o esquecimento,
nos vastos jardins sem aurora...

Li o poema de Cernuda outra vez. E uma vez mais. Depois, tirei da última gaveta da secretária uma caixa de fósforos. Anónima, resquício de algum usuário que, um dia, passou, como eu, por aquele reduto insignificante do fundo do corredor; esquecida com um apara-lápis meio enferrujado, a fatura de um quiroprático e um punhado de clipes.

O fogo demorou uns segundos a consumir as linhas.

Onde eu só seja
memória de uma pedra sepultada entre
urtigas...

As cinzas negras acabaram no cesto dos papéis e, entre elas, ficou o sentimento imenso de um homem. Por alguma razão imprecisa, pensei que agradaria a Fontana saber que alguém velava por preservar a sua intimidade.

Encontrei Fanny no seu lugar, como sempre, devorando um donut de chocolate. No seu ímpeto por me dizer qualquer coisa assim que me viu, engasgou-se.

– Tenho uma coisa para si, professora, um presente de despedida! – conseguiu proferir entre tossidelas.

Levantou uma caixa do chão. Uma velha caixa desajeitadamente forrada com tecido às riscas verdes. Por ela própria, segundo me disse. Muitos anos antes.

– Já sabe que vamos mudar de casa, não sabe? A

minha mãe mandou-me começar a arrumar as coisas e já comecei a esvaziar os armários.

– Sim, ouvi qualquer coisa, Fanny,

– Pois, ontem à noite, tirando alguma tralha do sótão, olhe o que encontrei...

Levantou a tampa daquele depósito de restos da sua infância e juventude e, de entre cartões de aniversário e cassetes dos Bee Gees, tirou algumas fotografias. Instantâneos desbotados, quadrados, num formato de máquina de má qualidade que há décadas deixara de existir.

– Recorda-se daquele dia em que lhe falei de quando o tio Andrés nos levou ao parque de atrações de Santa Cruz? Eu tinha nove anos, mas ainda me lembro muito bem. Do que não me lembrava era destas fotografias. Ou seja, lembrava-me de tirarmos fotografias, mas não me lembrava de onde estavam, porque se me tivesse lembrado...

Deixara de a ouvir a meio da primeira frase, quando me colocou as imagens à frente dos olhos. Uma Fanny criança, enfiada num vestido amarelo com uma âncora de marinheiro na parte da frente. Com o mesmo cabelo liso, cortado à altura do queixo, sorrindo fascinada, com um algodão-doce na mão direita. E um homem à sua esquerda. Um homem moreno, ainda na casa dos cinquenta, moreno de cabelo e moreno de pele. Peito largo e sobrancelhas espessas. Braços peludos, camisa cor de grão, entreaberta, e barba cerrada que, em algumas zonas, começava a embranquecer. Uma mão sobre o ombro da menina, um cigarro na outra. Sorrindo sem excessos, como que obrigado pela situação. Quatro fotografias diferentes com muito poucas variações. A quinta, contudo, mudava

radicalmente. Já não eram dois a posar, mas sim três.

Nas costas, com a caligrafia inocente da Fanny de então, algumas palavras manuscritas. *Santa Cruz Beach Boardwalk, summer 1996*. Na frente, Darla Stern, com a mesma pintura de cabelo nórdica e os lábios igualmente coléricos como no presente, aparecia junto dos dois. Rondaria os quarenta, por essa altura, um tanto excessiva nas ajustadas calças capri e sandálias de salto alto. Com uma pose artificial para estilizar a sua silhueta em frente à máquina fotográfica e um sorriso possessivo e triunfal. *A minha filha e o meu homem*, parecia gritar ao mundo. Talvez ilusoriamente. Talvez não.

Fontana não sorria naquela imagem, não parecia confortável, talvez não achasse graça nenhuma deixar-se fotografar pelo estranho a quem ela pedira o favor. Mas acedeu, e assim ficou retratado nesse testemunho visual que eu contemplava agora. Enquanto Fanny prosseguia, palreando sobre rodas gigantes e montanhas-russas, absorvi os pormenores ansiosamente: os rostos, as roupas, as expressões. E, pairando sobre tudo isso, o que mais me chamou a atenção foi a mão dele. Na cintura dela. Com confiança, sem rigidez. Sustendo ainda a beata entre os dedos, como se aquele recanto do corpo de Darla fosse um território inteiramente familiar para ele.

– Com qual quer ficar, doutora Perea?

– Não quero nenhuma, Fanny – disse, afastando por fim os olhos delas. – São tuas, o teu património sentimental. Leva-as para a tua nova casa, nunca as percas.

– Mas era um presente que lhe queria dar – protestou.

– O meu presente será tu escreveres-me de vez em quando e contares-me como vais.

Dei-lhe um abraço antes que a sua mente, sempre a passo de caracol, tivesse tempo de reagir.

– E cuida da tua mãe – acrescentei no último segundo. Sem eu própria saber, na verdade, porquê.

Rebecca foi a paragem final.

– Volta a ter uma amiga espanhola, sabe, não sabe?

Acompanhou-me até ao elevador, enquanto prometia encarregar-se de tudo aquilo que a pressa não me ia permitir fazer: devolver alguns livros à biblioteca, despedir-me de alguns colegas, esvaziar o frigorífico...

As portas já estavam a deslizar para fechar quando premiu inesperadamente o botão exterior. Abrira-se de novo, fez-me um gesto, saí.

– Recuperou o rumo, Blanca – disse, agarrando-me os pulsos. – O pior já passou. Pondere agora o que a vida lhe pôs à frente e ouça o seu coração.

Voltou a abraçar-me e deixou-me ir.

Caminhei com pressa pelo campus, já eram vinte para as duas. À medida que andava a passos largos, dentro do meu cérebro, como numa grande panela, fervia um caldo espesso cheio de emoções e pensamentos. A satisfação de ter alcançado o nosso objetivo. Os amigos inesperados a que acabara de dizer adeus. A incerteza em relação ao futuro que se abria à minha frente.

Procurando sossego, esforcei-me por me agarrar à mais pacífica de todas as sensações. Voltei a recordar Rebecca, o seu fundo de boa pessoa no mais elementar sentido da palavra. No sentido machadiano³⁸, diria qualquer um dos meus colegas hispanistas nas suas aulas de literatura. Generosa, honesta, compassiva.

Sempre disposta a estender uma mão ou a guardar uma confiança, a pensar primeiro nos outros, a nunca dizer não.

Em contrapartida, de maneira irremediável, ainda tinha fresca, na memória, a imagem de Darla na fotografia que Fanny acabara de me mostrar. A sua pose forçada para parecer atraente em frente da câmara, o exibicionismo altivo e, ao mesmo tempo, inseguro do seu poder e da sua propriedade.

A luz e a sombra da essência humana em duas mulheres diferentes dos pés à cabeça. A cara e a coroa. A que assume e avança e a que rumina o ressentimento como uma pastilha elástica amarga que, passadas décadas, ainda tem sabor. Atravessando o campus quase vazio, já às portas do Natal, de repente tive consciência de que, ao longo da última meia hora que passara no Guevara Hall, as duas, cada qual à sua maneira, tinham chegado a comover-me. Salvaguardando as diferenças, ambas haviam lutado no devido momento por um propósito semelhante. O mesmo, de certo modo, pelo qual eu também lutara durante vinte e cinco anos: ver crescer os nossos filhos, estar perto de um companheiro, construir um lar onde a luz do sol entrasse pela manhã. Os instintos primários que, desde que o mundo é mundo, haviam movido as mulheres da humanidade.

No entanto, tínhamos escorregado as três e caído na lama num qualquer momento inesperado. Num dia mau, deixaram de nos amar às três. Perante o abandono e a incerteza, face ao desamor e à crueza irreversível da realidade, cada uma defendeu-se como pôde e batalhou com as armas que tinha ao seu alcance. Com boas ou más artes, com o que o intelecto, as vísceras ou o puro

instinto de sobrevivência puseram à mão de cada uma. A distribuição de talentos foi sempre arbitrária, a ninguém foi dado escolher.

Rebecca tivera a integridade moral para o superar e, tal como acabara de me fazer ver, eu estava a abrir caminho sem saber, minimamente, onde os meus passos acabariam por me levar. Darla, por seu lado, nunca o conseguira. Como um pobre animal maltratado, refugiara-se na sua caverna sem nunca curar as feridas, confundindo a simplicidade da natureza humana com uma traição mesquinha ou um maquiavélico plano contra si. Sem assumir que o amor é volúvel, estranho e arbitrário, privado de compreensão e racionalidade. Movida, talvez, pelo medo das privações materiais, da mera solidão ou de não ser capaz de criar sozinha uma filha dependente; construindo fantasmas malévolos onde não os havia, para ter um rosto culpável contra quem descarregar a sua fúria, magoando-se a si própria e fazendo sofrer quem, conscientemente, nada teve a ver com o seu infortúnio.

O cláxon de um Volvo apitou duas vezes a meu lado e, com ele, acabou a minha divagação.

– Tens a certeza de que queres apanhar o avião em San Francisco às seis?

Capítulo 45

Abandonámos Santa Cecília entre nuvens e apanhámos a estrada em direção à baía. Mantivemo-nos calados durante uns quilómetros, cada um absorto nos seus próprios pensamentos. Daniel ao volante, com os olhos na estrada, por trás dos óculos escuros. Eu, com o olhar perdido através da janela da direita, tentando pôr em ordem a minha mente confusa. Nem sequer tínhamos ligado o rádio, apenas nos acompanhava o *rum-rum* monótono do motor. Por fim, foi ele quem decidiu acabar com o silêncio.

– Conta-me os teus planos, como pensas passar este último Natal do milénio.

– Vou organizar a minha casa, ligar o aquecimento, fazer grandes compras, armar a árvore de Natal e o presépio...

Falava sem olhar para ele, enquanto a minha vista vagueava, errática, pelo outro lado do vidro. Enumerando tarefas com a mesma falta de paixão de quem faz a chamada numa aula ou a recapitulação de alguns assuntos a tratar obrigatoriamente.

– Vai ser tudo diferente este ano – prossegui. – Só sei de certeza que passaremos a noite de Natal em casa da minha irmã África, que é um verdadeiro desastre como anfitriã e talvez nos despache com uma lasanha

congelada e uns quantos polvorones³⁹. Costumávamos passar as noites de Natal com a família do meu marido, ou viajávamos com alguns amigos, uma coisa que não voltará a acontecer. Os meus filhos jantarão agora com o pai, suponho eu, pelo que o mais provável é acabar, sozinha, a ver um filme, metida na cama das dez até ao século que vem. Grandes planos, como vês.

A paisagem continuava a deslocar-se, veloz, diante dos nossos olhos. Santa Cecília havia tempo que ficara para trás. Com a torneira dos propósitos aberta, continuei a adiantar a Daniel os meus planos, dando voz ao que, por fim, quase seis meses depois do dilúvio, seria capaz de fazer.

– E tenho de me encontrar com Alberto, isso talvez seja o principal. Ordenei as ideias a respeito do que se passou entre nós, agora vejo tudo de maneira diferente. Comecei a entender e está na altura de começarmos a falar.

– Isso é bom.

– Já mo disseste, um dia, dentro deste carro. Quando voltámos de Sonoma, à porta do meu apartamento, lembras-te?

Moveu a cabeça devagar, de cima para baixo, de baixo para cima, com o olhar fixo na estrada.

– Perfeitamente. Como te disse, é preciso dar às coisas o fim de que precisam, mesmo que seja desolador, para que tudo acabe por se curar sem deixar cicatrizes. Se eu tivesse sido capaz de o fazer na altura certa, teria evitado anos de angústia.

– Os teus anos negros...

– Os meus anos negros, aqueles anos terríveis em que não fui capaz de assumir a realidade com sensatez.

Eu já sabia o que se passara neles, não perguntei

mais.

– Mas tudo passa, Blanca, tudo passa, acredita. Não está escrito o que custa e nada volta a ser o mesmo, mas, no fim, e sei do que estou a falar, chega a reconstrução. Voltamos a abrir-nos para a vida, avançamos, progredimos. Assim passei eu pelos anos desde então; dando as minhas aulas e escrevendo os meus livros, fazendo novos amigos e vivendo outros amores, voltando a Espanha algumas vezes, todos os anos... até que, sem sequer saber como, decidi, há uns meses, meter-me insensatamente numa grande embrulhada e, na sequência disso, surgiu-me pela frente uma espanhola magra e atormentada que andava à procura de um novo lugar no mundo. E, aqui estou, levando-a para apanhar o avião que está prestes a tirá-la da minha vida, para que volte a pôr a sua em ordem, sem saber o que vou fazer quando ela já cá não estiver.

Demasiadas turbulências, demasiadas emoções exaltadas, demasiados sentimentos a bloquearem a minha capacidade de reação. Incapaz de dizer uma única palavra, a custo engoli em seco e voltei a olhar para o exterior através da janela.

Em contrapartida, ele parecia ter aberto uma comporta que já não podia fechar. Descontraído, por fim, depois da pressão dos últimos dias, já conversador, não se calou.

– Lembro-me do dia em que te conheci como se tivesse sido esta manhã. No Meli's Market, na zona da padaria. Só esperava encontrar-te no dia seguinte, no campus. Eu acabara de chegar de um congresso em Toronto, deixara a mala em casa da Rebecca e saímos para comprar qualquer coisa para levar para jantar, em casa de um amigo comum. Então, ela, apenas com um

gesto, apontou-me as costas de uma mulher de camisa azul que se esforçava afanosamente para escolher um pão, como se o destino da humanidade dependesse dessa simples tarefa.

» Tocou-te no ombro, viraste-te e, por fim, vi-te a cara. Tinhas o cabelo solto e o sol do verão na pele, sorriste a Rebecca com alívio, como se a presença dela fosse uma boia para a tua desorientação. Apresentou-nos, eu disse-te uma parvoíce qualquer e agarrei-te uma mão, lembras-te? Uma das tuas mãos que, agora, já me são tão familiares, mas que, nessa altura, me chamaram a atenção pela sua leveza. Uma mão sem peso, como uma pena morena. Desde esse primeiro instante, me pareceste adorável, mas quanta, quanta tristeza havia nos teus olhos. Um anjo com as asas partidas, perdido no meio do supermercado. E, desde esse preciso momento, soube também que já não me podia ir embora. Empenhei-me em fazê-lo e, de facto, tentei por duas vezes. Mas, em cada ausência, não fui capaz de aguentar mais de três ou quatro dias, pelo que regresssei para ficar. Para te ajudar com o espólio do velho Fontana, para saber se ias encontrando pistas sobre a imprecisa missão e, sobretudo, acima de tudo, para estar perto de ti e acompanhar-te na tua travessia, sem ter a mínima ideia de onde, juntos ou separados, acabaríamos por chegar.

Continuei a ouvi-lo sem olhar para ele, sem interromper aquela torrente de sinceridade.

– Foram uns meses fascinantes para mim, Blanca, tremendamente enriquecedores nas mais diferentes dimensões. Por me reconciliar com o passado, por te conhecer a ti, por me reencontrar comigo mesmo. E fiz algumas coisas que nunca pensei fazer. Escrevi sobre a

minha vida, por exemplo. Na solidão de muitas noites, raspei a fundo na memória, refleti e pus em ordem um monte de recordações minhas e também algumas de Andrés Fontana, retalhos do tempo que passei a seu lado e pormenores da sua própria vida que ele me foi contando, desarticulados, ao longo dos anos. Podes apanhar esse envelope do banco de trás, por favor?

Um envelope comum, de papel castanho, dos que usávamos diariamente na universidade para mandar documentos de um lado para outro.

– É para ti, o que te falta saber do meu professor e de mim, para que nos entendas um pouco melhor aos dois. Para que saibas o que nos levou a ambos a dar esse passo que tu deste agora: pôr terra pelo meio e lançarmo-nos sem rede para o desconhecido, sem previsão nem conhecimento do que iríamos encontrar. Converter-nos noutro, no que não pertence e, por isso, talvez um pouco mais livre.

Guardei-o na carteira sem o abrir, como se me queimasse as mãos.

– Sabes? – continuou. – No fundo, Fontana, tu e eu temos mais em comum do que parece à primeira vista. Tu, como nós, também deste esse passo. E, apesar de estares a voltar agora para o teu universo de sempre, já nada vai ser igual.

– Não duvido – disse, sincera. – Não creio que alguma vez esqueça estes meses.

– Porque não escreves também? O que se passou ao longo deste tempo, dentro e fora de ti. As outras vidas que conheceste, o que sentiste...

– Nunca escrevi outra coisa a não ser trabalhos académicos e cartas aos meus filhos, quando os mandava para os acampamentos de verão em

Inglaterra.

– Eu também nunca o tinha feito, e apercebi-me agora de que é menos complexo e infinitamente mais enriquecedor do que pensava. É como se, à escrita académica a que estamos habituados, acrescentássemos um pouco de coração. Faz-nos refletir sobre muitas coisas, aprofundar emoções e ver a realidade sob outros ângulos. Uma espécie de catarse que sai de dentro de nós...

Não o deixei continuar a convencer-me.

– Aí está o aeroporto – avisei-o, apenas. – Caso continues com as tuas loucuras, vais passá-lo.

Chegámos ao terminal, expedi a bagagem. Já só mal havia tempo para uma despedida intensa e precipitada. Envolveu-me no seu corpo grande, apertou-me contra o peito.

– Cuida bem de ti. Não imaginas as saudades que vou ter de ti, doutora Perea.

– Também eu de ti – disse, com um enorme nó na garganta. Creio que não me ouviu.

Acariciou-me, depois, a cara e depositou-me um beijo breve na testa. Apenas um toque volátil que quase não senti.

Não olhei para trás, enquanto me dirigia para o controlo de segurança com o passaporte e o cartão de embarque na mão. Não quis vê-lo pela última vez. Mas sabia que não se tinha ido embora. Que ainda ali estava o seu cabelo mais comprido do que devia, a sua barba clara e o seu relógio de corredor. Vendo-me partir para endireitar a minha vida no país que o cativara quando ainda estava a forjar a alma, e do qual nunca chegara a desligar-se.

Até que, no último instante, quando restavam

apenas três ou quatro passageiros à minha frente, a sua voz soou contundente nas minhas costas.

– Não quero que comeces o ano sozinha. Não quero que termines o século sozinha, não quero que te sentes à mesa sozinha na noite de Natal, nem que vejas filmes metida na cama, nem que mais alguma vez arrastes a tua tristeza sozinha pela vida.

Voltei-me, como se não houvesse mais ninguém a não ser nós no terminal a abarrotar de pressas. Nem outros passageiros, nem outras despedidas. Nem a aparelhagem sonora emitindo avisos, nem um avião por levantar, para mim, nem um parque de estacionamento a que voltar, para ele. Como se o universo à nossa volta tivesse ficado sem pilhas.

– Vem comigo, então – disse, agarrando-me ao pescoço dele.

– Põe primeiro a tua vida em ordem. Depois, telefona-me.

E com a firmeza de quem sabe onde tem os pés, apertou-me entre os braços, beijando-me prolongadamente com ternura e calor. Sólido, seguro, os dedos entre o meu cabelo, o seu cheiro contra o meu cheiro, transmitindo-me, com os lábios, o sabor a homem de mil vidas e mil batalhas, e a intensidade profunda de uma verdade.

Algumas tossidelas insistentes fizeram com que nos separássemos. O gordo da frente, de bermudas, chinelas e uma praia do sul como destino provável, acabara de aceder ao controlo. Eu era a seguinte.

Deixou as palavras no meu ouvido, acariciou-me pela última vez.

– Lá estarei quando quiseres.

Por mais que quisesse reter a sua mão na minha

mão, a distância dos seus passos levou-a consigo; a seguir, foi a sua silhueta a afastar-se e o frio que a sua ausência deixou colado à minha pele.

À minha frente, o rosto taciturno de uma agente à espera dos meus documentos, enquanto tamborilava com os dedos no balcão.

Não houve atrasos, embarcámos em seguida. Uma vez no meu lugar, dediquei-me a olhar para o vazio pela janela. Sem fixar a vista nos veículos, nem nos operários que circulavam nas proximidades, sem dar atenção à hospedeira que dava instruções sobre como pôr as máscaras de oxigénio, sem querer pensar. Tentando concentrar-me em ninharias: o que nos daria África como ceia de Natal, que tempo estaria em Madrid. Esforçando-me por não explorar a viragem inesperada da minha vida a partir do momento em que um americano curtido, com alma meio espanhola, cem contendas às costas e algumas dívidas pendentes, decidira impulsivamente arrastar-me consigo.

Descolámos, adeus à Califórnia, adeus a um tempo estranho. A uma viagem que transformara a minha visão das coisas a dimensões cujo alcance ainda não era capaz de avaliar. Fechei os olhos por uma eternidade. Quando olhei de novo para o exterior, só via a mais negra das noites. Até que não consegui conter-me mais e abri o envelope.

Minha querida Blanca

Passei a vida inteira a subir para comboios em andamento e, no entanto, as duas únicas certezas absolutas chegaram-me em instantes simples, quase quotidianos, com a guarda baixa e sem previsão. Uma foi décadas atrás, numa farmácia junto do

Mediterrâneo, enquanto procurava um remédio para uma gripe inoportuna. A segunda, há três meses, quando a minha preocupação mais imediata era apenas escolher um vinho para jantar.

Diferentes momentos, diferentes ambientes e a segurança partilhada de ter pela minha frente a plenitude.

Para que saibas como foi daquela outra vez, aqui tens o resto do meu passado. A mais recente conhece-la na primeira pessoa.

Teu, sempre,

D. C.

Quando a primeira lágrima caiu sobre a margem esquerda e borrou o T de Teu, não consegui continuar a ler. Depois de meses a conter-me, sem conseguir evitar, comecei por fim a chorar.

Por mim, por eles, por todos, ao sobrevoar aquele país alheio de costa a costa e atravessar o Atlântico num noite triste que parecia não ter fim. Por Andrés Fontana e aquele seu amor, tardio e desequilibrado, que chegou tão fora de tempo. Por Aurora, pelo que nunca chegou a viver, pela sua imagem eterna, vestida de branco, rindo, descalça, no cabo de San Lucas. Pelos anos obscuros de Daniel, pela imensidão da sua dor e pela sua luta corajosa para subir de novo ao mundo.

Por Alberto e o seu novo rumo, pelo futuro que nunca mais partilharíamos. Pelos meus filhos, pelas crianças que foram e pelos homens que começavam a ser. Pelo passado e pelo presente de todos nós. Pelo que fomos antes, pelo que éramos então. Pelo que nos ficava para vir.

Chovia a cântaros quando mudei de avião em Heathrow e continuava a chover quando aterrámos em Madrid. Demorei apenas uns segundos a distinguir os meus filhos na zona de chegadas; agitavam os braços, riam, chamavam-me aos gritos. Morenos como o pai, magros como eu. Com a frescura da juventude estampada nas caras e a vida inteira pela frente, abrindo caminho para avançarem até mim.

Ao chegar a casa, li as folhas do envelope. Depois, telefonei-lhe e disse-lhe *vem já*.

E depois desse depois, com as malas ainda meio desfeitas, os quartos a aquecerem e a árvore de Natal por montar, tracei as linhas paralelas de três vidas e comecei a escrever.

39 Bolinhos do género dos nossos bolos de areia, característicos do Natal em Espanha. (N. do T.)

Agradecimentos

Por me inspirarem e me ajudarem a descrever a vida universitária de um mundo que, embora conheça de perto, não é o meu, quero expressar os meus agradecimentos a vários amigos, experientes professores norte-americanos, que têm dentro de si uma parte da alma espanhola.

A Malcolm Compitello, diretor do Departamento de Espanhol e Português da Universidade do Arizona, por há vinte e cinco anos me ter aberto os olhos em relação às letras de Ramón J. Sender, por entre as neves da Universidade do Estado do Michigan, e por me ter servido, uma vez mais, de valiosíssimo guia desde o deserto, passando pelo skype e por Madrid.

A Joe Super e a Pablo González, por todas as conversas no decorrer da minha estadia na Universidade de West Virginia. A Joe, historiador e californiano de gema, por me proporcionar dados e reflexões sobre as missões franciscanas do Camino Real e por se ter prestado, com a sua simpatia natural, a converter-se em personagem deste romance. A Pablo, pelo seu calor colombiano, pelas suas memórias de estudante licenciado pela Universidade de Pittsburgh, e por aquela insuperável sangria apalache com que nos despedimos.

A Francisco Lomelí, diretor do Departamento de Espanhol e Português da Universidade da Califórnia em Santa Bárbara, pela sua hospitalidade de sangue mexicano, por indicar-me as pistas do sistema universitário californiano e, sobretudo, por ter cedido de bom grado o seu posto de trabalho a Daniel Carter, durante uma grande temporada.

Por me ter ajudado a crescer dentro do mundo académico e por continuar a acolher-me generosamente sempre que a ela volto, a minha gratidão infinita à Universidade de Múrcia, que é a minha casa. E à Faculdade de Ciências Empresariais da Universidade Politécnica de Cartagena, por me ter acolhido temporariamente nas suas magníficas instalações do antigo Cuartel de Instrucción de Marineria, proporcionando-me meses de sossego para trabalhar neste projeto.

Por ter examinado o texto em vários momentos e fases, a Manolo Cantera, que chegou, desde a outra margem do Mediterrâneo, arrastando um cão, um cortador de sinais e tempos, e um carregamento de ironia e cumplicidade. E a Miguel Zugasti, que nos fez entrar no campus da UCSB, aceitou, com generosidade, o desafio que lhe lancei e avaliou os meus escritos com olhar filólogo de aroma californiano.

Por me ter facultado pormenores, recordações e episódios da passagem dos marinheiros da U. S. Navy por Cartagena, quero registrar vários agradecimentos. Ao almirante Adolfo Baturone, pelos seus esclarecimentos técnicos sobre a armada dos Estados Unidos e o seu funcionamento em Espanha. A Tata Albert, por me ter aberto as portas da sua casa: a mesma que, na minha imaginação, foi também a do

capitão Harris e da sua excecional esposa Loretta. A Juan Antonio Gómez Vizcaíno, por me oferecer, sem o saber, todo um arsenal de dados a partir dos seus completíssimos artigos jornalísticos. E, alargando o perímetro, a todos os que me proporcionaram nostálgicas recordações sobre a vida na cidade nesses anos cinquenta, que não conheci, e, entre eles, de maneira muito especial, a Juan Ignacio Ferrández.

No âmbito pessoal, vai a minha eterna gratidão para os meus filhos Bárbara e Jaime – que, como os de Blanca Perea, começaram a crescer e a voar muito antes do que eu desejaria – por não me terem deixado tirar os pés do chão, por se terem rido de mim, por lutarem pelo que querem e por não me *darem mais corda* do que o necessário. E ao pai deles, Manolo Castellanos, por defender o forte durante as minhas ausências e ser o mais sólido apoio na minha vida de todos os dias, que é, afinal, a mais importante.

Por tudo, como sempre, aos meus pais, aos meus irmãos, tão entusiastas, e à sua descendência, cada vez mais numerosa, que são, sem sombra de dúvida, o sal da vida. E, claro, mais uma vez, aos meus parentes, tão numerosos, tão queridos e tão próximos.

Aos meus amigos, que continuam a ser os de sempre e que estão onde sempre estiveram: um pouco mais velhos, um pouco mais sábios, igualmente imprescindíveis.

Referindo-me àqueles que participaram internamente nesta nova aventura, vai a minha gratidão para o Grupo Planeta, por ter confiado, mais uma vez, em mim e, especialmente, para o maravilhoso grupo de Temas de Hoy, que trabalhou em várias vertentes para tornar possível que este romance não

ficasse atrás do que aquele que o precedeu. Para Isabel Santos, a melhor encarregada de comunicação do mundo e arredores. Para Ruth González, pela sua simpatia e eficiência, com a rapidez de um raio; para Emilio Albi, pela sua dedicação e rigor; para Germán Carrillo e Helena Rosa, desde Barcelona, por essa criatividade infinita; para Silvia Axpe, por me ter aberto as portas da presença digital; para Diana Collado, pela sua firmeza cheia de vontade e incentivo; e para Ana Lafuente, por me ter oferecido sempre o seu calor. Para Belén López Celada, nossa diretora, por chefiar estes magníficos profissionais e ter a responsabilidade da editora, a quem já tanto admirava e a quem, agora, ainda mais admiro nesta nova e carinhosa etapa da sua vida. E, como dizem as filólogas inglesas que as duas temos dentro de nós, *last but not least*, e do fundo do coração, para a minha editora Raquel Gisbert, tão inteligente, tão cúmplice, tão humana, tão amiga.

Para a minha agente Antonia Kerrigan, por me empurrar para o mundo com a força de míssil que só ela tem. Para Lola Gulias, com quem tenho tanto em comum, a quem tanto devo e de quem tanto gosto; e para os restantes elementos da magnífica equipa da agência literária, pela sua competência e absoluta disponibilidade.

E, por fim, a todos os leitores que, ao longo de três anos irrepetíveis, me injetaram a sua esperança e me pediram que continuasse a escrever histórias que lhes toquem na alma e os façam pensar que o melhor da vida está muitas vezes para chegar.